

Rav Karaguilla no papel 3

CAPÍTULOS INDIVIDUAIS



Estamos quase lá!



Rav Karaguilla no papel 3

Estamos quase lá!



**Rav Karaguilla no papel 3.
Estamos quase lá!**

Rabino Binyamin Karaguilla

Copyright © 2018 by R. Karaguilla

Direitos desta edição reservados ao Rabino Binyamin Karaguilla

Para contato com o autor: rkaraguilla@gmail.com

Este livro está disponível em PDF no site www.karaguilla.com.br

Transcrição e Adaptação:

Norma Rosenberg

Coordenação:

Rab. Karaguilla

Revisão:

Karen Schachnik e Joseph Scherkerkewitz

Projeto gráfico,
editoração eletrônica:

Estúdio Zebra

Capa e Ilustrações:

Custódio - custodio@custodio.net

*Permitida a reprodução desta obra, mediante autorização por escrito do Rabino Binyamin Karaguilla
2018*

Printed in Brazil

SUMÁRIO

Introdução	7
APRIMORANDO O NOSSO “EU”	9
Lechaim!	11
Quem disse que homem não chora?	23
Você conhece o teste do marshmallow?	35
Dormir é para os fracos!	45
Geração Ctrl+C / Ctrl+V	59
Você já pensou o que faria se ganhasse na Mega-Sena?	75
APRIMORANDO NOSSO RELACIONAMENTO COM OS OUTROS	87
Quem foi mesmo que inventou a dinamite?	89
Comunicação via Wi-Fi	103
A única forma de vencer uma discussão é evitá-la	117
Você sabe como surgiu a Universidade de Stanford?	129

APRIMORANDO NOSSO RELACIONAMENTO COM HASHEM	143
As duas velas que mudaram a minha vida...	145
Emuná é como o wifi – é invisível, mas tem o poder de te conectar com quem você precisa	159
Procurando atalhos para conquistar o seu Olam Habá?	173
Destino: É possível mudar?	189
Um homem só é líder quando tem um seguidor	203
Ter ou não ser: eis a questão	217
APRIMORANDO NOSSO LAR	229
Sentado ao lado de Warren Buffett no parque...	231
É curioso: há gente que nos odeia sem que jamais lhe tenhamos feito algum favor	245
“Grandes decisões são tomadas na mesa da sala de jantar” (Ronald Reagan)	259
De olho na assimilação	271

INTRODUÇÃO

Incrível! Chegamos b'ásd ao volume 3 do nosso livro. Mais um presente de Hashem!

Estive pensando e constatando que nós vivemos numa geração extremamente competitiva, por isso demandamos mais de nossos filhos, nossas escolas, nossos empregados, nossos casamentos etc. Enfim, por consequência da época e novas necessidades precisamos ser mais cultos e capazes para estarmos prontos para viver e deslanchar neste mundo.

Quando comparo minha infância e adolescência às de meus filhos e alunos (que também considero como filhos...) percebo que não fazíamos tantos cursos extracurriculares e que a exigência das escolas, vestibulares e faculdades era menor, com menos cursos e requisitos. Os líderes comunitários e Rabanim exigem uma melhora constante no nosso cumprimento de Tora. Mas, enfim, se Hashem nos colocou nesta geração com certeza temos força para dar conta muito bem do recado.

O que nós não podemos esquecer é de saber darmos um tapinha em nossas costas por cada realização e conquista que tivemos e temos a cada dia. Seja no nosso sustento, com nossos filhos e cônjuges e até com nós mesmos! Às vezes estamos tão focados em vencer que nos esquecemos de lembrar que precisamos ficar felizes com o fato de que já chegamos longe; não podemos desmerecer nem um pouco tudo o que já fizemos. Isso mesmo, você alguma vez já se deu um tapinha nas costas por ter trazido sustento à casa nos últimos meses e anos? Por ter cuidado bem de sua esposa ou marido? Por ter educado seus filhos? Por ter cumprido mais um Shabat com carinho? Por mais uma página de Daf Yomi estudada? Caso tenha esquecido devido à grande competição do mundo, agora é hora de se agradecer, pois você merece! Isso mesmo, dê um tapinha nas suas costas (veja primeiro se não tem ninguém olhando!). Quem sabe esta não é a razão de fazermos um Sium (festa de finalização) ao completar o estudo de um tratado do Talmud.

A capa do volume 3 deste livro vem ilustrar que estar na trajetória merece uma comemoração – por quê? Pois estamos na trajetória!

Espero que desfrute deste livro que foi preparado e escrito com muito carinho e dedicação.

Aproveito para agradecer a **Hashem** pelo grande mérito de poder contribuir com a propagação do estudo e ensinamento da Torá. Àqueles **casais de colegas** que me acompanham semanalmente **desde 2001**, onde foram abordados os tópicos contidos neste livro.

Ao meus queridos colegas **Michael Berenstein** e **Natan Rolnik** por cuidar constantemente, com tanto carinho, do nosso site (karaguilla.com.br) e aplicativo (karaguilla), propagando a Torá pelo Brasil e pelo mundo, cada vez com mais qualidade.

À Sra. **Norma Rosenberg** pela preparação do texto deste livro. Ao Sr. **Custódio Rosa** pela capa e ilustrações criativas. À Srta. **Karen Schachnik** e ao jovem **Joseph Scherkerkewitz** pela ajuda com a revisão do material.

Aos meus **colegas de trabalho**, à **Yeshiva Or Israel College** e à **escola Beit Yaacov**, onde tenho o mérito de lecionar.

Aos meus **queridos pais z”l** que não mediram esforços e carinho na minha educação laica e religiosa.

Ao meu **sogro Sr. Edgard Azrak e Sra. Margot**, que tenham longa vida e possam ver muitos frutos do seus familiares. Minha sogra, Sra. **Dina Azrak z”l**, que nos deixou somente ótimas lembranças de seus feitos e nos faz tanta falta.

Por fim, à minha querida **esposa**, que é o farol da minha jornada e é o meu apoio constante, aos meus queridos **filhos e familiares** que são B’sd um orgulho!

R. Binyamin Karaguilla

(Agosto 2018/ Elul 5778)

APRIMORANDO O
NOSSO "EU"

LECHAIM!



“

Felicidade é uma ótima
saúde aliada a uma
péssima memória.

”

UM PROFUNDO ÓDIO EM COMUM

Não há *yehudi* que não conheça algumas histórias em que se manifestaram o ódio e a crueldade de membros de outras nações para com o povo judeu. Entre tantos povos e episódios ao longo da História, dois povos se destacaram em termos de crueldade e sadismo: os romanos e os nazistas. Há vários relatos sobre como os romanos eram impiedosos com os judeus, fossem homens, mulheres ou crianças; jovens ou idosos. No caso dos nazistas, porém, os relatos nos são muito mais impactantes, já que são narrativas de uma crueldade insuperável. Além disso, são testemunhos de fatos mais recentes. Houve muitos sobreviventes que fizeram questão de registrar seus testemunhos. A seguir, apenas um exemplo.

O Rabino Yekutiel Yehuda Halberstam, o *Admor* de Klausenberg, conta em seu livro sobre o Holocausto (“Um mestre no inferno”), que viu quando os nazistas avisaram a um grupo de judeus, entre os milhares que se apinhavam na famosa Unshlagplatz, em Varsóvia, aguardando a deportação para Aushwitz, que desta vez eles não entrariam nos trens, mas sim deveriam seguir em marcha para outro local. Antes de partirem, porém, disseram que aqueles que sentiam não ter forças ou condições de marchar deviam erguer o braço e em seguida rumar para supostos ônibus que os levariam ao desconhecido destino. As duzentas e cinquenta pessoas que ergueram os braços para ir de ônibus foram imediatamente fuziladas, e seus corpos deixados onde caíram.

Os outros se puseram a marchar por horas – em uma primeira etapa de trinta quilômetros – que se tornaram dias e dias, sob um sol escaldante. Os que desmaiavam pelo caminho eram atropelados pelos veículos nazistas ou recebiam uma bala na cabeça. No caminho, os nazistas alimentavam os fracos e exaustos

marchantes com queijo salgado, para aumentar propositalmente a sua sede. A maioria acabava se livrando dos sapatos por causa dos inchaços e feridas nos pés, além do peso do próprio calçado. Entretanto, quando se aproximaram de um rio, houve a surpreendente ordem de parar para descansar. Aqueles que ousaram se aproximar da água foram fulminados, sob a desculpa indecente e inacreditável de que haviam feito esse aviso para evitar o afogamento dos que não sabiam nadar. Em uma das noites, conta o Rav Halberstam, alguns conseguiram chupar um pouco da água barrenta que havia do lado de onde estavam deitados. Em outras ocasiões, houve quem conseguisse beber da água de chuva ou orvalho acumulada sobre as folhas das plantas. Numa dessas ocasiões, apesar da sede torturante e o perigo de vida, alguns *yehudim* somente chuparam um pouco da água, cuspidando-a em seguida, pois um deles se recordou que era *Tisha Beav!*

POR QUE ATACARAM AS ÁGUIAS?

Interessante é o fato de que tanto os romanos quanto os alemães tinham a águia como o seu símbolo máximo. Isso causa calafrios aos conhecedores do texto bíblico, mais especificamente um dos versículos das noventa e oito maldições listadas na *Parashat Ki Tavo*:

“Elevará o Eterno sobre ti um povo de longe, da extremidade da terra, conforme voa a **águia** (...). Um povo grosseiro, que não terá respeito ao velho, e não se compadecerá do moço” (Devarim 28:49,50).

A semelhança entre a previsão e os acontecimentos não deixa dúvidas quanto ao caráter profético desse versículo, que é um dos mais pesados de toda a lista. Lista, aliás, que é interrompida para um comentário impressionante sobre o motivo básico para que D’us permita que tantas desgraças recaiam sobre o Seu povo escolhido. Eis o versículo que traz o comentário em meio às maldições:

“Pelo fato de vós não terdes servido ao Eterno, teu D’us, com alegria e com coração bondoso, em meio à abundância” (Devarim 28:47).

Impressionante! Não se está dizendo que os castigos vieram pelo não cumprimento das *mitzvot*. De acordo com este versículo, as maldições vieram pelo acúmulo dos anos em que os preceitos foram cumpridos sem a alegria e o entusiasmo, em épocas nas quais era possível seguir as *mitzvot* com tranqui-

lidade, pela paz, a prosperidade e a fartura dos *yehudim*. A alegria, portanto – que tem se tornado, ao lado de seu suposto sinônimo, a felicidade, um tema cada vez mais procurado nas livrarias –, não é um elemento coadjuvante, um ingrediente que deve dar aquele tempero na receita da vida. A alegria/felicidade é uma meta constante a ser alcançada no cumprimento de cada *mitzvá* e no serviço divino em geral, uma obrigação na vida de cada *yehudi*.

O Yavetz – Rabi Yaakov Emden – afirma que o versículo dos Salmos “(...) Cantem ao Eterno uma nova canção, Se alegrará o Eterno com Suas ações (...)” demonstra expressão “Se alegrará”, em hebraico *ismach* – um anagrama (transposição de letras de uma palavra ou frase para formar outra palavra) da palavra *Mashiach*. O Maimônides escreve em sua obra *Mishne Torá*, no capítulo que explica os fundamentos da Torá, que a alegria é tão essencial que os profetas só conseguiam atingir o nível de clarividência necessário para receber as profecias do mundo espiritual em estado de paz, certo isolamento e alegria, sendo esta uma condição obrigatória. Ou seja, a profecia não paira sobre quem está triste ou apático. E conclui: por isso, os profetas geralmente carregavam consigo instrumentos musicais, como cita constantemente o Rei David, nos Salmos, pois a música leva ao estado de alegria necessário à profecia.

MAIS IMPORTANTE DO QUE “O QUÊ” É O “COMO”

A pergunta que surge neste contexto é: como alcançar essa meta, como viver constantemente alegre, e ser feliz, cumprindo as vontades de D’us? Eis uma primeira resposta: escolha uma *mitzvá* de cada vez e, durante certo tempo, reflita sobre o mérito de poder cumpri-la. Por exemplo, pense em quantos *yehudim* quiseram colocar *Tefilin* durante tantas guerras e não puderam, e nós hoje temos total liberdade de cumprir essa *mitzvá* fundamental com todo o capricho e carinho. Pense da próxima vez em que for acender as velas de Shabat – no momento de cobrir os olhos com as mãos – o quanto somos abençoados por simplesmente podermos enxergar! Assim, com esse treinamento, a pessoa começa a enraizar e sedimentar uma postura de alegria e satisfação verdadeiras em seu cumprimento dos preceitos.

Contou-se uma vez na Yeshivá de Novardok que, em certa noite congelante do inverno, em uma *yeshivá* de uma cidadezinha da Ucrânia, as pessoas avis-

taram pela janela do *Beit Midrash* um homem que parecia cambalear debaixo da neve forte que caía. Todos estranharam e acharam que se tratava de um bêbado. De repente, com a aproximação do indivíduo, reconheceram a pessoa. Era ninguém menos do que o Rav Shach, dançando solitário sob a nevasca. Os alunos não perderam a oportunidade de perguntar ao mestre que comportamento estranho era aquele, ao que o grande líder respondeu: “Inúmeras vezes eu tenho vontade de dançar de alegria quando estudo a nossa sagrada Torá. Mas não vou fazê-lo em pleno *Beit Midrash* ou em qualquer outro local público, pois vocês vão achar muito estranho e talvez até repulsivo. Por isso, nestes dias de ruas desertas, aproveito para expressar a minha alegria por estudar a Torá do Todo-Poderoso.”

O Mishná Berurá afirma que o Arizal atingiu o nível espiritual que possibilitou – em apenas trinta e oito anos de vida – desvendar tantos segredos da Cabalá, tantas revelações sobre os processos históricos, relacionando personagens de épocas tão diferentes, graças a um principal fator, além do estudo e do cumprimento das *mitzvot*: a alegria genuína e constante em sua atuação judaica. Para se ter uma ideia do papel da alegria no universo do Arizal de transmissão do legado judaico às futuras gerações, citemos apenas um exemplo. Um dos mais famosos alunos do Arizal foi o Rabino Shelomo Alcabetz, autor do mais famoso, unânime e difundido hino de louvor à chegada do Shabat: o *Lecha Dodi*. Não é preciso explicar o quanto todos nós – todo o povo judeu, *sefaradim* ou *ashkenazim* – recebemos o Shabat de forma mais elevada e verdadeiramente alegre graças ao canto – e muitas vezes às danças que surgem ao fim do canto coletivo – desse maravilhoso poema de nove estrofes.

FELICIDADE É UMA CIDADE PEQUENA...?

Entre as definições que encontrei para o conceito de felicidade, achei que a melhor foi a seguinte: “Felicidade é uma ótima saúde aliada a uma péssima memória.” Excelente definição! Em termos da saúde, não é preciso explicar. Quanto à memória, o ditado quer nos ensinar que, se queremos ser de fato felizes, devemos não registrar com ênfase os obstáculos pelos quais passamos, ou guardar com tanto cuidado as críticas ou decepções que as pessoas nos causam. Em outras palavras, menos mágoa e menos rancor ajudam muito a viver de forma mais leve e plena. Deixemos passar, deixemos para lá!

Algumas religiões e/ou crenças pregam que neste mundo, nesta dimensão, não há verdadeira felicidade; que a felicidade autêntica só é alcançada no mundo vindouro, na dimensão espiritual, no pós-morte. Nada mais contrário ao Judaísmo! Há a crença judaica de que há plena felicidade no mundo vindouro, mas, como dissemos, ela deve ser perseguida e vivenciada neste mundo também, mesmo que ela seja cheia de imperfeições e sofrimentos. Ao ponto de, segundo a Torá, termos a obrigação de cumpri-la com genuína alegria.

A Guemará, em Taanit 22, conta sobre um passeio que Rabi Beroka fez acompanhado de nada menos que do profeta Eliahu. Os dois estavam no mercado da cidade e o sábio perguntou ao profeta, apontando para a multidão que circulava por ali, quem entre todas aquelas pessoas teria já garantido o seu pedaço no mundo vindouro. Eliahu *Hanavi* apontou para dois homens aparentemente simples que seriam como dois vendedores de pamonha em qualquer feira de São Paulo, e disse que justamente aqueles dois já tinham o seu *Olam Habá* garantido. Rabi Beroka ficou estarrecido. Somente depois que Eliahu *Hanavi* se foi, pois não seria correto deixar um profeta como Eliahu para matar sua curiosidade, ele se chegou aos dois e perguntou-lhes detalhes de suas vidas, além da ocupação de feirantes. Os dois revelaram que, se considerando e sentindo pessoas satisfeitas e felizes, se ocupavam nas horas vagas em alegrar as pessoas com conversas de bom humor e contando piadas. Impressionante! Eliahu *Hanavi*, com sua autoridade e conhecimento de causa inquestionáveis, atestou que, além do cumprimento das *mitzvot* da Torá, dois fatores interligados levam ao mérito de adquirir uma propriedade espiritual no mundo vindouro: ser feliz, alegrar as pessoas e atingir, por este intermédio, mais da própria felicidade.

SEJA FELIZ! É UMA ORDEM!

Mas, questionemos essa obrigatoriedade da Torá: felicidade é uma postura ou um sentimento? Há quem responda que é um estado de espírito, um conjunto de circunstâncias. Será? Afinal, como se pode esperar ou obrigar que a pessoa seja feliz por meio de um preceito, de uma ordem? A fórmula para encher o coração de alegria baseia-se na excepcional máxima judaica: “Atrás dos atos são puxados os corações.” Se procurarmos agir de forma alegre, a alegria chegará ao nosso íntimo e, se a irradiarmos, ela contagiará o nosso entorno.

Ouvir música, brincar com os filhos ou netos, contar e ouvir piadas (de bom nível, claro!), dar risadas em conversas prazerosas, e assim por diante são ações complementares às atividades sérias e essenciais de estudo e trabalho, que fazem verdadeira higiene mental e fabricam felicidade interior.

É preciso treinar reagir e comentar sempre, na medida do possível, de forma positiva e até entusiasmada sobre os fatos do dia a dia, mesmo sobre aqueles que não foram tão agradáveis; quanto mais sobre os agradáveis! Quantas pessoas desenvolvem o péssimo hábito de reagir, registrar e comentar negativamente – muitas vezes com suspiros e resmungos – sobre a maioria ou a totalidade dos acontecimentos diários? “Ai meu D’us! Fechei uma venda hoje... *uffff!*”. Impressionante. A Guemará decreta que os resmungos e lamentos constantes quebram o coração da pessoa. Por que é assim?

Poderia ser por causa da ambição? Não é proibido ter ambições na vida; muito pelo contrário. Sem ambições nos inúmeros campos de atuação humana não se progride. No entanto, essa ambição só será positiva se for equilibrada pela sensação de satisfação com o que já se conquistou. A pessoa que bufa, mesmo após uma conquista, provavelmente tem sempre em seu pano de fundo mental de que ainda não é ou foi o suficiente – uma leitura venenosa dos fatos da vida. Esse tipo de ambição é muito nocivo, pois afasta a pessoa dos mecanismos de produção de felicidade de fora para dentro, como explicamos.

Outro fator relevante neste processo de internalizar a alegria e felicidade é a humildade em termos do autoconhecimento quanto às nossas potencialidades. O Talmud afirma que há aspectos de nosso ser e de nossas vidas que são determinados por D’us – a família em que vamos nascer, nosso nível econômico, nossa capacidade intelectual etc. Ter a consciência de que esses fatores são determinados por D’us e aceitar Suas decisões ajuda bastante a trazer paz interior e alegria de viver. Afinal, essa postura baseia-se na fé de que ninguém sabe o que é de fato melhor para qualquer criatura do que o Criador de todas elas. E qual *berachá*, entre as bênçãos da manhã, se relaciona a esta concepção de mundo? A *berachá* “*sheassá li col tzorki*” que está vinculada ao uso de calçados (“que D’us me providenciou todas as minhas necessidades”). Interessante acrescentar que os nossos sábios vincularam esta bênção ao ato matinal de calçar os sapatos. Por quê?

IMITAR D'US E CALÇAR SAPATOS

Explica o famoso Reb Zusha que nenhum outro item do guarda-roupa representa melhor o conceito por trás desta *berachá* – o de que D'us nos agracia sempre, todos os dias e durante toda as nossas vidas, com tudo que precisamos. Com qualquer peça de vestuário, se a pessoa comprou a roupa com numeração maior ou menor, é possível ajustar. Com o sapato isso é impossível. Os sapatos são sempre sob medida, exatos. Talvez daí a famosa expressão “cada pé para o seu sapato”, referente justamente à precisão com que as coisas que têm que nos acontecer – leia-se: que D'us quer que aconteçam – acontecem.

A felicidade não depende de termos mais ou menos dinheiro e/ou posses. Não que o Judaísmo considere o dinheiro algo negativo. Mas dinheiro e posses são um meio e não um objetivo. Uma pesquisa feita nos Estados Unidos provou que, uma vez que a pessoa possui com certo nível de garantia de suas necessidades básicas, não faz diferença se ela tem em sua conta bancária cinquenta, cinquenta mil ou cinquenta milhões em termos do seu nível de potencial de felicidade. No entanto, talvez pela influência de uma sociedade consumista, poucos são os que se sentem satisfeitos e felizes com o que já têm. Quem tem cinquenta mil quer cem mil, quem tem um milhão quer dois ou dez, e assim por diante. Interessante avaliar qual dos dois está mais “perto” da suposta felicidade. Incrivelmente, é o indivíduo para o qual faltam 50 mil, pois para quem tem 50 mil só lhe faltam mais 50 mil... reflitamos.

Outro depoimento revelador foi dado por um economista americano, Robert Frank, que, durante seus estudos na universidade, foi morar por dois anos no Nepal como parte de um programa de assistência social e caridade da instituição. Depois de alguns meses vivendo em condições precárias que incluíam não ter água encanada ou luz elétrica, ele constatou estarrecido que se sentia mais feliz do que nos Estados Unidos, mas por um motivo impressionante: embora baixíssimo para os padrões americanos, seu salário era maior do que todas as pessoas do seu convívio!

Dentro deste contexto, é chocante registrar que se tornou comum nos mesmos EUA instituições de caridade judaicas, mais conhecidas como *Guemach*, que recebem e emprestam garrafas vazias de bebidas caríssimas a judeus que querem aparentar possuir riqueza. Como assim? Para que esses anfitriões pseudo-ricos possam parecer capazes de gastar com whiskys e vinhos de grifes

caríssimas, quando na verdade enchem tais rótulos com bebidas baratas, que a maioria dos convidados não diferencia!

Uma charge serve de símbolo desta postura: um camarada com uma vara presa às costas e estendida a sua frente acima de sua cabeça e com uma cenoura na ponta do anzol. E o homem corre com os braços estendidos atrás da cenoura. Corre-se eternamente atrás de “cenouras” que nunca alcançamos. Aliás, podemos até alcançar, mas, então, iniciaremos a perseguição a outra; e o ciclo se repete e se repete. Nada de errado em buscar novos desafios, aumentar o nível quantitativo ou qualitativo das metas, mas é preciso percorrer este caminho com tranquilidade e alegria e estar satisfeito com o que já temos no presente. É como subir uma montanha olhando sempre para baixo, sempre comemorando o que já se conseguiu, e não olhando para cima, reclamando constantemente pelo que ainda falta subir.

Sobre o conceito de que devemos imitar as virtudes Divinas, nossos sábios declararam que D’us está satisfeito com a Sua parte! Em uma leitura rasa, poderia se pensar que isso é óbvio, já que D’us “tem tudo”. Mas é preciso entender a mensagem dentro do seu contexto correto. Essa frase refere-se a como D’us avalia o mundo que criou e entregou ao ser humano. Mesmo que possivelmente estejamos longe de construir um mundo perfeito, Ele se satisfaz com o que conseguimos. Então, por que não podemos nós viver satisfeitos com o que temos?

ONDE ESTÁ NOSSA AUTORREALIZAÇÃO?

Já ouviram falar na Pirâmide de Maslow? É uma espécie de escala da felicidade ou realização criada pelo psicólogo norte-americano Abraham H. Maslow, que determina as condições necessárias para que cada ser humano atinja a sua satisfação pessoal e profissional.

A Pirâmide de Maslow é dividida em sete níveis hierárquicos, cada um formado por um conjunto de necessidades. Na base da pirâmide estão os elementos primordiais para a sobrevivência, como não passar fome ou sede, ter plena respiração etc. Para progredir na hierarquia é necessária a conquista das condições elementares da pirâmide, passando para os próximos níveis, um a um, até alcançar o topo.

No sétimo e mais elevado nível da Pirâmide de Maslow estão as “Necessidades de Autorrealização e Autotranscendência”. Ou seja, compreender que há um plano espiritual maior. Mas por que transcender? Porque essa expansão, essa concepção de que a vida é regida por uma Força Maior que Lhe dá sentido, vai possibilitar de forma mais decisiva um olhar para além de nós mesmo, ou seja, para além de nossas necessidades egocêntricas. É importante lembrar que cada um tem uma função única no mundo como *yehudi* e que, como o Arizal escreveu, nenhuma outra pessoa pode preenchê-la, nem mesmo Avraham, Itzchak ou Yaacov.

Da mesma forma que, quando algum componente do motor do carro tem algum problema ou defeito acende-se no painel uma luzinha vermelha, nós temos alertas constantes de que temos uma ou algumas necessidades. Alguns tentam resolver o problema com mais um pedaço de chocolate, outros com mais um sapato novo, e assim por diante. Esses recursos são apenas paliativos e equivalem a levar o carro no mecânico e Lhe pedir que apenas apague a luzinha vermelha do painel ao invés de resolver o defeito no motor! Conforme ensina a pirâmide de Maslow, se preenchermos nossos vazios existenciais com espiritualidade verdadeira – que no nosso caso é por meio da sagrada Torá – vamos ter menos dependência dos chocolates da vida.

Eis um exemplo de quem alcançou a plenitude no mais alto nível da pirâmide, transcendendo por meio da Torá. O gigante Chafetz Chaim era muito pobre. Ele e sua esposa moravam em um casebre muito simples na cidade de Radin. O seu pão de cada dia era comprado com sacrifício dos restos da feira da cidade. Certo dia, a esposa do grande líder Lhe fez um desabafo. Disse-Lhe que naquele dia eles não tinham dinheiro nem para comprar meio pãozinho! Por outro lado, reclamou a esposa do Chafetz Chaim, o vizinho, que era um completo ignorante em Torá, vivia confortavelmente, com uma casa bem equipada e comida em abundância. E questionou o marido sobre essa aparente injustiça. O Chafetz Chaim foi categórico e com o carinho de sempre explicou: “Mas nós temos filhos maravilhosos, eu, graças a D’us tenho a Torá! Nosso vizinho não teve nem o privilégio de estudar Torá. Que ele também não tenha dinheiro, isso já seria demais!”. Incrível. E quantos exemplos dos nossos grandes líderes não nos faltam para podermos neles nos espelhar? Como o caso do casal Kanievsky, que criou oito filhos na conhecida e simples casa até hoje visitada por judeus dos quatro cantos do mundo na rua Rashbam em Benei Berak.

Uma vez que as necessidades básicas estão atendidas, se a pessoa tem seu íntimo preenchido com Torá – com estudo e rezas, com prática de *mitzvot*, com ações de bondade e ajuda ao próximo, diariamente –, não precisará de mais nada para ser feliz. Não que seja proibido ter boas condições materiais. Mas não é isso que vai trazer a famosa felicidade, a cobiçada autorrealização. Que sejamos capazes de nos preenchermos cada vez mais com a sagrada Torá, por meio da qual certamente alcançaremos mais facilmente uma vida plena, equilibrada e realmente feliz.

QUEM DISSE QUE HOMEM NÃO CHORA?



“

Aproveitar o momento...
Isto é o que podemos
chamar de liberdade da
escravidão digital.

”

UM PENSAMENTO

Apesar de estudarmos o mesmo episódio da Torá todos os anos, é incrível notar que sempre podemos aprender algum novo enfoque.

Conhecemos a história de Yossef, o Justo, e seus onze irmãos, e o fato de que ele tornou-se o vice-rei do Egito.

Na *Parashat* Vaigash consta que Yossef, irreconhecível e transformado no poderoso vice-rei do Egito, revela sua identidade original a seus irmãos, depois de vinte e dois longos anos afastado dos mesmos, período no qual seu paradeiro permaneceu desconhecido.

O versículo diz que diante da revelação, os irmãos ficaram surpresos e assustados pelo fato de Yossef estar vivo. Eles nunca imaginaram isto, e muito menos que ele tivesse um cargo tão alto dentro do governo egípcio! A Torá relata, então, a reação deles como tendo ficado boquiabertos e sem palavras.

Existe um novo prisma para essa famosa história trazida na Guemará (Maschet Chaguigá 4b). Lá está escrito que quando o famoso Rabi Elazar chegava nesse trecho, em que Yossef se revelava aos irmãos, ele começava a chorar e dizia: “Se quando Yossef se revelou para os irmãos eles ficaram sem ter o que dizer, o que retrucar quando eu estiver diante de D’us? Não terei nenhuma resposta ou justificativa para os meus atos.” Ou seja, quando estivermos diante de D’us, depois de 120 anos bem vividos, não teremos como explicar o porquê de não termos cumprido a Torá.

O CHORO DE RABI ELAZAR

No Talmud encontramos a expressão *ki mati lehai kra bachi*, que se refere ao momento em que um sábio chorava ao ler determinado versículo. São 15 referências com essa mesma expressão. E a pergunta que surge é: por que eles

choravam e nós não? Por que não nos comovemos como eles, se estudamos as mesmas palavras, histórias dos profetas e os mesmos versos que eles leram? Por que isso não nos comove? A resposta mais corriqueira que ouvimos é que “homem não chora”.

O Talmud, no entanto, discorda. O homem que realmente é um ser humano de verdade chora e ri. Esses grandes homens, esses *tanaim*, choraram. E o Talmud nos diz que o choro nem sempre é sinal de fragilidade.

A pergunta que deveria ser feita é: por quais motivos devemos ou não chorar? É bonito e nobre chorar, dependendo de qual motivo.

O RISO

A curiosidade é que o Talmud também nos fala sobre o riso. No tratado de Berachot (30b), está relatado que Abaiê estava diante de Raba e lhe perguntou por que ele estava rindo sem conseguir parar. Raba respondeu que estava rindo, pois simplesmente tinha colocado o tefilin e sendo assim, estava cumprindo duas *mitzvót*. Esse era o motivo do seu riso.

Se você visse esse comportamento em qualquer outra pessoa, iria achar que ela estava desequilibrada. Rindo por colocar tefilin? Mas no Talmud aparece justamente o oposto! Só por colocar tefilin, nada me resta a não ser ficar feliz.

Em outras palavras, vemos que seja no choro ou seja no riso, há uma grande sensibilidade nos nossos Sábios. Mas o que aconteceu com a mesma, onde ela foi parar?

A RESPOSTA PARA O SUMIÇO DA SENSIBILIDADE

A resposta talvez seja encontrada no episódio em que o Faraó se encontrou com Yaacov pela primeira vez, quando este veio morar no Egito e prometeu a Yossef que cuidaria bem dele e da família. Nessa ocasião o Faraó perguntou a Yaacov: “Quantos anos você tem?”.

Qual é a relevância dessa pergunta? Por que isso é tão importante a ponto da Torá nos relatar? Devemos lembrar que o Faraó era perverso, mas não bobo. Muito pelo contrário, ele era muito inteligente e administrava uma potência mundial, o Egito.

O Rav Hirsch diz que essa foi uma pergunta muito sábia e por isso ela está detalhada na Torá. Sendo assim, mais ainda devemos nos perguntar qual a importância da pergunta feita pelo Faraó.

Um chefe de estado, um Faraó, um presidente, ou um rei – todos eles sabem que um dos bens mais preciosos que têm é o tempo. O Faraó era muito sensível e, ao ver Yaacov, conseguiu perceber que ele tinha feito muitas coisas em sua vida. Então o Faraó lhe perguntou como tinha conseguido fazer isso tudo. Como conseguiu educar 12 filhos no caminho da Torá, diferentemente de Avraham, que teve Ishmael, e de Itzchak, que teve Essav? Sabemos que tanto Ishmael quanto Essav desviaram-se do caminho de seus pais.

O Faraó viu que Yaacov era um homem especial, que tinha conseguido conviver com Lavan, e continuar a ser honesto, sendo que todos sabemos que Lavan era desonesto. Rav Hirsch nos mostra, assim, o nível de sensibilidade do Faraó em relação a Yaacov. E por isto a pergunta feita pelo Faraó foi “quantos anos de vida você tem?”.

Na verdade, em hebraico a pergunta “*Kama Yeme Shene Chayecha*” significa “quantos dias de anos você tem?”. O Faraó quis saber como Yaacov produziu tanto e conseguiu realizar tantas coisas, sendo que para isso o que importa não é a idade em números, mas sim usar o tempo e conseguir realizar tudo isto. O que Yaacov sabia era aproveitar cada dia dos seus anos de vida.

É diferente ter 70 anos e viver os 70 anos. Foi isso que o Faraó detectou – que Yaacov viveu anos de vida, dia a dia.

USANDO NOSSOS DIAS

A escrita do livro de Salmos é atribuída ao rei David. O salmo 90, que recitamos na reza de Shabat, diz: “Ensina-nos com o contar de nossos dias a alcançar a sabedoria do coração.” Viver um ano de vida é ter 365 dias para viver verdadeiramente, ou seja, saber como aproveitar cada um desses dias.

O Faraó percebeu, então, que Yaacov soube aproveitar a vida. Aproveitar a vida é sair de férias também – mas, entre umas férias e outras, nós devemos viver um período maior de forma significativa e produzindo.

RACHEL, A ESPOSA DE RABI AKIVA

Rachel, esposa de Rabi Akiva, era filha de Calba Savua, como conta o Talmud em Ketuvot. Um dia, ela viu um tal de Akiva, e nos conta o Talmud que ela o escolheu para casar, pois ele tinha boas *midót*, (boas condutas).

Mas Akiva ainda não gostava dos sábios, embora já cumprisse a Torá. Ele não sabia nada de Torá. Depois de 24 anos (dois períodos de 12 anos), o Talmud conta que ele volta com 24 mil alunos. O que aconteceu para que esse simples Akiva se tornasse o grande Rabi Akiva?

Rachel o convenceu a estudar, dizendo-lhe que ele tinha dentro de si um sábio, um líder. A sua transformação deu-se pelo estudo? Também. Mas o gatilho para isto acontecer foi a famosa expressão “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”.

O Talmud conta que Rabi Akiva viu uma água pingando sobre uma pedra que estava profunda. Ele pensou: se a água que é fraca consegue fazer um furo na pedra que é dura, a minha cabeça – que também é dura como uma melancia – vai conseguir absorver a Torá.

Quantas pessoas viram a mesma cena vista por Rabi Akiva? Muita gente percebeu o poder da água que consegue perfurar a pedra, mas a grande maioria não absorveu o ensinamento por trás disso. Daí o poder da sensibilidade, daí o verdadeiro homem, daí saber aproveitar cada momento e situação.

APROVEITAR O MOMENTO É VIVER

Rabi Elazar, quando leu sobre Yossef, chorou. E o choro veio porque ele mergulhou profundamente na leitura e não havia nada mais importante a sua volta e a sua frente. Uma pessoa que lê o Talmud desta maneira chora, pois não pensa em outra coisa no momento da leitura.

O mesmo aconteceu com Akiva, que se sentou, observou e vivenciou o momento da água na pedra. A maioria das pessoas não perceberia esse detalhe.

UMA HISTÓRIA VERÍDICA

A seguinte história aconteceu em Israel: lechezquel tinha 5 anos de idade quando perdeu a mãe. O pai lhe disse, próximo ao seu *bar-mitzvá*, que precisa-

va da sua ajuda para sustentar a casa, ao que lechezquel concordou. O menino passou então a acordar cedo, e ir de porta em porta vendendo flores. Assim foi trabalhando e ajudando o seu pai.

Certa sexta-feira, ele conseguiu terminar de vender as flores antes do que costumava fazer e pensou consigo mesmo que tinha tempo livre e por isso iria ao *mikve*. Ao sair de lá, no entanto, percebeu que alguém tinha levado o seu dinheiro da venda das flores.

Esse foi o *click* de lechezquel. Ele pensou que tinha transformado sua semana de trabalho em dinheiro e no momento que haviam levado este dinheiro, a sua semana não valia mais nada. Ele continuou pensando, e concluiu que não queria continuar assim, desperdiçando a sua vida em busca de dinheiro. Ele sentiu que precisava mudar a sua trajetória e que somente passar a vida dessa forma não fazia sentido. E assim, decidiu dedicar a sua vida com afinco à Torá.

Rav lechezquel Levinstein, mentor espiritual da Yeshivat Mir, contando ele próprio a história, disse que esse foi o *click* para que mudasse de vida, como com Akiva e a água na pedra. Ele percebeu que estava vendendo a sua vida por dinheiro e que se alguém tomasse este bem não sobraria nada dele.

O PENSAMENTO DO ROSH YESHIVÁ

Certa vez um *Rosh Yeshivá* disse que existem pessoas que trabalham e existem pessoas que vendem a sua vida por dinheiro.

O que acontece no fim de semana com uma pessoa que vende a sua vida por dinheiro? Se a semana foi boa, ela gasta o que ganhou e só. Se a semana foi ruim, não sobrou nada do trabalho. A pessoa deu o bem mais precioso que ela possui, que é o tempo, em troca de algumas cédulas para pôr no banco. É somente isto?! Não pode ser! Por isso lechezquel se transformou em um dos líderes espirituais de Mir, o famoso Rav lechezquel Levinstein.

UMA HISTÓRIA RÉGIA

Certo rei disse, em determinada ocasião, que já tinha visto muitas coisas e que estava à procura de novidades. Ele anunciou no seu reinado que quem trouxesse uma novidade que ele nunca tivesse visto seria recompensado com mil moedas de ouro.

Várias pessoas se apresentaram perante o rei, mas sem trazer nenhuma novidade de fato. Até que surgiu um homem que lhe trouxe uma bengala e lhe disse que a colocaria do lado do seu trono.

Os seguranças analisaram a bengala, viram que não havia nada suspeito com ela e a bengala foi, de fato, colocada ao lado do trono real. O homem explicou ao rei que na parte de cima da bengala havia cravada uma agulha de costura. O homem disse: “Irei me afastar um pouco e lançarei meus alfinetes, que irão passar justamente pelo buraco da agulha. Como certamente o senhor nunca viu algo igual, eu serei recompensado com as moedas.”

A pessoa explicou ao rei que era uma coisa muito difícil de ser feita e por isso ele precisava de várias tentativas. Ele possuía 99 alfinetes, e fez, de fato, várias tentativas sem êxito. No último alfinete, acertou corretamente o buraco da agulha.

Todos aplaudiram e o rei o elogiou dizendo que nunca tinha visto alguém tão capaz. O rei ordenou ao segurança que pagasse ao homem as mil moedas, pois assim estaria cumprindo a sua promessa de pagar por algo inédito, assim como a pessoa que se apresentou também cumprira a sua parte, trazendo uma novidade.

Mas, ao mesmo tempo, o rei pediu aos seguranças que amarrassem a pessoa e lhe dessem algumas chibatadas. Nesse momento, o apresentador da façanha indagou o rei sobre qual era o motivo desta atitude. O rei respondeu que o homem realmente tinha feito algo inédito, mas passar anos e anos de uma vida treinando lançar alfinetes dentro de uma agulha era uma coisa muito boba. Então, disse o rei: “Você merece as moedas pela novidade, mas não por ter desperdiçado tantos anos de sua vida tentando alcançar uma façanha tão tola.”

Podemos nos perguntar: “Quantas pessoas passam a vida ‘jogando alfinetes dentro de uma agulha?’”

Quanto tempo nós temos e quanto tempo nós vivemos?

Se D’us quiser, vamos viver 120 anos, mas quantos dias desses anos nós realmente teremos aproveitado?

EXEMPLOS DE SÁBIOS QUE VIVIAM OS DIAS

Rav Meir Schapira de Lublin instituiu um programa de estudos chamado *Daf lomi* (estudo de uma folha do Talmud por dia). Ele era líder da famosa *Yeshivá* de Chachmê Lublin, conhecida por receber apenas alunos muito eruditos nos estudos de Talmud. Rav Meir Schapira de Lublin nasceu em 1887 e faleceu em 1933. Ele viveu 46 anos, mas causou um enorme impacto no mundo.

Rav Itschac Luria, mais conhecido como Arizal, mergulhou no mundo da *Cabalá*, depois de ter estudado o Talmud, Shulchan Aruch, e se tornou professor do famoso Rav Chaim Vital.

O Arizal nasceu em 1534 e faleceu em 1572. Viveu somente 38 anos, em números, mas fez com que cada dia dele valesse a pena.

Mais próximo a nós, nesses dias, citamos o Rav Ovadia Yossef, z"l. Uma vida inteira não é suficiente para conseguir ler todas as suas palavras e os seus livros sobre *Pirkei Avot*, *Halachá*, *Torá*. Quanto tempo ele dedicou ao povo, a legislar, a orientar mulheres que tinham perdido os seus maridos na guerra... Tudo isso levava muitas horas do seu tempo. Contam que às vezes ele demorava de 2 a 3 meses para responder a uma pergunta de *Halachá*. Se ele levou tanto tempo para estudar o que escreveu, imaginem quanto tempo levou para realizar tudo isto! Mas o segredo é que cada momento era valorizado por ele.

Todos esses sábios estavam focados no que faziam, por isso conseguiram realizar tantos feitos com a ajuda de D'us.

UM EXEMPLO DE FOCO NOS DIAS DE HOJE

Hoje fazemos muitas coisas ao mesmo tempo. Certa vez, numa palestra sobre educação proferida por uma psiquiatra muito famosa, ela relatou que, de acordo com as pesquisas científicas, após ficar por duas horas no computador, a criança demora em se reconectar com o estudo, tendo dificuldade em estudar para uma prova, por exemplo.

Conectar é rápido, mas desconectar demora. Se passarmos em frente aos nossos filhos quando estiverem jogando no computador, ou na frente de um cachorro comendo a sua ração (sem comparação!), notaremos que eles não se incomodarão, porque estão vivendo cada minuto e aproveitando o tempo.

Uma pesquisa feita nos Estados Unidos revela que o jovem de hoje estuda com o celular e o computador ligados, e que quanto mais abrangentes são os estímulos, menor é o foco e aprofundamento nos mesmos.

Sabemos que o cérebro tem a capacidade de realizar várias atividades ao mesmo tempo, mas diz a pesquisa que quanto mais amplo o cérebro trabalha, do ponto de vista científico, menos profundo o alcance obtido.

Hoje nós vivemos assim, com mil atribuições e estímulos ao nosso redor, e fazemos malabarismo como o artista de rua que trabalha com malabares. Quanto mais trabalhamos de forma ampla, menos focados estamos.

Em pleno século 21, é muito mais difícil resistir às distrações, mas a Torá é tão fantástica e atual que consegue nos tocar e nos fazer focar em seu conteúdo, mesmo nos dias de hoje.

Quanto nós focamos em algo que fazemos? Ao pararmos no sinal vermelho de um semáforo, a primeira coisa que fazemos é verificar se há mensagens no celular, mesmo que tenhamos verificado há menos de um minuto.

Ainda bem que no meio disso tudo existe o Shabat, para podermos nos desconectar um pouco. Aproveitar o tempo quer dizer viver o agora. Foi isto que aconteceu com Rabi Akiva, e vemos bastante disto, graças a D'us, nas *ie-shivot*, com muito alunos mergulhados nas páginas de estudo com foco total.

A FALTA DE FOCO NAS SINAGOGAS

A pessoa vai rezar e na cortina da arca sagrada está escrito: “Saiba na frente de quem você está”, ou seja, você está na frente de D'us. Mas é difícil fazermos isso. Se o *chazan* cantar e demorar um pouquinho mais, ficamos impacientes.

Se a pessoa veio para rezar, deveria se concentrar pelo menos 5 minutos na *amidá*. Hoje temos muito mais tecnologia, muito mais facilidades para viver o agora, mas isto pode ser positivo ou não. Por exemplo, se pegamos um trânsito maior do que imaginávamos, temos que aprender a relaxar e não nos importarmos com esses 5 minutos a mais. Escute música, uma aula de Torá, cante, e aproveite o tempo, viva o momento, pois tudo passa.

Se contarmos o tempo que trabalhamos, comemos, estamos no trânsito, sobra muito pouco para qualquer coisa, então aproveite todos estes momentos.

O outro lado da moeda é que, apesar de sempre tão ocupados, precisamos estar a par de todos os vídeos que nos mandam por dia no *Whatsapp* e mensagens diárias que são inseridas no *Facebook*. Precisamos saber de todas as novidades...

Somos ocupados ou não? Sim, mas muitas vezes com futilidades. Estamos sempre com pressa. Antigamente os filmes duravam entre uma hora e meia e duas. Hoje existem seriados com inúmeros episódios e temporadas que duram mais de dez horas, e, no entanto, as pessoas tão ocupadas e que mal têm tempo para dormir, ficar com os filhos etc., têm tempo para assisti-los do começo ao fim...

Hoje em dia é difícil encontrar alguém dentro da sinagoga de verdade. A pessoa está lá dentro, mas não mentalmente.

Se a pessoa for organizada e focada, veremos como o dia rende, e quanto mais focar em uma coisa, mais ele renderá. Mas se não conseguimos ficar afastados do celular e suas distrações, é difícil mesmo.

Deveríamos desligar nossos celulares enquanto estamos na sinagoga para estarmos lá de verdade. Nem a ginástica as pessoas aproveitam na academia, mesmo na esteira vemos pessoas enviando mensagens e ligadas no celular.

É preciso viver o momento e foi por esse motivo que Rabi Elazar e Rabi Aki-va choraram. Eles viram e nós vemos as mesmas coisas, mas não percebemos como eles.

UMA PROPAGANDA AMERICANA

Uma propaganda de uma instituição voltada a combater o vício em celulares, em um jornal americano, tinha os seguintes dizeres: “O seu filho precisa de você. Não desista dele por causa do celular.” E a propaganda era seguida de uma foto da criança pensando: “Estou esperando um abraço caloroso da minha mãe, tomara que ela não esteja preocupada ou ocupada com o celular.”

Desligue o celular por quinze minutos para poder escutar seu filho ou sua esposa. Deixe que eles sintam que você os está ouvindo. Que o pai ou a mãe estabeleçam que no jantar não vão usar o celular. Nós temos que sempre dar o exemplo.

Aproveitar o momento... Isto é o que podemos chamar de liberdade da escravidão digital.

A APRESENTAÇÃO DO DR. DAVID

Um psicólogo judeu, chamado Dr. David Pellkowitz, conta que um cirurgião atendeu um médico americano que estava sentindo um vazio dentro de si. O médico dizia que tinha feito muitas coisas, tinha curado muitas pessoas, que possuía dinheiro... Mas faltava algo na vida dele. O médico contou que uma das operações que ele fizera havia sido em um sábio judeu, e ele disse que gostaria de se aconselhar com ele, mesmo não sendo judeu.

Pois bem, o médico marcou a entrevista e ao chegar lá disse ao sábio que sentia um certo vazio. Este aconselhou que, não importava onde ele estivesse, fizesse a si mesmo 3 perguntas.

1 – Qual o dia mais importante da sua vida? Aprenda a responder hoje.

2 – Qual o ato mais importante da sua vida? Aprenda a responder que é esse que você está fazendo agora.

3 – Qual é a pessoa mais importante na sua vida? O médico lhe disse que ele devia aprender a responder que a pessoa mais importante na vida dele era aquela que estava à sua frente.

Desse dia em diante, conta-se que esse médico, antes de operar alguém, reúne a equipe toda dele e faz essas 3 perguntas.

Então, o dia mais importante da vida é o dia de hoje, o ato mais importante da vida é o ato do momento – no caso do médico, o ato da operação –, e a pessoa mais importante que você que tem na sua vida é a que está na sua frente – no caso do médico, o paciente que vai ser operado.

Que *Beezrat Hashem* possamos tratar as coisas assim e responder de forma certa à pergunta do Faraó: Quantos dias você viveu? Quantos dias você esteve de fato com seus filhos e sua esposa? Você realmente curtiu todos estes momentos?

VOCÊ CONHECE O TESTE
DO MARSHMALLOW?



“

O cesto de lixo deve
se tornar o melhor
amigo do escritor.

”

PLANTAR E... NÃO COLHER?

Em *Parashat Kedoshim*, há uma *mitzvá* muito interessante, menos conhecida pela maioria das pessoas que hoje vivem nos centros urbanos, por pertencer ao universo da agricultura, cujo nome é “*orlá*”. Esse preceito consiste na proibição de se ter qualquer tipo de proveito – consumo ou venda – dos eventuais frutos que venham a nascer de uma árvore jovem, em seus três primeiros anos de vida. Os frutos devem, portanto, ser deixados no pé para que amadureçam, caiam e apodreçam naturalmente. Eis os versículos referentes à mesma:

“E quando vierdes à terra e plantardes toda árvore de comer, tereis o seu fruto como proibido, por três anos vos será proibido, não se comerá” (Vaicrá 19:23).

Como o texto bíblico condiciona a *mitzvá* à entrada na Terra de Israel, ela é cumprida de forma rigorosa no território sagrado de Israel e com certa permissividade fora de seus limites. De que maneira? Se há dúvidas sobre a idade de uma árvore da qual se quer comer ou comercializar os frutos, fora da Terra de Israel, não é necessário se certificar de que a mesma tenha mais de três anos desde o seu plantio, já que a obrigação da *orlá* em solo estrangeiro é uma *mitzvá* acrescentada pelos sábios. Caso se saiba que a árvore está dentro do período proibido dos três primeiros anos, a proibição se mantém vigente como na Terra de Israel. Esta é, portanto, uma das poucas exceções em termos de *mitzvot* proibitivas, em que, no caso de dúvida, pode-se ser leniente.

A Torá não costuma explicar os motivos das *mitzvot*. Mesmo porque, na verdade, há basicamente um só motivo para o cumprimento de todo e qualquer preceito: o fato de ser o desejo de D’us! Sabemos, porém, que os nossos sábios se ocuparam ao longo dos últimos dois mil anos brilhantemente desta desafiadora e estimulante tarefa – entender os segredos por trás das ordens divinas. Assim sendo, como a Torá não nos revela a razão, como faz em raros casos, qual seria o motivo da *mitzvá* de *orlá*?

IDOLATRIA OU PACIÊNCIA?

O grande Maimônides afirma em sua obra mais famosa – “O Guia dos Perplexos” – que a *orlá* foi decretada, a exemplo de várias outras *mitzvot* da Torá, para afastar o *yehudi* dos costumes idólatras. Na antiguidade, era comum os bruxos e feiticeiros dos povos pagãos abençoarem as jovens árvores assim que seus primeiros frutos surgissem, com o intuito de aumentar sua fertilidade e produtividade. Assim, como no caso de tantas outras proibições, não só não devemos imitar os modos idólatras de tais povos, mas também muitas vezes proceder de forma oposta aos mesmos para erradicar estes comportamento de dentro de nós. E este é o caso da *mitzvá* de *orlá*, diz o Rambam.

O *Midrash*, por sua vez, utilizando uma prática comum no estudo da Torá, procura a resposta no assunto seguinte à *orlá*, na mesma *Parashat* Kedoshim: a proibição de “comer sobre o sangue”. Do que se trata? O Talmud, no tratado San’hedrin (página 63), explica que o versículo se refere ao *corban shelamim* (o sacrifício de pazes), no qual tanto o cohen quanto o dono do *corban* comiam partes da carne do animal oferecido. A proibição é, segundo o Talmud, comer a carne antes de aspergir o sangue do *corban* ao redor do altar dos sacrifícios.

Outra explicação afirma que se trata do abate comum de animais para o consumo do dia a dia. Como se sabe, caso a pessoa queira consumir a carne depois de cozinhá-la, terá antes que salgar a carne para remover o sangue superficial. No entanto, se a pessoa quiser comer a carne crua, não tem a obrigação de retirar o sangue. Mesmo assim, diz a Torá: “Não comereis sobre o sangue.” Ou seja, não coma a carne do animal imediatamente após o abate, enquanto ele ainda se debate; enquanto o seu sangue ainda atua como sangue, isto é, embora em desaceleração rápida, ainda se movimenta pelas artérias e veias, ainda está quente.

Em ambos os casos – do sacrifício e do abate –, a orientação “não comereis sobre o sangue” exige que a pessoa tenha um pouco de paciência e espere minimamente por alguns minutos para consumir seu objeto de desejo – a carne. Mas, graças à proximidade dos temas no texto bíblico, como dissemos, o *Midrash* enxerga outra relação entre a *mitzvá* de não comer sobre o sangue, e a *mitzvá* de *orlá*. E qual relação seria essa? Uma relação tão importante e profunda, que precisamos voltar às origens de tudo para entendê-la. Voltemos ao começo da história do primeiro ser humano sobre a terra: o primeiro dia do mês de Tishrei do ano 1, uma sexta-feira – o primeiro Rosh Hashaná da História.

AGENDA LOTADA

Aquele primeiro dia de Adam *Harishon* e Chava, ou seja, as doze horas de luz do dia, do nascer ao pôr do sol, pode sem dúvida ser chamado de primeiro “dia útil” da História, pois teve uma agenda cheia – aliás, lotada –, com expediente e horas extras. E a Torá detalha os acontecimentos praticamente hora a hora. De acordo com o Tratado de San’hedrin (38b), nas primeiras cinco horas, Adam foi “fabricado”, da composição do corpo à inserção da alma e o sopro da vida, literalmente. Na sexta hora, já vivo e funcionando plenamente, Adam se ocupou dando a cada animal o seu devido nome. Na sétima hora, Chavá foi criada. Na oitava hora, a primeira relação conjugal e a primeira concepção ocorreram; nas palavras do Talmud: “Dois subiram ao leito e quatro desceram” – ou seja, uma gravidez de gêmeos. Na nona hora, D’us anuncia ao casal a proibição de comer o fruto proibido – que, absolutamente, não era maçã! E o dia vai se esvaindo. Na décima hora, Adam e Chava pecam, transgredindo a proibição e comendo do fruto da árvore proibida. Na décima primeira hora, eles são julgados e expulsos do Gan Éden. Na décima segunda hora, a pena começa a ser aplicada e a vida humana se transforma radicalmente para sempre, passando a ser composta de suor da labuta, dores do parto, desigualdades dos gêneros e, o mais grave castigo: o homem se transforma num ser finito.

Mas, o que pouca gente sabe mesmo é que havia mais de uma árvore importante se sobressaindo às demais no *Gan Éden*. A mais famosa é sem dúvida a árvore da sabedoria. Havia, entretanto, outra árvore destacada e proeminente: a árvore da vida – *étz hachaim*, da vida eterna. Agora, examinemos com cuidado como foi expressa por D’us a proibição de comer do fruto. Prestemos especial atenção ao versículo introdutório:

“O Eterno ordenou ao homem, dizendo: de **toda** árvore do jardim podes comer; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, pois no dia em que dela comeres, morrerás” (Bereshit 2: 16 e 17).

PROPAGANDA ENGANOSA?

A famosa proibição de comer da árvore da sabedoria foi, portanto, precedida de uma regra geral bem menos lembrada: a permissão de comer de **todas** as árvores do *Gan Éden*. Em outras palavras, o teste da nona hora – a orientação

divina geral sobre o que comer ou não – foi aparentemente uma espécie de “pegadinha”? Afinal, D’us permitiu comer de todas as árvores do jardim, mas acrescentou uma cláusula restritiva à árvore mais atraente, determinando que o seu consumo acarretaria na perda de sua imortalidade, até então vigente. Por que o Todo-Poderoso não revelou logo de cara que a permissão era para quase **todas** as árvores?

Explica o Rabi Chaim Ben Atar, o Or Hachaim Hacadosh, que D’us disse “de todas as árvores comereis” porque essa era a intenção verdadeira e final. A restrição acrescida na nona hora do dia teria a duração de apenas três horas. Assim que começasse o primeiro Shabat da existência, todas as árvores sem exceção – inclusive a da sabedoria – estariam liberadas para consumo.

E complementa o Or Hachaim que, se Adam e Chavá tivessem passado no teste e conseguido esperar até a chegada do Shabat, teriam feito *kidush* com o suco do fruto proibido, recém-liberado e permitido – nada menos do que ele mesmo: o vinho, já que o fruto proibido era a uva! Nas comunidades sefarditas é conhecido o costume de dizer em voz alta “*lechaim*” (à vida) antes da bênção do vinho na recitação do *kidush*. E qual o motivo deste costume? Justamente rememorar esse episódio crucial do pecado original, em que o fruto da parreira (*peri haguéfen*) causou o decreto da mortalidade sobre a espécie humana. Proclama-se *lechaim* para demonstrar que o vinho que será tomado no *kidush* não seja como agente da morte, mas, sim, para trazer bênção e vida.

“GUENTA” FIRME, UAI!

Impressionante! D’us queria, portanto, uma prova da capacidade de manifestar uma das mais importantes virtudes por Ele criadas: a paciência. No caso de Adam e Chavá, a paciência de esperar apenas três horas sob uma razoável restrição, em prol de um benefício infinitamente maior logo em seguida e para sempre. Reiteremos de outra maneira para enfatizar: pela incapacidade de esperar 180 minutos – com relógios atuais –, a natureza humana foi transformada e perdemos o sustento garantido, o nascimento indolor e, entre outras benesses, o principal: a imortalidade que havia quando Adam foi criado.

Ao invés disso, o que ficou como legado aos seus incontáveis descendentes foi a tendência natural para a impaciência. Em nossos dias acelerados à

velocidade dos terabytes, então... a paciência é uma qualidade cada vez mais rara. A falta de paciência, que é prima-irmã da ansiedade, causa precipitação, irritação, imperfeição, por sua vez, está em toda parte. Em uma linguagem bem contemporânea, por exemplo, por que os vídeos – inclusive os judaicos, de estudo de Torá ou *Kiruv* – estão cada vez mais curtos? Porque ninguém tem mais paciência para vídeos mais longos do que poucos minutos. Se não fosse proibido por ser falta de respeito, poderíamos experimentar ficar repentinamente em silêncio em uma conversa telefônica com um jovem para medir quanto tempo levaria para ele checar se houve algo de errado com a ligação e desligar, e depois fazer o mesmo teste com uma pessoa mais velha para comparar. A diferença de tempo provavelmente seria significativa. Agora, a pergunta mais ameaçadora: quanto tempo é possível aguentar sem olhar o celular? Quantos segundos sem checar se há uma mensagem pelo Facebook ou pelo Whatsapp? E ficar sem o celular propriamente dito, quanto tempo?

Esta é a explicação, segundo o *Midrash*, para a *mitzvá* de *orlá* e sua relação com o pecado de Adam e Chavá: cumprir essa *mitzvá* é treinar e inculcar a grandiosa qualidade da paciência. A pessoa está ansiosa para experimentar os frutos da árvore que você plantou, regou, podou etc.? Ok, tenha a paciência que seu patriarca ancestral não teve. E por que três anos esperando pela liberação do consumo dos frutos? Para pagar com juros e correção monetária as três horas ínfimas que Adam não conseguiu esperar. Se Adam tivesse conseguido aguentar as três horinhas de espera, hoje e desde sempre nosso *kidush* de Shabat seria feito sobre o mais nobre e sagrado dos vinhos – envelhecido por mais de 5700 anos: o vinho das uvas da árvore da sabedoria! É por isso também que existe a proibição de comer a carne “sobre o sangue”: para exercitar a paciência.

O TESTE REVELADOR

A revista Harvard Business Review publicou um estudo científico realizado na década de 70, com 1037 crianças da cidade neozelandesa de Dunedin. Todas as crianças foram submetidas à seguinte possibilidade de escolha: receber um pedaço de marshmallow imediatamente ou dois pedaços de marshmallow quinze minutos depois. O resultado foi o seguinte: um terço das crianças escolheu receber o doce no ato; um segundo terço concordou em esperar, mas bem menos do que quinze minutos. O último terço conseguiu esperar os quinze mi-

nutos determinados para receber os dois marshmallows. Cerca de vinte e cinco anos depois, o psicólogo responsável pelo experimento refez o contato com os adultos que aquelas crianças se tornaram e constatou algo impressionante: o grupo composto pelo terço paciente apresentava índices muito superiores aos demais grupos em termos de sucesso profissional e financeiro, de saúde física e mental, e de respeito às leis. Na conclusão do estudo, o cientista afirmou que, muito mais do que fatores familiares, sociais, financeiros, intelectuais ou culturais, a capacidade de autocontrole – principalmente relacionada à paciência – apresentada por crianças é o principal fator determinante para resultados positivos em termos de desenvolvimento humano, como os encontrados no último grupo citado. Esse estudo ficou mundialmente conhecido como “o teste do marshmallow”.

Pode-se dizer, portanto, que a paciência é, em qualquer faixa etária, um dos principais medidores do nível de maturidade do ser humano. Muitas vezes o problema dos pais que detectam certa imaturidade física, intelectual ou emocional em um ou mais de seus filhos está em sua própria imaturidade, mais especificamente em sua falta de paciência para esperar e acompanhar o processo de desenvolvimento desses filhos em seus ritmos próprios. E cada filho, cada ser humano, como cada tipo de fruto, amadurece em diferentes durações e cadências. As revelações divinas aos nossos dois maiores patriarcas em todos os tempos – Avraham e Moshe – não ocorreram antes que ambos tivessem atingido seus pontos mínimos de maturidade espiritual para iniciar as elevadas e sagradas missões para as quais nasceram, Avraham com 75 anos e Moshe na casa dos oitenta anos! E ambos chegaram a este patamar sublime depois do treinamento e da aquisição desta virtude essencial – a paciência – durante todas essas décadas. Avraham na espera por um descendente, e Moshe na expectativa de descobrir sua vocação para o cargo de líder e libertador.

JOGUE SEUS RASCUNHOS FORA!

Isaac Bachevis Singer, prêmio Nobel de Literatura, disse certa vez uma frase que resume brilhantemente a importância de se cultivar a virtude da paciência e que, extrapolando o seu universo, que era o literário, pode servir como referência em qualquer contexto humano: “O cesto de lixo deve se tornar o melhor amigo do escritor.” Em outras palavras, as maiores e melhores obras-primas

– dentro e fora da Literatura – são o resultado de muita, muita paciência. A paciência de reescrever, de refazer, de reconstruir. Que mensagem fundamental e necessária para tempos em que se pretendem resultados imediatos para inúmeros processos que exigem inevitavelmente doses cavalares de paciência: um novo idioma em três semanas, perda de vinte quilos em dois meses, aprovação no vestibular em quarenta e cinco dias de cursinho, a felicidade conjugal depois de trinta segundos de bênção do rabino e, o ápice do equívoco judaico conceitual: um ou mais pedidos atendidos e realizados por D’us depois de uma ou duas rezas feitas com suposta *cavaná* (intenção, concentração e fervor). Lembremos outra demonstração de paciência de Moshe, que rezou 515 vezes por sua entrada na terra prometida, antes que o Criador lhe dissesse que cessasse, pois seu pedido seria aceito, caso orasse pela 516ª vez.

TEMPOS NECESSÁRIOS DIFÍCEIS

Talvez as pessoas que não me conheçam ou não saibam do meu passado olhem hoje para mim, vejam um rabino de meia idade, e imaginem que minha trajetória judaica tenha sido sempre calma e tranquila, afinal foi o caminho que escolhi para mim. Graças a D’us, foi uma trajetória maravilhosa, bem sucedida e feliz, mas houve percalços que as pessoas nem imaginam. Em minha fase de aluno da *yeshivá*, nos Estados Unidos, eu tinha alguns *sedarim* (horários de estudos por temas). O *seder* de estudos da Lei Judaica, o *seder* de ética e moral judaica, o *seder* de Guemará, etc. Um deles era o *seder* do choro! Eu sabia que estar numa *yeshivá* como aquela era um investimento essencial para a minha vida, mas essa noção residia no universo do racional. No emocional, havia um razoável nível de sofrimento. Eu sentia muita saudade dos meus pais, dos meus amigos, enfim, da minha vida no Brasil. Por isso, havia em média um *seder* de choro por dia. Certa vez, uma pessoa muito querida me escreveu uma carta de apoio e incentivo, que infelizmente não tenho mais – se perdeu. Mesmo assim, eu lembro perfeitamente bem de um trecho que dizia assim: “Talvez você não entenda hoje em dia a importância da tua decisão de permanecer na *yeshivá*, talvez você nem entenda do que estou falando, mas esteja certo de que no futuro, quando você já for um adulto e tiver a tua própria família, você vai olhar para trás e sentir com orgulho e alegria como foi uma decisão acertada apesar de tão difícil. Por isso, eu te peço: aguente mais um pouco.” Demorou, mas esse

momento chegou. Passaram-se alguns bons anos para que eu entendesse no nível correto o que aquela pessoa estava falando em sua carta. Como alguém que me queria tanto bem, ela estava me ensinando o valor da virtude sobre a qual tratamos nesta aula. Ela pedia para que eu preenchesse o espaço entre aquela fase difícil de sacrifícios e a minha constatação de que tudo tinha valido a pena com a sábia e tranquilizadora paciência. Da mesma forma, em todos os nossos projetos de vida, em que temos objetivos e metas, é preciso entender o quanto antes que é preciso levar esse valioso ingrediente em nossa viagem, seja longa ou curta, entre o início do investimento – de tempo, dinheiro, nervos, raciocínio, energia, etc. – e a satisfação de se atingir a meta ou objetivo: a paciência. Não é possível atingir resultados imediatos em projetos importantes, significativos, que geralmente são difíceis e complexos. Sejam eles projetos materiais ou espirituais.

Apenas de forma ilustrativa, no mercado financeiro, quem é o investidor que obtém melhores resultados (sob as bênçãos divinas, é claro)? À exceção dos que tiveram muita sorte, geralmente são aqueles que têm a paciência de mirar nos investimentos de longo prazo. É comum ver investidores inexperientes e precipitados perderem razoáveis somas de dinheiro por não terem tido a paciência de esperar o jogo de o mercado virar e os ventos soprarem a seu favor.

Que possamos levar essa postura virtuosa – esperar com paciência – para os nossos demais investimentos de longo prazo de nossas vidas, contribuindo para o conserto do pecado da precipitação e falta de controle de Adam e Chavá e, principalmente, para o conserto do mundo.

DORMIR É PARA OS FRACOS!



“

Como é boa a sensação
de quem vai dormir
ciente de que aproveitou
bem seu dia, utilizando
cada momento de seu
tempo ativo para coisas
significativas!

”

MESMO QUE SE PRECISE IR À LUA

Vamos começar com duas histórias como introdução ao nosso tema.

Uma das perguntas mais comuns feitas aos rabinos desde o início dos programas espaciais das potências mundiais é se há vida extraterrestre, em especial no nosso satélite – a Lua. Alguns rabinos respondem de forma bem-humorada que é certo que não há. Por quê? Por que a Torá ou qualquer outra fonte judaica afirma que não? Não, dizem. O motivo é que se houvesse vida na Lua, o incomparável Rav de Ponewicz, o famoso Rav Kahanemann, conhecido como o mais insistente e eficiente arrecadador de *tzedaká* das últimas gerações, já teria voltado de lá com alguma quantia arrecadada para alguma instituição judaica. Conta-se que, certa vez, o rebe chegou a uma cidade da Europa em que havia um homem de muitos bens, mas não necessariamente “do bem”, ou seja, uma pessoa muito rica, mas que não gostava de dar *tzedaká*, principalmente para causas judaicas religiosas.

O grande e experiente líder disse aos que o avisaram sobre a hostilidade do tal milionário que, já que estava ali, não iria deixar passar a oportunidade de visitá-lo e que, com a ajuda de D’us, conseguiria de alguma forma amolecer o coração daquele *yehudi*, convencendo-o a doar alguma quantia, fosse qual fosse. E assim foi; o rabino conseguiu marcar um encontro com aquele rico, que o recebeu. Com sua incrível habilidade aliada à nítida inspiração divina, o rebe abordou o assunto que despertou o interesse do homem: educação. A certa altura da conversa, o rabino lhe disse que, se educação era uma tema tão relevante para os dois, ele deveria investir nesse campo, doando às instituições de ensino pelas quais o rebe era responsável. O milionário finalmente concordou, mas impôs uma condição: “Vou doar uma quantia significativa ao senhor, mas

a instituição deve comportar alunos que não usem *kipá* de forma alguma!”. “Perfeitamente!”, disse o rebe, “se o senhor está doando tamanha quantia, é seu direito impor as condições que achar convenientes”. Desta forma foi fundada em Bnei Berak a primeira sede da rede de escolas Beis Yaacov. Uma rede de escolas para meninas!

O BEIJO DO MILHÃO

Outra história impressionante sobre doações de grandes somas para instituições judaicas ocorreu com um dos mais queridos rabinos contemporâneos, o Rav Grossman – mundialmente conhecido como o “rabino das discotecas”, por seu audacioso costume de ir às mais disputadas casas noturnas e baladas israelenses para aproximar os jovens da Torá.

Em uma de suas viagens a Nova York, Rav Grossman recebeu, por conta de milhas adquiridas, um *upgrade* e foi elevado à primeira classe, onde não costumava viajar. Ao entrar no espaço VIP, percebeu que só havia um casal, além dele mesmo. O marido era um homem muito grande, que ocupava praticamente duas poltronas da primeira classe! Deduzindo que tratava-se de um casal de judeus, e pensando como de costume que aquela certamente era mais uma oportunidade que D’us colocara à sua frente para cumprir a sagrada *mitzvá* de buscar *tzedaká* para suas instituições de caridade e reabilitação, o rabino decidiu se aproximar, puxar conversa e apresentar um dos seus vídeos institucionais. O homem, confortavelmente acomodado em seu assento, assistiu ao vídeo até o fim. O rabino então se abaixou para pegar de volta seu minireprodutor de DVDs e, sem querer, apertou no botão que endireitava o encosto da poltrona do homem à posição vertical. Com o brusco movimento, o rabino acabou caindo no colo do marido avantajado!

Em uma reação impensada à situação constrangedora, o Rav Grossman se desculpou e deu um beijo na testa do homem! Saiu de cima dele e retornou à sua poltrona sem acreditar em seu fracasso no papel ridículo que fizera. Enquanto pensava em retornar ao casal para se desculpar mais uma vez, percebeu que o marido estava bastante inquieto. Decidiu se aproximar e, antes que pudesse terminar sua fala, o homem o interrompeu para dizer algo impressionante: “Rabino, vim a Israel para doar o meu dízimo, que é do valor de um

milhão de dólares. Rodei o país atrás de ao menos um projeto que tocasse o nosso coração, e nada. Quase desistimos. Mas, decidimos eu e minha esposa que faríamos uma espécie de combinado com D’us: o primeiro representante de uma instituição judaica que me desse um beijo na testa receberia todo o nosso dízimo!”. O Rav Grossman costuma dizer que aquele foi o “beijo profético do milhão”!

Essas duas histórias ilustram um fenômeno judaico tradicional muito antigo: o costume de se arrecadar fundos para a construção e a manutenção das diversas instituições judaicas – sejam sociais, políticas ou educacionais. Essa atividade difícil e complexa, que ficou sempre a cargo de pessoas com raros talentos inatos ou desenvolvidos, como o otimismo, o ânimo e perseverança, remonta aos tempos bíblicos.

PAGUE UM E LEVE TRÊS, OU QUATRO...

Neste campo das arrecadações institucionais está na moda hoje em dia uma modalidade que tem se demonstrado muito bem sucedida: a instituição consegue o apoio de um ou dois grandes benfeitores, organiza um jantar especial ou uma campanha nas redes sociais, e anuncia ao público que toda e qualquer doação será multiplicada (dobrada, ou triplicada, etc.), revelando ou não revelando que os benfeitores estarão por trás das multiplicações.

Agora, imaginemos outro cenário. Ao ser procurado para ser o grande benfeitor de uma campanha, um grande empresário apresenta uma proposta diferente: ele se propõe a ser o “benfeitor de retaguarda”, ou seja, ele diz aos representantes da instituição: “Arrecadem sozinhos o que conseguirem e iniciem seus trabalhos, e eu cobrirei o que faltar; seja a quantia que for!”. Uau, impressionante! Isso seria a realização dos sonhos de qualquer rabino, diretor ou presidente de instituição judaica em qualquer lugar do mundo em qualquer época. Depois de ouvir semelhante proposta, certamente qualquer um desses contaria a seus pares a notícia com a alegria e o entusiasmo de que ganhou na loteria. Pois bem, na construção do Tabernáculo ocorreu um cenário exatamente como esse! Na campanha de arrecadação de materiais para a construção do mesmo – ouro, prata, cobre, madeiras, tecidos, especiarias etc. – os homens mais ricos de Israel, os presidentes ou príncipes das doze tribos dis-

seram a Moshe que simplesmente completariam as arrecadações das doações do povo de Israel com tudo que fosse necessário, independentemente do valor: “Moshe, eis o cheque assinado em branco; depois do fim da campanha, você completa o valor...”.

Entretanto, se seguirmos a leitura do texto bíblico sobre a continuação do episódio, vamos constatar que as doações do povo de Israel foram tantas que o montante arrecadado foi suficiente para todos os elementos da obra, incluindo o prédio, os artefatos sagrados, os utensílios e até para as cercas do pátio do Tabernáculo. Não só foi suficiente, como sobrou! Ou seja, no fim das contas, os chefes das tribos acabaram não doando nada! Embora tenham se prontificado com sinceridade absoluta a arcar com todas as despesas, caso fosse necessário, os homens mais destacados e ricos de Israel não desembolsaram um só tostão e acabaram não participando na prática da construção do Templo móvel. A pergunta que surge é a seguinte: quem teve mais mérito, o povo que se mobilizou imediatamente e juntou uma soma de materiais mais do que suficiente, ou os líderes que, mesmo não tendo ajudado na prática, haviam se comprometido a cobrir toda e qualquer diferença?

DEIXA CONOSCO? NÃO, OBRIGADO.

Rashi, o principal comentarista da Torá, nos dá uma indicação de resposta. Ele afirma que o fato da expressão “*Nessiim*” (líderes das tribos) não conter neste caso específico a letra *yud* se deve ao fato de eles não terem agido da maneira ideal, da forma que se esperaria de líderes de sua importância. Aliás, este é um fenômeno que aparece algumas vezes na Torá, de uma palavra ser escrita com letras faltando ou nomes em que letras são acrescentadas ao nome original. Dois exemplos muito relevantes são: Avraham, que nasceu como Avram e D’us acrescentou a letra “*hei*” ao seu nome, e o segundo caso é menos conhecido. Como se chamava o discípulo número um de Moshe, aquele que acabou por substituí-lo? Se você pensou no nome Yehoshua, errou. Ou melhor, acertou parcialmente. Yehoshua nasceu Hoshea e Moshe acrescentou a letra “*yud*” ao seu nome. Numa descrição atual, no RG original de Yehoshua constava o nome de nascença: Hoshea. Por iniciativa de Moshe, foram ao tabelião mudar oficialmente seu nome para Yehoshua. E foi como Yehoshua que esse profeta gigante – o segundo líder de Israel – passou para a História, assim como ocor-

reu com Avraham. Ambos atingiram seus potenciais máximos enquanto seus nomes receberam acréscimos de letras escolhidas a dedo – *yud* e *hei*, duas das letras do nome de D’us, o Tetragrama. Concluimos daqui que: 1) letras que vão e vêm são mudanças de altíssima relevância; 2) se os *Nessiim* perderam momentaneamente o seu “*yud*”, isso significa que pecaram ao adotarem a postura do “doador de retaguarda”, por mais que tenhamos a tendência de achar que esse tipo de disposição vinda de um ou mais doadores seria o sonho de consumo de qualquer presidente ou diretor de instituição judaica. A pergunta agora é: por quê?

O grande Rav Shmulevitz ZT”L explica que é porque lhes faltou uma das mais importantes virtudes que um ser humano deve adquirir e manter: a agilidade, a qualidade de vencer a preguiça, a apatia e a acomodação. Os *Nessiim* ficaram com o nome incompleto registrado naquele trecho da Torá para mostrar que erraram ao não agir de forma ativa e pronta, não tendo oferecido qualquer quantia que fosse, e não participando da campanha de arrecadação desde o começo. Como líderes do povo, gigantes espirituais, deviam ter dado o exemplo de que, quando se é convocado para uma missão sagrada, deve-se atender prontamente ao chamado, e não permanecer na zona de conforto. Claro que suas intenções foram as melhores e eles de fato haviam se comprometido com o complemento dos gastos. Obviamente doadores que fazem assim hoje em dia agem de forma correta e elevada. O que a Torá quis ensinar com a ausência do “*yud*” foi que é preciso prestar atenção e tomar cuidado com essa opção pela permanência na chamada “zona de conforto”, que incentiva a acomodação, a passividade e a preguiça.

PREGUIÇA QUE LEVA À MEDIOCRIDADE

Se fizermos uma leitura dos episódios narrados na Torá, com especial atenção à questão da agilidade, vamos nos surpreender ao percebermos que essa é uma virtude muito mais presente do que se imagina nas posturas dos nossos patriarcas. Avraham *Avinu* chegou ao clímax de sua vida quando D’us o testou da forma mais radical: pedindo que ele fosse em direção totalmente oposta às suas características de bondade e piedade, e sacrificasse seu tão esperado e amado filho como oferenda ao Todo-Poderoso. Talvez o teste mais difícil da História. Avraham talvez tivesse o direito de pedir certo tempo para pensar, ou

no mínimo para se preparar. Mas, não. A Torá faz questão de registrar a agilidade com que Avraham se organiza para a missão ordenada por D’us: “E madrugou Avraham pela manhã...”. E Rashi nos revela a intenção do texto bíblico em nos informar algo aparentemente trivial: “Agiu de forma ágil para cumprir a ordem” – uma postura totalmente oposta à dos *Nessim*, que atuaram com boas intenções, mas por meio de um mecanismo passivo, contrário do que se espera de pessoas engajadas com o espírito da Torá.

Mas por que a preguiça, a passividade e a acomodação são tão nocivas às pessoas? O Midrash Raba nos ajuda a entender. Com base na análise que o Midrash faz sobre a raiz da grandeza dos patriarcas do *Sefer Bereshit*, concluímos que essas más inclinações empurram as pessoas para algo muito grave: a mediocridade! O *Midrash* questiona: como Avraham, Itzchak, Yaacov e Yossef se tornaram os nossos patriarcas? Ora, certamente não foi por terem escolhido o caminho da permanência nas diversas zonas de conforto, fugindo ou adiando os desafios, se escondendo debaixo da preguiça ou do edredom. Justamente ao contrário, por terem sido testados das formas mais severas e reagido com a prontidão e a agilidade necessárias para enfrentar os problemas de frente e vencer os desafios. Avraham por meio dos seus dez testes; Itzchak por meio da agilidade com que cavou e recavou os poços que seu pai havia deixado, e os filisteus haviam soterrado inúmeras vezes; Yaacov por meio das incontáveis dificuldades que enfrentou ao longo de sua vida – a perseguição de Essav, as mentiras de Lavan, o caso de sua filha Diná, o desaparecimento de Yossef, etc.; o próprio Yossef por meio dos testes de sua venda como escravo, o caso da esposa de Potifar, sua permanência na prisão (calabouços egípcios sem luz). Enfim, todos eles – e essa é uma regra para qualquer pessoa que tenha se tornado espiritual, ética e moralmente grande – chegaram aonde chegaram por terem sempre optado pela imediata busca pela verdadeira solução dos problemas, pela agilidade em seguir prontamente pelos caminhos que D’us indicara, mesmo cheios de percalços e perigos.

Um exemplo oposto é encontrado também na Torá, na narrativa do primeiro assassinato da História. No episódio de Cain e Hevel, se olharmos os versículos com a ajuda dos comentaristas, vamos notar que D’us indica a Cain qual teria sido a solução para sua mágoa, seu rancor, seu ciúme. Cain teria sua oferenda aceita, caso caprichasse nela! Ele tinha que trazer uma oferenda tão boa

quanto a de seu irmão. Ou seja, D’us estava sugerindo que houvesse a adoção de uma postura de busca pela excelência, que talvez pudesse até causar uma competição positiva, em direção ao aperfeiçoamento. Infelizmente, porém, ao invés disso, ele preferiu eliminar “seu competidor”, acabando assim com o parâmetro elevado que o incomodava e optando pela mediocridade de vencer essa disputa por um pseudo-W.O. Essa, aliás, é a motivação dos que costumam atacar os outros por meio do *lashon hará* (maledicência). O sucesso, as virtudes e as qualidades superiores de determinadas pessoas incomodam o maledicente. E, o que ele faz? Busca prontamente se aprimorar, avançar, evoluir? Não. Ele pensa: para que se esforçar? É mais fácil e cômodo diminuir aquele que lhe causa inveja. Assim, ao invés de tentar subir em vários aspectos, sua mediocridade nivela os padrões por baixo.

DOENÇA CONTAGIOSA

Assim como o misterioso bocejo, a preguiça é não só contagiosa, como também uma tendência humana muito forte. *Rabeinu Ioná*, em seu comentário sobre o Pirkei Avot, no fim do segundo capítulo, afirma que, apesar de termos sido desenhados para um estilo de vida ágil e de movimento, as tendências negativas de apatia, sedentarismo, inércia e preguiça – todas as manifestações do *ietzer hará* (má inclinação) – são naturais e comuns a todos os seres humanos, e decreta: **todos** os seres humanos são em alguma medida preguiçosos! Uns conseguem controlar mais do que outros, mas é uma inclinação inevitável. Faz sentido: se a prontidão e a agilidade são os veículos para uma vida verdadeiramente significativa e especial, é claro que o *ietzer hará* vai tentar atuar na raiz desses processos para transformar cada pessoa em um conformista, apático e confortavelmente passivo. E essa informação é muito importante, porque ela nos ajuda a julgar para bem nossos próximos em geral, e principalmente, filhos e alunos que, digamos, se “destacam com louvor” neste grave vício da alma que é a preguiça. Eles são perfeitamente normais!

E se nosso assunto é a preguiça, vale contar um episódio do meu cotidiano. Certa vez, um dos meus alunos chegou muito atrasado para o ciclo de estudos da manhã e, ao questioná-lo com relação ao atraso, ele respondeu com um argumento sarcástico, mas genial, que merece registro e até um elogio pela presença de espírito e bom humor. Ele disse: “Rabino, nós aprendemos que

quando nós dormimos D'us leva a nossa alma para os céus espirituais mais elevados, nos devolvendo pela manhã. Daí as primeiras palavras que devemos proferir quando acordamos, no trecho “*Mode Ani*”, em que agradecemos a D'us por nos ter devolvido a alma, certo? Então, Rabino, acontece que justamente hoje, D'us demorou muito para me devolver a minha alma!”. Adorei o argumento criativo, mas não o atraso, claro.

Costumo dizer aos meus alunos que aqueles aparentemente inofensivos cinco minutos que muitos querem ganhar ao apertar o botão soneca do despertador são muito mais perigosos e traiçoeiros do que imaginamos. Começar todos os dias com essa pequena derrota para a preguiça pode comprometer o íntimo da pessoa. Tais cinco minutos podem se tornar um vício que pode se estender a muitos outros campos da vida, tornando o atraso ou a inércia um mau hábito adquirido. Deixar para depois o que se pode fazer agora pode levar a pessoa em direção à mediocridade, como dissemos. Como é boa a sensação de quem vai dormir ciente de que aproveitou bem seu dia, utilizando cada momento de seu tempo ativo para coisas significativas!

DISCIPLINA E CONSTÂNCIA CONTRA A PREGUIÇA

Por outro lado, então, é preciso lutar contra essa tendência tão nociva. Os grandes sábios e justos de Israel costumam ser implacáveis no combate à preguiça e à apatia. O Dayan Dunner, um rabino-juiz da Inglaterra, contou que o Rav Chaim Kanievsky dispensou para sempre um de seus *chavrutot* (companheiro de estudo de Torá) pelo simples fato de que ele falhou uma única vez no retorno do descanso entre um ciclo de estudos e outro. Curiosamente, todos os dias uma mosca fazia o papel de despertador e vinha acordar o *chavruta* na hora exata para voltar aos estudos. Ao ser questionado pelo Rav Kanievsky sobre o motivo de sua ausência, este sábio (e diga-se de passagem que este tinha que ser um grande conhecedor de Torá, para ser o parceiro de um dos líderes da geração como o Rav Kanievsky) revelou que daquela vez ele tinha cedido ao sono mesmo depois que a mosca tinha vindo incomodá-lo para despertá-lo. Foi uma espécie de botão soneca com a mosca. Foi o suficiente para que o Rav Kanievsky procurasse outro *chavruta* para aqueles primeiros horários da manhã.

Foi de um médico, um cirurgião, que ouvi a mensagem símbolo destes conceitos que estamos abordando. Eu havia ido ao hospital acompanhar um familiar meu muito próximo que estava sendo operado por ele. A operação ocorreu de manhã bem cedo. Na noite anterior, eu tinha encontrado esse cirurgião em seu consultório, por volta das onze da noite. Ao encontrá-lo na manhã seguinte tão cedo, pronto para entrar no centro cirúrgico, fiz questão de perguntar como ele podia ter encerrado o dia anterior tão tarde e já estar tão pronto e disposto para uma cirurgia poucas horas depois. Foi então que ele me atirou a seguinte resposta: “Senhor Karaguilla, dormir é para os fracos!”. Depois que vi o quanto ele cobrou pela cirurgia, eu poderia até vincular essa prontidão toda ao valor exorbitante... Mas, piadas à parte, a verdade é que aquele médico estava me ensinando uma importante lição por meio desse exemplo prático. Para ser uma pessoa de sucesso, é preciso aproveitar muito bem o tempo que temos.

PREGUIÇA E TRISTEZA: PRIMAS IRMÃS

Muita gente nem imagina, mas o Talmud faz inúmeras vezes relações entre a preguiça e a depressão! Ou seja, aquilo que a ciência “descobriu” tão recentemente, as nossas fontes sagradas nos ensinaram há milênios. Duas passagens muito parecidas colocam a preguiça e a tristeza no mesmo patamar, uma relacionada à *tefilá* e outra à profecia. O Talmud afirma que é proibido rezar tanto em estado de preguiça quanto deprimido. Da mesma forma, a profecia não paira sobre quem está triste ou apático. Rav Avigdor Miller observou que essa relação sempre foi visível: como se comportam as pessoas muito felizes e eufóricas? Ora, elas parecem energizadas! Chegam a saltitar por causa da alegria. Por outro lado, sem definir qual a causa e qual a consequência, é perceptível que uma pessoa esparramada em um sofá, apática, mesmo que não tenha consciência disto ou que verbalize, está com certo nível de tristeza ou até mesmo deprimida. A não ser que esteja legitimamente cansada.

Alguns psicólogos afirmam que quando um adolescente colegial ou jovem universitário se apresentam desta maneira, isto é, no estilo “esparramado no sofá”, é normal. O ser humano está em diferentes fases de crescimento até os 22 ou 23 anos de idade, em média. Depois desta idade, por incrível que pareça, inicia-se o lento e progressivo processo de envelhecimento. E crescer é um complexo conjunto de atividades fisiológicas e metabólicas que consome

muita energia, portanto, é comum e aceitável que os jovens tenham muito cansaço e de vez em quando sintam muita preguiça. Mas esses profissionais que estudam a mente e o comportamento humano explicam que quando esse cansaço se manifesta de forma exagerada e se traduz em muitas horas em estado de apatia ou com sono em excesso, cochilando muitas vezes nas aulas, sem ânimo para sair até mesmo para se divertir, eis que esses sintomas podem esconder um quadro depressivo. E neste caso é preciso tratamento.

APATIA DISFARÇADA DE CAUTELA

No famoso livro *Chovot Halevavot*, escrito no século 11 pelo *Rabeinu* Bachie, em Saragoza, em sua introdução de uma das mais recentes edições, Rav Wozner revela que o seu mestre, o Rav Meir de Lublin, que instituiu o estudo diário de uma folha do Talmud, costumava dizer que o seu mentor, por sua vez, só conseguira chegar aonde chegou porque havia lido o *Chovot Halevavot* mil vezes! Na introdução do próprio autor – *Rabeinu* Bachie –, este confessa que teve muitas dúvidas com relação à escrita do livro. O autor não sabia árabe, a língua mais difundida da região naquela época, e se perguntava como iria escrever um livro profundo sobre ética e moral judaicas em um idioma que não dominava. Depois de refletir bastante, chegou à conclusão que essa dúvida com relação às dificuldades com a língua era na verdade uma artimanha do *ietzer hará*, na forma de preguiça. Depois desta reflexão, decidiu escrever a tão valiosa obra. Deste episódio, completa o *Rabeinu* Bachie, se aprende que a pessoas devem adquirir a virtude do cuidado, mas precisam ter cautela para não terem cuidado demais, pois o excesso do mesmo pode ser uma manifestação do vício da preguiça – uma armadilha do *ietzer* para paralisar a pessoa.

Deve-se analisar cada novo passo ou projeto a ser implementado no futuro próximo ou distante, mas se essa análise demorar exageradamente, pode acabar virando um impedimento e não um incentivo. É preciso fixar um momento em que se vai partir para a ação.

Algumas vezes ouvi de alunos frases similares à seguinte: “Rabino, eu adoro esfiha, mas não vou comer porque não quero fazer *Bircat Hamazon* (a bênção composta de quatro partes que deve ser recitada após as refeições em que se comeu pão).” Essa é simplesmente outra face da preguiça: a pessoa se priva

de ter proveito e prazer do que gosta por preguiça de fazer o *Bircat Hamazon* – a única bênção cuja ordem é da Torá, e, que, portanto, segundo o Ben Ish Chai, deveria ser sempre recitada com concentração, fervor e, principalmente, uma alegria especial.

O conserto da preguiça é obviamente a agilidade. Logo após a guerra do Yom Kipur, o *Rosh Yeshivá* de Mir, Rav Chaim Shmulevitz, estava andando nos arredores da *yeshivá* quando viu um soldado do Exército de Israel andando com dificuldade. Ao se aproximar para verificar se ele precisava de ajuda, percebeu que o jovem não tinha uma perna. O soldado, então, percebendo a surpresa do rabino, disse que não se preocupasse, porque ele estava bem, física e psicologicamente, pois havia se ferido tão gravemente cumprindo o seu dever de defender o povo judeu. O Rav Shmulevitz retornou à sua *yeshivá* e bateu na *bimá* (mesa central sobre a qual se lê a Torá), interrompendo o estudo de todos os alunos, para dizer-lhes que, pelo fato de terem enfrentado uma guerra, na qual o país foi defendido com tamanho heroísmo pelos soldados do *Tzahal*, cada aluno da *yeshivá* deveria procurar melhorar em uma característica essencial para a correta atuação judaica diária: levantar com agilidade pela manhã para a reza de Shacharit. E essa orientação pode e deve ser adotada por qualquer judeu em qualquer época. Passar a cumprir qualquer *mitzvá* com agilidade é uma virtude fundamental para uma vida judaica de realizações significativas.

CTRL C + CTRL V

CTRL C + CTRL V

CTRL C + CTRL



GERAÇÃO CTRL+C / CTRL+V



CTRL C + CTRL V

CTRL C + CTRL V

CTRL C + CTRL



CTRL C + CTRL V

Originalidade

CTRL C + CTRL



CTRL C + CTRL V

CTRL C + CTRL V

CTRL C + CTRL



“

A vitória ou a derrota são
decisões divinas, mas a
luta é esforço nosso!

”

O ser humano? Muito bom!

Ao fim dos seis dias da criação, D’us expressou sua satisfação com tudo que havia criado, dizendo: “E viu D’us tudo o que havia feito e eis que era muito bom (...)” (Bereshit 1:31). Diferentemente dos demais dias nos quais a expressão usada foi “E viu D’us que era **bom**”, no fim do sexto dia houve o acréscimo do advérbio “muito”. Muito, em hebraico, é *meod*, palavra composta pelas mesmas letras da palavra *Adam* (“Adão” ou “homem”).

אדם - Adam

מאד - Meod

Como o Judaísmo não concebe o acaso, o *Midrash* afirma que esta semelhança é obviamente proposital, pois foi à sua obra prima – o ser humano – que Se referiu o Todo-Poderoso ao acrescentar o termo ‘*meod*’. Em outras palavras, ao elogiar todo o universo que havia criado, D’us exalta – por meio do anagrama *adam-meod* – o ator principal deste maravilhoso complexo: o ser humano. Mas, muito além do anagrama, há na comparação entre os conceitos “ser humano” e “muito” uma mensagem muito mais significativa e profunda acerca do sentido da vida, que abordaremos mais adiante.

ESTUDO, BRAVURA E AUTOSSACRIFÍCIO

A história de Yossef é bastante conhecida. A maioria das pessoas sabe suas partes principais. Yossef foi vendido como escravo pelos próprios irmãos a uma caravana que o levou ao Egito. Lá, ele se torna o vice-faraó – na verdade, o líder efetivo do maior império da época, uma potência hegemônica maior propor-

cionalmente do que os EUA nos dias atuais. Era de Yossef o poder de decisão final sobre todos os assuntos nos campos político e econômico do Egito. Depois de se revelar a seus irmãos, Yossef pede que seu pai e todo o clã de Israel, composto por 70 almas, desçam ao Egito para comprar alimentos, já que havia uma seca muito severa na terra de Cnaan. Até aqui, tudo muito familiar. Há, no entanto, passagens menos conhecidas desta história, como a que veremos a seguir.

Nesse processo lento e cuidadoso de descida (em todos os sentidos) ao Egito, uma atitude de cautela de Yaacov chamou a atenção dos nossos Sábios. Yaacov aceitou a proposta de Yossef, porém, exigiu uma descida preliminar como precaução diante dos desafios que, como ele previu, viriam com a radical mudança para o país idólatra: trata-se do envio de seu filho Yehudá.

“E a Yehudá enviou antes de si, a Yossef, para (*lehorot*, literalmente, instruir) preparar-lhes lugar em Goshen, e foram à terra de Goshen” (Gênesis 46:28).

Explica Rashi, com base no Midrash Rabá (95:3), que essa preparação não significava encontrar moradia e/ou arrumar os móveis das casas – era uma preparação espiritual. Yehudá fora enviado para “instruir”, para criar um centro de instrução; ele foi enviado para abrir nada menos do que um *Beit Midrash*, a primeira *yeshivá* do Egito, a *Yeshivá* de Goshen! A pergunta que emerge desta escolha é bombástica: por que esta missão foi entregue a Yehudá e não a Levi? Expliquemos: a tribo de Levi sempre foi a responsável pelo estudo e o ensino de Torá ao restante do povo de Israel. Levi foi a única tribo não escravizada pelo Faraó (aquele que não reconheceu Yossef), pelo medo dele de mexer com os sábios de Israel, estudiosos da Torá. É por isso que Moshe e Aharon puderam se encontrar com o Faraó quando bem lhes conviesse (por ordem divina, claro!) – pelo fato de estarem isentos do trabalho escravo, como membros da tribo de Levi. A pergunta segue firme: por que a abertura da primeira instituição de Torá no Egito – a garantia de sobrevivência espiritual judaica – foi dada justamente a Yehudá e não ao próprio “*Rosh Yeshivá*” (Levi)?

O Rabino Weinberger, em seu livro *Shemen Tov*, responde: Yaacov sabia que para fincar as bases profundas dos valores da Torá em uma terra tão espiritualmente imprópria, mais do que o talento para o estudo e a compreensão das escrituras, das leis e dos segredos da Torá, eram necessárias as virtudes principais de Yehudá – a bravura e o autossacrifício. Yehudá, o patriarca da

tribo do reinado definitivo de Israel, era a personificação da coragem. Foi ele o interlocutor dos irmãos diante de um Yossef ameaçador, ainda incógnito, por trás das vestes de poderoso e temido Faraó. Foi Yehudá que teve a audácia de enfrentar e se chegar ao perigoso Tsafenat Paaneach (o nome egípcio de Yossef), invadindo uma área restrita ao monarca, sem pedir permissão, como relata o início da *Parashat Vaigash*. Yaacov sabia que Levi cuidaria bem dos estudos na *Yeshivá*, mas queria alguém como Yehudá para fundá-la. Alguém cuja principal virtude é o sacrifício e o esforço quase sobre-humano, aplicado em tudo que faz.

ESFORÇO E DEDICAÇÃO, MAIS IMPORTANTES QUE INTELIGÊNCIA E ASTÚCIA

O Rebe de Berditchev explica o sucesso espiritual de um dos maiores sábios de todos os tempos, Rabi Akiva, analisando uma das passagens talmúdicas mais impressionantes e curiosas de todo o *Shas* (conjunto de todo o Talmud):

“Disse Rav Yehuda, disse Rav: na hora em que Moshe subiu às alturas, encontrou o Todo-Poderoso sentado e amarrando coroas nas letras (do alfabeto hebraico).

Disse (Moshe): Senhor do Mundo, quem Te retém (Rashi: que tens que acrescentar coroas sobre elas)?

Disse-lhe: um homem que futuramente haverá no fim de algumas gerações, e Akiva ben lossef é seu nome, que interpretará sobre cada pontinha e pontinha (coroas das letras) montes e montes de regras da Lei Judaica.

Disse Moshe: Senhor do mundo, mostra-o a mim!

Disse-lhe: volte-se para trás. Foi (Moshe) e sentou-se no fim de oito fileiras (de alunos, numa aula de Torá de Rabi Akiva) e não sabia do que estavam falando. Enfraqueceu-se (Moisés, por não entender o estudo de Rabi Akiva)”

Incrível! Moshe *Rabenu* – chamado de *Rabenu* por ser o Rabino dos Rabinos, o Mestre dos Mestres – assiste a uma aula de Torá de Rabi Akiva e não entende nada? Como explicar? Entretanto, responde o Rebe de Berditchev que Rabi Akiva pôde adquirir mais conhecimento de Torá do que Moshe porque o fez por meio de uma trajetória salpicada de esforço e sacrifício desde o primeiro passo. Lembremos: quem foi Rabi Akiva? Até os quarenta anos de idade,

o ignorante Akiva não sabia nem mesmo o alfabeto hebraico. Do humilhante analfabetismo, Akiva chegou ao topo da elite de conhecimento da Torá, sempre incentivado por sua incansável esposa Rachel. O diferencial com relação a Moshe, contudo, foi a inclinação da montanha intelectual e emocional que teve que subir. E a de Rabi Akiva foi íngreme de forma quase inigualável. Por maior que tenha sido o nível de Moshe, a Torá lhe foi entregue em condições mais favoráveis. Daí o alcance maior de Rabi Akiva com relação ao maior de todos os profetas. O esforço de Rabi Akiva foi proporcional à luz espiritual que conseguiu enxergar, ou seja, Rabi Akiva teve o mérito de conseguir enxergar o que Moshe não conseguiu devido ao seu esforço.

E falando em esforço e luz, qual é o momento mais sublime na vida de uma mulher? Resposta unânime: o nascimento de seu filho ou filha. Quem já teve o mérito de acompanhar esse momento de perto sabe de que milagre se trata. Não é à toa que a expressão em português é “dar à luz”. Há de fato muita luz neste instante ímpar e sagrado. O que muitos não atentam é para o fato de que esta ocasião iluminada deve grande parte desta luz aos instantes que antecedem ao grande clímax, ao modo como cada ser humano vem ao mundo: por meio do maior de todos os esforços físicos e emocionais para uma mulher. É tamanha dor e sacrifício que o Talmud isenta a parturiente de promessas que tenha feito neste momento – em geral relacionadas a não engravidar mais –, já que não se consideram as promessas de quem está sem suas plenas condições físicas e emocionais. É tamanho esforço, que a mãe que acaba de dar à luz é considerada pela *Halachá* como uma “doente que corre risco de morte”. Apesar de todo o sofrimento e sacrifício, apesar da primeira manifestação do momento mágico ser um choro, apesar de o bebê ainda não estar limpo, o que mais quer a mulher neste instante divino? Beijar seu bebê sentindo-o sobre si. Qualquer mulher, por mais sensível e delicada que esteja, se conseguir, vai implorar à enfermeira que possa ter imediatamente o seu bebê, mesmo antes dela o limpar. Um pai jamais vai entender de fato todo esse processo; mesmo que o momento seja sublime para ele também, afinal é o nascimento de seu filho ou filha. Mas a luz da atuação materna ele não tem condições de alcançar. Essa é uma excelente analogia para entendermos a diferença entre Moshe e Rabi Akiva, tendo este último se esforçado tanto para adquirir sua Torá, enxergou uma luz que Moshe não conseguiu enxergar.

MEMORIZAR É REVISAR

Certa vez, um aluno perguntou ao inigualável Rav Ovadia Yossef zt”l como deveria fazer para memorizar os conteúdos de seus estudos. Esclareçamos para quem não sabe, que o Rav Ovadia possuía uma memória prodigiosa, e revelava com exatidão em suas aulas as fontes de tudo que citava, invariavelmente a página e muitas vezes a linha da citação com precisão impressionante. O grande líder pediu ao rapaz que abrisse a Guemará no tratado de Baba Cama na página 77a pois iria lhe dizer o texto da Guemará de cor, na qual consta apenas uma linha e meia de Guemará! Ao se deparar com a página, o aluno se precipitou em dizer ao Rav que para decorar uma linha e meia ele se sentia perfeitamente capaz e que se referia às demais páginas tradicionais. O Rav Ovadia lhe respondeu que não havia pedido para abrir aquela página pela Guemará e sim pelos comentários de Tossafot. Em seguida, pediu que o rapaz colocasse o dedo no início deste segundo comentário e acompanhasse sua recitação e, como se apertasse o “*play*” em uma gravação, e enunciou cada palavra do enorme texto totalmente de cor. Assim que o Rav terminou, o aluno disse: “Isso, Rav! É a isso que eu me referia! Como faço para memorizar meus estudos desta forma? Qual o segredo?”. O grande Sábio calmamente lhe respondeu que depois de ter entendido esse Tossafot, simplesmente o estudou e revisou 200 vezes! Ou seja, apesar do talento natural, a mensagem do Rav Ovadia foi categórica: sua memória prodigiosa é fruto primordialmente do esforço. Agora, pensemos: 200 vezes! Quantos de nós têm paciência para ouvir um mesmo *shiur* pela segunda vez, (apesar de não lembrarmos de metade do seu conteúdo?) Estamos sempre em busca de novidades, mesmo em assuntos sagrados. Uma aula inovadora, um tema judaico revolucionário, novidades. Ir em busca de novidades é bom, mas se é em detrimento de rever conteúdos importantes e significativos – ou seja, abrir mão desta virtude ímpar que é o esforço – pode ser muito nocivo.

QUANTO MAIOR O ESFORÇO, MAIOR O PRAZER

Entretanto, a grande lição geral que emerge desses exemplos é uma máxima essencial para a vida: o prazer e a satisfação decorrentes de qualquer elemento, fator ou evento são absolutamente proporcionais ao esforço em adquiri-los ou alcançá-los. Em outras palavras, a intensidade e a duração do prazer ao fim de qualquer processo ou trajeto são diretamente proporcionais ao esforço durante

o percurso, em qualquer área de atuação humana. Qualquer coisa que vem fácil tende a ser desvalorizada. Por outro lado, qualquer conquista adquirida com esforço e sacrifício é guardada como algo de enorme valor e proporciona grande prazer. Seja em desafios intelectuais ou materiais.

Por que os atletas choram no pódio? Porque naquele momento de triunfo, eles se lembram dos sacrifícios hercúleos para se manter em forma, para baixar o tempo, para vencer seus limites. Os treinos puxados, a alimentação especial, a disciplina, a abstinência em prol de um melhor rendimento. É por lembrar de todo esse esforço acumulado que seu choro de alegria, de prazer pela vitória, é tão intenso. E o que dizer da mãe ou do pai de cada um destes mesmos atletas? Que emoção indescritível de júbilo ao lembrar de toda uma vida de dedicação, carinho, atenção, preocupação, participação, incentivo. É por isso que no casamento de um filho ou filha, um dos momentos mais prazerosos da vida dos pais, eles se emocionam tanto. É porque passa na cabeça dos pais um “filminho”, no qual aparecem desde o parto, às incontáveis trocas de fraldas e mamadas na madrugada, à primeira gargalhada, aos primeiros passos, ao choro do primeiro dia do Jardim de Infância, às provas, ao *Bar* ou *Bat Mitzvá*, à formatura, às consultas, aos cursos, às viagens, etc. E, por incrível que pareça, quanto mais trabalho ou “dor de cabeça” deu o filho ou a filha, mais prazer sentem os pais num momento de realização como a vitória ou o casamento dos mesmos!

Um aluno de *yeshivá* em Israel, chamado Levi, tinha muitas dificuldades em seus estudos. Com o ímpeto e a ingenuidade tipicamente adolescentes, decidiu consultar o grande Rav Shach, na *Yeshivá* de Ponevez, em Bnei Berak, em busca de orientação ou bênção especial. O rapaz entrou na longa fila que se formava diariamente para esperar pelo atendimento particular com o grande sábio. Finalmente atendido, Levi falou sobre seu problema e começou a chorar. Incrivelmente, o Rav Shach começou a chorar também! De repente, o idoso Rabino começou a preparar para si um chá, colocando o produto que costumava usar para adoçá-lo: mel. O jovem estranhou. No entanto, o Rav disse suavemente que nada acontecia por acaso. Nem o mel. E explicou: o mel, como se sabe, vem das abelhas. Mas a abelha incomoda. Ela faz um zumbido irritante. Ela pica e sua picada é bastante dolorida. E concluiu: “É deste inseto tão incômodo que sai um mel tão doce! Se você não desistir e continuar se esforçando,

certamente verá com a ajuda de D'us resultados doces como o mel. Seu prazer será enorme e somente seu. Ninguém tirará esta satisfação de você.”

Não há como escapar desta regra. O segredo é o esforço. Por trás do nascimento de um filho estão as dores atrozes do parto; por trás da realização no casamento ou do pódio há os anos de dedicação à educação ou aos treinamentos.

BEM VINDO AO SÉCULO 21

Ocorre que vivemos em um mundo que caminha a largos passos em direção oposta a esta valorização judaica do esforço. Entre tantos *posts* interessantes que as pessoas compartilham, um que veio justamente de Israel talvez mereça servir de símbolo das novas gerações chamadas de “nativas digitais” – ou genericamente chamada de Geração Ctrl+C/Ctrl+V, justamente pelo conceito que vamos abordar a seguir. Neste *post*, um cubo mágico – aquele subdividido em 54 cubos menores com seis variações de cores; um jogo cujo objetivo é organizar o cubo com uma cor em cada face – aparece com as cores todas misturadas ao lado de um pincel e a irônica inscrição em hebraico: “sempre há uma maneira mais fácil de resolver as coisas”. Para quem precisar de confirmação, a mensagem é pragmática e simples e a simbologia perfeita: para que perder tempo e investir tanto esforço quebrando a cabeça se com algumas simples e fáceis pinceladas se consegue o mesmo efeito? É só pintar cada lado de uma cor. Talvez alguns não vejam problema algum no conteúdo do *post* aparentemente inocente. Que problema há em buscar sempre o caminho mais fácil e confortável? Na verdade, a mensagem em termos judaicos é negativa. Esse *post* defende uma mentalidade e uma postura que cada vez mais preocupa pais e educadores em geral.

Para que perder tempo elaborando um trabalho complexo se com algumas colagens originárias da Internet, no melhor estilo “*copy-paste*”, se consegue um efeito muito parecido? Para que perder tempo e “queimar neurônios” com Guemarot tradicionais se é possível conseguir o mesmo entendimento ou até melhor com versões facilitadas com traduções e explicações em muito menos tempo? Sempre há uma maneira mais fácil de resolver as coisas. Muito grave! Afinal, quem vai sentir maior satisfação e prazer genuíno, quem resolver o cubo depois de uma hora ou alguém que ousar pintá-lo? Quem terá mais prazer

ao entender uma Guemará, quem conseguiu com uma edição tradicional ou aquele que usou uma versão facilitada? Eis, portanto, o desafio desta geração. Como consequência da obsessão por buscar sempre a via mais rápida, o caminho mais fácil e o processo com menos esforço, os jovens de hoje valorizam cada vez menos fatores, e o pior: sentem cada vez menos prazer!

E, como dissemos, a concepção judaica de estilo de vida ideal vai em direção contrária. E não faltam exemplos para demonstrar isto. O próprio nome principal do nosso povo – Israel – carrega um significado totalmente relacionado à valorização do esforço. Afinal, como surgiu esse nome? De que episódio provém este segundo nome de Yaacov *Avinu*? Do famoso episódio da luta entre o nosso terceiro patriarca e o anjo da guarda de Essav. Foi inclusive o próprio anjo que o chamou assim: “E disse: não, Yaacov não será mais teu nome, senão Israel, pois lutaste com (o anjo) de D’us e com homens e venceste” (Bereshit 32:29). Ou seja, Israel significa aquele que luta, que enfrenta. A ênfase está no verbo “*sarita*” (lutaste), de onde deriva o termo **Israel**, e não na vitória. A vitória ou a derrota são decisões divinas, mas a luta é esforço nosso! Por isso somos chamados de Bnei Israel – filhos de Israel –, porque viemos a este mundo para nos esforçarmos. E, de fato, somos um povo de inconformados, de ativistas, de engajados, de politizados, de revoltosos. Onde há um grupo de judeus haverá infinitas posições ideológicas defendidas ferrenhamente. Por que é assim? Qual a *kipá* “correta”? Qual o melhor partido político? Por que se sacrificar tanto por um tão pequeno pedaço de terra desértica? Porque está no DNA judaico lutar e se esforçar por ideais.

E esse conceito é verdadeiro para o Judaísmo em todos os âmbitos. E, voltando ao contexto dos estudos sagrados, como é a visão judaica da valorização genuína do estudo talmúdico? A resposta está na incrível afirmação: “No mundo vindouro não contarão quantas folhas de Guemará você estudou, mas sim quanto tempo dedicou ao seu estudo.” O que importa no estudo de Torá não é o conhecimento adquirido ou o conteúdo memorizado, mas sim o esforço.

SE ESTÁ FÁCIL DEMAIS, NÃO DEVE SER JUDAICO

No passado, na Ucrânia, como em tantos outros lugares, os judeus estavam à mercê dos humores de governantes a encarregados, que com ou sem motivos plausíveis enviavam judeus para uma viagem – em geral, só de ida – para

prisões ou campos de trabalho na Sibéria. Foi o que aconteceu aparentemente com quatro indivíduos, cujas identidades não foram reveladas, mas mobilizaram a comunidade judaica imediatamente. Após ouvir o boato e testemunhar ao longe que levavam os quatro para um confinamento temporário, a comunidade judaica começou a se organizar e, muito rapidamente, sob a orientação e a liderança do rabino, arrecadou quase toda a soma de dinheiro necessária para cumprir a sagrada *mitzvá* de resgate de prisioneiros ou reféns. Faltava uma quantia irrisória, quando surpreendentemente o Rav pediu que a campanha se encerrasse ali mesmo. Ao ser questionado pelos principais ativistas sobre o porquê daquela abrupta e estranha decisão, o rabino foi incisivo: “Se tudo ocorreu fácil e rapidamente demais, há algo de errado.” As pessoas não entenderam muito bem, mas obviamente seguiram as determinações do seu rabino. O fato é que o dinheiro não foi doado. Dito e feito. Dias depois, os quatro homens foram libertados e se revelou que tudo não passara de uma farsa! Os ativistas perguntaram se o Rav tinha poderes proféticos. O líder revelou seu segredo, esclarecendo seu suposto poder: é uma regra quase inquebrantável que, por trás de toda grande *mitzvá*, haverá uma atuação muito forte do *ietzer hará* (instinto negativo). Portanto, se as pessoas abriram suas carteiras com tamanha rapidez e generosidade, havia algum problema naquele processo. E esse é um princípio espiritual que vale para qualquer situação.

As concepções e valores estão de fato bem diferentes hoje em dia em termos da valorização do esforço, em seja lá qual for o contexto. A última (e quase inacreditável) novidade para facilitar a vida ainda mais e evitar esforços desnecessários vem da Alemanha. São os semáforos embutidos no chão das ruas. Isso mesmo. Por que a cidade de Munique decidiu adotar essa, digamos, nova tecnologia? Pasmemos! Com base em ocorrências registradas, em que “pedestres digitais” foram atropelados, tal providência serviu para evitar que mais acidentes ocorressem com os cada vez mais numerosos “grudes do celular”! Impressionante, mas é isso mesmo! Como é muito esforço desviar a atenção da tela viciante do atual amuleto sagrado – o celular –, melhor embutir semáforos no chão para que os pobres concentrados não se machuquem e percebam sem precisar tirar os olhos do celular se o semáforo está verde ou vermelho... Mas, sejamos compreensivos: como não preferir e não optar por passar de fase do joguinho ao invés de atravessar a rua com cuidado e segurança? Ou como des-

conectar-se do *chat* entorpecente para não dar de cara com outra pessoa, uma parede ou um poste? D'us nos livre! Analogamente, mas com a mesma distância entre céus e terra, há relatos de grandes Sábios, mesmo contemporâneos, que enfrentaram algumas vezes em seu cotidiano o contratempo de ter que se desviar de postes, tamanha a concentração em um livro judaico sagrado, enquanto caminham pelas ruas de Jerusalém ou Bnei Berak. O caso dos semáforos germânicos, de forma torta, nos ajuda a compreender um pouco mais a obstinação positiva desses grandes homens, justamente com os esforços de se manter constantemente conectados com conteúdos de Torá. Mas esta é uma postura cada vez mais rara. Vivemos o império da valorização do menor esforço.

Qual a relevância desta constatação para as lideranças rabínicas e educadores judaicos em geral? A relevância é simples e imediata: para aproximar judeus afastados da Torá, é preciso falar a linguagem vigente – isto é, a do *ietzer hará*. Em outras palavras, mesmo para falar de Torá e difundi-la é necessário usar o fator preponderante e atraente: a lei do menor esforço. Como se apresenta o Judaísmo para essas pessoas? Mostrando, a princípio, apenas os aspectos gostosos, prazerosos e confortáveis da Torá: “Venha na minha casa e sente-se à mesa de Shabat!” ou “venha comer na nossa *Sucá!*” “Que gostoso, este é o verdadeiro judaísmo”, “e mais um filminho para vídeo-debate, e mais um sushi ‘na faixa’ para acompanhar, porque ninguém é de ferro!” Todas essas estratégias são louváveis e maravilhosas e se baseiam no princípio legítimo judaico “*mitoch shelo lishmá bá lishmá*” – a pessoa começa agindo sem intenções elevadas, mas com o tempo acaba incorporando o espírito, compreendendo a grandeza e cumprindo com todo o coração. Contudo, a necessidade destas mesmas denota um sintoma da nossa geração, principalmente aqui na nossa diáspora brasileira. Uma postura que caberia numa hipotética e metafórica frase: “Só cumprirei o Judaísmo se ele me for ‘dado de colher na boca’”.

Afinal, o Judaísmo não se resume em comidas gostosas de Shabat. Temos algumas datas felizes e outras tristes no nosso calendário. Temos incontáveis leis relacionadas a Mitzvót que requerem esforço e comprometimento. É preciso lembrar que, como um manual para a vida, o Judaísmo abarca também as partes difíceis e menos agradáveis dela. Mas essa é justamente a sua beleza! E mais: somente com esta abordagem e esta convivência com todas as 70 faces da Torá o judeu vai criar uma conexão profunda e cultivar seu amor pelo Gran-

de Autor da mesma! Não admira que, ao vivenciar um Judaísmo fácil, a pessoa diga que não sente tanto amor pela religião. O amor e o prazer em cumprir a Torá vêm justamente dos esforços e sacrifícios que D'us exige de nós.

É notório: os seres humanos estão bem mais frágeis do que há algumas décadas. Quantos livros, cursos, palestras e oficinas de um tema que só cresce em todo o globo – a autoajuda! Por que tanta demanda por essa literatura? Porque qualquer pequena trepidação à altitude de cruzeiro no voo dos passageiros do século 21 é considerada uma assustadora turbulência. É uma tendência em nível mundial: toleramos muito pouco e cada vez menos esforço, cada vez menos sacrifício. Voltemos a São Paulo: livros judaicos, *sidurim*, *kipot*, de graça! *Tzitziot* sendo presenteados na sinagoga, que iniciativa maravilhosa! Mas o efeito colateral são os jovens que se acostumam a adotar ou assumir qualquer prática “só se for de graça”. E mais: “ao aceitar, faço um favor ao doador!” ou “se ‘eles’ querem que eu coma *matzá*, que me deem de graça”. Cadê o esforço de Yehudá? Nos EUA não há livro de graça, qualquer artigo judaico deve ser pago. Os que promovem estas campanhas são grandes justos, mas, como dissemos, o efeito colateral destas mesmas é o mau costume de valorizar o que vem facilmente, sem empenho.

EASY COME, EASY GO

No Livro Chaiei Adam, uma das obras importantes da *Halachá*, escrito pelo Rabino Avraham Danzig, o chefe do Beit Din de Vilna na época do grande Gaon de Vilna, consta no capítulo 68 o título “Regras que se deve cuidar em qualquer *mitzvá*”, e na regra 16: “Não cumpra *mitzvot* de graça”. O que isto significa? Que simplesmente não se deve cumprir qualquer *mitzvá* de forma gratuita. Que para alcançar degraus espirituais mais altos, não basta cumprir *mitzvot*, é preciso procurar não cumprir essas mesmas *mitzvot* pelo caminho mais fácil e cômodo. O rav Danzig traz para esta orientação uma fonte bíblica respeitável: o Rei David não pechinhou na compra do terreno para a construção do primeiro *Beit Hamicdash*, preferindo pagar o valor integral, o preço cheio pelo sagrado pedaço de terra, sem parcelamentos ou descontos. E completa o Chaiei Adam que o Zohar é muito rigoroso com este assunto. O principal livro da Cabalá explica que cada *mitzvá* que cumprimos neste mundo tem a função de retirar “camadas” que envolvem a alma e a separam e distanciam do plano espiritual.

Estas só são totalmente removidas se a *mitzvá* é praticada com algum custo, que pode ser o esforço e o sacrifício em realizá-la. Claro que o cumprimento de uma *mitzvá* de qualquer maneira gerará mérito e bons fluidos espirituais, mas somente quando se investe recursos, suor ou lágrimas se alcança o ideal nestes processos. Por exemplo, o Munkatsher Rebe esclarece que o costume de se incentivar o indivíduo que subiu à Torá para as leituras semanais, ou no Shabat, ou durante as festas judaicas a doar uma quantia para *tzedaká* (ou qualquer outro objetivo sagrado) não é uma prática que surgiu de uma remota campanha de arrecadação de verba para a sinagoga. Esse costume foi instituído justamente para dar mais uma possibilidade de as pessoas eliminarem essas camadas ao cumprirem uma significativa *mitzvá*, pagando (neste caso, literalmente) pela mesma.

Eis mais um exemplo inspirador. Há pouco tempo foi divulgada nas mídias e redes sociais uma foto de um *Tefilin* especial muito pequeno, muito menor do que os modelos que estamos acostumados a ver hoje em dia. Com a foto vinha o texto explicativo: “Esse *tefilin* foi feito durante o Holocausto, propositalmente deste tamanho mínimo para que os nazistas não o percebessem.” Por que mesmo em plena ditadura do menor esforço, as pessoas continuam se admirando, valorizando e divulgando esse tipo de conteúdo? Porque lá no fundo, no nível mais íntimo da alma, sabemos que quanto maior o sacrifício, maior o valor. Apesar da distância no tempo, no espaço e na mentalidade, nos solidarizamos com a obstinação e a perseverança daqueles judeus que em situações sub-humanas – muitas vezes sob o custo de abrir mão da razão que os mantinha vivos por um fio – faziam de tudo para cumprir *mitzvot*, das quais talvez estivessem isentos, diante do perigo de vida iminente e constante.

O RIGOR SAUDÁVEL E REDENTOR

Algumas pessoas sentem falta de relatos oriundos do universo *sefaradi* nos conteúdos das nossas aulas – afinal, este que vos escreve, é *chalabie!* E aqui satisfaço tais pedidos, trazendo relatos das antigas comunidades de *Chaleb* (Alepo), bem sugestivos e adequados ao tema que desenvolvemos neste capítulo. Eis alguns dados sobre o estilo de vida das comunidades judaicas *chalabim*: nas escolas básicas judaicas de Alepo se estudava 7 horas por dia, inclusive aos domingos; no Shabat, após a *Tefilat Shacharit*, as crianças estudavam mais

três horas! (Imaginemos uma proposta como esta em qualquer escola judaica atual! Três horas de estudo no Shabat?). E o rigor daquelas escolas? Os alunos tinham que acompanhar os textos sem tirar o dedo do livro! E as condições financeiras? Para a maior parte da comunidade, os *Tefilin* eram obtidos por doação de parentes mais abastados. A festa de *Bar Mitzvá*? Celebrada com poucos amigos e uma bandeja de doces simples. Não se costumava ganhar presentes. E depois desta comemoração simples, o menino ia no mesmo dia normalmente para a escola. Um relato como este seria considerado nos padrões vigentes como exagerado, cruel e “não saudável” para o desenvolvimento dos jovens na nossa geração, mas é importante estarmos cientes de como éramos esforçados há relativamente muito pouco tempo. O fato indiscutível é que destas comunidades brotaram centenas de judeus eruditos em Torá, sem exercer funções rabínicas ou profissionais de alto nível.

Por termos mencionado o universo escolar, reflitamos sobre como os próprios pais têm se envolvido nos processos educacionais de seus filhos neste início de século 21. Invariavelmente, muitos pais mimam e superprotegem demais seus filhotes e, ao mesmo tempo, criticam, questionam em demasia e desautorizam os professores e a estrutura escolar em geral. Não aceitam as repreensões ou punições que os filhos merecem receber dos educadores e protagonizam cenas explícitas e lamentáveis de submissão aos rebentos desrespeitosos, rebeldes e prepotentes. Nos casamentos não é diferente. Quantos jovens não desistem precocemente de um relacionamento por causa da segunda discussão? “Não é pra mim!”, dizem ao menor sinal de pequenas divergências ou qualquer percalço trivial. Finalmente, em termos de fé ocorre o mesmo. Quantas pessoas fazem declarações do gênero “as coisas não estão dando tão certo, D’us certamente se esqueceu de mim”? Uma vergonha! Quanto sofrimento nossos avós passaram até chegar ao Brasil, tenham vindo da Europa ou do Oriente Médio, muitas vezes com a roupa do corpo e jamais questionando os decretos divinos? Todos esses exemplos são indícios da enfermidade que assola o mundo contemporâneo: a fragilidade excessiva que propicia o vício do menor esforço.

Em suma, quanto mais tempo, esforço ou emoção investirmos em nossas *mitzvot*, mais mérito e benefícios espirituais vamos obter; quanto mais investirmos empenho e sacrifício em nossas vidas, mais teremos proveito e prazer

verdadeiros. Quanto mais dedicação, mais valor e mais amor. Se veio fácil, vai fácil. Se custou caro, porém, será mais valorizado, será mais autêntico, será mais legítimo. Será mais judaico.

Agora, podemos retornar à nossa introdução. *Adam e meod* (*ser humano e muito*) não são termos que formam um anagrama simples e aleatório. A relação entre os dois conceitos é total. São as mesmas letras para demonstrar que o **ser humano** pode **muito**! O potencial de influenciar positivamente o entorno e fazer a diferença de cada indivíduo humano só pode ser classificado por um advérbio como este: muito! Não é à toa também a utilização da expressão (de difícil tradução) “*meodecha*” em um dos mais fundamentais versículos de toda a Torá: “E amarás ao Eterno, teu D’us, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas posses (*meodecha*)” (Devarim 6). Devemos amar a D’us e cumprir Suas *mitzvot* com todas as nossas posses e possibilidades, investindo nosso máximo potencial.

Que possamos encarar os desafios e dificuldades da vida como os meios mais efetivos de crescimento espiritual, de lapidação humana. Que, para isso, encontremos sempre o “*meod*” que cada um de nós carrega em sua alma.

VOCÊ JÁ PENSOU O QUE FARIA SE
GANHASSE NA MEGA-SENA?



“

É incrível pensar que o poder do marketing e da imaginação remontam a *Adam Harishon*.

”

PROPAGANDA E MARKETING SOB A ÓTICA JUDAICA

Quando falamos em propaganda e marketing, parece estarmos mencionando algo fora da nossa realidade. Grande engano! Grande parte de nossas vidas e decisões se baseiam nesses dois fatores. Não é à toa que se diz que “a propaganda é a alma do negócio”. No entanto, devemos estar atentos para não nos deixarmos levar por mensagens e ofertas superdimensionadas às quais estamos expostos todos os dias.

OS QUE TÊM (E OS QUE NÃO TÊM) PARTE NO MUNDO VINDOURO

Está escrito no último capítulo do Tratado de San’hedrin que todo o povo de Israel tem uma parte no Mundo Vindouro. No entanto, isto é válido até que, D’us nos livre, ocorra uma exclusão e se perca este direito. A Guemará Sotá (42a) nos conta que este “visto” para o Mundo Vindouro tem certas restrições. Há quatro grupos de pessoas que não terão o mérito de usufruir dele depois de cento e vinte anos bem vividos. É interessante frisar que essa exclusão não se dá, em muitos dos casos, pelo fato de essas pessoas transgredirem grande parte das 613 *mitzvot*, mas sim por certos tipos de comportamentos antiéticos que são repulsivos aos olhos do Criador.

No primeiro grupo estão as pessoas que deboçam de tudo. Não se trata de pessoas bem humoradas que contam piadas, mas de quem zomba de valores corretos. O segundo é o grupo formado por pessoas que mentem. O terceiro grupo são os bajuladores e, por último, aqueles que falam *lashon hará* (maledicência).

OS MENTIROÇOS

Vamos nos aprofundar no grupo dos que mentem e que D'us não aceita no Mundo Vindouro.

Como o Talmud prova que o mentiroso não terá o mérito de se beneficiar da presença do Todo Poderoso?

Está escrito nos Salmos (cap. 101): “O que fala mentiras não ficará frente aos Meus olhos.” *Rabênu* Ioná nos explica o que quer dizer mentira. Em seu livro *Shaarê Teshuvá* – no terceiro portão –, ele diz que existem nove categorias de mentira.

A título de exemplificação, mencionemos a oitava categoria. Suponhamos que se dedique certa honra a uma pessoa que terminou um determinado número de tratados do Talmud. Se Reuven tiver terminado dois tratados do Talmud, por exemplo, ele merecerá certo nível de respeito. Mas suponhamos que Reuven tenha terminado somente um tratado (e não dois) e estão lhe dando respeito como se ele tivesse terminado dois. A postura exigida de Reuven seria dizer “eu sei só um tratado, e a honra que você está me dando, eu de fato não mereço”. Devemos evitar a mentira até em detalhes como este!

David *Hamelech* diz algo nos Salmos, e que nós repetimos diversas vezes quando rezamos o *Halel* (trecho da reza que se faz em ocasiões festivas): “*Kol adam kozev*” (“todos são mentirosos”). O que ele quis dizer é que existem tantos tipos de mentira que ninguém está isento delas. A mentira é tão grave que mesmo mentir para uma criança sobre algo fútil ou bobo é um problema. Quando uma criança pergunta, por exemplo, “pai, você foi a tal lugar?”, se ele não tiver ido, é proibido pela Torá dizer para a criança que sim. Segundo o Talmud, se essa pessoa mentir, não merecerá estar diante da presença Divina.

ATÉ ONDE DEVE IR A PREOCUPAÇÃO COM A MENTIRA?

Certa vez o Rav Aharon Kotler, diretor da Yeshivá de Lakewood, encomendou a elaboração de um prospecto de propaganda da *yeshivá*. Quando viu o resultado final, o rav pediu para que se fizesse uma alteração, argumentando que uma das fotos do *Beit Hamidrash* mostrava algumas árvores ao fundo, que na realidade não existiam. O rav Aharon disse: “Como eu poderia permitir divulgar um prospecto que não mostra exatamente a verdade?”.

Uma das grandes missões do ser humano é “peneirar” a mentira que existe no mundo e ficar apenas com aquilo que passa pela peneira, ou seja, a verdade.

ADÃO, EVA, A COBRA E O PODER DA IMAGINAÇÃO

Sabemos que D’us deu a Adão, o primeiro homem, um teste: não comer da árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. O pecado de Adão foi tão grave, que ele modificou todo o planejamento divino para a humanidade. Antes dele era pressuposto que o homem viveria por toda a eternidade. Não haveria o conceito da morte, a dificuldade para educar as crianças, as mulheres não teriam enjoos durante a gravidez. No entanto, o planejamento foi alterado em consequência do erro de Adam e Chava.

Mas o que havia exatamente de tão atraente na árvore do Bem e do Mal?

O Sforno, um dos comentaristas da Torá, pergunta como a cobra incitou Adam a comer da árvore. Afinal, lembremo-nos de que tanto o pai quanto a mãe de Adam e Chava eram um só, D’us! Se eles eram pessoas tão especiais, como então, foi possível enganá-los e fazê-los cometer um pecado? Qual foi a tática usada pelo animal mais astuto que havia no mundo?

O Sforno diz que a cobra fez sua vontade valer através de um detalhe muito importante: a imaginação. Esta foi a artimanha encontrada por ela para convencer Adam e Chava. O Talmud nos conta que eles eram homens-anjos, que conseguiam ver a história universal de toda a eternidade, mas foi através da imaginação que a cobra agiu. Ela os fez imaginar o que estavam perdendo por não comerem daquela árvore! A Torá descreve o cheiro e a aparência da árvore que a cobra estava mostrando para Adam. Hoje se fala muito no mundo da imaginação, da fantasia, mas vale lembrar que isso começou há mais de cinco mil anos, quando o mundo foi criado.

Antes de Adam comer da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, todos os prazeres eram objetivos, até que veio a cobra e tentou o primeiro homem, dizendo que tudo era mais gostoso do que ele podia ver. A artimanha foi vender o conceito do desejo, do prazer subjetivo, e não mais objetivo.

A cobra disse para Adam e Chava que se eles comessem da árvore, seriam como D’us, sabedores do que é bom e do que é ruim e que o Criador, D’us nos livre, tinha medo de perder o seu poder. Foram duas mentiras, que

tiveram o poder de mudar toda a dinâmica do mundo! Tudo o que ocorreu foi um plano muito bem pensado, que se utilizou de uma arma poderosa: a fantasia, a imaginação.

O que o Rei David quis dizer ao escrever “todos mentem” não é que as pessoas saem contando mentiras por aí, mas sim que muitas vezes vivemos num mundo da imaginação, aquele que foge da realidade que D’us deu ao mundo.

UM ENSINAMENTO OCULTO NA TORÁ

As primeiras palavras que estão na Torá são: “*Bereshit (tav) Bara (alef) Elokim (mem)*” (No início D’us criou). Pegando a última letra de cada palavra, em outra ordem, forma-se a palavra *emet*, verdade.

Mais brilhante ainda é o que está escrito na finalização da criação do mundo (que dizemos no *kidush* de Shabat, às sextas-feiras): “*Asher bará (alef) Elokim (mem) laasot (tav)*”. Nesse caso, pegando as últimas letras, mas agora na ordem certa, ou seja, o *alef* de *Bara*, o *mem* de *Elokim* e o *tav* de *laasot*, formamos a palavra *emet*. Aqui não precisa de rearranjo, a palavra foi escrita na ordem correta!

Por que no começo estava escrito *emet* (verdade) de forma embaralhada e no fim, quando se completa a criação, a palavra *emet* vem na forma ordenada? Porque quando D’us criou o mundo a *emet* estava escondida. O trabalho do homem, depois que foi criado e terminou o sexto dia, é fazer com que ele possa olhar o mundo e ver a verdade que tem dentro de si.

A VERDADE NO MUNDO MODERNO

No século XXI, encontrar a verdade está cada vez mais difícil. Com tanta tecnologia e imaginação, uma pessoa pode ligar um computador e passar horas a fio jogando com pessoas do mundo inteiro, e depois de tanto tempo dizer que nem se deu conta de ver o tempo passar.

Logo depois que Adam pecou se explicou a Hashem justificando o porquê de ter comido o fruto proibido, ele disse: “A mulher que você me deu, foi ela que me deu o fruto e estou comendo” (Bereshit, 3:12).

“Estou comendo?”, pergunta o *Midrash*. Deveria estar escrito: “Ela me deu e já comi.” Já tinha acontecido o fato!

Diz o Rav Shimon Schwab: é claro que Adam não disse para D’us que iria continuar comendo da árvore. O que ele quis dizer foi: até agora não era da minha natureza comer, mas agora, já que comi da fruta, a não ser que eu me controle, a minha natureza será “estou comendo”, pois o pecado já virou parte intrínseca da minha pessoa.

Isso mostra que se a pessoa não lutar para mudar sua natureza, ela ficará engajada nesse mundo de prazeres e será enganada por quanto vale cada um dos prazeres. Na verdade, o prazer em geral nem tem tanto valor quanto nós atribuímos a ele.

SOMOS LEVADOS PELA IMAGINAÇÃO

Quem nunca passou numa casa lotérica e viu a placa falando do prêmio acumulado? A pessoa pensa: “São apenas R\$ 3,50. Acho que ninguém ganha, mas vamos tentar!” Então, ela entra e fica na fila. Enquanto espera, começa a sonhar e pensar que esse prêmio permitiria que ela ficasse passeando no shopping com a esposa, se quisesse, em Miami. Com o cartão de crédito ela nem teria tempo de gastar tudo que ganhasse. Ela começa então a pensar onde iria morar, talvez metade do ano na praia e a outra na cidade. E pensa que obviamente vai dar o dízimo para D’us, e por aí vai.

A pessoa pode não ganhar nada, mas só o sonho já valeu os R\$3,50 e ela se sente o máximo só com isso! Essa é a força e o poder único que a cobra viu e que conseguiu incitar em Adam e Chava. A cobra não achou mais nenhum ponto fraco, só esse: a imaginação.

Vejamos um exemplo da Torá de como as pessoas deturpam a verdade.

UM POVO QUE COMIA PEIXE DE GRAÇA?

Na *parashat* Behaalotechá é narrado o episódio em que o povo, cansado de comer o *man* (o alimento que recebiam de D’us diariamente no deserto), reclama e diz: “Lembramos do peixe que comíamos de graça no Egito.”

Os comentaristas ficam perplexos diante dessa afirmação feita pelo povo. Quer dizer que no Egito eles comiam peixe de graça? Claro que não. Eles não ganhavam nada, afinal, eram escravos! Eles mal recebiam a palha para fazerem

os tijolos. Como é possível então fazer uma afirmação dessas? A explicação é o que diz o versículo da Torá: “Nos lembramos do peixe que vamos comer no Egito” (“*Zacharnu et hadaga asher nochal bemitzraim hinam*”. O verbo *nochal* em hebraico, denota o tempo futuro, “comeremos”!)

Mas aparentemente há algo de errado na construção da frase. “Eu me lembro do peixe que nós vamos comer”? Que tipo de português é esse? O versículo deveria estar escrito no passado!

Vejamos que resposta incrível! O livro *Kemotze Shalal Rav*, escrito por Rabi Avraham Yisrael Rosenthal, traz a seguinte explicação: o povo nunca comeu peixe no Egito, já que eram escravos, mas falaram *asher nochal* (comeremos), no futuro, pensando naquele peixe que sempre imaginaram e nunca comeram! É dele que o povo estava com saudade. Vejam como é a cabeça de uma pessoa: ela começa a imaginar tantas vezes a mesma coisa que em sua crença, seja criança ou adulto, que aquilo acaba se tornando realidade.

O PODER DO INCONSCIENTE

Vejamos até onde a parte subjetiva do nosso cérebro tem uma participação viva e diária em nossas vidas.

É notório que, às vezes, sentimos mais ou menos simpatia por certas pessoas, independente de as conhecermos. De onde vem isso?

De fato, essa é a alma do marketing: tudo é baseado em como vai ser. Por exemplo, considere um jogador de futebol que faz uma propaganda de celular e ganha milhões por isto. Na verdade, qual a relação entre o jogador e o celular? Nenhuma! Mas o dono da empresa de celular mesmo assim gasta uma fortuna com a propaganda. Ele está explorando a imaginação: no subconsciente das pessoas, elas acham que comprando o mesmo celular do jogador se tornarão tão bem sucedidas quanto ele.

Fontes científicas dizem que o cérebro do ser humano funciona de modo que dentro de nós há um sentimento positivo ou negativo em relação a determinadas pessoas – e quando eu vejo alguém semelhante a elas, eu gosto ou desgosto de tal indivíduo. Pode ser que isto ocorra somente à primeira vista, e que quando a pessoa abra a boca a gente mude de opinião. Mas aquela primeira imagem, de onde veio?

Vejamos como o nosso intelecto é incrível: a simpatia que temos (ou não) ao conhecermos alguém provém do nosso subconsciente relacionar esta pessoa a outra que já conhecíamos anteriormente e que gostamos ou desgostamos.

COMO O MARKETING USA O INCONSCIENTE

Mais um exemplo espetacular do subjetivo influenciando nossas atitudes: é aí que entra o marketing. Nos Estados Unidos fizeram uma pesquisa que mostra que quando o personagem da embalagem de um produto “está olhando” diretamente para o consumidor há 16% de chances a mais de a pessoa comprá-lo.

Na embalagem de sucrilhos para as crianças, por exemplo, perceberam que os olhos do personagem (tigre Tony) estão olhando para baixo, já que quem incita a mãe a comprar esse tipo de produto é a criança quando vai com ela ao supermercado e normalmente é mais baixa do que a prateleira, onde o produto está exposto.

Já no cornflakes, para adultos, o personagem na embalagem está olhando para frente, pois está na altura dos olhos de quem consumirá o produto. Esse pequeno detalhe faz uma grande diferença no volume de compras. Isso sem mesmo nós nunca termos nos dado conta disso!

Muitas vezes o supermercado tem uma esteira rolante que desce e, na subida, ela é um pouco mais inclinada, e por isso demora mais para percorrer. Por quê? Porque quando o consumidor está subindo, ela vai mais devagar e, sendo assim, encontra produtos que não estava imaginando que precisava, e acaba levando. Vejam como é o marketing e até que ponto ele age na cabeça do ser humano! É incrível pensar que o poder do marketing e da imaginação remontam a Adam *Harishon*.

QUANDO O MARKETING É POSITIVO

O Chafetz Chaim, no seu comentário Biur Halacha sobre as leis de Yom Tov (cap. 529), diz que não se deve economizar com os gastos para Yom Tov. Ou seja, compre um vinho melhor, uma boa carne, uma roupa nova. Mas, alerta o Chafetz Chaim: não interprete a Lei de forma equivocada – não caia no mundo da imaginação. Em qualquer outro dia que não seja Yom Tov, o Shulchan Aruch não te permitiu gastar mais.

A IMPORTÂNCIA DE SABER RECONHECER QUAL É O NOSSO NÍVEL

O Chafetz Chaim fala que o sustento que o indivíduo terá durante o ano é decretado em Rosh Hashaná. Portanto, não podemos viver como gostaríamos que fosse, mas sim cada um segundo a sua situação, pois caso gastemos mais do que D'us nos atribuiu para aquele ano, ficaremos devedores. O grande sábio já falava disso há oitenta anos, quando ainda não havia os *shopping centers*.

O correto é comprar só aquilo que está dentro das suas possibilidades, parar de reclamar dizendo “eu queria ter mais”. Só é permitido fazer isso em Yom Tov e Shabat, nas demais ocasiões temos que viver segundo os nossos meios e não no mundo da imaginação. Por exemplo, se uma pessoa faz uma festa, esta deve ser compatível com as suas posses, e não levando em conta o que vão falar dele e da festa. Querer ostentar uma vida que não se pode ter é viver na imaginação.

O mesmo se aplica ainda quanto à idade; a pessoa deve viver segundo a sua capacidade e a sua idade. Se um jovem de doze anos sentar em um escritório de investimentos em ações, ele certamente não terá o mesmo desempenho que um adulto de trinta anos. Os interesses e competências são diferentes. Por outro lado, ver senhores de setenta anos se comportando como jovens de vinte e cinco é antinatural. Se uma mulher tem sessenta anos, mas quer se vestir igual a uma moça de dezoito, o que está acontecendo? Todos esses exemplos têm como base um conceito chamado realidade, conhecer quem somos e viver de acordo com isso. Isto é ao que se refere o conceito de *sameach bechelcô* (estar feliz com o que se tem – seja monetariamente, socialmente ou com a aparência).

Há pessoas que passam a vida inteira reclamando da situação econômica e estética. Algumas dizem que gostariam de ter casado com outra pessoa e isso causa vinte e quatro horas de pensamentos imaginando como seria. Isto é um problema, pois essa pessoa está vivendo em um mundo paralelo. O casamento é uma permanente construção e não é porque as coisas não são perfeitas que devemos descartar ou desvalorizar a realidade em que vivemos. O mais inteligente seria estarmos conscientes e valorizarmos o que já possuímos, vivendo e aproveitando ao máximo a nossa realidade, pois assim mais felizes seríamos.

Quando pequenos achávamos que existia um tesouro no fim do arco íris. Às vezes pode ser que ele esteja bem debaixo dos nossos narizes, só temos que saber vê-lo.

A tecnologia de hoje e as campanhas de marketing ajudam a “hipnotizar” as pessoas e levá-las rumo a esse mundo da imaginação. O primeiro iPhone foi lançado em 2007 e de lá até agora já apareceram inúmeros modelos mais novos, e a cada versão lançada tem que ter uma novidade. Quando lançam um modelo, os próximos a serem lançados já estão prontos. Então, por que já não lançam de uma vez o modelo mais moderno?

A resposta é que eles querem que a pessoa viva no mundo da imaginação. Nesse mundo que não é real, o prazer tem uma duração de vida relativamente curta. Quando ele começar a diminuir, não precisamos nos preocupar, pois será lançada uma nova versão e assim vai vivendo a sociedade.

Estão sempre criando coisas novas e o homem cai na ilusão de que tendo determinado bem será mais feliz... Até lançarem a próxima novidade. Temos que saber que não podemos basear a nossa felicidade em um prazer ou em um bem de consumo, pois tudo isso é muito limitado e efêmero.

Os Sábios nos dizem que essa é a mesma dinâmica de beber água salgada. Suponha que você entrou no mar, engasgou e engoliu um pouco de água. Aí você bebe um pouco mais da água salgada para desengasgar. A água te dá sede... e isto não tem fim.

O NOME DO ANJO DE ESSAV

A Torá conta que o anjo de Essav brigou com Yaacov. Depois da luta, diz a Torá que Yaacov perguntou ao anjo de Essav qual era seu nome. O anjo respondeu: “Por que você está perguntando o meu nome?”. E, no final, o anjo não responde à pergunta.

Mas nossos Sábios dizem que, na verdade, o anjo respondeu. O comentarista Malbim diz que a fala do anjo não se trata de uma pergunta retórica, mas da própria resposta dada por ele.

O anjo de Essav, que era o instinto negativo, está dizendo: você pergunta meu nome? Não tenho nome! Meu nome varia de geração para geração. Eu sou o vazio que tenta preencher as pessoas, enganando-as. Em cada geração eu vou usar um nome e uma máscara, uma roupa e fantasia diferente.

RASHI E A TZNIUT (RECATO)

Um comentário interessante de Rashi nos escritos dos profetas nos ensina o conceito de *tzniut*, recato. Quando uma mulher não se veste com recato, conforme os conceitos da nossa sagrada Torá, o problema não é somente o que o homem viu. O problema também está no que ele não viu, o que ficou em sua imaginação.

Vejamos por que D'us criou a imaginação no indivíduo.

A IMAGINAÇÃO POSITIVA

A imaginação tem pontos espetaculares, claro. Existe uma *mitsvá* da Torá que ordena lembrar do Monte Sinai e da outorga da Torá, com trovões e raios, toda aquela magnitude... O Rav Shlomo Wolbe diz que só é possível fazer isso usando a imaginação. Este é um exemplo dos seus aspectos positivos.

Às vezes as pessoas se queixam do trabalho ou da faculdade, dizendo que está difícil levar adiante. Mas tente usar a imaginação e se enxergar alguns anos para frente, terminando a faculdade. Está difícil educar os filhos? Feche os olhos, ligue uma música clássica e tente visualizar o casamento deles e você estando lá junto. Isso vai te dar força! Esses são exemplos da imaginação sendo utilizada de forma positiva.

O Rav Israel Salanter costumava alertar os adultos sobre o respeito que se deve ter com a imaginação infantil. Por exemplo: um pai vê uma criança brincando de barquinho na banheira. O seu filho diz: “Olha o barquinho subindo, olha a onda, bombordo, vai virar...” E o que o pai responde para o filho? Diz que é para ele “cair na real”, que aquilo não é um barco, é somente um pedaço de papel... Rav Israel diz que fazer isto é um crime! Afinal, quando a imaginação é utilizada para coisas saudáveis, ela se torna uma bênção!

Há uma Lei no Kitzur Shulchan Aruch que diz que um pai e uma mãe nunca podem dizer ao filho que não fez a lição ou estudou para uma prova que ele irá ficar trancado no quarto e o “lobo mau” vai vir buscá-lo. Isso é proibido porque, além de mentir, você está fazendo certas coisas virem à cabeça da criança. Nós sabemos que é besteira, mas a criança não, e ela pode até achar que o lobo mau é verdadeiro e vai segui-la na rua. Nós, pais, não devemos alimentar a imaginação ruim na cabeça de uma criança.

Que tenhamos o mérito, se D'us quiser, de cada vez mais conhecer a verdade na vida, sair da fantasia e saber viver bem a realidade, com o corpo, a Torá, a idade, o dinheiro e a saúde que temos.

APRIMORANDO NOSSO
RELACIONAMENTO COM
OS OUTROS



QUEM FOI MESMO QUE
INVENTOU A DINAMITE?

“

É claro que a bondade
deve se expandir para fora,
mas primeiro deve ser
praticada em casa.

”

A Torá é tão bela! Ela tem textos muito conhecidos, mas a cada vez que a lemos algo novo aparece – um novo ensinamento, um diamante que antes não havia sido percebido.

AS VISITAS DE ABRAHÃO

A Torá conta que Avraham *Avinu* recebeu anjos após ter feito o *Brit Milá* em si mesmo. Na ocasião, ele tinha 99 anos dos 175 que viveu. Ela ainda conta que, com essa mesma idade, Avraham foi chamado por D’us de *zaken*, uma pessoa idosa.

Quando ele recebeu os anjos era o terceiro dia do *Brit Milá*, que se costuma dizer que é o dia mais dolorido de todos. Reflitamos sobre quantos motivos não teria Avraham *Avinu* para depois do *Brit Milá* não receber visitas.

O maior motivo era o simples fato de que não havia visitas a receber, já que não havia ninguém passando naquele dia perto de sua tenda!

O segundo é justamente o que motivou a falta de passantes: o intenso calor, que causava muito cansaço nas pessoas em geral e nele próprio.

O terceiro, o fato de ele ter 99 anos e ter acabado de fazer em si mesmo o *Brit Milá*, sem nenhum anestésico.

Um quarto motivo que poderia isentá-lo de receber visitas era que os homens que apareceram na porta da sua tenda eram três “árabes” que ele nunca tinha visto, e que poderiam representar um perigo.

Por estes quatro motivos Avraham poderia muito bem ter ficado sentado na sua tenda. Mas a Torá conta que Avraham queria receber visitas e rezou a D’us por isso.

No entanto, Avraham pediu aos árabes se, por favor, poderiam lavar os pés. Nesse momento, ele percebeu que eles eram idólatras. Lembremo-nos que Avraham *Avinu* propagava o monoteísmo. Assim, ele pensou que D'us não tinha escutado a sua reza e que tudo tinha dado errado. Avraham tinha rezado para que viessem pessoas que ele pudesse ajudar mas, no entanto, apareceram pessoas que não eram as que ele esperava. Apesar de tudo isto, ele correu e se apressou para receber as visitas, pedindo: “Por favor, venham e passem pela minha tenda antes de continuar viagem.”

E a pergunta que surge é: por que, apesar de todos esses motivos que isentavam Avraham *Avinu*, ele rezou para D'us, recebeu as visitas que não eram as que ele esperava e ainda lhes saudou com todas as honrarias?

O LEMA DE AVRAHAM AVINU

O Rav Itzchak de Volozhin, filho do grande Rav Chaim de Volozhin e aluno do Gaon de Vilna, conta que seu pai sempre dizia uma expressão que pode ser considerada o lema de Avraham *Avinu*: *lo leatsmo nivra* – o homem não foi criado para si mesmo.

Ou seja, o homem não foi criado para satisfazer apenas os seus interesses e olhar só para o seu próprio umbigo. Foi isso que levou Avraham *Avinu* a se perguntar por que ele estava no deserto sem visitas e o motivou a sair e procurar pessoas para poder beneficiar.

Todos nós viemos ao mundo para agregar valores a um grupo, seja a outros judeus, seja ao mundo todo. Nos seus pensamentos de como poderia ajudar o mundo, o povo e as pessoas, Avraham *Avinu* rezou para receber visitas.

APLICANDO O LEMA DE AVRAHAM

Como podemos aplicar este lema em nossa vida?

Em geral, o que acontece é que as pessoas pensam em como podem lucrar mais, como ter uma casa melhor, como ter férias maravilhosas... Todas estas são coisas muito boas, mas voltadas somente para si próprio. Isso é pensar somente no “eu”.

UM MIDRASH INTERESSANTE

No Midrash Rabá de *Parashat Vaietsê* entramos em contato com a história de Yaacov *Avinu*, que estava procurando uma esposa. Ao chegar a uma cidade, ele e a sua comitiva se dirigiram diretamente ao poço local, lugar de encontro das pessoas naquele tempo. Ao chegar lá, Yaacov perguntou se conheciam um homem chamado Lavan, pois queria saber como ele estava, dizendo que tinha ouvido dizer que ele era de sua própria família.

Os pastores que se encontravam no poço lhe disseram que conheciam muito bem Lavan, que ele estava muito bem e apontaram uma moça que estava se aproximando, dizendo que ela era filha dele, Rachel.

O *Midrash* relata que quando Yaacov perguntou aos pastores de onde eles eram para ver se conheciam Lavan, eles responderam: “Somos de Haran.” O *Midrash* explica que Haran está ligado ao termo *charon af*, que significa a fúria de D’us. Ou seja, eles estavam fugindo da fúria do Todo Poderoso!

Então Yaacov pergunta: “Vocês conhecem Lavan?” E o *Midrash* relaciona o nome de Lavan com a palavra *lavan*, “branco”. É como se Yaacov perguntasse se eles sabiam como limpar e deixar “brancos” os pecados do povo, que são a causa da fúria de D’us.

E eis que nesse momento os pastores disseram a Yaacov: “Eis ali Rachel, a filha dele.” Com isso, eles queriam dizer que o fato que poderia eliminar a fúria de D’us era Rachel e o atributo representado por ela.

O que Rachel simboliza?

Se não fosse por Rachel, Lea ficaria sem casar com Yaacov para sempre. Assim, o que ela fez foi considerado o maior *chessed* (bondade) de todos – ter aberto mão de seu amor por Yaacov naquele momento em favor de sua irmã, Lea.

O *Midrash* continua nos explicando então, que para fugir da fúria de D’us é preciso “Rachel”, que é a característica, a essência da bondade. São as pessoas que praticam a bondade, que se empenham em fazer boas ações – seja em tempo, em dinheiro ou com emoção – que purificam a raiva do Criador.

O PODER DA BONDADE

É por causa de bondade que podemos ter no nosso bairro escolas e sinagogas, por exemplo. Se não existissem pessoas que se envolvem monetariamente, emocionalmente e com tempo dedicado para que uma escola ou uma sinagoga possam existir, não haveria nada disso.

Sem essas pessoas, que são descendentes de Rachel, o que seria da nossa comunidade? Onde iríamos rezar? Quem iria ensinar os nossos filhos? Onde haveria lugares públicos para receber pessoas?

Pessoas como essas batalham para que haja um lugar público judaico, como uma escola ou uma sinagoga. São estas pessoas que salvam da fúria de D'us e são elas que trazem o sorriso Dele, como nos explica o *Midrash*. Esses são os descendentes de Rachel.

O mais fascinante é que todos nós temos esses atributos dentro de nós.

A HISTÓRIA DO SIUM DO RAV KANIEVSKI

Rav Kanievski termina de ler toda a Torá (*sium*) na véspera de Pessach. O que para nós, simples mortais, levaria algumas encarnações para alcançar, o Rav Kanievski faz uma vez por ano.

A Rabanit Kanievski z"l é conhecida por sua sabedoria e por sua grande conexão com seu marido. Certa vez, uma mãe chegou com uma criança diante dela e contou que tinha um filho que estava com uma doença terrível.

A Rabanit colocou algo na cabeça da criança, lhe desejou cura plena e disse que iria rezar pelo filho.

Passado certo período de tempo, os médicos não acreditaram que aquela criança aos poucos melhorou e tornou-se, graças a D'us, uma criança totalmente sã.

Esse fato se tornou conhecido e, certa vez, quando estava acontecendo um jantar para arrecadação de fundos para uma instituição, uma pessoa subiu ao palco e, ao mencionar aquele episódio, disse que o que a Rabanit Kanievski tinha passado na testa do menino havia sido o vinho que o Rav Kanievski usava no seu *sium*.

Aproveitando a ocasião, a pessoa disse que tinha uma garrafa desse vinho e que iria começar um leilão do objeto.

Todos se perguntaram quanto valia a garrafa de vinho do Rav Kanievski.

Os valores começaram a ser dados e depois de muita disputa, por fim, a garrafa foi arrematada por um senhor que a segurou como se estivesse segurando uma joia.

Todos os presentes concordaram que ele tinha o mérito de usar a garrafa, pois o dinheiro da compra tinha sido para caridade. No entanto, o senhor abre a garrafa, deseja a todos *lechaim*, pega um pouco do vinho e põe no copo de cada um dos presentes.

Ele não guardou para si a tão valiosa, do ponto de vista monetário, garrafa de vinho. O que o senhor disse é que em vez de comprar a garrafa para guardar para si, ele justamente a tinha arrematado para compartilhar com todos os presentes que, como ele, deviam esperar por salvação para os seus problemas.

Isto é a verdadeira bondade, o lema de Avraham: “Eu não fui criado somente para mim mesmo.”

OUTRA HISTÓRIA

Infelizmente, certa vez em Israel aconteceu um atentado e faleceram o pai e a mãe de uma família, restando somente os filhos órfãos.

Quando estavam de luto, veio à casa deles um senhor chamado Rami Levi, dono de uma rede de supermercados em Israel, com uma caixa de mantimentos. Gesto bonito e honroso, mas o mais sublime é o que ele disse aos enlutados: “Se acostumem com a minha presença, pois até completarem 18 anos de idade, vocês irão receber de mim mesmo ou de algum enviado meu uma caixa de mantimentos.”

O LIVRO DE ADAM E O LIVRO DO HOMEM

Em *parashat* Bereshit, D’us cria o homem e profere as seguintes palavras: “Este é o livro do ser humano.” Rav Simcha Bunim de Peshischa dizia que Bereshit é o livro de Adam, o primeiro homem. Mas a pergunta é: onde está o seu próprio livro, o livro de cada homem?

Cada pessoa que vive 120 anos bem vividos neste mundo escreve um livro que vai junto com ela ao encontro do Criador. E o que vai estar escrito nele depende do que você escrever. O livro vai ser mais ou menos conhecido depen-

dendo do que escrevermos. D'us diz que nós somos os autores, que podemos escrever o que quisermos. Portanto, o que o nosso livro irá conter? O quão comunitário o livro será?

O LIVRO DO RAV DE LODZ

Nos anos de 1800, Rav Chaim Ozer Grodzinski escreveu um livro de perguntas e respostas com o título *Achiezer*. Certa vez ele encontrou o Rav de Lodz e lhe contou sobre o livro que escrevera. Ele então perguntou ao Rav que livro havia escrito durante sua vida. O Rav de Lodz respondeu que não tinha um livro famoso como o do Rav Grodzinski, e que seu livro era uma pequena caderneta que ele levava consigo.

O Rav de Lodz então a tira do bolso e mostra ao Rav Grodzinski, que percebe que se tratava de uma coletânea de muitas anotações feitas à mão. O Rav Grodzinski se surpreendeu, perguntando que livro era aquele e como alguém poderia ler aquilo, já que estava tudo escrito à mão. O Rav de Lodz explicou que o livro tinha uma lista de viúvas e órfãos da cidade de Lodz, e que essas pessoas eram as ajudadas por ele e por outros membros da comunidade.

Rav Grodzinski pega a caderneta do Rav e começa a chorar, dizendo que aquele sim era o livro *Toldot Haadam*. Ele diz que no dia do encontro do Rav de Lodz com D'us, ele poderia ter certeza que esse livro seria muito bem recebido por Ele.

Cada um de nós tem o seu próprio livro. Rav Grodzinski tinha um livro de estudo, o Rav de Lodz tinha um livro de ajudar os outros. Cada pessoa é diferente e é importante lembrar, quando se trata de praticar a bondade, que cada pessoa exerce da maneira que quer e que pode, mas com uma coisa em comum para todos: temos que seguir o lema *lo leatzmo nivra* (não fomos criados para nós mesmos), ou seja, agir de forma altruísta.

Temos sempre que participar de alguma coisa, e não viver só para nós mesmos; seja com estudo, escrevendo livros, ensinando. Temos que estar envolvidos com a comunidade e devemos nos perguntar o que está sendo escrito no nosso livro, no livro de cada um de nós.

NOBEL E A DINAMITE

Alfred Nobel foi o idealizador do prêmio Nobel, que acontece todos os anos em Estocolmo. A história de como surgiu o prêmio é muito interessante.

Certo dia, Alfred Nobel lê no jornal o anúncio de sua própria morte com as seguintes palavras: “Alfred Nobel, inventor da dinamite, morre”. Mas, na verdade, quem tinha falecido era o seu irmão; os jornalistas tinham se confundido. Alfred pensou consigo mesmo: “Cada vez que algo explodir vão se lembrar de mim pelo descobrimento da dinamite.”

Como ele não queria ser lembrado por isto, resolveu colocar o seu dinheiro num fundo de investimentos e pediu que distribuíssem prêmios para aqueles que propagassem o bem no mundo. Assim, surgiu o Prêmio Nobel da Paz, da Medicina, da Literatura e de outros campos de estudo.

“Usem o meu dinheiro”, disse Nobel, “para que se lembrem de mim para o bem”. Ele decidiu mudar o roteiro do seu livro, e cada um de nós deve fazer o seu próprio livro da melhor forma que puder.

DOIS EXEMPLOS DE VERDADEIRA BONDADE – A SUTILEZA

Yaacov casou-se com duas irmãs: Leah e Rachel. Rachel deu a vez dela para que Leah se casasse e não ficasse abandonada. Este foi seu gesto de bondade.

Um dia, Reuven, filho de Leah, chega do campo carregando jasmims. Nosso sábios nos dizem que essa flor tinha o poder de fertilidade. Rachel vê Reuven trazendo os jasmims para Leah e pede a ele as flores para si mesma. Certamente Rachel era merecedora, mas Leah, ao ouvir as palavras de Rachel, disse: “Você, Rachel, casou com meu marido e também quer roubar o jasmim que Reuven trouxe para mim?”.

Como é possível que Leah, uma das matriarcas, tenha dito isso? Principalmente, levando em conta que se não fosse por Rachel ela nunca teria casado com Yaacov? Como Leah pode ter tido tamanha falta de gratidão?

Vamos responder a isso com outra história.

Havia uma senhora que estava de luto pelo seu marido, quando se aproximou dela um *Rav* muito famoso de Nova York, de Borough Park. Os convidados ficaram surpresos com a presença do rabino e começaram a inquirir a viúva a respeito. A

mulher disse que o seu marido e seus filhos nunca tinham ido rezar na sinagoga daquele rabino. Por que motivo aquele homem teria vindo até ali? Ela não sabia!

O *Rav* esperou todos irem embora para confortá-la e disse que ela provavelmente estava se perguntando por que ele tinha vindo até lá, já que ela nunca o tinha visto, e ela e a família nunca tinham ido até a sua sinagoga.

O *Rav* então contou que certa vez havia uma senhora sentada num ponto de ônibus no bairro do Queens, e chovia muito. O ônibus não chegava e a senhora estava ficando cada vez mais molhada, até que encostou um carro de um *yehudi* e perguntou à senhora para onde ela estava indo. Ela lhe respondeu que tinha ido ao cemitério e estava voltando para o leste de Nova York. O *yehudi* disse, então, que estava indo na mesma direção, que também estava voltando do cemitério e lhe ofereceu uma carona. Ao chegar perto da casa dela, a senhora agradeceu muito pela gentileza.

Aquele *yehudi* então pediu seu telefone, pois já que os dois tinham um aniversário de falecimento no mesmo dia, ele podia oferecer carona para ela na ida e na volta para o cemitério.

O *Rav*, contando a história para a viúva, revelou que aquele homem que dava carona para a senhora era o marido dela, o falecido.

Então o *Rav* disse que justamente veio lhe contar aquela história, pois aquela senhora da história era a sua mãe. A senhora que estava de luto então começa a chorar.

O mais interessante e precioso na história é que, na verdade, seu marido não tinha um aniversário de falecimento na mesma data que a senhora e nem morava no mesmo bairro que ela. Ele só dissera isso para lhe dar carona. Ou seja, mesmo não sendo seu caminho, aquele marido fez seu gesto de bondade de uma maneira sutil para que a senhora não se sentisse mal.

O mesmo se encaixa muito bem para a situação de Rachel e Leah. Rachel fez a Bondade de uma forma tão suave que Leah sequer percebeu o que tinha ocorrido. A maior bondade é quando o receptor nem percebe que recebeu um bem.

Faz toda a diferença dizer a alguém que vai dar uma carona mesmo não sendo o seu caminho ou dizer: “Tenho que ir para lá de qualquer modo, então vou te levar.” Assim é o povo judeu e esse tipo de atitude é o que significa que “o homem não foi criado só para si”.

INSTITUIÇÕES DE CHESSED

No Brasil existem mais de 30 instituições de *Chessed* de diferentes envergaduras. Existe uma instituição que tem voluntariado para visitar doentes, outra que ajuda na compra de fraldas. Há o empréstimo de vestidos de noivas, outras instituições que ajudam com móveis para casais recém casados e com refeições nos primeiros dias do parto.

O serviço de *Hatsalá* é um enorme *Chessed!* Até no meio da refeição de Shabat, os voluntários saem correndo para salvar as pessoas, e não se incomodam se levarem multa, tiverem o carro guinchado por estacionar em fila dupla, etc. Essas pessoas são verdadeiros anjos, não se preocupam com a agenda própria e sempre têm em mente que alguém precisa deles.

Em Israel existe um disque piada e incentivo diário. Se você está triste, você liga e através desse serviço pode se sentir melhor. Uma “concessão de ouvido” – escutar alguém que quer conversar – também é um grande ato de bondade!

Tudo isso serve para que entendamos que não é preciso abrir uma instituição para fazer o bem. De que povo espetacular nós fazemos parte...

UM PENSAMENTO

Depois de 120 anos bem vividos, ninguém perguntará ao outro que carro tinha e sim quantas caronas ele deu. Ninguém perguntará quantos metros tinha a sua casa, mas sim quantas vezes ela serviu para encontros comunitários. Não irão perguntar que grife de roupa ele vestia, mas sim quantos ajudou a vestir. Não perguntarão qual era o seu título na terra, mas como comunitariamente ele fez jus ao seu título. Não irão perguntar quantos amigos ele tinha, mas para quantas pessoas foi um amigo.

UM POUCO DE GEOGRAFIA ISRAELENSE

Em Israel há 2 mares: um com peixes – o Mar da Galileia (Yam Kineret) –, e o outro que não tem peixes, não tem folhagens, não tem vida – o Mar Morto. Mas qual é a diferença entre ambos? O Mar da Galileia recebe água de um rio e desemboca em outro, já o Mar Morto tem este nome, pois ninguém bebe da sua água. A diferença entre o Mar da Galileia e o Mar Morto é que um recebe e dá para os outros, e o outro recebe e não dá para ninguém, daí o seu nome e suas condições geográficas.

A BONDADE COMEÇA EM CASA

A bondade começa em casa, com o carinho que se desprende para a família. Ouvir um filho é um ato de bondade, pois muitos filhos não são ouvidos em casa... Bondade é quando uma mãe prepara a refeição de Shabat para o marido e os filhos, ou quando um avô ou avó moram junto na casa e tem que se repetir as coisas para eles, pois não compreendem quando falamos da primeira vez.

É claro que a bondade deve se expandir para fora, mas primeiro deve ser praticada em casa. Para fazer *Chessed* não é necessário abrir uma instituição. Eu posso participar de uma ou posso ajudar os meus vizinhos. Quando fazemos isso de verdade, escrevemos o nosso próprio livro de forma positiva e, certamente essa bondade voltará para nós.

A HISTÓRIA DE UM NOIVADO

Houve um noivado em Nova York que ocorreu na casa da noiva. O avô do noivo conta para uma pessoa presente que já tinha visto a mãe da noiva em algum lugar, mas que não conseguia se lembrar onde.

De repente, o avô se lembra. Em 1940, nos Estados Unidos, não havia escolas judaicas como existem hoje. Na época, uma mãe levou as filhas para matriculá-las em uma escola judaica de moças, geralmente chamada “Beit Yaacov” em todo o mundo. Se as matriculasse numa escola pública, ela não precisaria pagar nada, e na escola judaica deveria pagar, mesmo pedindo bolsa de estudo. Mas, mesmo assim foi até a escola, subiu as escadas e disse: “Quero matricular minhas filhas em uma escola judaica.”

Chegando lá, ela ouve a notícia de que o número de bolsas da escola já estava preenchido e que não podiam mais receber as filhas dela. A mãe implora, começa a chorar, e pede para as meninas ficarem ali, mas de nada adianta. Não há mais bolsas para elas.

Descendo as escadas, a mãe encontra com uma senhora e um senhor que lhe perguntam por que ela estava chorando. Ela conta que não podia pagar pelo ensino judaico das filhas e que por isso elas não poderiam ficar na escola; que teriam que ir para a escola pública.

O casal então decidiu que iria ajudar aquela mãe. Anos depois, no noivado, o avô se lembra de tudo e confessa que nunca imaginou que veria aquela mãe

e a filha dela novamente. Mas eis que a filha daquela mulher agora estava casando com o seu neto!

Quando praticamos atos de bondade, eles voltam para nós, como nesta história. Aquele casal pagou para que aquela menina estudasse na escola judaica e assim contribuiu para a formação da companheira do neto deles.

Que tenhamos o mérito de nos lembrar da expressão “o homem não foi criado só para si”. E que D’us continue nos abençoando.

COMUNICAÇÃO VIA WI-FI

OUVIR



ESCUTAR



“

O celular aproxima quem
está longe, mas a pessoa
que está perto fica cada vez
mais distante...

”

O ÁPICE DA CRIAÇÃO

No primeiro livro da Torá, na *Parashat Bereshit*, D'us decide criar o mundo, com suas constelações, mares, montanhas, animais. O mundo criado por Ele é tão incrível e nós o conhecemos tão pouco – há tantas obras divinas ainda por ver! Uma anedota diz que é por isto que o Brasil tem tantos feriados, para podermos conhecer este vasto e lindo mundo... Existe até um famoso livro cujo título é “1000 lugares para você conhecer antes de morrer”, que, em 2006, foi o quarto livro mais vendido, segundo o New York Times. Com quantas maravilhas da natureza D'us nos presenteou!

No entanto, a grande obra divina foi mesmo quando ele criou você, nós, o primeiro homem, Adam. A criação do homem foi a coroação do projeto divino para o mundo, chamado de *nezer habriá*.

Na Guemará existe uma discussão sobre como foi a criação do primeiro homem e da primeira mulher. Existe uma corrente que diz que o homem e a mulher foram criados juntos, em um mesmo corpo, com uma cabeça para cada lado. Outra corrente defende que D'us criou primeiro o homem e depois a mulher.

Seja como for, este homem ou esta mulher – enfim, o ser humano – é o objetivo maior da criação. Tudo foi preparado para que eles viessem ao mundo com uma estrutura pronta para servi-los.

D'us considera o ser humano tão especial que, por exemplo, não há nenhuma proibição de matar um animal para comer, já que todos os seres vivos têm a função de servi-lo. Se a pessoa quiser ser vegetariana tudo bem, mas não há proibição na Torá de comer carne.

Sendo assim, surge a pergunta: se o ser humano foi criado por último e tudo o que foi criado antes foi em prol dele, o que o diferencia do resto da criação?

A DIFERENÇA DO HOMEM

O que diferencia o homem de todos os outros seres que foram criados é que D'us pôs dentro dele uma parte de Si mesmo, um elemento que os animais não possuem. Tanto o homem quanto a mulher possuem uma centelha divina e esta é a razão para eles terem sido criados por último.

Está escrito na Torá que D'us soprou, insuflou nas narinas do homem o “alento da vida” e o homem tornou-se “alma viva”, algo bem diferente da vida que têm os animais.

Unkelus, aluno de rabi Akiva, comentarista da Torá e responsável pela tradução da Torá para o aramaico, traduz esse “alento da vida” como a força da fala. A diferença entre o ser humano, os animais e todas as criaturas é que os homens têm o poder da fala, da comunicação.

Utiliza-se comumente os termos “seres racionais e irracionais” para diferenciar homens de animais, mas a Torá não os define assim. Ela ressalta que a particularidade que distingue o homem do animal é o poder da fala. Então, vemos que tudo foi criado para o ser humano e a fala é o que nos torna diferenciados.

COMIDA KASHER, CACHORROS E FALSO TESTEMUNHO

Em *Parashat Mishpatim* (22;30) está escrito: “Homens de santidade sereis para Mim, e carne dilacerada não comereis...”. D'us pede que o povo judeu seja santo e nos diz para não comer carne não *kasher*.

O que se faz com a carne quando ela não é *kasher*? Nesse mesmo versículo está escrito que ela deve ser dada ao cachorro. E logo nos versículos seguintes está escrito sobre a proibição de prestar falso testemunho.

O rabino Israel Meir HaCohen, também conhecido como Chafetz Chaim, pergunta qual a relação entre não comer comida não *kasher*, dar esta comida para o cachorro e não testemunhar em falso. Por que um tema está escrito após o outro?

A explicação dada pelo sábio é a que a Guemará nos conta no Tratado de Pessachim (pág. 118b): o instinto do cachorro ao se assustar é latir. Existe um *midrash* que conta que quando os judeus estavam saindo do Egito, D'us ordenou os cachorros que ficassem silenciosos, mesmo isto sendo contra a natureza de-

les, pois se latassem iriam assustar os judeus, além de alertar os egípcios sobre a fuga. Então, o Talmud conta que pelo fato de os cachorros terem se comportado assim, ficando quietos durante a saída do Egito, receberam como recompensa receber a carne não *kasher* que não seria utilizada pelo povo de Israel.

O Chafetz Chaim explica que a diferença entre o homem e o animal é a fala, e que se o cachorro pôde se controlar para ajudar os judeus, o ser humano também deve conseguir fazer o mesmo.

O versículo mencionado, nesse mesmo ensejo, fala sobre a proibição de prestar falso testemunho. A relação desse assunto com o anterior é o cuidado que devemos ter com a fala.

Se os cachorros receberam um prêmio mesmo não tendo a sabedoria do ser humano – e souberam se controlar e ficar quietos, contrariamente ao seu instinto –, caso o ser humano, que tem vantagens sobre os animais, não saiba se controlar, estará se posicionando abaixo do cachorro.

AS PRAGAS DO EGITO E A FALA

Depois da sétima praga no Egito, o granizo, está escrito que Moshe e Aharon saíram da frente do Faraó.

O Ramban diz que Moshe também saiu da frente do Faraó em todas as outras pragas. Por que então, justo depois dessa praga, há essa descrição?

A explicação é que os egípcios foram num crescente de sofrimento, assim como a sua economia também foi se deteriorando. A próxima praga a ser enviada por D'us, os gafanhotos, seria mais uma desgraça para o povo. Diante desses sucessivos sofrimentos, os egípcios hesitaram diante do pedido de Moshe *Rabeinu* para deixar o povo ir.

Moshe saiu diante do Faraó para que ele e os egípcios pudessem dialogar e chegassem à consciência plena de que não adiantava mais continuar brigando com o Todo Poderoso. O fato é que o Ramban diz que isto funcionou, pois os escravos disseram: “Ainda não notastes que o Egito está perdido?”. Mas será que o Faraó não tinha percebido que o D'us dos hebreus era mais forte do que o deus deles?

O Ramban explica que Moshe, entre uma praga e outra, sempre saía da frente do Faraó, deixando ele e os escravos debaterem, para ver se eles haviam

entendido o que D'us queria deles. Mas Moshe *Rabeinu* sabia que iriam acontecer as dez pragas e que o Faraó não iria deixar o povo sair antes disso. Então, surge a pergunta: por que ele saía da frente do Faraó depois de cada praga se no fundo sabia que iriam ser dez?

O Rav Brevda de Hevron, no seu livro *Sam Derech*, diz inclusive que no bastão de Moshe estavam escritas as dez pragas. Sendo assim, por que debater com o Faraó? Ele já sabia que os egípcios não iriam deixar os judeus saírem antes da décima praga.

O que aprendemos com o Ramban é que se os egípcios soubessem se comunicar, D'us teria mudado a história! Se Moshe *Rabeinu* sáísse e os egípcios e o Faraó concordassem que o D'us dos hebreus era mais forte do que o deus deles, a história seria diferente, e no *Seder* de Pessach falaríamos somente sobre 5 ou 6 pragas, mas não sobre as dez.

Através da fala e da comunicação, o Faraó tinha a possibilidade de mudar toda a história que estava programada, inclusive no bastão de Moshe *Rabeinu*.

A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO NO CASAMENTO

Imagine um marido que ficou fora o dia todo, rezou, cumpriu as suas *mitzvot* e ao chegar cansado em casa, sua esposa pede que a ajude a colocar as crianças para dormir. O marido fica bravo e se pergunta se não tem direito de ter um pouco de descanso depois de um dia tão árduo. Por outro lado, a esposa fica chateada por ele não ajudar. Afinal, quem está com a razão?

Há famílias que divergem sobre os filhos deverem ou não ajudar a tirar a mesa, principalmente quando a ajudante do lar está de folga. Sempre existem divergências entre o marido e a mulher também na escolha de onde passar as férias. O que se faz nestes casos?

O casamento é uma comunhão de bens, metade para cada um, e quando há diferentes opiniões e escolhas é preciso sentar e conversar, usar a vantagem que temos sobre qualquer animal, que é a comunicação.

O Ramban nos diz que, se a comunicação poderia ter mudado a história do Egito, com certeza pode mudar a história de uma casa.

Não há certo ou errado nessas questões domésticas, cada casal tem a sua própria dinâmica familiar, o importante é saber dialogar.

UMA ASSUSTADORA PESQUISA

Uma pesquisa nos Estados Unidos demonstrou que mais de 50% das pessoas prefere falar com os amigos no celular do que falar com eles ao vivo. Uma das perguntas feitas nesta mesma pesquisa foi: “Se tivesse que optar, você preferiria ficar uma semana sem a esposa/marido ou uma semana sem o seu celular?”. A resposta obtida foi uma semana sem a esposa/marido...

O que isso significa? Se o que nos faz sermos especiais é a comunicação, o que aconteceu aqui?

FALAR E OUVIR

Dialogar, falar, conversar é difícil, sendo o fator mais difícil neste contexto o “escutar”.

Há um provérbio que diz que D’us criou o ser humano com uma boca e dois ouvidos para sabermos escutar mais do que falar. Normalmente, o que acontece é o inverso. As pessoas não têm paciência para escutar.

Nós podemos escutar uma pessoa através dos ouvidos, e isso um telefonema pode resolver. Mas nada substitui o acolhimento de um olhar. Para escutar uma pessoa de verdade, temos que vê-la.

Quando analisamos o resultado da pesquisa mencionada, onde as pessoas preferem a comunicação virtual, percebemos que há algo de errado nessa interação.

Vi uma vez um pôster em inglês que dizia que as palavras *listen* e *silent* possuem as mesmas letras, só escritas em ordens diferentes. “Escutar” e “silencioso” são palavras com similaridade escrita em inglês. Isso demonstra que para você escutar alguém é imprescindível que você esteja em silêncio.

O QUESTIONÁRIO DO DR. GOTTMANN

Um famoso terapeuta de casais nos Estados Unidos, Dr. Gottmann, que possui uma instituição de aconselhamento matrimonial, defende uma teoria que diz que para um casamento dar certo é imprescindível que o casal se conheça.

Para medir isso, ele faz os membros do casal preencherem um questionário em que há perguntas sobre o que cada um mais gosta, o que menos gosta, qual é a sua maior frustração na vida e assim por diante.

Outras perguntas curiosas que o Dr. Gottmann faz aos casais é: qual é o seu sonho? Você sabe o que o seu marido faria se ele ganhasse na loteria?

Ele chama isso de mapa afetivo. Depois de responder o formulário, se o marido e a esposa não sabem estes detalhes um do outro, o Dr. Gottmann afirma que o casamento pode estar seriamente comprometido.

É importante conhecer alguém a fundo, a sua essência, e isso não acontece através de *Whatsapp*. O que precisamos é de uma comunicação efetiva, olho no olho.

UM PENSAMENTO CURIOSO

O celular aproxima quem está longe, mas a pessoa que está perto fica cada vez mais distante...

COMO REAGIMOS DIANTE DE UMA HISTÓRIA OU FALA

Frequentemente, quando as pessoas nos procuram para contar algo, o que realmente é importante aparece no fim do relato. Daí a importância de sabermos escutar, sem intervir no meio da narração pois, caso contrário, não conseguimos chegar ao “tesouro”.

É muito importante escutar com os ouvidos, mas nada substitui a conversa ao vivo, em que há o olho no olho e uma escuta que vai além de apenas ouvir o que está sendo dito e sim, interpretar a necessidade do outro, mostrar empatia pelo que a pessoa quer dizer com aquele relato.

Isso se torna especialmente importante entre os cônjuges. Quando o marido ou a esposa ouve o cônjuge dizer que está cansado porque teve um dia difícil, deve propor conversarem a respeito, perguntar por que foi difícil, e não dizer para o outro ir dormir.

Comunicação requer escutar não somente o que está sendo dito, mas também o que a pessoa quer contar.

O PODER DE UMA VÍRGULA

Às vezes uma vírgula muda tudo. Analisemos a frase: “Se o homem soubesse o valor que tem a mulher andaria de quatro à sua procura.”

Possivelmente a mulher leria assim: “Se o homem soubesse o valor que tem a mulher, andaria de quatro à sua procura.” Lendo-se assim, ressalta-se o valor da mulher.

O homem poderia ler: “Se o homem soubesse o valor que tem, a mulher andaria de quatro à sua procura.” Ou seja, a ênfase e o valor dado ao homem ou à mulher dependem de como a frase é lida.

Outro exemplo de como uma mesma frase pode ser um problema ou uma solução: “Vamos perder nada foi resolvido.” Se lermos da forma “vamos perder, nada foi resolvido”, a conotação é de desespero. Mas, se colocarmos uma vírgula depois da palavra nada, teremos: “Vamos perder nada, foi resolvido” – sendo assim, a mesma frase pode se transformar em motivo de alegria.

Se escutarmos alguém, mas sem ouvir realmente, não conseguiremos entender o que o outro realmente quer dizer.

Quando alguém fala algo, no fundo sempre existe uma mensagem por detrás, uma intencionalidade. “Está tudo bem”, “não me importo” ou “estava brincando”, certamente não são frases tão simples quanto parecem, e podem conter alguma mensagem por trás. Se ouvimos (sentido físico da audição), mas não sabemos escutar (sentido moral da atenção ao que se ouve), significa que não temos o poder da comunicação.

UMA HISTÓRIA SOBRE O PODER DA FALA

Quando o filho do Sr. Shmuel Rubinstein estava estudando para o *Bar Mitzvá*, ele terminou de estudar o tratado de Nezikim, que é um dos seis tratados do Talmud.

Na cerimônia de *Bar Mitzvá*, o menino, depois de fazer o *sium* (a finalização pública desse estudo) e a prédica, disse que gostaria de fazer um pedido ao seu pai. Ele então tirou um papel com uma anotação do bolso. Todos os presentes na cerimônia ficaram em silêncio para ouvir as palavras do menino.

O filho então disse para o pai: “Pai, me prometa que você vai viver.”

Somente o filho e os pais sabiam que, infelizmente, o pai estava acometido por uma doença séria. Mas na frente de todos, o pai, pressionado perante tanta gente, disse: “Filho, eu prometo!” Ao terminar a cerimônia, o pai se deu conta de que havia prometido algo que não poderia cumprir.

No dia seguinte, ao realizar os exames de rotina no hospital sobre o andamento da doença, um dos médicos que esteve no *Bar Mitzvá* lhe perguntou o que ele estava fazendo ali, se tinha prometido ao filho no dia anterior que iria viver.

O paciente disse que tinha vindo até ali para fazer os exames de rotina. O médico prontamente lhe respondeu que se ele quisesse viver, aquele não era o lugar ao qual deveria recorrer, pois todos já sabiam que ele tinha somente dez por cento de chances de sobreviver. O doutor disse a Shmuel, pai do menino, que a solução dele estava na Rua Rashbam, número 10, em Bnei Brak – que era a casa do Rav Chaim Kanievsky.

Shmuel foi até lá e escreveu num papel o que ele queria. Quando o Rav Chaim Kanievsky leu o pedido, disse que iria lhe dar uma *berachá*. Shmuel respondeu que ficava contente com a bênção, mas a questão é que ele tinha prometido ao filho que iria sobreviver e por isso precisava que ele lhe desse essa garantia.

O rav disse que ele tinha vindo ao endereço errado, e lhe disse para procurar o Rav Yossef Shalom Eliashiv z”l, dizendo que estivera ali, e que ele tinha lhe pedido para prometer que viveria. O Rav explicou que ele não tinha a mesma força que o Rav Eliashiv para dar esse veredito.

Shmuel foi até a casa do Rav Eliashiv, mas o rav disse que não poderia ajudá-lo. Porém quando ele soube que este havia sido um pedido do Rav Chaim Kanievsky, o rav proferiu as seguintes palavras: “Eu, Rav Eliashiv, decreto que Shmuel ben Sara fique saudável e continue a viver.” Ao ouvir esta bênção, Shmuel disse *amen*.

A história foi contada 43 anos depois desse fato ter acontecido! Este é o poder que D’us deu ao homem como vantagem sobre os animais. Obviamente, tem que ser um *tzadik*, um justo, para alcançar essa grandeza. O Rav Eliashiv sabia o poder que tem uma palavra na boca do ser humano, o poder da comunicação, a santidade que existe na fala. Se o Rav Eliashiv falou, D’us iria mudar os decretos.

CÃO QUE LADRA NÃO MORDE

Os médicos, por vezes, têm o poder de curar um paciente, mas nunca de decretar quanto tempo ele tem de vida.

Está escrito na Ética dos Pais: “Fale pouco e faça muito.” Isso equivale, de certa forma, ao famoso ditado que cão que ladra não morde. Geralmente, a

peessoa que fala muito não faz nada, e aquelas pessoas que são quietas fazem bastante sem fazer alarde.

Outra explicação para as palavras do *Pirkei Avót* é que quanto menos você falar, mais D'us te dará condições de conseguir fazer, pois existe um conceito de que o Todo Poderoso deu para cada um de nós uma cota de palavras. Não palavras de Torá, mas sim de coisas cotidianas. Quando a cota termina, a pessoa deixa de existir. A partir disso aprendemos: fale pouco e viverá muito, pois quanto menos você falar, principalmente coisas banais, você vai conseguir viver mais, e fazer mais.

A FUNÇÃO DOS DEDOS E SEU FORMATO

No tratado de Ketuvót da Guemará nos é contado que a razão de termos cinco dedos é que cada um tem uma função. O dedo mínimo, por exemplo, é feito para medir as pedras do peitoral do Cohen *Hagadol*. E assim cada dedo tem a sua função específica.

E por que o dedo tem formato arredondado? O Talmud nos explica que se a pessoa escutar algo que não deve – ou seja, alguém falando mal das pessoas ou coisas não dignas –, é possível tampar o ouvido com o dedo e não escutar.

PALAVRÕES E PALAVRAS INAPROPRIADAS

No tratado de Ketuvot a Guemara nos diz que todos sabemos que depois da *chupá* os noivos terão a sua noite de núpcias, mas todo aquele que fala desse momento de forma maliciosa está falando palavras não dignas.

Mesmo que D'us tenha decretado que ele mereça setenta anos de coisas boas, como felicidade para os filhos, conforto para a esposa e só alegrias em geral, uma fala expressa de forma negativa pode lhe inverter a situação.

Podemos contestar dizendo: mas afinal, todos sabemos o que é feito na noite de núpcias, então qual é o problema? Não é tudo que pensamos que precisa ser dito, nem tudo que dizemos precisa ser escrito e nem tudo que escrevemos precisa ser publicado.

O mais importante é que nem tudo que é publicado nós precisamos ler – embora hoje em dia qualquer coisa seja publicada, até detalhes da vida dos outros!

Além disso, o Talmud ensina que os palavrões têm que ser erradicados do nosso vocabulário. Não se deve rir quando um filho fala um palavrão, pois isso é comparado a comer não *kasher*. Se levarmos em conta a importância da palavra – do dom de falar –, veremos a gravidade do palavrão.

O DISCURSO DE TRUMAN

Certa vez, num discurso, o presidente Truman – o 33º presidente dos Estados Unidos – pronunciou a palavra *hell*, que quer dizer “inferno” em inglês. Isto gerou uma grande confusão, e o presidente foi criticado por ter usado o termo. Devemos lembrar que existem palavras que não são adequadas, e que nós Yehudim devemos usar um palavreado limpo e agradável ao nos comunicarmos ou escrever para outras pessoas. Devemos lembrar e ensinar aos filhos de que piadas nós podemos rir. Se temos tanto cuidado para separar carne de leite, também temos que separar o que é um palavrão ou não de nossa boca.

PALAVRAS QUE SÃO DITAS COM PUREZA PERDURAM PARA SEMPRE

Certa vez, um piloto israelense chamado Guidon Katz contou que sua avó tinha passado pelo Holocausto, mas que nunca havia contado nada para ele. Obviamente, há muitas emoções envolvidas e nem todos querem ou conseguem falar a respeito.

Em uma ocasião, o exército ofereceu uma viagem para algumas pessoas irem conhecer os campos de concentração, e ele, Guidon Katz, foi sorteado para ir ver o que os pais e os avós tinham vivido. Ao embarcar, sua mãe lhe deu um livro de Salmos que ela havia ganhado, e disse ao filho que levasse o livro junto com ele na viagem.

O piloto visitou vários campos de concentração, os mais famosos, e também visitou um que poucos conhecem, de nome Stufhof. O guia começou a contar que naquele lugar 85 mil judeus haviam perecido. O jovem se impressionou muito e começou a andar pelo campo para conhecer o local de trabalho das pessoas que ali estiveram, o alojamento deles, e chegou também às câmaras de gás. Nesse momento, ele não sabe por que, começou a chorar mais do que nas câmaras de gás de outros campos, muito maiores e mais famosos.

Como ele não era religioso e não sabia bem entender o que estava escrito

no livro dado pela mãe, segurou o livro de Salmos e começou a murmurar a música cantada em *Simchát Torá*: “*Sissu Vessimchu beSimcha Torá*”, pois era a única coisa judaica que ele sabia recitar de cor. Ao voltar para casa em Israel, ele conta esta experiência para a família, e então a avó, que nunca tinha contado nada para ele, lhe diz que justamente no campo de Stufhof ela esteve junto com a mãe dela e com toda a família, e que tinha sido naquele campo que toda a família tinha perecido.

O neto pergunta à avó se ela lembrava de alguma coisa de lá, e a avó lhe diz que o nome dele, Guidi Katz, foi dado em homenagem ao pai dela, que era Guidon, que havia falecido lá. Ela se lembrava que aos 10 anos o pai dela era Sonderkommando – grupo de judeus que eram usados para fazer mal aos seus próprios irmãos judeus.

Ela contou que o pai dela tinha dificuldade em exercer tal função, para qual tinha sido designado. Certa vez, os alemães estavam fumando em frente às câmaras de gás e ele percebeu que havia uma brecha de alguns segundos, pois os soldados estavam relaxados.

Então disse para os judeus que estavam ali que ele tinha uma página de *Sidur* rasgada e que gostaria que todos participassem de algo muito importante. Ele explicou aos outros judeus que aquele dia era *Simchat Torá* e começou a cantar “*Sissu Vessimchu beSimchat Torá*”.

A avó contou este fato para o neto sessenta anos depois. Ele, sem saber, havia cantado a mesma música que o pai dela no campo de concentração!

CONCLUSÃO

As palavras de um judeu não são em vão, e a diferença entre um homem e um animal é que o animal faz barulho e o nós nos comunicamos. O animal pia, ou até ruge, e o homem deixa marcas neste mundo.

Que todos nós, se D’us quiser, possamos deixar marcas como Rav Eliashiv deixou, decretando assim, que alguém iria viver. Que possamos valorizar nas nossas casas um linguajar limpo e adequado, e que possamos lembrar e fazer jus ao título que D’us nos deu: *Nezer Habriá*, a coroa da criação, utilizando a fala para propósitos dignos e elevados.

A ÚNICA FORMA DE VENCER UMA
DISCUSSÃO É EVITÁ-LA



“

Basta a pessoa construir
esta realidade em sua vida
e se esforçar para mantê-la:
‘Não tenho inimigos! Não
vou deixar com que você ou
qualquer outra pessoa se
torne o primeiro ou o único!’

”

O BOMBRIL DAS DISCÓRDIAS

Vamos falar sobre um dos mais graves pecados na relação dos seres humanos entre si: a discórdia – *machloket*, em hebraico, do mesmo radical do verbo “*lechalek*”, dividir ou separar. Se isso fosse um produto, a marca que designaria o seu sinônimo seria sem dúvida a revolta de Corach. Vamos examiná-la em dois aspectos iniciais: motivação e gravidade.

Uma das mais clássicas perguntas que vem à mente quando se estuda sobre esse capítulo trágico da Torá é: como pessoas religiosas, que cumpriam *mitzvot*, que comiam só comida *Kasher*, cumpriam Shabat à risca etc., ou seja, indivíduos que tinham noção dos fundamentos do Judaísmo, puderam se meter em uma iniciativa tão absurda e insensata contra Moshe, Aharon e o próprio Todo Poderoso? A resposta é simples e categórica: o orgulho os cegou e os moveu!

Outra questão que logo surge ao se abordar este contexto é a seguinte: por que esse pecado recebeu um castigo tão diferenciado? Vimos no texto bíblico em diversas passagens que vários outros israelitas pecaram e foram castigados com as penas ou doenças previstas pela própria tradição judaica. Mas um castigo cinematográfico como a terra abrir uma enorme cratera para engolir somente os líderes da revolta é caso único e exclusivo em toda a existência humana. Por quê?

Responde o Rebe de Slonim: para enfatizar a gravidade do mais grave pecado aos olhos de D’us, a discórdia. E como esta foi uma briga contra o próprio Criador, mereceu um evento histórico sobrenatural para demonstrar essa gravidade. O recado, portanto, é muito sério: D’us condena a discórdia.

Ao interpretar um dos versículos centrais deste capítulo, o grande Ramban acrescenta um dado a mais para ressaltar a gravidade ímpar da revolta de Corach. Eis o versículo:

“E o Eterno falou a Moshe e a Aharon, dizendo: Separai-vos do meio desta congregação e eu os destruirei em um instante” (Bamidbar 16:20 e 21).

Afirma o Ramban que, quando menciona “a congregação” neste trecho, tanto D’us quanto Moshe referem-se a todo o povo de Israel! Ou seja, havia – mais uma vez, como ocorreu depois do pecado do bezerro de ouro – uma ideia divina inicial de aniquilar todo o povo judeu da época; desta vez por ter participado de alguma forma dessa discórdia absurda. Em outras palavras, a intenção divina ao sugerir tal aniquilação baseava-se no seguinte raciocínio: se toda a história de fuga do Egito, da caminhada pelo deserto, dos milagres de salvação e sobrevivência e da entrega da Torá culminou nesse episódio, que gerou a pior de todas as discórdias – a revolta de Corach –, então, nada valeu a pena. Se, depois de tudo, chegamos em uma cisão, em uma briga, em uma disputa, nestes termos – que ameaça a paz e a unidade de Israel –, então, para que Israel?

Um comentarista pouco conhecido da Ética dos Pais, chamado Rashbatz, afirma que as iniciais da própria palavra *Machloket* são compostas pelos ingredientes baixos e nocivos que podem ser causa ou consequência da discórdia: **M**acá (pancada ou praga), **C**haron (raiva), **L**ikui (açoite ou batida), **T**achlit kliá (final, fatal). Que receita explosiva, mas principalmente triste!

MESMO SOB O RISCO DE IDOLATRIA

O Daat Hazekenim Mibaalei Hatossafot, um dos comentaristas clássicos da Torá, levanta duas questões que vão enfatizar mais uma vez a gravidade da discórdia. Suas perguntas são sobre a participação de Aharon no famoso episódio do pecado do bezerro de ouro. Como muitos já conhecem, tudo aconteceu quando Moshe subiu ao Monte Sinai por 40 dias para estudar a Torá e trazer as Tábuas da Lei, logo após a proclamação dos Dez Mandamentos.

Só que, por um erro de comunicação entre Moshe e Israel, o povo calculou errado e pensou que Moshe teria que ter descido um dia antes da data correta. Ou seja, com uma aflição precipitada pela ausência de seu único líder fora do Egito, concluiu que sua “demora” significava que havia morrido. Se esta cena tivesse ocorrido nos dias de hoje, veríamos todos checando os alarmes de seus celulares, digitando sobre as telas com provável ansiedade, ao som de falas como “nunca vivemos sem um líder nestas circunstâncias de liberdade; se ele não está aqui, o que faremos?”.

A atitude dos mais nervosos foi até adequada: procurar o vice-líder, Aharon, declarando a sua angústia, uma mensagem que poderia ser escrita da seguinte maneira: “Queremos um novo líder, pois Moshe, aquele que nos tirou do Egito, sumiu e não sabemos o que aconteceu com ele.” Qual foi, porém, a reação de Aharon? “Tirem seus adornos, pulseiras, anéis, brincos, etc.” Como é sabido, esta atitude, a princípio estranha culminou com a confecção do bezerro de ouro. Pergunta em primeiro lugar o Baal Hazekenim: qual foi a intenção de Aharon? Como pôde compactuar com um processo que poderia resultar no mais grave pecado da Torá – a idolatria? A segunda pergunta é: por que Aharon não atendeu o pedido dos angustiados, assumindo a liderança ou empossando algum outro líder?

Responde o próprio Baal Hazekenim que a atitude de Aharon foi baseada em uma só meta: evitar a *machloket!* Se ele indicasse ou até fizesse uma votação para a escolha de um novo líder, o que teria acontecido? Ora, Aharon sabia que Moshe estava vivo e sua chegada era uma questão de horas. Se em sua descida houvesse um novo líder, que cenário teria se formado? Certamente um impasse grave, um ambiente de tensão entre o novo líder, seus apoiadores e Moshe e seus apoiadores. Teria que haver um *impeachment!* Ou seja, estariam criadas todas as condições para a discórdia generalizada, em nível nacional. E, para evitar esta desgraça, Aharon decidiu não atender ao pedido de uma nova liderança, preferindo optar pela via que trazia o risco da idolatria! Para se desviar da discórdia, até mesmo seguir pelo caminho que pode levar à negação do principal pilar da fé judaica! Impressionante!

Certa vez os membros de uma comunidade da cidade de Praga vieram fazer uma consulta ao genro do Rav Yechezkel Landa, rabino chefe da cidade de Praga no século 18, autor do livro *Nodá Biyehudá*. O caso era o seguinte: a sinagoga havia contratado um *chazan* que tinha uma voz maravilhosa. Havia um porém: o nível espiritual daquele *chazan* deixava muito a desejar. O rabino da sinagoga não conseguia fazer vista grossa diante dos problemas de conduta do tal *chazan* e decidiu que ele devia ser substituído. Ao comunicar sua intenção aos dirigentes da comunidade, foi recebido com oposição, ouvindo o argumento que desde que o *chazan* começou a dirigir as orações, foi perceptível a melhora da participação do público durante elas. Diante do impasse, o rabino e uma comissão de membros foram se aconselhar com o genro do Nodá

Biyehudá. A resposta do líder foi surpreendente para o rabino da congregação: “Melhor colocar um ídolo no *Aron Hacodesh* (arca sagrada da sinagoga) do que causar uma situação de discórdia entre o rabino e os frequentadores da sinagoga!”. E assim o *chazan* continuou a comandar os serviços. Mas não por muito tempo, pois, depois que algumas pessoas o flagraram perambulando bêbado pelas ruas do bairro, acabaram concluindo que a situação era constrangedora demais e pediram ao rabino que o Chazan fosse mandado embora.

A PAZ PROPORCIONA ETERNIDADE

No século 18, havia duas *yeshivot* na cidade polonesa de Lublin, entre as quais existia uma divergência com relação aos estudos talmúdicos. A *yeshivá* comandada pelo Maharam de Lublin, que foi o rabino do grande Shelá *Hacadosh*, acreditava que o estudo de Guemará devia ser mais profundo e analítico, comparando as fontes – um método que recebeu o nome de “*pilpul*”. Já a *yeshivá* cujo rabino chefe era Rav Shimon Zeev seguia o método do seu sogro, o Maharshal, que acreditava que o estudo podia e devia ser mais simples. Com o passar do tempo, infelizmente, a divergência se tornou uma verdadeira *machloket* no nível dos discípulos e não dos mestres; um cenário triste em que os alunos de uma *yeshivá* caçoavam do método da outra e vice-versa. A tal ponto que decidiram levar a disputa a um grande sábio que vivia em Amsterdã.

Levou-se um tema relacionado ao acréscimo da letra “*vav*” em uma pergunta do Tossafot – um dos comentaristas clássicos do Talmud –, estabelecendo um acordo absurdo, segundo o qual, a *yeshivá* que estivesse entendendo o Tossafot da maneira menos correta deveria deixar a cidade de Lublin. A resposta de Amsterdam chegou: a *yeshivá* do Maharam era a que estudava da maneira menos correta e teve que deixar a cidade. Pouco tempo depois, uma desavença entre a comunidade de Lublin e o Rav Shimon Zeev forçou também a saída da sua *yeshivá* da cidade. Em suma, Lublin ficou órfã de *yeshivot* e de grandes *rabanim*.

Sem poder continuar daquela forma, a comunidade local buscou um líder espiritual e convidou o grande Rav Shemuel Eideles, o rabino-chefe da cidade ucraniana de Ostrog, mais conhecido como Maharshá. Depois de hesitar bastante, o Maharshá aceitou o convite. No primeiro Shabat, a maior

sinagoga da cidade ficou lotada para ouvir a primeira prédica do novo rabino-chefe. Mas, quem chegou ali com a expectativa de sair com um *Devar Torá* cheio de novidades levou para casa um enorme puxão de orelha. O que se ouviu foi um discurso de crítica severa à postura da comunidade de Lublin. Assim que subiu ao púlpito, o Maharshá, em tom rigoroso, fez duas perguntas. A primeira:

“Sagrado público, gostaria de saber com que justificativa vocês fazem este convite para que eu assuma o rabinato da vossa comunidade, sendo que eu já era o rabino-chefe de uma cidade muito mais relevante e com potencial em Torá do que essa.”

O silêncio foi constrangedor! Então, veio a segunda pergunta: “Por que vocês me convidaram se havia dois grandes sábios comandando duas importantes *yeshivot* na cidade? Saibam que eu relutei porque não era uma proposta adequada e correta, já que veio de uma *machloket* absurda. Mas decidi aceitar para fazer o que vim fazer hoje aqui.”

Em suma, o Maharshá evocou seu poder de líder e, como condição à sua permanência, ordenou que a comunidade chamasse de volta imediatamente as duas *yeshivot* que havia ali e, obviamente, seus rabinos. Mas a bronca deu resultado. As duas *yeshivot* foram restabelecidas e uma inédita paz se testemunhou em Lublin. O Maharshá por sua vez voltou para Ostrog, sua cidade.

Houve e há inúmeras edições de Talmud no decorrer da História, mas, desde este episódio, absolutamente todas as variações editoriais contém os escritos e comentários dos três rabinos envolvidos neste episódio: o pacificador Maharshá, e os mentores das duas *yeshivot* citadas, o Maharam e o Maharshal aparecem na mesma página! É a demonstração de que promover a paz traz um mérito tão grande que proporciona a eternidade. Aquela paz sagrada está registrada em cada tratado do Talmud.

FALAR, SE ABRIR E ESCLARECER

Como se manter longe de uma desavença? Uma das melhores dicas está explícita na própria Torá. O Ramban explica por que um versículo da Parashat Kedoshim, relacionado às boas relações que devemos manter com as pessoas com quem convivemos, traz as duas *mitzvot* justapostas, que veremos a seguir:

“Não odiarás o teu irmão em teu coração; repreenderás a teu companheiro, e não levarás sobre ti pecado” (Vaicrá 19:17).

Ora, por que a repreensão vem depois da proibição de odiar? Explica o Ramban: porque a tendência natural das pessoas que começam a desenvolver uma mágoa por alguém, sentimento este que tem o potencial de virar ódio, é justamente se afastar e/ou não falar mais com ela. Adotar aquela postura que alguns chamam de “guerra fria” particular. Tais contextos são muitas vezes até considerados como atitudes corretas, pois as pessoas pensam: “Minha vontade era xingar essa pessoa, ou seja, estou sendo uma pessoa melhor, superior e justa se não falar com ela” – o famoso “dar um gelo”. Para a Torá, esclarece o Ramban, é uma postura reprovável.

O correto é procurar a pessoa e se abrir com ela, com o devido cuidado e, se conseguir, com o devido carinho também. Se abrir para esclarecer! É possível que venha uma reação negativa por parte da outra pessoa, mas há grandes chances de que haja uma resposta positiva e se estabeleça a tão almejada paz. Sabedoria para o Judaísmo, neste contexto, não é “engolir sapos” – e esta recomendação é essencial no caso de desavenças entre cônjuges – e sim buscar o diálogo. É por isso que a *mitzvá* de repreensão – que deve ser feita com o devido cuidado – está depois da proibição de se odiar o próximo no coração. Devemos verbalizar o ressentimento que temos no coração em vez de guardar rancor de forma “silenciosa”.

E por que é tão difícil proceder desta maneira? Responde o Rav Wolbe: porque o nosso orgulho nos impede. Ele nos faz pensar que procurar a pessoa para tentar esclarecer os fatos é “dar o braço a torcer”. Tomar a iniciativa de buscar a paz é sinal de fraqueza, diz o nosso *ietzer* em forma de puro orgulho. Um equívoco, de acordo com o espírito da Torá. Além disso, explica o Rav Wolbe, pode vir um raciocínio de que D’us está vendo o que está acontecendo e vai julgar. Também neste modo de pensar há orgulho: o magoado acha que o que magoou lhe deve, e que D’us é que vai cobrar dele. Outro erro também de acordo com a orientação do Ramban. É preciso ter força e coragem de buscar o diálogo, abrir o coração admitindo a chateação e tentar fazer as pazes. Pode não funcionar, mas na maioria dos casos é provável que o “tubarão” que havia na mente se revele um “peixinho dourado” e a mágoa se dissipe por completo.

LASHON HARÁ, O VEÍCULO PARA A MACHLOKET

Uma das vias mais usadas para se chegar a graves desavenças é sem dúvida o *Lashon Hará* (maledicência). Imaginemos, portanto, o seguinte cenário: a esposa chega em casa muito chateada por alguma coisa que alguém lhe fez naquele dia. Ela pode contar o que aconteceu para seu marido? Se houver o cuidado de não citar nomes, ela pode; caso contrário, estará fazendo *Lashon Hará*, o que é proibido mesmo entre marido e mulher. Acrescenta o rav Shelomo Zalman Auerbach z”l que o marido tem a obrigação de ouvir o desabafo de sua esposa e de forma habilidosa deve acalmá-la para evitar que a mágoa se transforme em discussão, aconselhando-a a julgar para bem ou relevar, ou melhor ainda, se for o caso, procurar a pessoa para esclarecer, como dissemos acima.

Eis um caso, contado por um grande rabino, que exemplifica bem o poder destrutivo da *Lashon Hará* – um dos combustíveis da *machloket*. Aconteceu em Israel. Duas moças sentadas juntas em um ônibus intermunicipal conversavam animadamente, quando uma delas contou a outra que certa conhecida de ambas havia ficado noiva. Imediatamente, a notícia provocou uma onda de comentários negativos sobre a futura esposa, com direito a dizer o quanto o noivo era um pobre coitado, e daí em diante...

Depois de poucos minutos, uma senhora que estava sentada atrás das moças, bateu levemente no ombro de uma delas e agradeceu. As duas se olharam sem entender e questionaram qual o motivo do agradecimento. A senhora explicou: “Estou agradecendo porque sou a mãe do noivo. Então só posso agradecer a vocês por terem me alertado, mesmo que involuntariamente. Agora, assim que eu chegar em casa, vou contar tudo o que ouvi de vocês ao meu filho para que ele cancele o noivado. Foi uma *mitzvá* o que vocês fizeram!”

As moças ficaram em estado de choque e se envergonharam na hora. E, depois de uma rápida pausa, começaram a argumentar que na verdade não era bem assim como haviam dito. Disseram que de fato haviam tido uma problema com a suposta futura nora da tal senhora e que nada do que haviam dito sobre ela era verdade. Foi então que a senhora completou: “OK, então quero lhes dizer que também não é verdade que sou a mãe do noivo! Mas fiz isso para que vocês percebam o poder destrutivo da *Lashon Hará*. Vejam como isso pode gerar mágoa, ódio e *machloket* entre as pessoas!”

Quanto sofrimento e lágrimas um simples comentário negativo pode causar? Amizades abaladas, noivados desfeitos, casamentos arruinados, empregos perdidos, bullying, enfim, *machloket*. E é preciso registrar um dado muito grave: D'us "sofre" muito por nossos desentendimentos, desavenças, brigas e guerras. É como um pai que não aguenta ver seus filhos brigando, não se respeitando, deixando até de se falar. Devemos pensar nisso antes de nos deixarmos envolver por qualquer contexto ou clima de discórdia.

DINHEIRO, SINAGOGA E REZEMOS PELA PAZ

Há ainda dois fatores, dois contextos que podem potencializar a *machloket*. Um deles é o dinheiro. O segundo é a convivência nas sinagogas. Falemos do primeiro.

Se há um contexto que dá à *machloket* um potencial de atingir um patamar de distanciamento definitivo, e ao mesmo tempo dificulta enormemente as tentativas de diálogo para restabelecer a paz, é aquele em que há dinheiro envolvido. Uma dívida, um possível calote, uma possível divisão injusta de bens, etc. Quando a causa da mágoa ou ódio está relacionada ao dinheiro, as coisas ficam muito mais difíceis, os ânimos costumam ficar mais exaltados e os rompimentos tendem a ser irreversíveis. Muitas vezes, quando há dinheiro no meio da desavença, amizades de décadas e até os laços familiares mais próximos se desmancham em instantes. Por que é assim?

Há uma máxima talmúdica sobre a natureza humana, muito verdadeira. Em uma tradução livre, seria algo como "se conhece uma pessoa de verdade vendo seu copo, em seu bolso e em sua raiva". Ou seja, ficamos sabendo quem a pessoa realmente é quando ela bebe (bebidas alcoólicas), quando mexem com seu dinheiro e quando ela está em uma situação que a deixou irada. No caso do dinheiro, o fator que nos interessa no contexto do nosso tema, é natural que o elemento determinante do nosso sustento nos deixe mais sensíveis e vulneráveis, dificultando bastante que enxerguemos os fatos de forma objetiva e racional.

Nestes casos, e nos demais tipos de *machloket* também, a pessoa que se sente prejudicada deve inserir em suas reflexões um conceito judaico essencial. É preciso lembrar que ninguém passa por qualquer sofrimento sem que D'us permita, ou seja, se a pessoa foi ou se sentiu enganada ou agredida, é porque precisava passar por aquela situação de sofrimento e desavença.

O segundo contexto é um cenário no qual idealmente a *machloket* nunca deveria se manifestar; mas, como a experiência demonstrou em toda história judaica, infelizmente, este tem sido um palco para variados tipos de desentendimentos. Estamos falando das sinagogas. Sejam elas pequenas ou grandes, com frequentadores com mais ou menos poder aquisitivo, maior ou menor nível de erudição em qualquer ciência ou até mesmo em Torá. Uns preferem este *chazan* e outros preferem aquele; uns querem que o horário da oração matinal seja x, outros querem que seja y; um grupo quer que o ar condicionado fique ligado, o segundo grupo quer desligado, etc., etc.

Há uma espécie de interpretação bem humorada de um *Midrash* que aborda o episódio em que Yaacov dorme em sua fuga de Essav rumo à casa de Lavan e sonha com os anjos que subiam e desciam uma escada que ia da terra aos céus. O *Midrash* conta que as pedras começaram a discutir e brigar para ver qual delas teria o mérito de apoiar a cabeça do sagrado patriarca. Pois bem, quando Yaacov acordou – e isto está escrito literalmente na Torá – percebeu que aquele era o portão dos céus e portanto o local do Templo. A interpretação, irônica, declara: “Por que ficou claro para Yaacov que aquele era o local do Templo – a maior de todas as sinagogas? É óbvio: porque testemunhou a briga entre as pedras!”

Nosso esforço é fazer em nossas congregações o mesmo que fez o Todo-Poderoso, de acordo com o desfecho do *Midrash*: D’us juntou todas as pedras em uma só. Uma alusão de que podemos evitar tais desavenças se nos unirmos mais. Mais unidos viveremos obviamente com maior potencial de paz.

A paz, o oposto da *machloket*, é um valor tão importante para o Judaísmo que sempre aparece em destaque nos textos e na liturgia diária. Não é à toa que *Shalom* é o cumprimento coloquial judaico. *Shalom* é também um dos nomes de D’us! Qual a última bênção da *Amidá*? É justamente a que pede a paz. Qual a frase que encerra o *kadish* completo? A famosa “*Ossê Shalom bimeromav, Hu iaassê Shalom aleinu...*” (“Aquele que faz a paz em seus céus, Ele fará paz sobre nós...”). Qual a última palavra do *Bircat Cohanim*? Você já sabe: *Shalom*!

Aliás, há uma pergunta interessante sobre a construção gramatical desta última bênção do *Bircat Cohanim*. Por que “e colocará **para você** a paz” e não “para vocês”? Afinal, uma *machloket* pressupõe o envolvimento de pelo menos duas pessoas. Assim, a paz deveria ser pedida e vir como uma bênção no plural. A resposta é uma mensagem fundamental, que pode representar

o maior antídoto para a *machloket*. Talvez melhor chamar de vacina, já que é uma prevenção espetacular. Se fala em paz no singular porque essa é a paz que é suficiente, é a paz que basta para que não haja desavenças: a paz individual e interior. Como diz o ditado popular: “Se um não quer, dois não brigam.” Se a pessoa está em verdadeira paz com D’us, com as pessoas com quem convive e, principalmente, consigo mesma, é quase certo que ela não vai ser atraída pelas garras de uma discussão, de uma briga, de uma disputa qualquer.

Basta a pessoa construir esta realidade em sua vida e se esforçar para mantê-la: “Não tenho inimigos! Não vou deixar com que você ou qualquer outra pessoa se torne o primeiro ou o único!”

Que tenhamos a força necessária para passarmos todos os dias, a cada momento, bem longe da *machloket*. Que tenhamos o mérito de adquirir e espalhar paz interior e exterior!

VOCÊ SABE COMO SURTIU A UNIVERSIDADE DE STANFORD?



“

As primeiras Tábuas, por terem sido entregues aos olhos do público, foram dominadas e quebradas pelo *Ain Hará* (mau olhado).

”

THE DECORATION AWARDS

Vamos abordar um assunto muito antigo, já que ele consta na Torá há mais de 3000 anos, mas que é extremamente contemporâneo e relevante para o nosso contexto de vida atual.

Se fizermos uma enquete com especialistas – e neste caso precisaríamos consultar arquitetos e decoradores, é claro, mas também historiadores, arqueólogos e estudiosos da Torá – sobre qual foi a construção mais impressionante em termos de beleza e esplendor sobre a face da Terra, em todos os tempos, vamos nos deparar com muitas respostas e opiniões. Talvez alguns citem os palácios da Antiguidade, os templos cristãos ou muçulmanos da Idade Média, Versalhes, Taj Mahal, os hotéis mais luxuosos dos últimos dois séculos, ou algum dos edifícios de Dubai, etc. Mas vamos também encontrar uma resposta judaica.

A Guemará afirma que o Segundo Templo sagrado de Jerusalém, que foi todo reformado por Herodes, foi a mais linda e deslumbrante edificação jamais feita pela mão do homem. E, mais uma vez, não estamos falando de aspectos espirituais – tratou-se, segundo o Talmud, do edifício mais impressionante e espetacular no quesito material e estético. Há referências quanto à suntuosidade do Primeiro Templo (de Salomão) e quanto ao Tabernáculo construído no deserto, mas a medalha de ouro vai mesmo para o Segundo Templo. Os sábios atestam que quem não teve o mérito de ver o interior do santuário do Segundo Templo não viu um edifício verdadeira e absolutamente belo em sua vida. É como se fosse a unanimidade em termos das discussões que às vezes testemu-

nhamos entre as pessoas, contando sobre os hotéis maravilhosos em que se hospedaram, em que um diz ao outro: “Já estive nesse hotel a que você se refere e, sinceramente, este em que eu me hospedei faz o teu parecer fichinha...”

Dito isso, eis que surge uma questão sobre a qual pouco se fala: se o interior do Segundo Templo era tão magnífico, por que se investiu tanto esforço em planejamento, execução e utilização dos materiais mais luxuosos e caros (ouro, prata, cobre, madeiras, tecidos, couros e tintas das mais nobres) em um edifício que praticamente ninguém via? Por exemplo, no Tabernáculo, as tábuas que montavam as paredes do *Kodesh* (o átrio onde ficavam o Altar dos Incensos, a Menorá e a Mesa dos Pães) eram revestidas de ouro, suas sapatas eram de prata; mas quem testemunhava todo esse luxo? Os poucos *cohanim* que trabalhavam no Templo e mais ninguém!

Mais ainda o *Kodesh Hakodashim*, o cômodo mais sagrado do universo, que era isolado pela cortina de lã celeste e linho puro com estampas bordadas, continha a arca Sagrada, feita de madeira de cedro revestida em ouro por fora e por dentro (!), com a tampa de ouro maciço contendo os querubins em sua superfície. Era uma visão inigualável em esplendor. Quem tinha acesso a este cenário? Somente o *Cohen Gadol*, por poucos minutos a cada Yom Kipur. Impressionante! Se não havia público para registrar visualmente tais ostentações, para que fazê-las e mantê-las? Afinal, o acesso a qualquer palácio antigo ou medieval era restrito aos monarcas e suas cortes. Entretanto, além destes serem moradores, juntamente com seus incontáveis empregados, em ocasiões especiais, as portas se abriam para que mais pessoas se deslumbrassem com toda a beleza e o requinte do local. No caso do Templo, porém, tudo estava constantemente longe dos olhos da esmagadora maioria. Por quê? Qual a lógica de gastar tanto para o testemunho de tão poucos?

VALORES INCOMPATÍVEIS COM A EXPOSIÇÃO

A pergunta fica mais forte quando comparamos com posturas adotadas em qualquer sinagoga do mundo. Se há no plano da construção duas cozinhas, uma para o ano todo e outra para Pessach, em qual delas haverá maior capricho? É óbvio que na do ano todo, já que ela é a mais usada, a mais frequentada, a mais vista. E assim procedem na maioria das comunidades. Se há um

espaço reservado à Sucá e outro usado durante os demais dias do calendário, qual receberá mais investimento? Claro que o espaço mais utilizado. Por que no Templo recintos tão pouco usados deviam ser tão ricamente decorados? Não era um desperdício gastar tanto dinheiro em locais tão pouco frequentados?

Outro fator que fortalece ainda mais a questão é o conceito de que “o Todo-Poderoso se importa com as finanças dos israelitas”. A tal ponto que a Lei Judaica fixa que o *Cohen Gadol* deveria usar uma pá de cobre – ao invés da pá de ouro – para tirar as brasas de cima do Altar dos Sacrifícios. Por quê? Para não gastar mais das doações de Israel. Como explicar esse aparente contrassenso entre a exigência de determinadas contenções e o luxo gasto com os interiores dos templos citados?

E, falando em gastos, seria interessante termos uma noção do custo da construção e revestimentos do Tabernáculo para dimensionarmos o nível de requinte dos materiais utilizados neste, que foi o menor e mais simples dos templos sagrados. De acordo com os cálculos dos estudiosos no assunto – que estão acessíveis a qualquer pesquisador navegante do Google – as 48 tábuas de madeira revestidas de ouro somavam cerca de 500 mil dólares. As sapatas de prata que os uniam poderiam chegar a 2 milhões e 600 mil dólares! A Arca Sagrada com sua tampa com os querubins – ambos de ouro maciço – custaram em torno de 1 milhão e 560 mil dólares. A *Menorá* de ouro maciço não sairia por menos de 1 milhão e 850 mil dólares. Sem citar todos os inúmeros demais utensílios, o montante ultrapassava 7 a 8 milhões de dólares. E, mais uma vez, esses eram os valores do Templo móvel. Os dois Templos fixos de Jerusalém eram muito maiores e obviamente requeriam quantidades muito maiores de material de revestimento; ou seja, valores ainda mais elevados. Uma das fontes onde é possível encontrar todo o estudo é um artigo da Orthodox Union americana, sob o título “How much would the *Mishkan* cost today?”.

Reitere-se, portanto, a questão principal: não era desperdício investir tanto – ainda por cima, com dinheiro suado do povo, de seus sapateiros, pedreiros, marceneiros, aguadeiros, etc. – para construir e decorar um lugar mantendo-o isolado e escondido do convívio e dos olhos das pessoas?

PASSAGENS QUE REVELAM O VALOR DE ESCONDER

Vamos encontrar a explicação em algumas narrativas da Torá e escritos dos nossos sábios. A primeira fonte que citaremos está no início do *Sefer Shemot*, na *parashá* de mesmo nome. Lá, a Torá nos conta sobre o nascimento do ser humano número 1! O homem mais elevado, ético, moral, bondoso e humilde de todos os tempos. O profeta inigualável que mais próximo esteve do Criador enquanto viveu sobre a Terra: Moshe *Rabenu*. Mais conhecido como o homem mais humilde que já viveu, Moshe possuía outra característica essencial para o alcance dos mais elevados patamares comportamentais e espirituais de acordo com a Torá, e que é a chave para entendermos os questionamentos trazidos acima: a discrição!

Logo no primeiro relato sobre seu nascimento, a Torá já utiliza uma linguagem discreta para descrever a concepção do libertador e líder máximo de Israel. No texto em que cita seus progenitores, a Torá simplesmente não revela a princípio seus nomes. Eis o trecho correspondente: “E um homem da casa de Levi foi e se casou com uma filha de Levi.” Imagine o leitor como seria o convite para este casamento: os convidados iriam a uma cerimônia e festa sem saberem os nomes dos noivos! Em passagens subseqüentes a Torá acaba por revelar os nomes de Yocheved e Amram, pais de Moshe, mas essa informação é passada bem depois do momento crucial de suas apresentações e do anúncio de seu casamento. Nestes versículos em que são os protagonistas, suas identidades são protegidas pela sagrada virtude da discrição.

Logo depois, a Torá revela como e por que Moshe teve que fugir do Egito para Midian. Depois de matar um egípcio que batia impiedosa e fatalmente em um escravo hebreu, Moshe enterra seu corpo na areia, acreditando não ter havido testemunhas. No dia seguinte, porém, ao tentar separar uma briga entre outros dois israelitas, eis que o jovem Moshe é surpreendido por uma frase cortante, à qual reage indignado: “Pensas tu em matar-me como mataste o egípcio?”. E temeu Moshe e disse: “Agora, certamente o caso foi conhecido.” Em seu comentário sobre essa reação de Moshe, Rashi nos esclarece que naquele instante Moshe entendera uma questão que sempre o incomodara: por que o povo de Israel merecera uma escravidão tão severa por dezenas de anos? Porque não sabiam ser discretos! Pelo fato de que ficaram sabendo que Moshe matou o egípcio. Estava provado que não tinham condições de guardar

um segredo por vinte e quatro horas! Seria o mesmo procedimento comum de nossos tempos de disseminar qualquer informação ou imagem nas redes sociais em segundos.

Também com o primeiro casal hebreu encontraremos significativos destaques à qualidade da discrição. Quando recebeu os três anjos em sua casa, Avraham foi questionado por eles: “E disseram-lhe: onde está Sará, tua mulher? E disse (Avraham): ela está na tenda.” Rashi mais uma vez nos esclarece que a intenção dos anjos – que sabiam a resposta para sua pergunta – foi chamar a atenção de Avraham para o quanto Sará era discreta.

No episódio talvez mais importante de todo o *Sefer Bereshit*, o quase sacrifício de Itzchak, Avraham fez questão de ordenar a seus dois ajudantes – Eliezer e Ishmael – que não o acompanhassem até o topo do Monte Moriá para que aquele momento sublime – que entraria para a História como o símbolo da verdadeira fé judaica em D’us, e seria lembrado todos os anos em Rosh Hashaná por meio do toque do *Shofar* – fosse o momento mais discreto possível.

Apenas como alegoria, imaginemos o que faríamos se um charlatão conseguisse nos convencer de que haviam sido encontrados os restos das brasas que Avraham usara para colocar sobre o altar em que pretendia sacrificar seu filho. Qual seria a nossa reação instintiva e imediata? Rezar? Ler um trecho dos Salmos? Claro que não! Pegaríamos nossos celulares e faríamos algumas *selfies* para espalhar o momento nas redes. Mas esse não foi o espírito daquele evento sagrado. Ali, nos primórdios da formação do povo judeu, buscava-se o oposto: que ele fosse o mais reservado possível.

Essa é a resposta para a ocultação do interior dos Templos Sagrados, seus utensílios, suas atividades mais sagradas: quanto mais sagrado, mais se requer discrição! Como se faz com as mais valiosas joias, com os maiores tesouros, os elementos de maior valor material e espiritual devem ser guardados nos mais escondidos “cofres”, ou seja, devem ser protegidos dos olhares alheios. Essa proteção é também o segredo para que qualquer elemento importante, mesmo que seja sagrado, seja abençoado e perdure.

Por quê? Qual o problema da exposição? O que há de errado no fato de haver algumas ou muitas pessoas testemunhando um local, um acontecimento, uma atitude, uma cena?

O QUE OS OLHOS NÃO VEEM...

Para enfatizar ainda mais a pergunta, eis, a seguir, dois exemplos de falta de discrição, um de âmbito individual e o segundo de um contexto público.

Rav Shwab conta que certa vez uma senhora fez questão de vir até ele em um evento para lhe contar que decidira tomar uma iniciativa aparentemente louvável. Disse ao rabino que passaria a decretar sobre si várias vezes fazer jejuns. O Rav Shwab questionou a senhora – cujo nome omite, para evitar obviamente o *lashon hará* (maledicência) – o porquê daquela postura, se havia sido por causa de algum acontecimento ou sonho ruim; ao que a mulher respondeu que não, afirmando que adotara tal medida para se aprimorar espiritualmente. O Rav Shwab não só criticou a medida propriamente dita, argumentando que os jejuns não são uma prática trivial ou desejada pelo Judaísmo (sendo aplicada somente em casos necessários, públicos ou particulares), mas também registrou posteriormente em seus escritos que possuía uma prova de que aquela iniciativa não advinha de intenções elevadas e puras. Por quê? Pelo simples fato de a senhora ter feito questão de procurá-lo para lhe contar sem nenhuma razão. Ou seja, por ter externado sua decisão, não a mantendo de forma discreta, era claro que não se tratava de um movimento pessoal positivo.

Houve dois pares de Tábuas da Lei. As primeiras – que foram totalmente produzidas por D’us, possuindo maior santidade e poder sobrenatural (proporcionavam o dom da memória absoluta ao estudo da Torá) – acabaram sendo quebradas aos pés do Monte Sinai. As segundas, que receberam a participação de Moshe em sua confecção, e por isso mesmo não tinham o mesmo nível milagroso das primeiras, duraram intactas para sempre. Por quê? O que ocorreu de diferente entre o primeiro e o segundo par? Responde o *Midrash* de forma contundente: “As primeiras Tábuas, por terem sido entregues aos olhos do público, foram dominadas e quebradas pelo *Ain Hará* (mau olhar); e aqui disse o Todo-Poderoso: não tens nada mais lindo do que a discrição!”

Impressionante! A discrição, portanto, não é apenas uma conduta ética, é uma das únicas armas contra um dos mais presentes males que habitam esta dimensão: o *Ain Hará*! A questão que surge é: então, quer dizer que existe mesmo o *Ain Hará*? Seria legitimamente judaico acreditar que o ser humano pode sofrer influências dessa energia negativa? Ele só atinge quem acredita nele? E, principalmente: como lidar, evitar ou se defender dele?

De acordo com o *Midrash* que citamos, sobre a quebra das primeiras Tábuas da Lei, não há dúvida de que o *ain hará* existe e independe de a pessoa acreditar nele ou não. Muitas fontes citam o *ain hará* de forma trivial:

“*Rabi Iehoshua diz: o olho mau (ain hará), o instinto do mal, e o ódio às criaturas tiram (afastam) o homem do mundo*” (Avot 2:11).

“*E disse Rabi Abahu, disse Rav Huna, disse Rav: é proibido um homem observar o campo de seu próximo na época em que este está florescendo*”. Rashi: “**É proibido um homem, etc.** – para que não lhe cause danos com o *ain hará*” (Baba Metsia 107a).

“*E afastará o Eterno de ti toda enfermidade*’ (Deuteronômio 7:15) – disse Rav: este é o olho”. Rashi: “**Toda enfermidade** – um elemento do qual dependem todas as enfermidades é o *ain* – o *ain hará*” (Baba Metsia 107b).

O Talmud, portanto, afirma que uma ou mais pessoas podem causar graves danos a outras, em seus corpos ou em suas posses, pelo simples fato de direcionar um olhar negativo e invejoso. Seria, então, uma força inevitável, sem prevenção ou proteção, que atingiria as pessoas indiscriminadamente? Não! Como dissemos, há uma proteção primordial: a discrição. A melhor prevenção contra o *ain hará* é não ostentar o que se possui, não alardear os próprios feitos e, independentemente do nível econômico, levar uma vida simples, recatada e reservada. Afastar todos os elementos e fatores que consideramos importantes e ou sagrados dos olhares do mundo exterior é a fórmula para adquirir proteção, benção, a permanência e até a eternidade dos mesmos. A opção pela valorização do mundo interior em detrimento da exterioridade é a chave para uma vida plena, verdadeira, abençoada e protegida.

Cabe ressaltar que o Judaísmo considera alguns procedimentos alternativos como legítimos, mas pouco eficazes, se comparados à virtude da discrição. O Rabino Eliezer Papo, por exemplo, incluiu o conceito de *ain hará* na seleta e valiosa lista de sua obra prima – *Pêle loêts*. Ali, ele recomenda que duas categorias de precauções sejam tomadas para evitá-lo. A primeira é a confirmação da adoção da virtude do recato e da discrição. A segunda categoria reúne algumas *segulot* (simpatias), como a utilização da arruda, ou “simplesmente” pedir a proteção Divina, por meio da *tefilá*. Além disso, o Rav Papo aconselha que se tome cuidado em não fitar os bens ou elogiar

as virtudes de uma pessoa sem expressar uma bênção contra a influência do *ain hará*. *Chamsas* (a mão estilizada com desenhos de olhos nas palmas) ou demais amuletos, como os “olhos de vidro”, ou a colocação de chumbo em painéis, banhos de sal grosso, são considerados de pouca eficácia pela maioria dos rabinos, quando comparados às sugestões anteriormente mencionadas pelo Pele loêtz, principalmente, se a utilização dessas simpatias não vier acompanhada de uma postura cotidiana discreta.

BOA VIDA, EXPOSIÇÃO E CURTIDAS

E o desafio de ser e levar uma vida reservada hoje é muito maior do que no passado recente. Por vários motivos. Um deles, como dissemos, é o advento da internet e a disseminação das suas redes sociais virtuais. Nesse universo paralelo poderoso, as pessoas costumam rumar para uma direção oposta à da Torá. Expor a intimidade, contar sem receio as conquistas, alardear as aquisições, as propriedades, as viagens, o guarda-roupa, etc., etc. Uma verdadeira febre muito mais fútil e perigosa do que as pessoas imaginam. Tanto do ponto de vista físico, quanto – ou muito mais – do espiritual.

Outro fator: a melhoria da qualidade de vida da média dos seres humanos que habitam a Terra. Eis o que diz um estudo sobre a renda da população mundial atual: “O mundo hoje oferece muitas possibilidades interessantes. O Produto Interno Bruto (PIB) do planeta passou de 1,3 trilhão para 70 trilhões de dólares em apenas 51 anos.” E quanto mais nós temos, maior é o teste. Vivemos de uma maneira muito diferente do que vivia o Barão de Rothschild, por exemplo. A classe média atual leva um estilo de vida mais confortável do que um aristocrata há 100 anos, com confortos e avanços tecnológicos inimagináveis para a época.

Mas este fenômeno que perdura e está mais grave hoje em dia é tão antigo quanto o próprio ser humano. A própria Torá cita exemplos de acontecimentos negativos que ocorreram a personagens de destaque no texto bíblico por causa da influência do *ain hará*. Hagar, a serva de Avraham e Sará, por exemplo, engravidou duas vezes, mas apenas uma vingou. Rashi revela em seu comentário sobre Bereshit 16:5 o que ocorreu com a gravidez que foi interrompida: isso ocorreu porque Sará colocou *ain hará* na sua gestação e por isso Hagar abortou.

O mesmo motivo é dado pelo mesmo Rashi para a febre que Ishmael, filho de Hagar, teve no deserto depois que ambos foram expulsos da casa de Avraham: o *ain hará* que Sará colocou sobre Ishmael. Esses e demais exemplos nos indicam não só que o *ain hará* existe, como pode vir de pessoas boas, com níveis de consciência e intenção muitas vezes difíceis de controlar e impossíveis de medir.

Voltando a exemplos atuais, um fenômeno cada vez mais comum que se iniciou nas últimas gerações: a ostentação nas festas comemorativas de eventos religiosos, como *Bar e Bat Mitzvá* e casamentos. Certa vez, uma pessoa que gosta de ouvir as nossas aulas me encontrou numa festa de *Bar Mitzvá* e, com o argumento de que eu gosto muito de trazer novidades para as minhas aulas, me chamou para ver uma incrível atração inovadora daquela festa. Eu o acompanhei por educação e constatei que havia de fato algo muito diferente e especial no buffet daquela celebração. Admiti que era interessante, mas o contexto me surtiu o efeito oposto ao esperado por aquela pessoa, além de provocar em mim uma importante reflexão. Sem querer julgar qualquer pessoa, mas no ensejo do tema que estamos abordando, vale a pena questionarmos: será esse um valor importante para o Judaísmo e para a vida e, principalmente, no caso dos *Bar e Bat Mitzvot*, para os filhos? Ou seja, gastar tanto tempo, dinheiro e energia para surpreender as pessoas e talvez superar os “concorrentes” utilizando-se justamente do recurso perigoso da exposição?

O que de fato é essencial para os nossos filhos é que dediquemos a eles algo de muito maior valor: o nosso tempo! E que esse tempo seja gasto com qualidade, com amor, carinho e em especial: com atenção! Além disso, é preciso desenvolver a capacidade de enxergar e valorizar o potencial verdadeiro de cada um deles, observando suas características específicas. Não fazê-los entrar em um processo de competição com os colegas ou com os padrões de amigos e vizinhos, em termos de posses e conquistas. É preciso respeitar as habilidades e limitações de nossos filhos. Isso é preservá-los e amá-los verdadeiramente.

SIMPLICIDADE E RECATO

Dois outros aspectos relacionados à discrição são, sem dúvida alguma, conceitos que praticamente traduzem-se como sinônimos dela: o recato e a simplicidade. Falemos primeiro do recato e, me perdoem o rigor, mas que se tome como um alerta que vem baseado em carinho e preocupação com

o bem estar e a felicidade das pessoas. Como pode ser encarado como algo normal uma mulher – principalmente uma judia religiosa – fazer ginástica (ou permitir que sua filha faça aulas particulares de ginástica) com *personal trainer* do sexo masculino, quando ela veste calça *legging*? A pessoa pode e deve usar as roupas adequadas e condizentes com a prática. Quem quer evitar, D’us nos livre, a possibilidade, mesmo que remota, de uma exposição maliciosa que pode levar a pecados muito mais graves, deve procurar uma *personal* mulher. E sejamos taxativos: tais transgressões graves, cada vez mais comuns, só ocorrem porque se toma pouco cuidado com o recato. Não adianta argumentar que o *personal* é uma boa pessoa, ou que é um profissional, ou que foi muito bem indicado. A falta de recato provoca as reações mais inimagináveis nas pessoas.

Por outro lado, quem adota um estilo de vida discreto, recatado e se apresenta de forma simples, mesmo que possua a possibilidade de se mostrar de forma extravagante, protege-se como dissemos de muitos males e ameaças materiais e abstratas. Em contrapartida, podem também se dar muito mal aqueles que só valorizam os que se exibem de forma luxuosa e requintada. Uma história verídica incrível vai expressar essa ideia de forma brilhante.

A UNIVERSIDADE DE STANDFORD É CRIADA

Certa vez, na cidade de Boston, um casal de senhores maduros apareceu sem marcar hora no gabinete do reitor da Universidade de Harvard, Charles Eliot, pedindo uma reunião breve com a autoridade máxima daquela instituição. A secretária executiva estranhou não só a presença repentina dos dois, mas também a forma simplória e até desajeitada como estavam vestidos – a senhora com um vestido desbotado e o senhor com um terno visivelmente velho e batido, parecendo dois caipiras do interior dos EUA. Com ar um tanto impaciente, explicou que o reitor estava com a agenda daquele dia muito cheia e que seria muito difícil recebê-los, talvez só depois de uma longa espera. Os dois idosos decidiram se sentar e esperar. Passaram-se algumas horas e eles não arredaram o pé, continuaram a esperar pacientemente uma possibilidade de conversar com o reitor, apesar das tentativas sucessivas da secretária a cada meia hora de convencê-los a desistir, tendo já avisado ao seu chefe o que ocorria na sua antessala.

Percebendo que eles estavam dispostos a esperar o quanto fosse necessário, a funcionária decidiu explicar a situação ao reitor que, constatando ser inevitável escapar, finalmente deu ordem para que a secretária os deixasse entrar e os recebeu, estranhando igualmente suas aparências. Com ar irritadiço, ele perguntou do que se tratava. O casal começou então a explicar que estava ali para pedir um favor. Explicaram que gostariam de homenagear o filho infelizmente falecido, que estudara por um ano em Harvard, por meio de algum monumento em sua memória, que levasse o seu nome, no campus universitário. O reitor debochadamente, com um sorriso irônico no rosto, replicou que isso seria impossível, já que, se para cada ex-aluno falecido fosse erguido um monumento, o local se transformaria em um cemitério. Impossível colocar uma placa para todos os ex-alunos falecidos. Foi então que os senhores explicaram que, na verdade, não haviam pensado em uma placa, mas, sim, em construir um novo prédio para a universidade em nome do rapaz.

O reitor, que já dava sinais de total impaciência, perguntou se eles tinham alguma noção de que montante de dinheiro seria necessário para tal façanha, ao que o casal respondeu negativamente. Em seguida, explicou que era uma soma grande demais para eles, sugerindo que voltassem para sua casa, provavelmente interiorana, e desistissem de tal vontade. O marido, no entanto, insistiu e pediu para saber o custo aproximado. Já de pé, indicando a porta, o reitor revelou o valor: aproximadamente 5 milhões de dólares (alguns milhões de dólares em valores atuais). O senhorzinho balançou a cabeça e concordou: “De fato, trata-se de muito dinheiro...”. Despediram-se e se foram.

O casal era Leland e Jane Stanford. Leland era um magnata das ferrovias, senador dos EUA, e ex-governador da Califórnia. Alguns meses depois, na cidade de Palo Alto, os dois ergueram a Universidade de Stanford, em honra de seu único filho, Leland Stanford Jr., que morrera em 1884 de febre tifoide, pouco antes de completar 16 anos. Seus pais decidiram criar uma instituição que serviria “crianças da Califórnia”. Entre os milhares de alunos que estudaram nesta instituição que virou referência mundial, estava simplesmente um dos que revolucionou o mundo: Steve Jobs.

Esse é o poder da simplicidade, do recato, enfim, da discrição. Esta qualidade ímpar de dar ênfase ao interior em detrimento ao exterior. Quem a cultivar e valorizar caminhará pelos caminhos da retidão, da verdade, da felicidade e da eternidade. Que possamos adotar esse valor judaico inestimável cada vez mais em nossas vidas.

APRIMORANDO NOSSO
RELACIONAMENTO COM
HASHEM



AS DUAS VELAS QUE MUDARAM A MINHA VIDA...



“

O Shabat faz com que tenhamos uma perspectiva correta das coisas, que saibamos quem é que realmente manda no mundo.

”

O CORAÇÃO DO JUDAÍSMO

Quando se trata de qualquer tema, existem tópicos importantes relativos a ele, mas há o que define a sua essência, o seu “coração”. Em relação ao Judaísmo não é diferente. Segundo os nossos Sábios, um judeu é sempre judeu, independente de quanto ele cumpre a Torá. Mas existe algo que serve como um carregador da bateria judaica individual – da alma judaica.

O Chafetz Chaim, o rabino Israel Meir HaCohen, faz o seguinte questionamento: “Como podemos saber se uma loja faliu? Se passarmos um dia na frente da loja e ela estiver fechada, isso não significa necessariamente que ela tenha falido; pode ser uma folga, ou um feriado, pode ser que o dono tenha esticado a viagem de férias. Mas se passarmos na frente da loja e lá estiver escrito ‘Passa-se o ponto’, não restarão dúvidas.”

Com base nisso, ele diz que um judeu sempre vai ser judeu e que enquanto ele cumpre *mitzvót*, sua “loja está aberta”. No momento em que o indivíduo deixa de cumprir o Shabat, é como escrever “passa-se o ponto” na alma. Assim, o que define um judeu é o quanto a pessoa cuida do Shabat, o nível de *shemirat shabat*.

O QUE É *SHEMIRAT SHABAT*?

Um dos alunos da *Yeshivá* de Volozhin se chamava Rav Baruch Ber Lebowits. Ele foi o diretor da *Yeshivá* de Kaminetz. Em 1930, ele foi aos Estados Unidos. Na época, o país não era o centro judaico que é hoje, cumprir o Shabat e trabalhar apenas seis dias da semana era muito difícil. Se o funcionário trabalhasse de domingo a sexta, mas faltasse no sábado: adeus, emprego.

O Rav Baruch Ber se aproximou de uma loja, viu uma *mezuzá* e deduziu que a loja era de um judeu. A loja estava fechada no Shabat, com cadeado. Então o Rav Baruch Ber deu um beijo no cadeado. Os alunos viram a cena e falaram: “A *mezuzá* está ali, por que você beijou o cadeado em vez dela?”. E o Rav respondeu que o cadeado era tão santo quanto a *mezuzá*, pois ele estava ali como afirmação de que D’us é quem manda no mundo. Esse objeto é um atestado de religiosidade, e portanto, tão sagrado quanto a *mezuzá*.

SHABAT COMO FONTE DE BÊNÇÃOS

Por que o Todo Poderoso nos deu o Shabat? O que ele representa para um judeu?

Na Torá está escrito: “Durante seis dias trabalharás e no sétimo descansarás.” Mas há um problema aqui. No *Lecha Dodi* – cântico que se diz na sinagoga na sexta-feira à noite, e que simboliza a entrada do Shabat – este é chamado de “Fonte das Bênçãos”. Mas como o único dia em que não podemos produzir e trabalhar é definido por D’us como fonte das bênçãos, inclusive materiais?

O *Shabat* é muito importante, basta ver que ele é celebrado semanalmente. Podemos estar de férias, mas tem *Shabat*, pode haver feriado nacional e mesmo assim ainda há *Shabat*. Para algumas pessoas, justamente por ele ocorrer semanalmente, talvez perca o brilho. Então, mais uma vez, nos perguntamos como ele pode ser a fonte das bênçãos se é um dia que não se pode trabalhar e nem produzir nada.

Podemos explicar isso com uma lei interessante do nosso código de leis, o *Shulchan Aruch* (*Orach Chaim*, sinal 180). Quando a pessoa vai comer um pão cuja bênção é *hamotsi*, ela faz *netilat iadaim* antes e *bircat hamazon* depois. Segundo o *Shulchan Aruch*, deve-se ter o cuidado de deixar um pouco de pão na mesa na hora do *bircat hamazon*. O *Mishná Berurá* explica o motivo disso através de algo que aparece nos livros dos profetas.

Havia um profeta chamado Elishá. Este conheceu uma mulher viúva que estava desprovida de sustento material, e que, portanto, precisava de uma bênção em relação a isso. Elishá então falou para a viúva: “Se você quiser uma bênção, eu preciso de utensílios para depositar os mantimentos.”

Esse é o motivo pelo qual devemos deixar pão na mesa durante o *Bircat*

Hamazon. Porque ele faz com que a bênção recaia sobre o pão. Ele é como o receptáculo onde pode ficar a bênção. Assim também no *Bircat Hamazon*: sem o pão, não tem onde recair a bênção.

O mesmo ocorre com o Shabat. D'us diz: “Se você quer ter bênçãos durante os seis dias da semana, prepare seu utensílio. Se você me der um copo de 100 ml na semana, nele derramarei minhas bênçãos, mas se você me der um balde, eu posso enchê-lo.” O Shabat é fonte das bênçãos porque é o recipiente que usamos para receber e desfrutar das bênçãos divinas durante os seis dias da semana.

Outra mensagem que está por trás do Shabat é que ele nos faz lembrar que quem manda no mundo de verdade é o Todo Poderoso. Quando uma pessoa trabalha, cria, produz, importa ou exporta durante os seis dias da semana, é natural que no final ela se sinta gloriosa e orgulhosa por tudo que fez. Mas é preciso lembrar que ela só trabalhou porque recebeu o aval de D'us. Ao deixar de trabalhar, o homem atesta que existe um Criador no mundo. Isso foi o que motivou o Rabi Baruch Ber a beijar o cadeado: por ver no objeto a prova de que o Shabat estava sendo mantido.

A HISTÓRIA DO GUARDA DE TRÂNSITO

Certa vez um sujeito estava parado em um cruzamento, e reparou num homem que estava ali de pé, apitando e fazendo sinais com as mãos para que os carros avançassem ou parassem. Esse homem estava se achando o máximo por estar orientando milhares de carros, por estar controlando as pessoas – tinha a sensação de que controlava o mundo. Um rapaz que parou no cruzamento e viu o guarda cheio de si chegou perto dele e disse: “Meu amigo, caia na real! Em cima de você tem um semáforo. Os carros estão obedecendo ao semáforo, e não a você.” O Shabat faz com que tenhamos uma perspectiva correta das coisas, que saibamos quem é que realmente manda no mundo.

SUSTENTO E BÊNÇÃO

Seguindo essa linha de raciocínio é fácil compreender que nem sempre aquele que trabalha mais é quem mais recebe e será mais bem sucedido. Por isso, às vezes vemos pessoas que trabalham dezoito horas por dia e não ga-

nham tanto quanto aquelas que trabalham quatro ou cinco horas por dia. O sustento monetário não depende necessariamente do número de horas, nem se trata de algo proporcional. A bênção provém do Shabat. Muitas vezes as pessoas reclamam dos seus trabalhos e, os sábios, em contrapartida, pedem para que elas cuidem do Shabat. Justamente no dia em que não se trabalha está se criando a fonte de bênçãos para os outros seis dias de trabalho.

A Guemará, no Tratado de Shabat, analisa um caso muito interessante. Imaginemos que uma pessoa está no meio do deserto sem ninguém para perguntar nada, e sem os aparelhos modernos que indicam data e hora. Ou seja, ela não tem a menor ideia do dia da semana em que se encontra. O que ela deve fazer?

O *Shulchan Aruch* responde que a pessoa é proibida de fazer trabalho durante todos os dias em que ficar no deserto, pois pode ser que esteja violando o Shabat. O Shabat é tão importante que ela não pode trabalhar nenhum dia neste caso – a não ser que seja um trabalho que ajude a manter sua vida, que caso contrário estivesse correndo risco de vida, pois nesses casos é permitido transgredir o Shabat. Veja que importância os Sábios atribuem ao Shabat!

A HISTÓRIA DO MÉDICO E DO RELIGIOSO

Em Israel, um senhor religioso, pai de família, estava com uma situação econômica bem apertada. O filho dele ficou doente no Shabat e então ele chamou um médico que morava perto, e explicou o que o filho sentia. O médico disse: “Eu sei que vocês são religiosos e não mexem com dinheiro no Shabat, mas eu, apesar de ser judeu, não sou tão religioso assim. Eu não sei se você vai me pagar depois do Shabat. Então, eu só aceito ir cuidar do seu filho se você me pagar adiantado.”

O senhor religioso aceitou e perguntou quanto era a consulta. O médico disse que eram 500 shekel (“*chamesh meot shekalim*”, em hebraico, três palavras). A consulta foi feita, o senhor pagou em cheque e agradeceu. O médico, ainda assim, desconfiado, resolveu abrir o cheque e ver o valor que o religioso tinha preenchido. Ele levou um susto ao ver que o cheque era de mil shekel.

O médico então disse: “A minha consulta é 500 shekel, e você me pagou por duas consultas. Eu vejo pela sua condição que você nem tem como pagar tudo isso.” E o senhor religioso explicou que o que acontecia é que para escrever

500 shekel ele teria que escrever três palavras. Ele disse que preferia pagar um pouco a mais para evitar profanar tanto o Shabat, pois pagando mil shekel ele só escreveria duas palavras (“*elef shekalim*”, em hebraico).

Vamos supor que estejamos num caso de dúvida, em que não sabemos se podemos ou não fazer algo no Shabat. Como procedemos?

Vimos anteriormente que tem gente que prefere pagar mais para não violar o Shabat, então será que eu posso considerar minha ação permitida? É mais importante seguir o conceito de cuidar do Shabat. Para cuidar, é preciso ter certo carinho, mesmo quando se tem dúvida. Para cuidar do Shabat é preciso saber as leis.

EXEMPLO DE AÇÕES QUE DEVEM SER ESTUDADAS PARA EVITAR A PROFANAÇÃO DO SHABAT

Por exemplo, é permitido fazer um chá no Shabat, mas há um jeito específico que é permitido. Não se pode pegar água quente diretamente da panela ou da chaleira e jogar sobre o saquinho, como fazemos de forma convencional. Outro exemplo: se sujamos a roupa no Shabat, ao pegarmos água e passarmos com o guardanapo nela, o Shabat foi transgredido. Segundo o *Shulchan Aruch*, isso é chamado de “lavar”, uma das 39 ações proibidas no Shabat. E se eu quiser tomar banho? Se eu ligar o chuveiro com água quente estarei, tecnicamente, fervendo água e isso é tão proibido quanto andar de carro.

Daqui podemos ter uma ideia de quanto é preciso estudar para ser realmente cumpridor do Shabat.

No Shabat não se pode separar de forma convencional as coisas ou alimentos. Por exemplo, se alguém tiver dois alimentos no prato, e não quiser um deles, deve estudar como proceder antes de separar um alimento do outro para não transgredir a proibição de Borer. A pessoa precisa estudar – buscar os livros em seu idioma, e estudar as leis do Shabat.

Outro exemplo: o que podemos pedir para um gentio fazer por nós? Tem coisas que podemos pedir, tem coisas que não. Para sabermos estes detalhes e termos o mérito de cuidarmos do Shabat é indispensável que estudemos.

O Gaon de Vilna um dia tocou em algo proibido no Shabat (*Muktse*) sem querer e desmaiou. Nós não somos assim, não vamos desmaiar, mas temos

que tomar cuidado. Quanto mais eu cuidar do Shabat, mais estou criando um receptáculo para ter bênção durante a semana.

DE ONDE VEM NOSSO SUSTENTO? UMA HISTÓRIA

Um israelense estava viajando para Melbourne, na Austrália, fazendo escala em Los Angeles. Ele não falava uma palavra de inglês, mas em Los Angeles viu que um judeu americano estava embarcando com ele no mesmo voo. Ele se aproximou e descobriu que esse judeu falava hebraico e então pediu ajuda caso ele precisasse falar algo em inglês. O outro passageiro se prontificou a ajudar e disse para ambos sentarem juntos.

Os dois passageiros então passam pelo raio-X e iniciam uma conversa. O judeu americano pergunta por que o outro está viajando. O israelense explica que tem muitos filhos, que um deles vai casar e foi pedir ajuda em Melbourne, e por isso ele estava indo para lá. Mas antes de entrar no avião ele passa pelo detector de metais, tira o cinto, as coisas do bolso e os sapatos. Depois de passar pelo detector, ele não acha mais seus sapatos. O judeu israelense pede ajuda para o judeu americano, que explica aos policiais que os sapatos sumiram. Os policiais então procuram na esteira, acham um sapato e entregam ao israelense. Mas aquele não era o sapato dele, nem entrava no seu pé. Os policiais dizem que sentem muito porque não sabem o que aconteceu com o sapato. O judeu israelense então pede ajuda, até que um policial diz que vai resolver a situação. Ele pega uma nota de cem dólares e entrega ao israelense, explicando que ao chegar em Melbourne teriam lojas de sapatos no aeroporto e ele poderia lá comprar um par novo!

O israelense então caminha pelo saguão e entra no avião de meia, descalço a viagem toda. Ele ia ao banheiro do avião, pegava água, se locomovia pela aeronave, tudo isso sem sapato. E ele começou a reparar que toda vez que ele fazia isso, um passageiro se virava e olhava para ele. Ele começou a ficar constrangido por estar sendo observado por esse passageiro. O israelense pediu para o novo amigo, o judeu americano, ir com ele falar com esse passageiro que ficava olhando para tentar descobrir o que estava acontecendo. O americano concordou e foi perguntar ao passageiro o que estava acontecendo, explicando o que tinha ocorrido com o sapato do israelense. O passageiro, surpreso

com a história, pergunta o que o judeu israelense está indo fazer na Austrália, e ele explica que ia arrecadar dinheiro para a filha que ia se casar.

O passageiro, que não era judeu, resolve fazer uma confissão: “Eu estava atrás de você na fila e vi que seus sapatos sumiram. Não sei o que aconteceu com eles, mas em tudo isso uma coisa me surpreendeu: o fato de você não ter levantado a voz. Eu no seu lugar teria brigado com todo mundo até me darem um sapato. Você me disse que está indo arrecadar fundos para sua filha casar. Quanto custa o casamento?”. O judeu israelense explica que está querendo juntar vinte e cinco mil dólares. No mesmo momento o não-judeu assina um cheque de vinte e cinco mil dólares e dá ao judeu israelense. Ao pousar em Melbourne, ele vai ao banco e constata que o cheque é verdadeiro, e então volta imediatamente para Israel.

Chegando lá, ele conta para a família o que aconteceu e explica: “Quando tiraram meu sapato eu achei que tinham tirado minha alma. Eu não conhecia ninguém, a não ser o judeu americano que me ajudou. Mas foi bem aquele sapato que me trouxe a bênção.” Essa história nos mostra que nunca sabemos de onde virá a bênção.

ONEG SHABAT

Existe um conceito chamado *Oneg Shabat*, que na linguagem moderna poderia ser chamado de “curtir o Shabat”.

O Rebe de Slonim no seu livro *Netivot Shalom* explica que um judeu que cuida de rezar no Shabat, e que não trabalha, mas não vê prazer no Shabat, e fica se perguntando quando vai acabar o dia, terá méritos no Mundo Vindouro, por não ter violado nada. Mas ao mesmo tempo, não vai poder curtir o seu Mundo Vindouro, porque não sabe curtir o Shabat.

Tem gente que não sabe curtir o Shabat integralmente. Mas não importa, podemos começar aos poucos. O prazer do Shabat está diretamente vinculado ao prazer do *Gan Eden* e vice-versa.

Como é que se curte o Shabat? Cada um tem o seu modo, e o curtir é individual e diferente para cada um.

Rav Matitياهو Solomon, mentor espiritual de Lakewood, costuma dizer que a mesa de Shabat muitas vezes se transforma numa extensão da escola, em que

muitos pais usam esse momento para ficar testando o conhecimento de Torá dos filhos. Claro que se pode e até se deve perguntar o que o filho aprendeu sobre a *Parashá*, mas não precisa ser necessariamente na mesa de Shabat. A refeição de Shabat em família deve ser um momento prazeroso, e se o pai utilizar justamente esse momento para testar os conhecimentos dos filhos, a percepção da criança será de que está sendo testada ou passando por uma prova!

Tomando essa situação como exemplo devemos nos perguntar: então será que uma criança deve ser obrigada a ficar sentada na mesa de Shabat até o término da refeição (que pode levar horas)? A resposta é que é melhor que ela fique poucos minutos, mas com a sensação de que aquilo foi prazeroso do que seja obrigada a ficar em tempo integral e depois se sinta sufocada.

Na *Amidá* de *Shacharit*, no sábado de manhã, dizemos: “Ficarão felizes os que cumprem o Shabat e o proclamam ser um prazer.” Ou seja, algumas pessoas ficarão felizes com o reinado de D’us. Quem? Os que cumprem o Shabat e o consideram prazeroso, deleitoso. É muito importante fazer com que o Shabat seja gostoso, portanto precisamos buscar estratégias, usando o bom senso e a criatividade.

Os Sábios ensinam que em todo Shabat uma parte de nossa alma sobe e D’us pergunta para ela: “O que você aprendeu neste Shabat?”. Notícias do cotidiano não contam... Precisa ser uma novidade de Torá! Pode ser da *parashá*, pode ser uma lei, uma explicação de uma passagem do Talmud ou mesmo uma história. Basta buscar uma historinha para que a mesa de Shabat fique viva e animada, e que o filho queira ficar ali.

É permitido bater papo no Shabat? Sim, mas com moderação. Segundo o *Shulchan Aruch*, capítulo 307, é permitido justamente porque as pessoas gostam, por se tratar de *oneg* Shabat. Veja até onde vai a importância de termos prazer nesse dia, a ponto de deixarem bater papo furado com moderação só no Shabat para poder ter proveito deste momento.

SHABAT E TECNOLOGIA

Existe elevador de Shabat. Por quê? O elevador que não é de Shabat tem uma roldana chamada *encoder*. Ela tem uma luz que acende e apaga um milhão e seiscentas vezes por minuto. Normalmente um elevador tem duas des-

sas roldanas. Se alguém ficar trinta segundos no elevador, são oitocentas mil voltas em cada roldana. Pensemos na transgressão de Shabat que implica usar um elevador desses! Um elevador certificado que é de Shabat tem especificações que fazem com que estes e outros problemas não aconteçam.

Mas, ainda assim, existe limite para a tecnologia. Recentemente criaram o *Shabat App*. A propaganda do aplicativo diz (em iídiche): “Não é difícil ser judeu”. Segundo os grandes sábios da geração, isso não é bem visto, porque utilizando esse aplicativo estamos fazendo com que o Shabat seja um dia como de semana. O aplicativo pode ter sua utilidade para salvar vidas, por exemplo, mas não para torná-lo um dia como os outros! Existe limite para a tecnologia. *She-mirat shabat* significa cuidar do Shabat. Usar timer para ligar a TV e ver filme, ou dormir o Shabat inteiro não é o que D’us espera de nós neste dia precioso.

O SHABAT PODE SER CUMPRIDO POR GENTIOS?

É importante lembrarmos que o Shabat é chamado de *mataná tová*, um bom presente. Segundo a Torá, um judeu que cumpre Shabat recebe uma bênção, um não judeu que cumpre Shabat praticou uma transgressão. Por quê? Porque está escrito que o Shabat é “um sinal entre Mim e vós”, ou seja, um presente de D’us para o povo de Israel. Uma pessoa antes de se converter, por exemplo, pode até já estar cumprindo outras *mitsvot*... Mas o Shabat ela não pode cumprir na íntegra. Por quê? Porque esse foi um presente dado apenas para os judeus.

A IMPORTÂNCIA DO SHABAT

O genro do Rebe de Gur se encontrou com Ben Gurion, antes da fundação do Estado de Israel e fez uma carta chamada *status quo* em 19 de Junho de 1947. Nela foram decretados três parâmetros básicos que deveriam haver em Israel: 1) que o Shabat seria o dia de descanso, e não o domingo ou outro dia qualquer; 2) que deveriam haver leis de *cashrut* no país e 3) que as leis de casamento e divórcio teriam que estar na mão dos Sábios, seguindo o que orienta o *Shulchan Aruch*. E essas três leis valem até hoje. Por que o Shabat entrou como primeiro ponto? Porque sem ele, “passa-se o ponto”. O Shabat é um tesouro e um presente para nós.

UMA HISTÓRIA DE *TESHUVÁ*

Em um seminário destinado a aproximar judeus à Torá em Israel, ao final do Shabat, era comum os participantes se reunirem e contarem experiências que tinham vivido na semana. Num desses relatos, uma senhora levantou a mão e contou que ela e o marido sempre se mudavam por causa do trabalho. O patrão mandava e eles iam mudando de cidade em cidade. Os pais, mesmo assim, sempre se preocupavam em matricular os filhos em escola judaica. Não eram escolas religiosas, mas com uma formação judaica básica. Mas um dia, o patrão mandou que o casal fosse para Israel e trabalhasse em uma cidade chamada Bnei Brak. A cidade é constituída em sua maioria de ultraortodoxos, e a escola mais “*light*” do local era muito religiosa para os filhos deles. A mulher, por fim, encontrou uma escola, no limite da cidade, que lhe pareceu mais adequada ao nível religioso da família.

Depois de alguns meses na escola, a filha volta para casa e conta que a professora combinou com os alunos que todos iam acender as velas de Shabat. A mãe fica horrorizada e começa a se questionar se havia colocado a filha na escola certa. A mãe explica para filha que não pode fazer isso, pois o costume dela é acender as velas quando o pai chega do trabalho, numa hora em que já é Shabat, e não antes. A filha não fala nada, vai para o quarto, e fica pensando: “Todos meus colegas vão acender a vela antes do Shabat, só minha mãe que acende depois.”

A menina então percebe que a mãe saiu, resolve ir à lojinha do bairro e pede ao atendente duas velas. O dono da loja sabia que a mãe da menina ia uma vez por ano comprar vela ali, vela de *iortzait*, de falecimento, e como era próximo da data, o dono da loja não estranhou e vendeu duas velas de falecimento para a menina, achando que ela ia acender para o avô.

A mãe da menina continua a relatar a história, contando que ela chegou em casa e não achou a filha. O mesmo aconteceu com o pai ao chegar mais tarde do trabalho. Os pais começam a procurar, e percebem que a menina estava escondida debaixo da cama com medo de qual seria a reação dos pais por ter acendido a vela mais cedo. Os pais olham para o móvel e ficam espantados com o que veem: duas velas de falecimento.

Os pais perguntam para a menina: “Por que você acendeu as velas?”. Ela então explica: “Eu combinei com meus amigos que íamos acender uma vela junto

com o pai e a mãe. Então eu acendi uma vela para o pai, e outra para a mãe”. Quando a mãe ouviu, ela viu nisso um sinal de D’us. A partir daquele momento ela se reaproximou do Judaísmo e, por isso, estava no seminário, agradecendo àquela professora por ter ensinado para a filha a importância de acender as velas, fazendo com que a família chegasse até ali.

EMUNÁ É COMO O WIFI — É INVISÍVEL,
MAS TEM O PODER DE TE CONECTAR COM
QUEM VOCÊ PRECISA



“

Quanto mais confiança
temos em D'us, mais a
supervisão divina sobre
nós é mais particular,
específica e especial.

”

ATRASO INESPERADO, MAS JUSTIFICÁVEL

Certa vez, na década de 40 do século 20, o Rav de Brisk – uma das dinastias chassídicas mais famosas, numerosas e importantes da história judaica – foi convidado para discursar em um encontro promovido por uma grande organização. E, diferentemente do que costumava fazer, atrasou bastante e chegou muito depois do horário marcado para sua palestra. As pessoas esperaram e esperaram. Quando algumas já pensavam em desistir e ir embora, eis que o grande rabino finalmente chegou. Antes de iniciar suas palavras, algumas pessoas se chegaram ao Rebe e, por estranhamento e também por preocupação, perguntaram-lhe por que ele havia atrasado tanto, já que não era de forma alguma o seu costume.

A resposta do rabino foi surpreendente. Ele disse que, no caminho para o encontro, um rapaz judeu lhe interpelou e lhe fez algumas perguntas fundamentais sobre fé em D'us. Desculpando-se humildemente com o público por seu atraso, o sábio prosseguiu explicando que pesou com cautela a situação e decidiu que, apesar do inconveniente que causaria e do constrangimento por desrespeitar uma das virtudes extremamente valorizadas pelo Judaísmo – a pontualidade –, o rabino preferiu pagar o alto preço para não deixar um jovem judeu sem as devidas respostas sobre um conceito tão essencial não só para ele, mas para todo e qualquer judeu. Não é possível traduzir este contexto em regra, pois cada caso é um caso, mas a extrema importância do assunto foi evidenciada por esta atitude inusitada de um ícone do mundo judaico.

Este, portanto, é o nosso tema central: a *Emuná*, a fé incondicional no Criador do universo. Um assunto tão básico que deve ter prioridade e antecedência sobre qualquer outro na aquisição de conhecimentos judaicos.

CHAMADOS SUBENTENDIDOS

O terceiro livro da Torá – Vaicrá – se inicia de uma forma muito diferente dos demais:

“E chamou a Moshe, e falou-lhe o Eterno da Tenda da Comunhão, dizendo” (Levítico 1:1).

Além da utilização de um verbo diferente dos usuais – “e falou” e “e disse” –, neste versículo de abertura o sujeito da oração está oculto. Em português, muitas vezes, se conhece o sujeito oculto de uma frase pelo contexto do texto em que está inserida. Geralmente, o sujeito mencionado nas orações anteriores segue sendo o mesmo na sentença em questão. No caso do início do *Sefer Vaicrá*, esse mecanismo de reconhecimento do sujeito oculto não pode ser usado, já que obviamente não há orações anteriores. Quem chamou Moshe? É possível concluir facilmente que o Interlocutor que chama Moshe é o Todo-Poderoso. A pergunta que surge é: por que foi necessário omitir o nome de D’us neste chamado?

Uma das respostas está diretamente relacionada ao tema da fé básica no D’us único. Como se sabe, o livro Vaicrá tem como principal assunto o Tabernáculo, o templo desmontável e móvel, e as leis relacionadas às oferendas sagradas do Templo. Trata-se, portanto, de uma obra dedicada ao centro de inspiração e propagação da fé judaica. Assim, este livro começa com esta frase, cujo sujeito oculto é D’us, para nos transmitir a ideia de que a verdadeira fé se baseia na noção de que D’us, apesar de oculto, está constantemente nos chamando. Dito de outra forma, em todos os “chamados”, os desafios e testes diários de nossas vidas, D’us é, em última instância, sempre, o Interlocutor que nos chama. Da mesma forma como Moshe tinha que saber, pois estava subentendido, que D’us era Quem o chamava, nós temos que saber que D’us está “subentendido” em tudo que ocorre em nossas vidas. Essa é uma das maneiras de definir o conceito de ter fé em D’us.

É como um indivíduo que está no trabalho e, de repente, seu celular toca. Embora hoje em dia haja fotos e toques diferentes para reconhecermos quem está nos ligando, o smartphone deste homem reproduz sempre o mesmo toque e não mostra foto alguma. Mesmo assim, ele sente, ele tem convicção de que é sua esposa quem está ligando naquele momento. A conexão entre ambos é tão forte que ele sabe que é ela que o chama agora.

O líder de outra corrente chassídica de destaque e muito numerosa, o Rebe de Gur, explica um fenômeno interessante, mas pouco questionado: por que somos e sempre fomos chamados de “judeus”? Judeus (*yehudim*) deveriam ser somente os pertencentes e descendentes da tribo de Judá! O Rebe de Gur traz um motivo filosófico para que esta nomenclatura tenha vingado. Segundo ele, não foi por acaso que recaiu sobre os elementos humanos do povo hebreu a designação “*yehudi*”. O nome Yehudá deriva da expressão “*hodaá*” – reconhecimento. O *yehudi* é assim chamado porque é um indivíduo que possui o potencial espiritual especial de **reconhecer** D’us em tudo Ihe acontece.

SUPERVISÃO PROPORCIONAL

Rabenu Bachie, um dos principais comentaristas da Torá, afirma em seu comentário sobre a *Parashat Vaierá* que o Todo-Poderoso mantinha uma relação diferente e muito especial com Avraham Avinu. Depois que Avraham recebe os anjos disfarçados de humanos e estes seguem para sua missão de destruir Sodoma, D’us faz questão de registrar na Torá que – com base na proximidade existente entre Ele e Avraham, e por saber que Avraham ensinaria sua descendência a andar pelos caminhos de D’us – revelaria a seu fiel seguidor Seus planos com relação à cidade em questão. Vejamos alguns versículos: “e disse o Eterno: esconderei de Avraham o que farei? (...) Porque **o conheci** e sei que ordenará a seus filhos e à sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Eterno para fazer caridade e justiça”, *Rabenu* Bachie questiona a expressão “o conheci”. Por acaso, D’us só conhece Avraham? D’us não conhece todos e sabe de tudo?

Sua resposta é impressionante e surpreendente. Essa expressão ter sido usada especificamente com alguém tão elevado e próximo a D’us como Avraham nos ensina que, dependendo do quanto a pessoa lembra, identifica e subentende a presença divina em sua vida, o grau de supervisão – “conhecimento” – de D’us sobre ela varia de acordo. Eis, portanto, uma incrível novidade para muitos: a famosa *hashgachá pratit* (a supervisão divina particular a cada indivíduo) não é igual para todas as pessoas e varia também entre os *yehudim*. O Criador não supervisiona e cuida de cada ser humano da mesma forma. A maior parte da humanidade, na verdade, diz o *Rabenu* Bachie, recebe uma supervisão geral, coletiva. Somente os indivíduos – mesmo entre os *yehudim* –

que lapidaram seu nível de fé a graus elevados recebem uma relação análoga à de Avraham, a *hashgachá* do nível “o conheci”, proporcional a cada esforço individual em ter fé em D’us, subentendendo-O e percebendo-O em cada espaço de suas vidas. Em outras palavras, quanto mais confiança temos em D’us, mais a supervisão divina sobre nós é mais particular, específica e especial.

NÃO ESTAMOS SOZINHOS

Ao preparar estes conteúdos, costumo fazer intervalos para me exercitar e saio para correr. Isso ajuda bastante no processamento das ideias e na inspiração.

Qual não foi minha surpresa quando, certo dia, já a poucos metros do nosso portão, me deparei com os dois cachorros vindo em minha direção! Mais pareciam dois lobos, um branco e outro negro, um deles com cerca de um metro de altura mesmo quando sobre as quatro patas.

Na iminência de decidir em que direção correr – o que teria sido uma decisão bastante equivocada – avistei do meu lado a guarita do condomínio vizinho. Não tive dúvidas e bati imediatamente na porta, tomando o cuidado para levantar a camiseta para mostrar ao porteiro lá dentro que não carregava nada de perigoso ou ameaçador, pedindo que ele me deixasse entrar. Pelo interfone, o sujeito me disse: “Não tem problema não, doutor, eles não fazem nada. Todo mundo corre e caminha por aqui e não acontece nada...”. Então, pensei comigo, “é fácil falar assim de dentro de uma guarita blindada...”. Para a minha sorte, antes que eu precisasse argumentar, apareceram dois profissionais, que provavelmente tinham vindo ao mesmo condomínio executar algum serviço, saindo pelo portão. Pareciam pintores e, ambos, de dimensões, digamos, avantajadas!

Imediatamente, perguntei aos dois se iam na mesma direção que eu, ao que responderam positivamente. Pedi-lhes então uma “carona” a pé, explicando e apontando o motivo do pedido incomum. Um deles respondeu: “Não se preocupe não, doutor, se os cachorros vierem pra cima da gente, nós nos resolvemos com eles, e eles vão ficar com medo da gente”. E assim foi. Saímos os três com a maior naturalidade em direção aos cães, passamos ao lado deles, que nem rosnaram. Quero dizer a vocês que nunca havia me sentido tão seguro e confiante. E foi aí que me caiu a ficha! Por que eu estava tão tranquilo e

me sentindo tão protegido? Simples: porque não estava sozinho! Eu não tinha garantia de que os dois cachorros não iam atacar, ou de que se o fizessem os dois pintores dariam conta do recado. Mas se senti confiante e seguro porque sabia que não estava mais sozinho e poderia contar com eles.

Outro exemplo: uma pessoa está prestes a sentar em um dos carrinhos de uma montanha russa. Ao olharmos para ela, notamos nela um mar de tranquilidade e expectativa de adrenalina. Senta com toda calma, sorri, fecha a barra de segurança com a fisionomia serena, esperando com toda calma e naturalidade pela partida para a diversão. Por que essa pessoa não está com medo? Pois crê que há toda uma estrutura séria por trás do brinquedo, funcionários de manutenção orientados por engenheiros, etc.

Conosco, em nossa relação com o Criador, deve ser a mesma coisa. Analogamente, ter *emuná* verdadeira em D'us é lembrar o tempo todo de que Ele está conosco e que está por trás do sistema chamado universo – mesmo em situações de perigo, D'us nos livre. Embora essa certeza não nos dê o direito de nos colocarmos em situações de risco, já que D'us não nos permite essa postura – sem falar na questão da *Hashgachá Pratit* da qual falamos acima. Se interiorizarmos essa ideia e a guardarmos em nossas mentes e corações, não temeremos mais em qualquer situação ou contexto de nossas vidas.

APROXIMAÇÃO MILAGROSA

O rabino de uma escola, que era muito querido por seus alunos, ficou gravemente doente. Seu nome era Meir Blumenstein. Os médicos o haviam desenganado e sua esposa começou a vislumbrar a terrível situação de ficar viúva e ter que criar os quatro filhos do jovem casal sozinha. O carinho de todos na escola pelo mestre era tão grande que todos incentivaram a ele e sua esposa a fazerem uma visita ao grande Rav Eliashiv para lhe pedir uma bênção especial. Depois de ouvir o caso com toda atenção e carinho, o líder da geração manifestou seu profundo lamento, se desculpou e disse que, se o diagnóstico dos médicos havia sido tão grave, ele não sentia que poderia fazer alguma coisa em prol do pobre rabino.

O casal se retirou cabisbaixo. Mas, de repente, a esposa parou, pensou e retornou à sala do Rav Eliashiv. Seu rosto estava transtornado. Certamente, do fundo

de seu desespero, tomou coragem para voltar ao grande sábio e exigir dele uma alternativa, alguma luz no fundo do túnel. A esposa disse ao *rav*: “Desculpe, *rav*, mas o senhor está nos dizendo que D’us quer que eu me conforme com a perda do meu amado marido, um educador que ensina Torá com tanto carinho, querido e admirado por todos; que vou ter que aceitar me tornar uma viúva com quatro filhos pequenos para cuidar? Perdão, *rav*, mas não consigo aceitar que não haja mais nada que possamos fazer e que o Todo-Poderoso não possa reverter esse quadro. Quando meus filhos me perguntarem no futuro, ‘mamãe, o que você fez para tentar salvar o papai?’, o que devo responder a eles? Por favor, eu imploro ao senhor, o senhor tem que nos ajudar de alguma forma, intercedendo perante D’us!”

Ao ouvir, tais palavras advindas das entranhas da mulher amargurada, o Rav Eliashiv respondeu de imediato: “Vocês têm condições de viajar hoje à noite aos Estados Unidos?”. A mulher se espantou, pois era uma sexta-feira e perguntou ao rabino se ele não havia se enganado. O Rav Eliashiv confirmou – mesmo sendo Shabat, como era um caso de perigo de vida, se eles pudessem, deveriam embarcar naquela mesma hora! E disse: “Vou indicar a vocês um médico que talvez possa ajudar.” O casal seguiu as orientações e o final da história é que o marido se salvou da doença graças à intervenção do médico americano indicado.

Contaram essa história ao Rav Chaim Kanievsky, genro do Rav Eliashiv, questionando o que fez o seu sogro mudar de atitude de uma hora para outra. O Rav Kanievsky explicou que quem havia mudado de atitude não fora o seu sogro, mas, sim, a esposa do Rav Meir! Na primeira conversa, se apresentava um quadro de conformação com a gravidade da situação e o rabino, por mais temente a D’us e elevado que seja, não pode fazer ou prometer milagres. No entanto, quando a própria esposa se demonstrou inconformada, e ao mesmo tempo elevando suas esperanças e convicções a D’us, aí, sim, percebeu o Rav Eliashiv que ele poderia ser um *sheliach* (enviado) de D’us, para indicar um caminho. Que poderia haver até mesmo uma resposta divina milagrosa – como de fato houve!

Ou seja, esse foi mais um exemplo real do conceito de que a *Hashgachá Pratit* vem para aqueles que buscam e se aproximam de fato, sinceramente, do Criador. Se a pessoa sai do padrão normal e mergulha de cabeça na crença de que tudo vem de D’us com Sua onipotência e bondade infinita, ela pode – desde que tenha méritos – passar a ser tratada dos Céus de forma igualmente sobrenatural.

FÉ E CONFIANÇA

O grande Chazon Ish escreveu um livro pequeno em tamanho, mas gigante em importância, cujo título é *Emuná Ubitachon* (“Fé e Confiança”), referindo-se obviamente aos conceitos que definem dois níveis bem diferentes de reconhecimento do ser humano à Presença Divina em seu cotidiano. Explica o Chazon Ish que a *emuná* pode ser considerada o aspecto teórico da relação de aceitação e admissão da onipresença e onipotência divinas. Já o *bitachon* (confiança) vai muito além, pois designa a colocação dessa teoria em prática.

Para ajudar a compreensão da diferença entre ambos os níveis, eis uma pequena história. Um equilibrista de circo desabafou em uma determinada ocasião com um amigo. Confidenciou-lhe que estava muito desgostoso de sua vida, pois não via perspectiva de crescimento em sua profissão, em que passa os dias indo e voltando sobre a corda bamba, ganhando uma mixaria. O amigo guardou aquelas palavras e uma semana depois voltou ao companheiro artista com uma oportunidade incrível. Disse-lhe que havia sido lançado um desafio de coragem ao público, no qual os organizadores pagariam 1 milhão de dólares a quem atravessasse o vale, de um lado a outro por meio de uma minibicicleta.

O equilibrista agradeceu, mas ficou receoso e, a princípio, recusou. O amigo insistiu. Lembrou-lhe de suas reclamações e enfatizou o fato de ser uma oportunidade única de tirá-lo da mesmice e da penúria financeira. Mas, principalmente, tentou encorajá-lo, dizendo-lhe que não entendia qual era a diferença entre a grande travessia e as suas apresentações constantes no circo. Argumentou: “Quem se equilibra andando em uma bicicleta sobre uma corda a poucos metros do chão, carregando animais e até pessoas, pode se equilibrar em uma corda a qualquer altura.” O equilibrista se animou e perguntou se o amigo confiava mesmo tanto nele, ao que ouviu uma resposta entusiasmadamente positiva. O convencimento funcionou e o circense decidiu aceitar o desafio.

O grande dia chegou. Havia jornalistas, repórteres, câmeras, multidão de curiosos, etc. Assim que viu tudo aquilo, o equilibrista tremeu nas bases mais uma vez. A poucos minutos da convocação para a travessia, confidenciou mais vez ao amigo que estava sempre ao seu lado que não estava seguro e o medo voltara. O amigo mais uma vez o encorajou e conseguiu acalmá-lo um pouco. Foi então que o equilibrista perguntou:

— Você confia mesmo em mim?

— Claro! – respondeu o amigo de pronto.

— Mas, confia mesmo? Totalmente?

— Estou mais do que convicto e seguro, com toda a sinceridade, de você vai sair hoje daqui rico e famoso!

— Ok. Então, se é assim, tenho um último pedido especial a te fazer.

— Pois, não! Pode fazer. O que mais posso fazer por você?

— Você iria junto comigo na travessia? Levo você nos meus ombros!

O que vocês acham que respondeu o amigo? Na verdade, não importa. O importante para nós é saber que essa pergunta nos ajuda a entender melhor a diferença entre *emuná* e *bitachon*. Se recusasse, estaria provado de que o amigo tinha “apenas” fé no equilibrista. Porém, se topasse ir com ele, o amigo estaria demonstrando outro patamar de confiança: que de fato tinha *bitachon* na sua capacidade de atravessar ileso. Foi a essa diferença entre teoria e prática que se referiu o Chazon Ish ao comparar *emuná* e *bitachon*.

CONSTATAÇÃO VERSUS CONVICÇÃO

Um famoso episódio bíblico vai nos ajudar a enxergar outro aspecto do conceito de *emuná*. A Torá nos conta sobre um dos maiores milagres testemunhados pelo povo de Israel no Êxodo do Egito: o *man* que caía dos céus todos os dias juntamente com o orvalho. Esse pão divino, como se sabe, não podia ser deixado para o dia seguinte. O povo fora avisado que de nada adiantaria tentar estocar o *man*, pois ele apodreceria no dia seguinte. Por isso, cada pessoa devia colher somente a quantidade que fosse consumir naquele mesmo dia.

Houve, porém, dois indivíduos – Datan e Aviram – que desobedeceram a essa ordem. Guardaram o *man* para o dia seguinte e ele amanheceu cheio de vermes. Ao saber do ocorrido, Moshe ficou furioso com os dois e os repreendeu. Em seu comentário sobre este trecho, Rav Meir Simcha de Dvinsk no seu livro *Meshech Chochmá* questiona qual teria sido o motivo de tal irritação. Afinal, graças a esta desobediência, todos constataram que a advertência divina tinha fundamento, talvez valorizando o milagre do *man*.

Responde o Meshech Chochmá: precisamente o oposto – Moshe não ficou furioso por causa da transgressão. Sua reação baseava-se no fato de que, graças a Datan e Aviram, a fé do povo nas consequências da transgressão transformara-se em constatação. O que era um teste de *emuná* virou um fato consumado. E a *emuná* reside justamente na aparente dúvida, no teste, na suposta incerteza. Imagine a seguinte cena: alguém lhe mostra uma caixa e pergunta se você acredita que ele está segurando uma caixa. Isso não é crer, isso é constatar. Mas se a mesma pessoa lhe pergunta: “Você acredita que dentro desta caixa há um diamante valiosíssimo?”, agora, sim, passamos para um questionamento relacionado à crença, à *emuná*. Uma frase que circulou pelas mídias faz uma analogia simples e interessante que vai reforçar a compreensão deste conceito: a *emuná* é como o wifi – é invisível, mas tem o poder de te conectar com Quem você precisa. Quanto mais nos afastamos da *emuná*, mais nos aproximamos do universo do saber que vem por meio da constatação exterior. E o trabalho interior de cada *yehudi* é transformar sua *emuná* em convicção. Ou seja, menos constatação e mais convicção, pois a primeira vem de fora para dentro e a segunda de dentro para fora: processar as informações que vêm de fora, somá-las a uma sabedoria ancestral visceral preexistente e transformá-las em convicção, em certeza com base em uma fé interior.

E, agora, um passo além. Esse processamento interior deve ser orientado pelo conhecimento da Torá. A convicção só se torna verdadeira – e sensivelmente enraizada na alma – se for fundamentada na sabedoria da Torá e dos nossos legítimos sábios. Por exemplo, perguntemos a qualquer pessoa se ela acredita que amanhã de manhã nascerá um novo dia. Provavelmente, 99,9% (pois, sempre há aqueles que são do contra...) dos entrevistados dirão convictos que sim. Mas, como e por que sabemos – do ponto de vista judaico – que amanhã o sol irá raiar novamente? Somente por um motivo: porque essa regra foi revelada e registrada pela Torá (“E foi noite e foi manhã...”).

NÃO HÁ OUTRO (OU NADA) ALÉM DELE

O aluno do Gaon de Vilna que concebeu o modelo de *yeshivá* que conhecemos e vinga até hoje, o grande Rav Chaim de Volozin, é o autor do livro *Nefesh Hachaim*. Nesta que é que sua obra prima, o grande líder escreve sobre o conceito de *emuná*, apresentando uma *segulá* (orientação ou conselho, e quem

não gosta de Segulót...) para fortalecer a fé e a convicção das pessoas. Vale a pena transcrevermos suas palavras sagradas:

“Eis uma *segulá* maravilhosa: para que a pessoa consiga tirar e anular de sobre si todo tipo de costumes e vontades alheias prejudiciais a si, para que ninguém consiga ter domínio sobre a pessoa ou ter qualquer efeito (negativo) sobre a mesma, ela deve fixar em seu coração e dizer: (...) ‘não há nada além Dele!’. E assim, (se a pessoa internaliza e sedimenta esta máxima dentro de si) nenhuma força deste mundo poderá atingi-la.”

É uma orientação para ajudar as pessoas a fixar e fortalecer sua *emuná*. Por meio da repetição mental e verbal deste trecho de versículo, que precisa passar a “correr nas veias” daquele que quer crer e quer que esta fé o guie e proteja de qualquer influência negativa deste mundo. A convicção de que há muitos instrumentistas na orquestra do universo; mas que só há um único e infalível Maestro: D’us! Não há nada além Dele.

O Rav de Brisk, citado anteriormente, era descendente direto do Reb Chaim de Volozin. Ele mesmo conta em seus escritos que treinou com afinco o que foi ensinado pelo seu patriarca – “não há nada além Dele” – em seu íntimo, tendo conseguido grande poder de concentração nesta ideia na maior parte dos seus dias. Durante os mais terríveis anos do avanço nazista sobre a Europa, o Rav conseguiu viajar ileso de Varsóvia para Viena. Nesta jornada rodeada de percalços e perigos, com ruas e estradas cheias de tropas alemãs, conseguira manter a concentração costumeira na frase básica quase todo o tempo. Com exceção de um momento, em que perdera a concentração, justamente quando um oficial nazista vinha em sua direção. O Rav ficou paralisado por pavor momentâneo. Quando o alemão já estava bem próximo, o rabino fechou os olhos e conseguiu retomar sua concentração profunda na máxima protetora. Quando abriu seus olhos, percebeu que o oficial nazista estranhamente havia mudado de direção, deixando seu caminho livre para seguir em frente. Como se sabe, o Rav Chaim de Brisk não só sobreviveu à guerra, como formou família e descendentes.

SUSTENTO E TUDO A SEU TEMPO

Ouvimos muitas vezes histórias de casais que demoraram alguns anos para ter filhos, mas que depois de tentarem um tratamento médico e de muitas ora-

ções conseguiram engravidar. Logo nos vem à mente (e provavelmente deve ter vindo à mente do próprio casal): “Por que eles não encontraram esse tratamento antes? Por que não puderam ter o mérito de serem poupados de tamanho sofrimento anos atrás?”. Assim como empresários que encontraram alguma maneira de lucrar mais, e se perguntam por que não puderam descobrir esse lucro adicional tempos antes, ou alguém que vendeu um apartamento na véspera de uma subida repentina dos preços, e tantos outros exemplos similares. Se essas pessoas se perguntam por que, demonstram que não têm ou não sabem o que é ter *emuná* em D’us, pois a resposta para todos esses por quês é a mesma: porque o Criador quis assim! Ter fé em D’us também é entender e aceitar que as coisas só acontecem se e quando D’us quer que aconteçam. Simples assim.

Aliás, não é possível abordar o tema da *emuná* sem tocar em um dos assuntos mais relacionados a ele, e dos mais delicados e desafiadores quando se trata de fé em D’us: o sustento! Há duas opiniões levemente divergentes entre os nossos sábios em termos da relação entre a fé e o sustento. E a divergência gira em torno da seguinte pergunta: já que é um axioma judaico que a quantidade de dinheiro que uma pessoa vai ter em sua vida é determinada pelo tribunal celestial, quanto uma pessoa precisa trabalhar para garantir o seu sustento? A primeira é a opinião do Chovot Halevavot, segundo o qual, desde o pecado de Adam *Harishon* e seu castigo, as pessoas têm a obrigação de trabalhar para comer, vestir e pagar suas contas. Já o Ramban escreve que não há obrigação e o sustento virá para cada pessoa na proporção direta de sua *emuná*, ou seja, a quantidade de esforço de trabalho será inversamente proporcional à fé que a pessoa tem em D’us; embora afirme que, como a maior parte das pessoas não possui níveis tão elevados de *emuná*, elas devem trabalhar. O *Chovot Halevavot*, por sua vez, também acrescenta que o esforço da pessoa, embora obrigatório, não tem qualquer relação com o resultado, em termos do sustento. Ambos concordam, portanto, que o sustento vem diretamente da bênção do Todo-Poderoso. Mas, então, se mesmo não sendo o fator determinante, o esforço é obrigatório, qual deve ser a medida deste esforço? Responde o Chazon ish em seu livro citado acima – *Emuná Ubitachon* – que a pessoa deve fazer um esforço “normal”, ou seja, cuidar para que não falem as necessidades básicas e para que se viva de forma digna. Mais do que esse nível médio de esforço, já começando a entrar no universo da preocupação excessiva – e, muito pior, às vezes da paranoia – é proibido.

Rav Hirsch acrescenta, neste contexto, mais uma reflexão acerca do milagroso *man* do êxodo do Egito. Afinal, o *man* era por si só um teste diário de *emuná* relacionado diretamente ao sustento. Por que as pessoas não podiam colher mais do que lhes era necessário apenas para aquele mesmo dia? Para interiorizar que o sustento vem de D'us. Para aprender que, se D'us – revelado e presente por meio de milagres a olhos vistos – está garantindo que amanhã haverá mais uma porção de *man*, e depois de amanhã também, e no dia seguinte também, colher mais do que a quantidade diária é um atestado de falta de *emuná*. É a demonstração de que a pessoa ainda acha em seu íntimo que o seu sustento depende do seu esforço, da sua preocupação em guardar para quando faltar. Mas D'us está declarando e determinando nos deserto que não faltará infalivelmente todos os dias durante 40 anos de estadia no deserto! Escreve o Rav Hirsch: “Quem no fundo crê que seu sustento depende exclusivamente de seu esforço e dedicação, e conseqüentemente se afasta da fé em D'us, nadará sempre em um mar de preocupações sem fim.” Já no século XIX, ele afirmou que essas preocupações independem da conta bancária da pessoa e que, em casos espiritualmente patológicos, seu alcance não é somente o amanhã próximo ou o mês que vem ou os anos que estão por vir, mas, sim, uma preocupação com o sustento de netos e bisnetos! Impressionante.

Uma revista famosa com artigos muito interessantes certa vez publicou uma chamada metafórica muito adequada para o nosso tema: “As pessoas andam tão preocupadas que estão colocando espelho retrovisor na bicicleta ergométrica!” Viver com tamanha crença e temor do acaso não representa uma conduta judaica. Ao contrário, é uma visão oposta à concepção judaica de existência. O *yehudi* deve trabalhar sua mente e seu coração para manter em sua rotina a convicção de que tudo vem de D'us. Que este D'us único impera absoluto e, o mais importante, ama Suas criaturas, querendo apenas, sempre, o seu bem.

PROCURANDO ATALHOS PARA CONQUISTAR O SEU OLAM HABÁ?



“

Faltou querer,
faltou pedir.

”

QUEM NÃO CHORA NÃO MAMA

Percebemos através das nossas rezas e da literatura rabínica que o Judaísmo dá enorme importância e destaque ao tema do Templo Sagrado de Jerusalém. Isso pode parecer estranho e distante da mentalidade das gerações recentes e principalmente da atual. Por que dar tanta importância a uma edificação cujas atividades estão extintas há mais de dois mil anos?

Quem se aprofunda no tema, porém, sabe qual a justificativa desta nostalgia poderosa que preenche o inconsciente coletivo do povo judeu até hoje. Além dos aspectos espirituais, a presença do Templo influenciava e abençoava materialmente o universo. Toda a realidade era transformada positivamente pela Presença Divina concentrada no Templo, a ponto de, por exemplo, as frutas serem muito maiores do que as dimensões que conhecemos. É também por esses fatores materiais que se lamenta tanto a ausência do edifício mais sagrado da história.

Com esta ideia resumidamente esclarecida, surge a pergunta: se o Templo trazia tantos benefícios em termos espirituais e materiais, por que demorou tanto para ser erguido após a saída do Egito? Vamos examinar os pormenores deste assunto.

O grande sábio Ramban questiona, em seu comentário sobre *Parashat Co-rach*, por que o Rei David não construiu o primeiro Templo Sagrado. A resposta aparece em Crônicas (22:8): D'us proibiu David de construir o Primeiro Templo por ele ter derramado muito sangue – embora tenha sido em guerras com propósitos justos. Ainda assim, segue indagando o Ramban: mesmo que David

não pudesse, por que o povo em sua época não se organizou e se encarregou de construí-lo? E mais: por que o próprio Rei Saul, antecessor de David, não o construiu? Ou ainda, por que em algum momento da era dos Juízes não se tomou a iniciativa de edificar o Santuário? Para todas as perguntas, o Ramban tem a mesma resposta.

Diz o Ramban que faltou a todas essas gerações – que somam 408 anos, do início da época dos Juízes até o reinado do Rei Salomão, que o construiu – a mesma postura: a vontade de construí-lo! Se tivessem manifestado a pretensão e o verdadeiro anseio de erguer o Templo, afirma o Ramban, não só teriam recebido permissão como teriam sido auxiliados e abençoados pelo Todo-Poderoso! Faltou querer, faltou pedir.

Talvez possamos questionar por que D’us não “deu um toque” às citadas gerações, dizendo-lhes de alguma forma: “Por que vocês não pedem? Peçam pelo *Beit Hamikdash*, que Eu lhes concederei.” Na verdade, fazer esse tipo de questionamento demonstra que não se entendeu a afirmação do Ramban. Interesse verdadeiro exige iniciativa. Guardadas as devidas proporções, o Todo-Poderoso “dar um toque” equivaleria a uma pessoa pedir para ganhar um presente de aniversário.

O PERIGO DO “PILOTO AUTOMÁTICO”

O Gaon de Vilna escreveu que a geração anterior à vinda do *Mashiach* terá uma característica peculiar. No século 18, este gigante espiritual revelou e previu que esta geração – que se acredita que seja a nossa – será a geração da superficialidade. E este grave vício possui inúmeras nuances. Uma delas é o automatismo. Sem se aprofundar ou se preocupar com os reais significados e os cernes das ações e dos acontecimentos, as pessoas agem e reagem em geral de forma automática, mesmo nos contextos mais essenciais da vida.

O chefe da *Yeshivá* de Khelem, Rav Simcha Zissel, costumava dizer que uma das áreas nas quais o automatismo é mais grave é no que se refere à educação dos filhos. O sábio afirmava que os pais e educadores precisam evitar que o cumprimento das *mitzvot* por parte das crianças entre no modo de “piloto automático”. É excelente que os filhos e alunos saibam e pratiquem a maior parte do conjunto de preceitos que deve nos preencher o cotidiano – recitar o

“*Modê Ani*” e as Bênçãos Matinais logo ao acordar, rezar *Tefilat Shacharit* em um *Minian*, fazer *Berachot* antes e depois de comer e beber qualquer coisa, dar *Tzedaká*, etc. Que pai, mãe ou educador não se orgulharia de seu filho, filha ou educando saber e cumprir tantas *mitzvot*? No entanto, deve-se tomar as providências necessárias para que essa prática, embora elogiosamente constante, não se torne superficial e automática.

Entre as características do mundo contemporâneo que propiciam enormemente este sintoma do automatismo estão, sem dúvida, a comodidade, o conforto, a abundância e a acessibilidade às facilidades proporcionadas pelos avanços tecnológicos em várias das áreas da atividade humana. Hoje em dia é possível programar o celular para tocar um alarme judaico para despertar seu dono. Alguns aplicativos, por exemplo, disponibilizam o toque “*Gut morning! Shachris!*” (“Bom dia! É hora da oração matutina!”, em idish); outros oferecem aulas dos mais variados temas judaicos, gravadas ou em tempo real; outros avisam que é hora de fazer a Contagem do Ômer, confirmando qual a contagem correta para a noite vigente; outro abre um espelho com marcações especiais para que a pessoa ajuste seu *Tefilin* da cabeça na direção exata exigida pela Lei Judaica. A lista é grande e não para de crescer.

FACILIDADES QUE PODEM DIFICULTAR

Tudo isso é maravilhoso, mas essas comodidades trazem no pacote o perigo do automatismo superficial. Tudo neste início de século XXI – inclusive os elementos judaicos – vem tão facilmente e está tão ao alcance das mãos! Por isso mesmo, sem o devido cuidado, tudo pode perder o valor. A exemplo do que dissemos com relação à demora na construção do *Beit Hamikdash*, por causa dessas comodidades excessivas as pessoas podem desenvolver o nocivo hábito de viver cercadas de judaísmo, estudar Torá e cumprir *mitzvot* de forma constante e disciplinada, mas sem o fervor de quem faz com vontade genuína; sem de fato almejar, ansiar e sentir a necessidade e o significado mais profundo de suas ações.

O Judaísmo possui um “hino nacional” milenar. Ele se chama “*Keriat Shemá*” (Leitura do *Shemá*), que deve ser recitado no mínimo duas vezes ao dia. Neste conjunto de três passagens da Torá tão famosas, conhecidas de cor por

milhões de judeus em todo o mundo, consta o seguinte trecho na abertura da segunda passagem: “E será, se ouvirdes os preceitos que vos ordeno **hoje**, para amar ao Eterno vosso D’us, e para servi-Lo como todo o vosso coração e toda vossa alma (...)”

Ao estudar este trecho famoso, a Guemará questiona por que a Torá fez questão de incluir em um trecho que deve ser lido diariamente por gerações o advérbio de tempo “hoje”, afinal os preceitos foram ordenados durante o êxodo do Egito e não a cada dia – situação sugerida pela expressão “hoje” quando ela é recitada todos os dias. Registre-se também que uma linguagem muito próxima à expressão que estamos examinando ocorre no início da primeira passagem: “e serão essas palavras que Eu te ordeno hoje sobre o teu coração (...)”.

Explica a Guemará que esta é justamente a intenção: ao fazer o *Keriat Shemá* a pessoa deve buscar sentir como se a ordem divina para o cumprimento dos preceitos tivesse sido dada “hoje”, ou seja, naquele mesmo dia, naquele momento em que se lê o “*Shemá*”. Por quê? Porque temos que buscar manter, na medida do possível, o máximo de proximidade com o frescor, a emoção e a inspiração do testemunho da revelação divina no Monte Sinai, há mais de 3000 anos, por meio da qual fomos ordenados a cumprir as 613 *mitzvot*. Com a intenção de alertar para a necessidade do esforço em não deixar o *Keriat Shemá* cair no automatismo e na conseqüente desvalorização desta *mitzvá* básica ou de qualquer outra.

SEDE DA ESSÊNCIA

Um dos alunos do grande Rabi Moshe Chaim Luzzato, o Rabino Moshe David Vali, apresenta uma interpretação diferente da usual para o famoso versículo do profeta Amós, que também fala da geração anterior à vinda do *Mashiach*: “Eis que vêm dias, diz o Eterno D’us, em que enviarei fome sobre a terra; não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Eterno” (Amós 8:11). Geralmente, os rabinos das últimas gerações costumam relacionar a mensagem deste versículo ao povo judeu e explicar essa profecia da seguinte maneira: nos dias da era pré-messiânica haverá fartura sobre a Terra (ou seja, apesar da desigualdade na distribuição, haverá recursos para alimentar toda a população mundial) e por isso, não haverá sede ou fome de alimentos, mas sim uma busca sedenta pela palavra de D’us, ou seja, pela Torá. Esses rabinos

embasam essa interpretação no significativo movimento de *Teshuvá* dos judeus, testemunhado nas últimas décadas, somado ao crescimento das comunidades e instituições ortodoxas ao redor do mundo.

O Rav Moshe David Vali, porém, entende e explica essa passagem de forma distinta. A Torá é metaforizada inúmeras vezes no Talmud como pão ou como água. Se aplicarmos esta analogia ao versículo, a mensagem passaria a ser a seguinte: nos tempos anteriores ao *Mashiach* haverá muita oferta de Torá, isto é, todas as possibilidades de se estudar e de se “vivenciar” a Torá – um número recorde de *yeshivot* espalhadas pelo globo, com um número incalculável de alunos e frequentadores, aulas virtuais à distância, gravadas ou on-line, sobre os mais variados assuntos, nas mais diversas línguas – tudo ao alcance de uns dois toques na tela do celular. Um crescimento vertiginoso do número de sinagogas, com horários de *minianim*, de manhã, à tarde e à noite. Listas gigantes e abrangentes com produtos *kasher* dos mais variados. Lojas de artigos sagrados, que podem ser adquiridos pela internet, etc. Enfim, acesso facilitado aos principais elementos que compõem um estilo de vida judaico nunca antes experimentado por gerações passadas.

Por outro lado, entretanto, haverá extrema fome e sede de “ouvir a palavra do Eterno”, ou seja, fome em se conectar verdadeiramente a D’us por meio de toda essa prática, sentindo a santidade embutida em cada *mitzvá* e vivenciando o cerne de cada uma delas. Em outras palavras, uma escassez da essência: estudar Torá, rezar, comer *kasher* ou cumprir qualquer outra *mitzvá* com a intenção e o sentimento genuínos de que se faz tudo isso por submissão e amor a D’us.

Citemos com mais ênfase o exemplo da *Tefilá*. Na época do Talmud, as distâncias geográficas e a tecnologia vigente impunham obviamente um ritmo da vida e um rol de possibilidades muitíssimo mais limitados em comparação ao cotidiano alucinante e cheio de benesses que usufruímos hoje. A maior parte do povo judeu vivia uma vida rural e arcaica. As pessoas tinham que trabalhar muito duro e por muitas horas. Todos eram religiosos, mas poucos tinham o privilégio de rezar diariamente com *Minian*. Hoje em dia, a maioria esmagadora dos judeus vive em ambiente urbano e, nas comunidades mais desenvolvidas, os religiosos contam com grande oferta de *Minianim*, em horários tradicionais e alternativos. A pergunta que cada um desses frequentadores assíduos deve se fazer é: entre as mais de mil rezas que se pode fazer com *Minian* em um ano,

ao menos uma – ou parte dela – foi feita, no ano que passou, com o fervor e a convicção de que se estava diante do Criador do Universo?

Atualmente, é impressionante o alcance do movimento *Daf Yomi* (“Folha Diária” – o estudo diário do Talmud) e a quantidade de adeptos. Ou a frequência com que mulheres se unem em várias comunidades – e às vezes simultaneamente, graças à internet – para fazer correntes de orações e recitações de capítulos de Salmos. A pergunta, mais uma vez, é: quantos de nós, em quantas ocasiões, atuaram nestas campanhas com consciência plena de que estudavam e/ou rezavam para – acima de tudo – servir a D’us?

ENTUSIASMO E PAIXÃO PELA MITZVÁ

Essa escassez de espiritualidade é muito perigosa em especial em um âmbito essencial para a preservação do povo judeu e de sua Torá: na educação. Muitos pais revelam que uma de suas maiores preocupações é que seus filhos não cumpram *mitzvot* – ou não as cumpram com o devido afincamento –, apesar de todos os seus esforços e investimentos em educação escolar judaica e o testemunho dos filhos de que os pais cumprem *mitzvot* em casa. Isto ocorre, talvez porque as crianças sejam dotadas de antenas especiais que detectam naturalmente quando e se um pai, uma mãe, um professor ou um rabino estão cumprindo os preceitos judaicos no “piloto automático” ou, muito ao contrário, com ânsia verdadeira de se conectar com D’us. Pois, que fique claro: nos nossos dias é perfeitamente possível – e é perceptível, como previu o Gaon de Vilna – haver pessoas religiosas, praticantes assíduas sem um nível de espiritualidade.

Quando, por outro lado, temos o privilégio de visitar alguns rabinos que são grandes líderes judaicos mundialmente reconhecidos, percebemos de imediato a aura de espiritualidade que os cerca e paira nos ambientes que frequentam. É difícil até mesmo descrever em palavras, mas quem já teve essa oportunidade e esse mérito sabe do que se trata. Um grande rabino muitas vezes é encontrado ocupando-se com tarefas aparentemente triviais e, mesmo nestes momentos, as pessoas sentem o quanto ele as executa com enorme espiritualidade. Citemos alguns exemplos de como grandes líderes ou judeus mais simples demonstraram sua paixão pelas *mitzvot*, em alto nível de entendimento do quanto elas são os meios ideais de servir ao Criador.

O Rav Mordechai Guifter, diretor da *Yeshivá* de Telz, tem uma história predileta entre as que costuma contar. É sobre o Alter de Khelem, já citado neste capítulo. Conta o Rav Guifter que o sábio costumava desaparecer algumas vezes do *Beit Midrash* repentinamente, em pleno horário de estudos. Ao notarem esse fenômeno incomum, alguns alunos foram perguntar ao seu mestre o porquê daquele costume. O Alter de Khelem respondeu algo impressionante. Disse-lhes que toda vez que ele entendia um trecho difícil de Guemará ficava tão feliz que tinha vontade de dançar; e completou explicando que se fizesse isso no *Beit Midrash* atrapalharia o estudo dos alunos e eles pensariam que seu diretor havia enlouquecido!

Quem já fez o passeio guiado às escavações do Monte do Templo, do lado esquerdo do Kotel – as chamadas “*Minarot Hakotel*” (Cavernas do Kotel) –, ouviu provavelmente do guia uma explicação muito peculiar sobre um dos acessos encontrados nas escavações. Os degraus da escadaria do lado sul do Templo eram propositalmente irregulares, ou seja, tinham medidas diferentes uns dos outros. A pergunta óbvia que emerge deste dado aparentemente estranho é obviamente: “Por quê?”. Explicam os Sábios que o motivo está relacionado ao nosso tema central, isto é, a preocupação com a banalidade das ações mais importantes. Subir o Monte do Templo pela primeira vez é, certamente, para um judeu temente a D’us, uma experiência ímpar, emocionante. Na segunda visita, provavelmente ainda haverá bastante emoção. Mas, conforme o tempo for passando, até a entrada no lugar mais Sagrado do universo, onde a Presença Divina está concentrada e revelada, pode se tornar um ato banal, trivial. Se fosse hoje em dia, talvez testemunhássemos as pessoas (e/ou nós mesmos) subindo as escadas do Templo digitando no celular! Os degraus irregulares visavam evitar esse processo de desvalorização e banalização. Se a pessoa não tomasse cuidado e prestasse bastante atenção, podia tropeçar e até cair ao escalar as escadarias que levavam ao Templo. A necessidade de concentração tinha por objetivo fazer a pessoa ao menos lembrar – e talvez até refletir – sobre o que fazia, sobre a santidade do local em que chegava. É preciso construir “degraus irregulares” conceituais diante das situações e ações importantes de nossas vidas.

O PODER DE UMA MITZVÁ

Durante o terrível Holocausto, no gueto da cidade de Kovno, onde viviam nas piores condições cerca de 40 mil judeus, surgiu certo dia um rumor de que a qualquer momento haveria uma deportação maior para os campos de extermínio do que a cota habitual. Na noite que se seguiu ao dia em que uma dupla de irmãos ouviu tais boatos, o menor deles não conseguia dormir. Depois de confessar o motivo de sua insônia a seu irmão, o garoto foi aconselhado pelo mais velho a tentar dormir e a não se preocupar, pois tudo daria certo. O caçula tentou ouvir e aplicar seu conselho, mas não conseguiu. Indo até a sala, encontrou seu pai estudando Guemará, já tarde da noite.

Ao entrar no recinto, o menino não pode deixar de expressar sua surpresa ao perceber a impressionante capacidade do pai em ter tranquilidade para se concentrar no estudo mesmo em um contexto tão adverso. Em seguida, contou ao pai sobre sua angústia. O pai tentou tranquilizá-lo dizendo o quanto era preciso ter fé redobrada nesses momentos, sempre confiando que D'us iria cuidar deles como sempre fizera. Foi então que o menino explicou o motivo real de sua preocupação. Disse ao pai que temia ser deportado antes de conseguir cumprir a fundamental *mitzvá* da colocação dos *Tefilin*, já que seu *Bar-Mitzvá* seria dali a quatro meses. E acrescentou: “Se formos deportados nos próximos dias ou semanas e, D'us nos livre, ocorrer o pior, como poderei me apresentar diante do Todo-Poderoso sem ter cumprido essa sagrada *mitzvá*?”.

Depois de compreender admirado o motivo profundo que tirava o sono do filho, o pai disse ao rapaz que não só sua preocupação era legítima, como resolveria o problema no dia seguinte, se D'us assim permitisse. De manhã, bem cedo, o pai levou seu filho ao *Minian* clandestino que se reunia diariamente e, conseguindo um par de *Tefilin* emprestado – apesar da total isenção do menino da obrigação de cumprir essa *mitzvá* –, o pai realizou seu anseio e aquietou a alma de seu filho. Impressionante!

Esse rapaz sobreviveu à guerra. Quem sabe se essa salvação não tenha ocorrido para que esta incrível lição de paixão por um preceito da Torá chegasse até nós? Reflitamos: como cada um de nós coloca seus *Tefilin* todas as manhãs? Com que concentração? Com que fervor, com que consciência, com que reflexão acerca do significado de cumprir uma ordem divina expressa?

EU CUMPRO, TU CUMPRES, ELE CUMPRE...

Em uma de suas reflexões sobre o *Shabat Shuva* – o Shabat que antecede o Yom Kipur – o Maharal de Praga traz um questionamento muito interessante que vem perfeitamente ao encontro do nosso tema. É uma pergunta simples, mas extremamente pertinente sobre o primeiro assassinato da História, quando Cain matou Hevel. Como todos sabem, os dois irmãos ofereceram sacrifícios a D’us. E Ele aceitou apenas a oferenda de Hevel. Cain não suportou a rejeição e a inveja e matou seu irmão. Pergunta o Maharal: por que a *mitzvá*, a oferenda de Hevel – que foi aceita por D’us! – não lhe deu mérito suficiente para salvá-lo da morte?

O próprio Maharal responde: a Torá nos revela claramente o porquê. Está escrito: “E Hevel trouxe **também** ele uma oferenda (...)” (Gênesis 4:4). E explica: um ser humano da estatura de Hevel não pode “trazer também ele” uma oferenda ao Criador! A expressão “trouxe também ele” indica que a oferenda foi trazida sem a devida iniciativa, sem o devido entusiasmo, sem o devido carinho. Hevel trouxe a oferenda porque seu irmão Cain havia trazido. Sua *mitzvá* obviamente valeu, afinal sua oferenda foi aceita. Tê-la cumprido a reboque da iniciativa de outro, porém, não permitiu que tivesse sido elevada ao patamar de ser proteção da morte. Cumprir *mitzvot* porque todos cumprem é bom, mas não é de forma alguma o ideal visado pela Torá. Embora seja uma analogia entre dois universos muito distintos, vale a comparação: a Torá quer que cumpramos as *mitzvot* com a vivacidade com que um brasileiro grita “gol” no estádio ou ao assistir a uma partida da Seleção. Se cumprirmos ao menos uma *mitzvá* com esse entusiasmo, estaremos indo contra as tendências da nossa geração apontadas pelo Gaon de Vilna – a superficialidade, a banalidade, o automatismo.

Outro sintoma que comprova a falta de profundidade da nossa geração é o modo como se estuda a Lei Judaica. Hoje em dia, quando alguém tem uma dúvida sobre alguma *halachá*, recorre a que fonte para encontrar a resposta? Se for um erudito em Torá, talvez procure a resposta no Shulchan Aruch ou na Mishná Berurá. O primeiro, porém, acabou se tornando um livro muito longo e difícil, inacessível à maioria das pessoas. Desde o século XIX, portanto, há o seu resumo: o famoso *Kitzur Shulchan Aruch*. Para atender às necessidades das gerações do século XX, vieram as versões facilitadas do Talmud (Artscroll, Metivta, etc.), em hebraico facilitado ou em inglês, com explicações detalha-

das que facilitam o entendimento das discussões complexas, com as quais gerações gastaram horas e neurônios. Hoje, se houver qualquer dúvida sobre qualquer assunto judaico, basta consultar o grande sábio, a fonte de todos os conhecimentos: o Grão-rabino Google! Não que todos esses avanços não sejam louváveis ou não tenham legitimidade, ou ainda não mereçam o devido reconhecimento. Apenas vale questionar por que são tão necessários e notórios nos últimos tempos, se foi possível viver – e muito bem (talvez, em certos aspectos, muito melhor) – sem eles, por mais de 2000 anos de diáspora. A resposta é a mesma: porque estamos na geração pré-*Mashiach*, a geração da superficialidade, do automatismo, da banalidade. Certamente, todos aqueles que tentarem entender seus estudos de Torá sem as “muletas” modernas estarão nadando positivamente contra a corrente vigente da superficialidade. Provavelmente conseguirão estudar muito menos no mesmo tempo investido, mas seu estudo terá outro patamar espiritual, pois é preciso lembrar: D’us não vai contar os números de páginas e sim o número de horas e a dedicação!

ANTÍDOTO: O ESFORÇO PODE LEVAR À PAIXÃO

Se o contraponto da superficialidade e do automatismo é a profundidade e a consciência do significado das ações, e tal consciência deveria nos causar entusiasmo e paixão na atuação nos âmbitos essenciais e sagrados da vida, é extremamente útil sabermos que é possível fazer o caminho inverso. Explicando melhor: é possível nos lapidarmos para atuarmos em determinados âmbitos com entusiasmo e paixão, e esta atuação qualitativa pode nos levar à consciência e à profundidade que nos é tão rara hoje em dia. Resta o mais importante, portanto: saber qual a maneira de despertar esse entusiasmo. Resposta: o esforço. Por incrível que pareça, aos nos dedicarmos a uma área de atuação específica – o que se poderia chamar formalmente de *mitzvá* – com muito esforço, afinco e talvez até com razoável sacrifício, podemos desenvolver uma relação mais significativa e profunda com esta prática. Às vezes, é necessário que este esforço se torne um considerável sacrifício.

Certa vez, em Israel, um rabino levou um de seus alunos ao Rav Chaim Kanievsky para que o grande líder pudesse orientá-lo e/ou abençoá-lo no sentido de melhorar sua capacidade de estudar Torá, em suas possibilidades de entendimento do Talmud. O aluno se chamava Meir. Por mais que seu Rabino

Ihe explicasse incontáveis vezes, que se esforçasse, que revisasse por horas, inúmeras vezes, as matérias que havia estudado, Meir sempre constatava que não havia conseguido entender ou absorver nada.

Depois que o Rabino deu ao grande Sábio uma introdução sobre a situação de seu aluno, o Rav Kanievsky recebeu o rapaz e Ihe perguntou se ele rezava e suplicava a D'us que abrisse a sua mente para a compreensão do que estudava. Meir respondeu que não só rezava, como chorava copiosamente durante as orações nas quais implorava a D'us que Ihe desse mais capacidade de entender os Seus ensinamentos e segredos. O Rav, então, questionou se Meir era cuidadoso em sempre rezar em um *Minian*; afinal, é sabido que a força de uma oração feita em um *Minian* é muito maior do que uma *Tefilá* feita individualmente, mesmo que com muita concentração e fervor. O rapaz admitiu que não. O sábio foi categórico: “Esforce-se daqui para frente para sempre rezar com um *Minian*! Se for preciso, sacrifique-se o quanto for necessário para sempre cumprir esse objetivo.” O rapaz assentiu, agradeceu e se foi.

Depois de certo tempo, Meir foi para outra *yeshivá*. Três anos se passaram e ele decidiu voltar à sua antiga *yeshivá* para uma visita e, obviamente, foi ao encontro de seu Rav, o mesmo que o havia levado à presença do Rav Kanievsky. Ao encontrá-lo, Meir agradeceu muito por toda a ajuda que seu antigo mestre havia Ihe prestado ao levá-lo ao Rav Kanievsky e mostrou-Ihe um livro de explicações e comentários sobre um dos tratados mais difíceis do Talmud – o Tratado de Yevamot, pedindo a sua aprovação. O Rabino folheou rapidamente o livro e, não entendendo bem do que se tratava, devolveu-o logo a Meir, dizendo: “Muito interessante esse compêndio de ‘*chidushim*’ (novas explicações e observações) talmúdicos do seu novo Rav!”. Foi então que Meir explicou melhor: “Rav, esse livro foi escrito por mim!”.

O Rabino levou um grande susto. “Como assim?”, perguntou atônito, constatando que o nome do autor impresso na capa era o de Meir, “você mal conseguia entender os textos em nível literal ou superficial. Como chegou às condições de publicar um livro de ‘*chidushim*?’”. E Meir esclareceu: depois da consulta ao Rav Kanievsky, ele passou a seguir sua orientação à risca. Não perdia uma *tefilá* sequer em *minian*. Certa noite, porém, falhou e não fez a *Tefilat Arvit* (Oração Noturna). Lembrou-se de que não havia rezado quando já era bem tarde. Pensou em fazer a oração de forma individual, mas as palavras do Rav

Kanievsky ecoaram em sua cabeça: “Esforce-se daqui para frente para sempre rezar com um *minian*! Se for preciso, sacrifique-se o quanto for necessário para sempre cumprir esse objetivo.”

Apesar do horário avançado, sabia que havia orações com *minian* nos bairros mais religiosos de Jerusalém. Saiu de casa, situada no bairro de Ramot, a alguns quilômetros de seu destino, depois que o último ônibus já havia passado. Foi então até o ponto das caronas e começou a pedir carona aos carros que passavam. Inacreditavelmente, para-lhe um carro e com grande surpresa percebe que é seu vizinho! Ao saber o motivo da empreitada noturna de Meir, o vizinho revelou que também procurava um *minian* para rezar *arvit*, e lá se foram os dois para o bairro de Geula. Estacionaram perto de uma sinagoga famosa pelos *minianim* constantes – inclusive em horários alternativos –, entraram, sentaram, mas nada de *minian*. Já passava das 3 da manhã, e nada. O vizinho se desculpou e disse que precisava ir para casa, pois precisava ir trabalhar no dia seguinte. Meir lhe pediu mais 10 minutos de espera. Neste tempo extra surpreendentemente foram chegando pessoas e o *minian* se formou antes do décimo minuto terminar. Meir contou que fez a *Amidá* com uma concentração e fervor inigualáveis, e completou: “Dali em diante, não sei o que aconteceu, mas foi como se meus olhos tivessem sido abertos para enxergar o que nunca haviam conseguido, e comecei aos poucos a entender a Guemará até que depois de muito esforço consegui escrever o meu livro!”

NÃO HÁ ATALHOS EM CAMINHOS DE ESPIRITUALIDADE

O grande Rav Eliashiv Z”TL já beirava os cem anos de idade quando foi convidado para ser o *sandac* (a pessoa sobre a qual o recém-nascido é colocado em sua circuncisão) de um de seus tataranetos. O grande líder espiritual de toda uma geração explicou com todo cuidado e carinho ao seu bisneto, pai da criança, que já sendo muito idoso, viajar até o local do *berit milá* lhe seria fisicamente muito difícil, além do esforço exigir abrir mão de muito tempo de estudo de Torá.

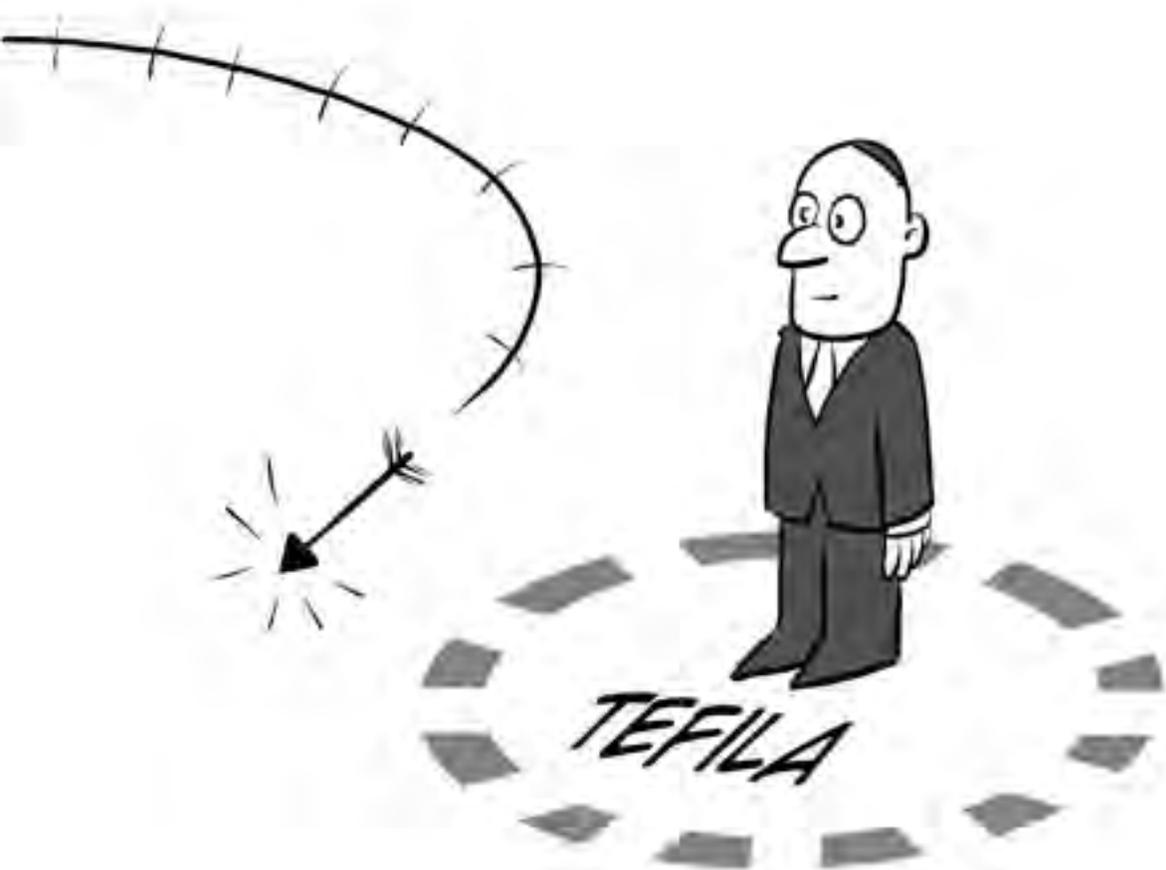
O bisneto obviamente consentiu, mas não se deu por vencido. Fez suas pesquisas e voltou a ligar para o Rav Eliashiv. Desta vez, acreditando ter um grande trunfo na mão para convencer o tataravô ilustre, disparou: “Vovô, o se-

nhor deve saber que existe uma *segulá* (bênção especial) para alguém que é *sandac* de um tataraneto: está escrito que essa pessoa ganha imediatamente o seu Mundo Vindouro. E agora, o Senhor aceita vir ao *berit* do seu descendente, nosso filho?”

O Rav Eliashiv, mais uma vez, com muito cuidado e carinho, respondeu a este bisneto, ensinando-lhe, e a todos nós, uma lição fundamental: “Meu querido, compreenda: passei a minha vida inteira me dedicando a servir a D’us com o máximo de esforço, dedicação e sacrifício – almejando estar o mais próximo possível do Todo-Poderoso quando receber meu pedaço do *Olam Habá* –, pois esse é o único caminho a ser percorrido em termos de crescimento espiritual. E agora você me oferece uma espécie de atalho, não estou procurando atalhos para adquirir o meu mundo vindouro.”

Que saibamos nos esforçar – e se for preciso, nos sacrificar – para encontrarmos os caminhos para um culto a D’us sincero, profundo, significativo, entusiasmado e apaixonado.

DESTINO: É POSSÍVEL MUDAR?



“

Se as *Tefilot* chegassem ao Criador por Whatsapp, as confirmações de leitura ficariam azuis, pois podemos estar certos de que D'us lê todas as nossas mensagens e as responde conforme o Seu planejamento maior.

”

DISPUTA COM DESFECHO ÓBVIO?

Um dos episódios mais dramáticos da Torá foi, sem dúvida, a famosa revolta de Corach. Corach era primo de Moshe *Rabenu* e, de acordo com os nossos sábios, motivado pela escolha de outro primo mais novo – Elitzafan Ben Uziel – para o cargo de líder da tribo de Levi, decidiu questionar a legitimidade da liderança de Moshe e Aharon armando um motim. Para colocar em prática seu plano, Corach reuniu 250 revoltosos – todos os homens com um nível intelectual e espiritual muito elevado – para acompanhá-lo e apoiá-lo em sua revolta contra Moshe e Aharon.

A iniciativa era tão absurda que a maioria dos sábios se esforça para explicar tamanha cegueira. Afinal, qual poderia ser o resultado de uma disputa de legitimidade de poder e liderança contra Moshe e Aharon, os dois reveladamente escolhidos por D’us? Questionar a liderança desses dois gigantes incomparáveis equivale, portanto, a questionar a vontade do Todo-Poderoso!

A tradição judaica também nos revela quanto o desfecho desse episódio era tão óbvio e previsível. O Pirkei Avót, em seu quinto capítulo, enumera uma série de elementos e criaturas que, de forma sobrenatural, foram criados por D’us no finalzinho da sexta-feira ao cair da noite, do sexto dia da semana da criação do universo, relatada no *Sefer Bereshit*. Entre estes, encontra-se a “boca da terra” – nada menos do que o fenômeno sobrenatural que ocorreu durante a competição que se assistiu no dia seguinte à reivindicação de Corach, diante de todo o povo. Como sabemos, ele, seus vice-líderes – Datan e Aviram – e suas respectivas famílias e pertences foram engolidos pela terra. Ou seja, o fim de

Corach e seus companheiros era tão inevitável que seu castigo já estava preparado desde o início dos tempos.

Com toda essa obviedade, porém, há uma fala de Moshe que causa certa estranheza. Após tentar, sem sucesso, dialogar com Datan e Aviram, que não atendem ao seu chamado, o grande profeta se irrita e faz o seguinte surpreendente pedido ao Todo-Poderoso: “Não atentes para a sua oferta (...)”

Moshe se referia às oferendas de incenso que seriam oferecidas pelos revoltosos de Corach no momento da prova, na hora da tal competição absurda que havia convocado para o dia seguinte para esclarecer diante do povo quem eram os eleitos de D’us para liderar Israel. Em outras palavras, Moshe pediu a D’us que não os deixasse vencer a disputa e que não aceitasse suas oferendas.

O PODER DA TEFILÁ

Ora, como pode? Como explicar que o próprio Moshe revelasse uma aparente insegurança, demonstrasse alguma dúvida de que ele e seu irmão Aharon triunfariam, a ponto de suplicar que D’us não aceitasse as oferendas do grupo de Corach e os poupasse?

O Alter de Kelem, Rabbi Simcha Zissel, responde de forma impressionante: quando Moshe menciona as oferendas dos revoltosos de Corach, na verdade, refere-se às suas orações. Durante aquela noite e até o momento clímax da disputa perante todo o povo, os revoltosos certamente rezaram fervorosamente por seu sucesso na campanha contra Moshe e Aharon.

A insegurança de Moshe tinha fundamento porque o maior dos profetas obviamente sabia que a Tefilá feita com a devida intenção, concentração e fervor é um fenômeno tão poderoso que, mesmo que venha dos mais baixos perversos, pode mudar até os destinos mais previstos e aparentemente certos e óbvios. Quanto mais neste caso, em que não se tratava de homens de baixo nível espiritual. Portanto, o que a Torá nos ensina ao nos revelar essa súplica de Moshe é o inimaginável poder da Tefilá.

Daqui aprendemos que a Tefilá é uma ferramenta espiritual fortíssima e poderosa, que tem a capacidade de abrir caminhos, mudar a realidade, possibilitar o sucesso e o alcance das metas, mesmo no caso de ações consideradas

negativas ou pecaminosas. Ou seja, qualquer ser humano tem em mãos – ou melhor, na mente, no coração, na boca e nas lágrimas – um poder que lhe foi dado pelo Criador para conseguir realizar seus desejos e planos.

AGRADOS AOS ASSASSINOS

A Torá determina (Bamidbar 35:25) que uma pessoa que tenha causado a morte de outra sem intenção deve se esconder numa cidade refúgio (*Ir Miklat*) até a morte do Cohen *Gadol* (Sumo Sacerdote do Templo). Ora, deduz o Talmud que, no caso das condenações, era de se esperar que os refugiados acabassem por rezar com cada vez mais intensidade pela morte do Cohen *Gadol*. Afinal, estavam numa espécie de exílio, privados de suas vidas normais, do convívio com a família, os amigos, o trabalho e tudo mais de seu cotidiano anterior.

A Mishná, quando aborda esse assunto no tratado de Macot (2:6), acrescenta uma cena muito interessante. Lá consta que era costume a mãe do Cohen *Gadol* providenciar sustento e vestimentas aos refugiados nas cidades refúgio enquanto aguardavam seu julgamento, para que eles não rezassem pela morte de seu filho nem o amaldiçoassem! Imaginemos a curiosa cena: aquela senhora digna e respeitosa visitando os assassinos involuntários nas cidades refúgio, levando-lhes doces ou salgados, roupas e demais agrados para evitar que estes utilizassem um poder que lhes era acessível – fazer suas prováveis orações pela morte do homem mais elevado de Israel, seu filho!

Será possível? Como uma oração como essa poderia ser ouvida e/ou aceita? Afinal, já ensinou o Rei Salomão que maldições gratuitas não têm nenhum poder.

Temos duas respostas interessantes para isso: a do Talmud da Babilônia (*Bavli*) e do Talmud de Jerusalém (*Yerushalmi*).

O Talmud *Bavli* (Macot 11A) explica que, nessas circunstâncias, o Cohen *Gadol* carrega uma culpa que o deixa vulnerável com relação a essa *Tefilá* tão sinistra. Ele é culpado por não ter rezado como deveria, com a devida concentração e fervor, por sua geração, enquanto esteve diante da Presença Divina, no *Kôdesh HaKodashim* (o local mais elevado do Templo, onde só o Cohen *Gadol* podia entrar), em Yom Kipur. Se tivesse feito seu serviço sagrado e sua *Tefilá*, no Yom Kipur e durante o ano todo, com a intenção correta, o fervor e a concentração pura que o seu cargo exige, não haveria assassinos involuntários naquele ano.

O Talmud *Yerushalmi*, por sua vez, nos dá uma resposta incrível, que confirma o que trouxemos anteriormente. Lá, os sábios afirmam que o receio da mãe do Cohen *Gadol* não vinha do poder das maldições, pois estas de fato não podem atingir um inocente, ou uma pessoa elevada que tem uma espécie de cerca espiritual protetora construída por seus méritos em cumprir *mitzvot*, amar a D'us e as criaturas. Ela temia justamente as *Tefilot* dos refugiados. Tendo ou não tendo culpa, o Cohen *Gadol* estava vulnerável às orações daqueles assassinos involuntários! Eis mais uma prova do poder deste fenômeno à disposição de qualquer ser humano – a *Tefilá* que provém do fundo do coração. Foi por isso que Moshe pediu a D'us que não atendesse à *Tefilá* dos revoltosos, pois sabia que elas poderiam ter o poder de mudar o que já estava traçado. Por isso usou um antídoto: uma *Tefilá* sua para anular as *Tefilot* do grupo de Corach.

MAS, E O LIVRE ARBÍTRIO?

O Talmud (Berachot 10A) nos conta sobre um episódio impressionante da vida do grande Rabi Meir. Alguns indivíduos incômodos decidiram atazanar a vida desse famoso sábio talmúdico. Todos os dias, tais elementos vinham até Rabi Meir para lhe fazer as perguntas mais estranhas e irrelevantes apenas com o intuito de incomodá-lo. Com o passar do tempo, aquela provocação que não cessava se tornou insuportável, e Rabi Meir decidiu rezar pela morte desses cidadãos!

Ao confidenciar seu drama e suas intenções a sua também famosa e sábia esposa, Beruria, ela tentou jogar-lhe um pouco de bom senso e o aconselhou a rezar para que essas pessoas fizessem *Teshuvá* (arrependimento e conserto), em vez de suplicar a D'us pela morte dos mesmos. Rabi Meir acatou o sábio conselho de sua mulher e, de fato, depois de certo tempo, os tais homens fizeram *Teshuvá* e deixaram o sábio em paz.

Um dos clássicos comentaristas do Talmud, o Maharshá, questiona este desfecho e pergunta: como é possível que a *Tefilá* de Rabi Meir ou de qualquer outro possa interferir em um processo que é sabidamente dependente do livre arbítrio do ser humano? Entre tantas explicações, responde o genro do Rav Shach, Rabi-no Bergman, que uma *Tefilá* que sai do fundo da alma tem poder quase ilimitado, podendo sim interferir nas decisões e no comportamento de outras pessoas!

Neste caso, não que a *Teshuvá* não tenha qualquer relação com as escolhas da pessoa e sim que a *Tefilá* poderosa de um grande justo ou feita com extrema *cavaná* por uma pessoa comum ou até sem méritos pode criar as condições para que um processo de *Teshuvá* ocorra. Seja como for, confirma-se a potência deste fenômeno espiritual, deste canal aberto com D'us, chamado *Tefilá*.

ONDE O INIMIGO MAIS INVESTE

Como se sabe, um judeu praticante reza três vezes ao dia. Com que frase a primeira oração do dia é iniciada? Se você, caro leitor, respondeu “*Mode Ani*”, errou. A primeira frase das orações diárias é “*VeHu Rachum yechaper avon...*”, ou seja, o início da *Tefilat Arvit*, a reza noturna, já que o dia no calendário judaico começa ao cair da noite. E qual o significado desta frase? Resposta: “E Ele, Piedoso, expiará o pecado...”. Ou seja, trata-se de um pedido a D'us – O Piedoso – para que nosso pecado seja perdoado, e que não sejamos castigados por causa dele. Mas, afinal, que pecado é este? O pedido de piedade e perdão é pelo que pode ser que aconteça a partir daquele momento, isto é, a provável recitação da reza – principalmente a *Amidá* – sem a devida *cavaná*. Incrível!

Nossos sábios, profundos conhecedores da natureza humana e judaica, instituíram que iniciemos nossas orações lembrando o quanto é difícil nos concentrarmos durante os momentos tão elevados e sagrados de nossas *Tefilot*.

A pergunta principal neste contexto é, porém, por quê? Por que há tanta dificuldade de se ter *cavaná* na *Tefilá*? Ora, se a *Tefilá* é um instrumento tão poderoso, conforme verificamos acima, é claro que o primordial inimigo do ser humano – o *yetzer hará* – vai fazer de tudo para que não o utilizemos como se pode e se deve. É por isso que, quando as demais pessoas querem sonhar com sua viagem de férias, basta que elas fechem os olhos ou vão dormir. Infelizmente, por falta de concentração na *Tefilá*, muitas vezes, quando um judeu quer sonhar, basta que ele comece a rezar e seu pensamento poderá levá-lo para muito longe da sinagoga em que está rezando... Sem a devida *cavaná*, a pessoa pensa em tudo – principalmente nas coisas mais triviais e insignificantes – que não pensou o dia inteiro; ou viaja por todos os cantos do mundo, indo do seu escritório até os confins da China... Mais uma vez: isso acontece porque a última coisa que o *yetzer* vai permitir é que o *yehudi* use seu potencial de *Tefilá*.

ALMA GÊMEA: SERÁ?

O Talmud acrescenta (Moed Catan 18b) outro exemplo da força da *Tefilá* sobre o destino traçado nos Céus. Lá consta que é proibido celebrar casamentos durante o *Chol Hamoed* (os dias comuns dentro das festas de Pessach e Sucot). O motivo, escreve a Guemará, é que não é apropriado misturar duas ou mais alegrias. Nos *chaguim* é preciso se alegrar com as comemorações das respectivas datas e não por qualquer outro motivo trazido de outro contexto, à exceção de nascimentos, Brit Milá, etc.

Em seguida, a Guemará pergunta se noivados são permitidos no *Chol Hamoed*. A resposta desta vez é positiva. E a explicação: para que o pretendente não perca sua noiva em potencial, já que outro pode se antecipar e tomá-la primeiro! A Guemará então questiona: ora, é sabido que há uma voz celestial diária, que recita uma lista de casais, cujas almas são gêmeas, ou seja, que foram “feitos um para o outro”, com a linguagem “a filha de fulano para o filho de beltrano...”. Como pode ser possível, portanto, que haja este receio de que outro vá “roubar” a noiva em potencial de alguém, se todas as uniões já estão determinadas? Responde a Guemará: pode ser que a *Tefilá* daquele que chegou depois seja ouvida e se sobreponha ao que estava traçado!

Há de se registrar que existe um conceito judaico muito relevante neste contexto chamado “*zivug rishon e zivug sheni*” – a união primeira (ou ideal) e a união segunda –, isto é, que há para cada indivíduo dois potenciais de união conjugal bem sucedida, sendo o *zivug rishon*, conforme algumas opiniões, a da alma gêmea, a que mais se encaixa espiritual e fisicamente. Mesmo assim, está atestada mais uma vez a força da oração de quem a faz com o máximo de vontade.

TEFILÁ: A VERDADEIRA ESSÊNCIA

No segundo capítulo do *Sefer Bereshit* (Gênesis), são relatados mais detalhes sobre a criação de Adam *Harishon*, Adão. O segundo versículo diz: “E formou o Eterno D’us o homem (Adam) do pó da terra, e soprou em suas narinas o sopro da vida, e o homem tornou-se alma viva” (Bereshit 2:7).

A Cabalá nos revela que o citado “sopro da vida” é na verdade o poder da fala. Sobre este versículo, Rav Simon Shwab faz uma pergunta simples e brilhante: se no momento descrito no versículo o primeiro ser humano estava em

companhia somente dos animais, para que dar-lhe neste instante a habilidade da fala? Afinal, Chavá só seria criada depois. Responde o próprio Rav Shwab: para que Adam pudesse conversar com seu Criador, já que a função mais elevada da fala é rezar!

Vejam os a construção mística da palavra hebraica Adam (אדם). Se escrevermos por extenso, em hebraico, os nomes das três letras que compõem a palavra Adam – *Alef* (אֵלֶף), *Dalet* (דָּלֶת) e *Mem* (מֵם) – e retirarmos as iniciais, que misticamente representam a exterioridade, restam incrivelmente as letras da expressão “*mitpalel*” (מִתְפַּלֵּל), ou “aquele que reza”, indicando que a essência do homem – o que está em seu interior – é a *Tefilá*.

DO SOFRIMENTO PROFUNDO AO CONFORTO

Agora, uma história recente e impressionante. Na campanha militar do Exército de Defesa de Israel, em 2008, um jovem soldado chamado Dvir Emanuel morreu em combate. O pai do rapaz havia morrido pouco tempo antes em um acidente de carro. Não é preciso e nem possível descrever a dor da mãe de Dvir, Dalia. Em profunda depressão e sofrimento, Dalia suplicou a D’us com toda a força de sua alma amargurada que lhe desse um sinal, uma espécie de abraço de seu filho Dvir, para que ela confirmasse e sentisse que sua morte não havia sido em vão.

Não muito tempo depois, Dalia se esforçou para sair da depressão e atendeu um pedido de sua agora única filha para ir a uma exposição artística que aconteceria em Jerusalém. Em um dos estandes da exposição, Dalia percebeu que um menininho de 3 ou 4 anos de idade a encarava e lhe sorria gratuitamente e, de repente, veio sentar-se espontaneamente no seu colo. Sensibilizada pela manifestação gratuita de carinho, começou a perguntar sobre coisas simples como qual era seu nome, se estava gostando da exposição, com quem ele estava ali etc. De repente, o menino, cujo nome era Eshel, ouviu seu pai chamando por seu nome. O menino, porém, não se movia, preferindo permanecer no colo de Dalia. Ela, então, levantou-se com o menino no colo e foi em direção aos pais do garoto, que empurravam também um carrinho com um bebê recém nascido.

Ao se aproximar, Dalia ouviu uma fala que a arrepiou de imediato. O pai disse

ao menino: “Eshel, deixe a senhora em paz. Venha aqui brincar com seu irmãozinho Dvir!”. Para Dalia, o tempo parou. Se recompondo da surpresa, ela perguntou por que eles haviam escolhido aquele nome para o bebê. Foi então que o pai respondeu: “A gestação deste nosso filho não foi fácil; assim, pedimos a D’us que tudo corresse bem, e fizemos uma promessa nesta *Tefilá*, de que, se ele nascesse saudável, lhe daríamos um nome em homenagem a algum soldado que tenha morrido em defesa da nossa nação. Como tudo correu bem, graças a D’us, decidimos homenagear um soldado que morreu em Gaza, chamado Dvir Emanuelov.” E antes que Dalia pudesse expressar qualquer reação, o pai continuou: “Veja, senhora, nosso filho Dvir está movendo os bracinhos e sorrindo para a senhora. Pegue-o no colo, parece que ele quer lhe dar um abraço!”

Depois deste momento milagroso, recompondo-se de tanta emoção, Dalia só teve pensamentos e palavras de profundo agradecimento a D’us por ter lhe concedido a resposta de suas *Tefilot*, e o conforto da confirmação de que a morte de seu amado filho, embora oculto e inatingível para ela nesta dimensão, tinha um propósito e fazia parte do planejamento divino.

APROVEITAR O POTENCIAL

As pessoas não aproveitam o poder da *tefilá* porque talvez não entendam sua dimensão. E estamos falando de pessoas que rezam diariamente! Como dissemos, o que ocorre com muitas das pessoas durante a parte mais importante da *Tefilá* – a *Amidá*? Em geral, sem conhecimento e treinamento, as pessoas lembram dos problemas, mas não acionam ali naquele mesmo instante o principal mecanismo de solução. Se há problemas no casamento, ou com os filhos, ou nos negócios, esta é a hora de ajudar a resolvê-los, na hora da *Amidá*! Claro que deve haver esforço próprio na resolução dos problemas, mas a *Tefilá* é o ingrediente que abrirá os canais espirituais para que as bênçãos celestiais destravem e agilizem esses processos.

Portanto, é preciso desenvolver a verdadeira crença de que a *Tefilá* tem o poder de nos proporcionar o que precisamos. Mas é preciso rezar, pedir, suplicar, de forma verdadeira! E pode ser fora do padrão das três orações diárias instituídas – que seja antes de dormir, trancado no quarto, em uma conversa aberta e direta com o Criador do universo. E lhe confesso agora, querido leitor,

que tenho a mais clara e absoluta convicção de que tudo que consegui em minha vida foi por meio de muita, muita oração ao Todo-Poderoso. Tudo. Casamento, filhos, estudos, família, amigos, trabalho, etc.

MENSAGENS DE WHATSAPP SEMPRE LIDAS E RESPONDIDAS

Uma pergunta clássica que pode e deve surgir neste ponto é: “Mas por que eu tenho rezado tanto por este ou aquele motivo e D’us não me atendeu?”. Uma passagem bíblica e sua interpretação do Maguid Medubno vai ajudar a responder esse questionamento.

A Torá nos conta que D’us revelou a Avraham que iria destruir as cidades do vale do Mar Morto, encabeçadas por Sodoma. Avraham se pôs a rezar fervorosamente pela salvação das mesmas. Como sabemos, apesar do salvamento especial de Lot e suas filhas pelo mérito do próprio Avraham, suas rezas não foram atendidas e de Sedom, Amorá, Admá e Tzvoim não sobrou nada, nem mesmo vida vegetal. Nos termos atuais, Avraham “nadou, nadou e morreu na praia”... Como explicar?

O Maguid Medubno responde chamando a nossa atenção para uma passagem aparentemente desconexa do contexto do relato de D’us a Avraham sobre a destruição das cidades. O texto bíblico anuncia que D’us não vai esconder de Avraham Suas intenções de aniquilar Sedom, mas, antes de contar-lhe de fato, D’us declara estranhamente que Avraham dará origem a uma grande nação. Eis o versículo: “E o Eterno disse: esconderei de Avraham o que farei? Pois Avraham virá a ser uma grande e poderosa nação, e serão benditas por meio dele todas as nações da terra (...). E o Eterno disse: o clamor de Sodoma e Gomorra aumentou, e seu pecado se agravou muito. (...) provocarei seu fim (...)” (Bereshit 18: 17 a 21).

O que faz a declaração “pois Avraham virá a ser uma grande e poderosa nação, e serão benditas por meio dele todas as nações da terra” no meio do relato do anúncio divino da destruição das citadas cidades? O Maguid explica por meio de uma parábola.

Haviam dois empresários que, durante uma viagem, entraram em uma loja para comprar brinquedos para os respectivos filhos. O empresário A, que tinha muitos filhos, encheu o carrinho de brinquedos dos mais variados sem muito

cálculo. Já o empresário B, que só tinha um filho, depois de examinar toda a loja acabou não levando nada. Na saída da loja, B questionou A como ele conseguiu encontrar tantos presentes para todos os filhos com tamanha facilidade e rapidez. Então, A explicou: “É simples. Já que tenho alguns filhos, se um presente não servir para um filho, certamente servirá para outro!”

Da mesma maneira, diz o Maguid Medubno, pode ser que a *Tefilá* de Avraham não tenha sido respondida da forma exata como ele pediu, mas o mérito de sua oração proporcionou a bênção de ser o pai de uma grande nação. É por isso que o versículo aparentemente desconexo está ali. Para nos ensinar que, mesmo que o pedido específico de uma *Tefilá* não seja atendido – afinal, D’us tem as suas contas, e não conhecemos os Seus caminhos, tampouco como funciona a gigantesca e complexa balança celestial dos méritos –, saibamos que uma *Tefilá* fervorosa jamais deixa de receber uma resposta ou de trazer uma bênção.

Muitas vezes comparamos as trajetórias de algumas pessoas e percebemos que há resultados muito diferentes, apesar dos caminhos terem sido quase idênticos – o mesmo carinho dos pais, a mesma situação financeira, a mesma escola, a mesma sinagoga etc., mas níveis diferentes de bênçãos. Para um houve nitidamente mais sucesso do que para o outro. Explica o Rav de Ponovetz: certamente alguém fez uma *Tefilá* especial por este que obteve mais sucesso, o que não ocorreu infelizmente com o segundo. Pode ter sido a longínqua *Tefilá* de uma bisavó, ou uma mais recente de um avô. Uma *Tefilá* jamais fica sem resposta. Se as *Tefilot* chegassem ao Criador por Whatsapp, as confirmações de leitura ficariam azuis, pois podemos estar certos de que D’us lê todas as nossas mensagens e as responde conforme o Seu planejamento maior, às vezes com um não.

Neste contexto, interessante pensar no que ocorre com a expressão “quase” – “quase perdi o trem”, “quase atopelei aquele ciclista”, “quase repeti de ano”, etc. Talvez a palavra quase, usada dezenas de vezes a cada dia, seja uma representação da atuação de *Tefilot* alheias que surtiram efeito sobre as pessoas, evitando que elas tivessem esse ou aquele problema. Talvez houvesse um decreto celestial de que o trem fosse perdido, que o ciclista fosse atropelado e o ano escolar repetido. Mas, é possível que *Tefilot* elevadas em nome dos envolvidos em cada cena, a seu favor, por entes queridos que os amam, ou que pensaram e rezaram pelo seu bem, mudaram tais decretos e os pouparam.

VOCÊ MESMO, ESTUDAR E..., POR FAVOR, DESLIGUE O CELULAR!

Três fatores importantes para potencializar a *Tefilá*:

1) Algumas pessoas acham que o ideal é pedir que um grande justo, um grande líder rabínico, reze pela pessoa, seja para assuntos de curas, de casamento, financeiros, etc. Certa vez, um jovem brasileiro pediu que o grande Reb Chaim Kanievsky rezasse por ele. O grande líder rebateu de imediato com a pergunta: “Mas, você está rezando por si mesmo? Pois, minha *Tefilá* só terá efeito se você estiver rezando por si mesmo também.” Ou seja, a *Tefilá* mais poderosa para qualquer pessoa é a que vem dela mesma, de sua conexão e conversa particular com o seu Criador;

2) Um dos fatores cruciais para aumentar o nível de *kavaná* na *Tefilá* é sem dúvida a compreensão do que rezamos de dentro do *Sidur*. Obviamente, não dá para comparar o gosto, a ligação especial que se tem com as *Tefilot* instituídas pelos nossos sábios. Hoje em dia, estudar os textos que compõem as *Tefilot* é tarefa relativamente fácil, que depende somente de se ter vontade, pois as traduções estão ao alcance dos dedos. Com um pouco de dedicação, em pouco tempo, a maior parte dos Salmos, das bênçãos da Leitura do *Shemá*, a *Amidá*, as Súplicas e demais partes da oração adquirirão, é claro, outro sentido, passarão a ter outro valor para a pessoa. É essencial estudar e pegar um *Sidur* traduzido como referência para saber a tradução do que dizem os textos de nossas orações, para que elas também se aproximem da essência verdadeira da *Tefilá*, que é ser uma conversa íntima entre a pessoa e D’us.

3) Pode parecer óbvio, mas nestes tempos pós-modernos, é preciso atacar os pontos fracos onde o *yetzer hará* mais investe. Durante a *Tefilá*: DESLIGUE O CELULAR! Praticamente nenhum assunto tem prioridade sobre o instrumento que pode melhorar nossas vidas em todos os aspectos e áreas de atuação humana. Talvez, somente verdadeiras urgências ligadas à saúde. Antigamente, o problema mais grave das *Tefilot* era a conversa paralela durante a oração. E os nossos sábios associaram tragédias terríveis a este grave desvio, o desrespeito a uma atividade tão elevada e sagrada, que tem influência crucial sobre a qualidade de vida das pessoas. Hoje, não se conversa mais. Há até bastante silêncio, mas os indivíduos estão mergulhados no maior vício da atualidade. Certa vez, em Israel, o celular de um advogado tocou durante uma audiência de seu cliente perante o juiz. O defensor se apressou em silenciar o aparelho,

mas já era tarde. O magistrado não teve dúvidas: multou o advogado em 500 shekalim. Se as sinagogas fizessem o mesmo a cada caso de uso do celular durante as “audiências” com o Juiz Supremo de todos os juízes, quem sabe jamais teriam problemas de caixa...

Que saibamos utilizar esse instrumento espiritual de poder incalculável ao qual temos acesso a qualquer hora do dia ou da noite. Essa linha direta por meio da qual nos conectamos e conversamos com Aquele que exclusivamente tem o poder de mudar para melhor as nossas vidas e de todo Am Israel.

UM HOMEM SÓ É LÍDER QUANDO TEM UM SEGUIDOR



“

Grande parte do mérito
do sucesso no estudo
e na liderança de um
grande sábio pertence
a sua esposa.

”

RIGOR COM SEUS PRÓXIMOS

Uma das passagens mais intrigantes do Talmud afirma que no período histórico conhecido como Antiguidade houve milhares de profetas. Milhares! O mesmo Talmud questiona por que então só há 24 livros em todo o Tanach, incluindo a própria Torá. A resposta talmúdica é muito significativa: o Tanach só incluiu em seu conteúdo profecias relevantes para todas as gerações, em qualquer época ou local. A seguir, vamos examinar um tema que parece não seguir esta regra, mas que apenas parece: a morte trágica de Nadav e Avihu.

Aharon *HaCohen* tinha quatro filhos, dos quais os mais comentados pela literatura rabínica foram sem dúvida Nadav e Avihu, que morreram de forma repentina no relato da *Parashat Shemini* –, um dos mais enigmáticos capítulos de toda a Escritura.

“E tomaram os filhos de Aharon, Nadav e Avihu, cada um seu incensário e puseram fogo neles, e puseram sobre eles incenso, e **ofereceram diante do Eterno um fogo estranho, que não lhes ordenara**. E saiu fogo diante do Eterno e os queimou e morreram diante do Eterno. E disse Moshe a Aharon: isto é o que falou o Eterno, dizendo: por meus escolhidos (próximos) Me santificarei, e ante a face de todo o povo serei glorificado; e calou-se Aharon” (Levítico 10:1-3).

O texto bíblico dá fortes indícios de que Nadav e Avihu eram e morreram como grandes justos, através da fala de Moshe a seu irmão: “Por Meus escolhidos (próximos) Me santificarei.” Há um conceito bastante difundido na tradição judaica, e que tudo indica que ocorreu neste caso, que afirma que D’us é muito mais exigente e severo com os desvios dos mais elevados e piedosos – os próximos e/ou escolhidos: “O Todo-Poderoso é exato com os justos como um fio de cabelo” (Baba Cama 50a).

Passagens do *Midrash*, que se baseiam na citada fala de Moshe – em nome D’us –, ensinam que suas mortes só podem ser justificadas pela evidência de que Nadav e Avihu eram gigantes espirituais. Esses escritos exaltam enormemente os dois *cohanim* (sacerdotes), a ponto de alçá-los a níveis espirituais incomparáveis, mais altos até do que os níveis dos próprios Moshe e Aharon. Eis o trecho relacionado:

“E disse Moshe a Aharon: isto é o que falou o Eterno, dizendo: por meus escolhidos (próximos) Me santificarei (...)’ (Levítico 10:3) – disse Moshe a Aharon: Aharon, meu irmão, eu sabia que a casa (o Tabernáculo, o *Mishcan*) se santificaria através dos íntimos do Onipresente, e eu estava certo de que aconteceria comigo ou contigo. Agora eu vejo que eles são maiores do que eu e você” (Vaicrá Rabá 12:2).

CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Entretanto, apesar de a Torá aparentemente definir o motivo que os levou à morte – “e ofereceram diante do Eterno um fogo estranho, que não lhes ordenara” –, diversas outras transgressões foram associadas a Nadav e Avihu por Sábios importantes para justificar o severo castigo. Eis a lista trazida pelos nosso sábios:

- Estavam embriagados pelo vinho ao trabalhar no *Mishcan*;
- Estavam sem uma das vestes sacerdotais;
- Entraram no *Mishcan* sem lavagem das mãos e dos pés;
- Citaram uma lei judaica na frente de seu mestre Moshe;
- Não se casaram.

A pergunta que emerge destas opiniões excedentes é evidente: se a Torá já havia citado um motivo claro, por que os Sábios sugeriram e acrescentaram causas? Qual afinal foi o motivo, o pecado que motivou a morte sobrenatural dos dois *cohanim*?

O Rebe de Slonim afirma que Nadav e Avihu eram de fato espiritualmente maiores do que Moshe e Aharon, ou seja, tinham maior compreensão de Torá e seus caminhos e segredos. Entretanto, faltou-lhes a compreensão de um conceito muito importante para o Judaísmo: o profundo respeito à hierarquia.

Saber mais Torá e/ou compreendê-la com maior profundidade não legitima atuar à margem da liderança escolhida ou acolhida pelo Todo-Poderoso – tratando-se, no caso de Nadav e Avihu, simplesmente de Moshe *Rabenu*. Ou seja, tratava-se do pensamento, que a princípio se baseia em lógica, de que o mais sábio não necessita de líder ou rabino. Lógica que a Torá rejeita.

Um *Midrash* corrobora essa opinião de insubordinação: “(...) ensina que Moisés e Aarão andavam na frente, Nadav e Avihu andavam atrás deles e todo Israel atrás deles. E diziam: ‘quando esses dois sábios morrerão e nós nos imporemos sobre o público?’”

A GRAVE FALTA DE SUBMISSÃO

Decorre da explicação do Rebe de Slonim que a falta de submissão à liderança de Moshe, mesmo com a melhor das intenções, foi o ângulo do pecado de Nadav e Avihu – a verdadeira causa primeira – que propiciou e originou os demais erros citados, consequências dessa razão básica. Por exemplo, por que os dois *cohanim* não se casaram?

O *Midrash* responde: “Rabi Levi disse: eram pretensiosos. Muitas mulheres abandonadas esperavam por eles, e eles o que diziam? ‘o irmão de nosso pai é o rei, nosso pai é o sumo sacerdote, nós somos vices-sacerdotes. Que mulher será conveniente para nós?’”

O “fogo estranho, que não lhes ordenara” o Todo-Poderoso, citado pela Torá, foi, portanto, mais uma ação resultante desta falta de submissão. Assim também podemos explicar as outras razões anteriormente mencionadas do erro de Nadav e Avihu, cujo denominador comum entre elas é o fato de eles terem se sentido superiores e sem submissão ao líder da época, Moshe.

Reitere-se que essa postura se baseou nas mais nobres intenções. Embora muitas vitórias das más inclinações ocorram na presença dos melhores intentos. Imaginemos o *yetzer hará* (instinto ou impulso negativo) de um indivíduo ciente de sua capacidade superior em entender e aplicar os conhecimentos de Torá ao cotidiano de uma comunidade liderada por um rabino que realmente sabe menos do que ele. Pensemos em um relativamente jovem Chafetz Chaim pertencente a uma comunidade, cujo rabino certamente dominava menos os meandros da Torá do que o próprio.

Nas *parashiot* que descrevem a construção do *Mishcan*, uma frase aparentemente técnica foi repetida 18 vezes: “Conforme ordenou o Eterno a Moshe”. Por que tamanha repetição se a regra da Torá é não registrar uma letra sequer sem propósito? Para nos ensinar algo fundamental no contexto que analisamos: na construção do *Mishcan*, Moshe não questionou absolutamente nada e seguiu à risca as orientações divinas, ou seja, demonstrou submissão total. Nadav e Avihu pecaram com falta de submissão justamente na edificação que mais representava esta virtude. Essa lição que o povo de Israel havia entendido, em sua participação na construção do *Mishcan*, Nadav e Avihu, apesar de seu gigantismo intelectual *torani*, não entenderam. E esta é a lição que este episódio da Torá quis ensinar a nós, contemporâneos do século XXI.

REPRESENTANTES LEGÍTIMOS DE D’US

Existe uma *mitzvá* da Torá declarada da seguinte maneira pela tradução: “(...) Dele te aproximarás (...)”. Na verdade, o verbo utilizado – “*tidbac*” – pode e é usualmente traduzido como “cole-se”, isto é, “cole a si mesmo a D’us”. Pergunta a *Guemará*: como é possível um ser humano colar-se a D’us? Responde o Talmud: a Torá está nos orientando a nos unirmos aos Sábios. Quem se junta – em convivência e/ou submissão – a um grande Sábio da Torá é como se aderisse a si mesmo ao próprio Todo-Poderoso. O grande líder judaico, o rabino que comanda a comunidade judaica maior, tem o valor de ser um pedaço de D’us. Sair, portanto, de baixo da tutela do rabino que é líder comunitário ou da geração pode fazer com que a pessoa perca o bom senso e a noção dos erros mais banais. Foi por isso que gigantes como Nadav e Avihu cometeram falhas primárias como não lavar mãos e pés antes de entrar no Templo.

O episódio da revolta de Corach tratou do mesmo tema: a não submissão à hierarquia. E qual foi o castigo de Corach e sua congregação? Uma morte severa e também sobrenatural: a terra se abriu e engoliu os revoltosos. O *Pirkei Avot* nos revela, entretanto, que este fenômeno foi criado, junto a outras criações muito especiais, ainda na semana do Gênesis. O que a presença deste castigo paradigmático nesta seleta lista de concepções nos ensina? Mais uma vez: que desafiar a hierarquia legitimada por D’us e/ou pela Torá é algo muito grave.

Esse conceito filosófico, político e ético tem relevância na *Halachá*. Há uma pergunta no nosso código de lei Shulchan Aruch, Ôrach Chaim 53:24, sobre uma situação de impasse: se uma congregação só tem verba suficiente para pagar um profissional, um rabino ou um *chazan*, qual deles deve ser contratado? A resposta vai ao encontro de tudo que abordamos: embora um bom *chazan*, que enche de inspiração os presentes na sinagoga com sua bela voz e afinação, seja muito importante, a preferência da *Halachá*, neste caso nodal, é pelo rabino. A justificativa: ficar sem um *chazan* é incômodo – principalmente em sinagogas em que não há quem possa “quebrar um galho” e fazer uma *chazanut* razoável –, mas ficar sem rabino é proibido. Sem *chazan* é chato, mas dá para viver; sem rabino não dá.

O Chafetz Chaim acrescenta no Biur Halachá – um de seus comentários *haláchicos* – que se deve ter lástima e restrições de comunidades que desdenham desta *halachá*, e afirma quase profeticamente (já que se assistiu à concretização desta previsão em comunidades que saíram de Alepo, ou da Europa no pós-guerra) que o destino desta gente é aos poucos acumular transgressões menos conhecidas – e não por isso menos graves – como profanação do Shabat e das festas, consumo ou posse de *chamêtz* em Pessach etc. Por exemplo, as pessoas pensam erroneamente que não precisam de um rabino em seu cotidiano para dizer-lhe que é proibido andar de carro no Shabat, mas quantas pessoas sabem as regras básicas de separação dos alimentos ou demais elementos no Shabat – *Halachot* de *borer*? E quem transgride as proibições de *borer* comete um erro tão grave quanto quem anda de carro no Shabat, e pode falhar com qualquer outra das 39 atividades criativas proibidas no Shabat e seus incontáveis desdobramentos. As pessoas sabem que é proibido comer *chamêtz* em Pessach, mas quantas sabem os detalhes de kasherização de utensílios e fornos?

AO MESTRE COM CARINHO

O grande Rav Moshe Feinstein z’l, toda véspera de Rosh Hashaná ligava para o rabino chefe da congregação *Kehal Adat Yereím*, no Brooklyn, Rav Yonathan Steif z’l, para desejar-lhe *shaná tová*. Após o falecimento deste último, o Rav Moshe Feinstein continuou ligando para a casa do Rav Steif passando a fazer os votos à sua viúva. Na primeira destas novas ligações, a Rabanit Steif questionou

o Rav por que continuava telefonando se o justo e estudioso que merecia a sua honra, que era seu marido, havia falecido. O Rav Moshe Feinstein justificou sua atitude com base na regra do Shulchan Aruch que dita literalmente que “a esposa de um grande sábio é igual ao grande sábio”, ou seja, deve ser respeitada exatamente como ele, pois, como vimos, grande parte do mérito do sucesso no estudo e na liderança de um grande sábio pertence a sua esposa.

Depois de ouvir tal colocação, a *rabanit* fez questão de contar ao seu interlocutor um episódio recente que testemunhara em sua casa. Contou que, estando seu marido doente e já bastante enfraquecido, a *rabanit* adentrou o quarto de estudos e o encontrou falando ao telefone de pé com visível dificuldade. A esposa então lhe fez um sinal para que se sentasse, ao que o *rav* respondeu com outro gesto para que esperasse. Ao fim da conversa, seu marido esclareceu: “Estava falando com o Rav Moshe Feinstein, e como poderia falar com a personificação da Torá sentado?”. Essa postura exemplar nos reforça a importância do profundo respeito pela hierarquia, que honra a liderança mesmo longe de seus olhos, sem interesses, e com a noção do quanto esse respeito é necessário para quem o presta, mais do que para quem o recebe.

O PERIGO DA ASSIMILAÇÃO

O Rav Aharon Kotler ergueu uma cidade judaica em Lakewood, de onde saiu o personagem da próxima história – Rav Shein, um aluno da *yeshivá* que sentiu depois de muitos anos de estudo que estava na hora de difundir seus conhecimentos e compartilhá-los com uma comunidade que recebesse suas humildes orientações. Assim, o Rav Shein encontrou uma comunidade judaica nos Estados Unidos – que preferiu deixar incógnita, para preservá-la – que precisava de um rabino e se mudou para lá. Depois de dois anos de muito esforço, dedicação e muitas tentativas de convocar as pessoas daquela região para diversas atividades judaicas com intuito de aproximá-las e/ou fortalecê-las em conhecimento e cumprimento da Torá, ele percebeu que os resultados eram pífios. Tentou abrir uma “*yeshivá-mirim*”, um curso de preparo de *chalom*, uma aula sobre *Parashat Hashavua*; nada foi para frente. Em conversa decisiva com sua esposa Léa – que defendia a ideia de que a falta de sucesso era um sinal dos céus de que deviam partir, o novo rabino revelou que sentia que havia algo mais naquela *kehilá*, algum fator oculto que impedia que o Judaísmo florescesse.

Como última providência antes de desistir e partir, decidiu procurar um dos anciãos da comunidade – o senhor Schwartz – para perguntar sobre a história recente do local, de onde talvez pudesse entender por que qualquer empreitada judaica não dava certo. Ao ser questionado, o idoso disse não ter ideia dos eventuais motivos para tamanha aridez judaica daquela localidade. Ao ouvir, porém, o pedido de que contasse algum caso relevante em termos do passado judaico da cidade, lembrou-se de um rabino que liderou a comunidade muitos anos antes, quando o senhor Schwartz ainda era uma criança. Contou o pouco que lembrava: que este rabino tinha um sobrenome muito longo e complicado; que era um grande erudito de Torá, tendo escrito vários livros; que buscava aplicar a *Halachá* ao máximo ao cotidiano das pessoas. Relatou que muitas pessoas estavam de fato se aproximando do Judaísmo autêntico, embora houvesse uma forte resistência a este processo, ou seja, um grupo atuando contra a aplicação da *Halachá*. Tal oposição acabou causando uma ruptura, por meio de um episódio lamentável, que fizera o rabino deixar o lugar com uma enorme mágoa. A mágoa surgiu na festa de Purim. Explique-se, foi por causa do envio de um *Mishloach Manot* aparentemente caprichado, em uma grande caixa, que continha, contudo, uma surpresa repugnante, para dizer o mínimo: ratos! A pobre esposa do rabino desmaiou no mesmo instante. Óbvia e extremamente ofendido, o rabino decidiu fugir da cidade e acabou por amaldiçoá-la em termos de seus potenciais de *teshuvá* (arrependimento e conserto).

Quando ouviu essa história, o Rav Shein decidiu reunir um *minian* (grupo de dez homens maiores de 13 anos) para fazer anulação das promessas e pedir desculpas ao tal rabino insultado, em seu túmulo. Na primeira tentativa de chegar ao cemitério, uma nevasca impossibilitou o acesso até lá. O Rav Shein consultou o Rav Eliashiv zt'l sobre o que fazer, questionando se havia alternativa, já que parecia que havia um impedimento espiritual. O Rav Eliashiv respondeu que o pedido de perdão na sepultura era obrigatório. Além disso, e principalmente, explicou que os habitantes da cidade precisariam se conscientizar dali em diante de que um rabino precisa ser respeitado. Aquela era a única maneira de tentar anular a maldição. Naquele momento, conta o Rav Shein, ele mesmo entendeu que onde não há respeito à hierarquia judaica legítima, mesmo que haja estudo e cumprimento das leis da Torá, nada prosperará espiritualmente. O Rav Shein tomou as providências necessárias e incrivelmente a situação mudou de forma radical.

ONDE EDUCAR OS FILHOS

Agora, uma reflexão sobre a comunidade judaica brasileira. Há alguns âmbitos nos quais o Judaísmo brasileiro não avança. Alguns perguntam por que a *Kashrut* não “decola” no Brasil, como ocorre no Panamá, onde há menos judeus. Por que há mais *avrechim* (estudiosos) na Argentina, onde esse contexto se desenvolve a olhos vistos, do que no Brasil? Por que em Nova York os restaurantes *kasher* dão dinheiro e no Brasil é preciso dar dinheiro aos restaurantes para que permaneçam abertos? São todas boas perguntas, cujas respostas nada fáceis de responder deixaremos para outra ocasião.

Há, no entanto, um aspecto muito positivo na comunidade judaica paulistana que não ocorre em qualquer lugar. A seriedade e o nível qualitativo das *kehilot* que florescem em São Paulo derivam do trabalho de lideranças rabínicas de personalidade que não se renderam a pressões ou circunstâncias, e que adquiriram o respeito e a admiração dos frequentadores de suas sinagogas, que viraram seus fieis seguidores. É comum testemunhar israelenses virem morar ou passar uma temporada em São Paulo e acabarem fazendo *teshuvá*. E a pergunta que os menos familiarizados com os empreendimentos para o retorno e a aproximação de judeus afastados pode fazer é: mas por que alguém que nasceu e/ou morava em Israel – onde há mais Torá, mais rabinos, Jerusalém, o *Kotel* – precisou vir ao Brasil para se reconectar?

Isso certamente se deve ao fato destes israelenses serem oriundos de localidades em Israel onde havia um vácuo rabínico, por terem passado, por outro lado, a conviver com uma comunidade judaica onde há uma liderança rabínica forte. Isso pode ser comprovado pelo movimento oposto, isto é, casos de brasileiros que caíram de nível religioso depois que se mudaram do Brasil para outros países e frequentavam um *minian*, mas não uma sinagoga com um *Rav*. Isso, provavelmente por terem ido morar em lugares onde não havia uma comunidade instituída ao redor de uma forte e influente liderança rabínica; em torno de um rabino carismático, mas também assertivo que acolhe as pessoas, ao mesmo tempo em que as orienta e as coloca nos trilhos da Torá. Pois esta é a verdadeira função de um rabino: incentivá-las a crescer em Torá, mesmo que às vezes tenha que dizer coisas que as pessoas não gostam muito de ouvir. Comunidades nas quais o rabino diz apenas o que as pessoas gostam de ouvir infelizmente não prosperam judaicamente.

O nível de consciência que os judeus paulistanos observantes têm hoje em dia sobre a importância do estudo de Torá diário, do recato das mulheres, da *Kashrut*, de rezar diariamente com *Minian*, e inúmeras outras práticas fundamentais, é incomparavelmente maior do que há vinte anos. E tudo isso se deve às lideranças rabínicas que citamos acima.

“SI HAY RABINO, SOY CONTRA”

Há um versículo dos Salmos (106:16) cuja interpretação do grande Steipler vem ao encontro do que estamos abordando: “E invejaram a Moshe no acampamento e a Aharon, santo do Eterno”.

O Steipler questiona qual a linha de raciocínio dos que invejavam ou se incomodavam com os dois líderes máximos e sagrados de Israel. Com Moshe estavam incomodados porque ele estava envolvido com o povo – posição aludida por meio da expressão “no acampamento” – e com Aharon porque o versículo indica o fato de ele estar resguardado tratando dos assuntos sagrados do *Mishcan* – “santo do Eterno”.

Ou seja, o que defendiam os insatisfeitos? Que um grande líder deve se envolver mais com seus liderados ou que deve preferencialmente se recolher e se dedicar mais a seus estudos e orações?

Para ilustrar a situação elencada, o Steipler cita uma parábola conhecida na qual um pai e seu filho caminham por uma estrada com seu burro. Na primeira cena, o pai está sentado sobre o burro e seu filho o acompanha a pé, puxando o burro. Um indivíduo cruza com tal formação e questiona o pai: “Você não tem pena do seu filho? Você viaja sentado confortavelmente sobre o animal enquanto a criança se esgota a pé?”. O pai, então, agradece retrucando: “O senhor tem toda razão! Obrigado pela observação”, e troca de lugar com seu filho. Mais adiante, outro passageiro o interpela: “Você não se preocupa com a educação desse menino? Se você caminha para que ele descanse, como espera que ele te respeite em outras circunstâncias?”. Mais uma vez, o pai agradece e segue o conselho recebido, tirando o filho de cima do burro e passando a fazê-lo andar ao seu lado. Mais alguns metros e um terceiro os intercepta: “Desculpem a pergunta de tom capcioso, mas qual de vocês é o burro? Para que viajar com um burro sem montá-lo? Vendam o animal.” O pai repete o rito e, agradecido,

monta com seu filho sobre o burro. Finalmente, um derradeiro viajante interrompe a marcha para protestar: “Que absurdo! Vocês não têm pena do pobre animal, que nitidamente carrega peso em excesso?!”

Em suma, explica o Steipler, assim ocorre com as lideranças em geral, e em especial com as lideranças rabínicas: quem quer reclamar e protestar não estará satisfeito em qualquer contexto e vai encontrar o pretexto circunstancial para fazê-lo. É isso que o versículo dos Salmos quer nos ensinar. Esteja o líder “no acampamento” ou ocupe-se em ser “santo do Eterno”, sempre lhe haverá oposição. Com os rabinos de todos os tempos ocorre o mesmo. Uns acusam, por exemplo, que um rabino anda mal vestido para uma função representativa, outros que se veste bem demais para um cargo que exige discrição. O relógio do rabino ou é muito chique ou é muito barato. Quem quer ser “do contra” será de qualquer maneira.

TER UM RABINO É OBRIGATÓRIO

No *Pirkei Avot*, consta o famoso trecho repetido em mais de uma *mishná*: “(...) faz para ti um rabino”. Esse não é um mero conselho lateral ou secundário, é uma orientação fundamental que define uma concepção de mundo judaica. Todo judeu que pretende se desenvolver em seu cumprimento da Torá e no seu temor a D’us é obrigado a escolher e seguir as orientações de um rabino. E se este rabino der orientações equivocadas aos olhos divinos? Ensina a própria Torá que isto está sob a responsabilidade de cada rabino legitimamente diplomado e empossado, sem prejuízo algum aos seus seguidores. Quem agiu de forma errada sob a orientação de um rabino terá a seguinte argumentação, a seguinte “carta na manga”, se e quando for questionado neste ou no outro mundo sobre seu erro: “Por favor, vão e questionem o meu rabino, pois foi ele quem me orientou.” Quem por outro lado não tem e/ou não segue um rabino não terá defesa. Pois não adianta conhecimento ou cumprimento da Torá sem o respeito à hierarquia rabínica, nem mesmo quando os seguidores são elevados como Nadav e Avihu.

E, se falamos de respeito à liderança rabínica, é preciso registrar um fenômeno cada vez mais comum em tempos modernos: as pessoas chamarem os rabinos sem o seu devido título, isto é, ao invés de dirigir-se a determinado rabino ou mencioná-lo como “Rav Fulano”, nomeia-o por seu nome próprio ou

sobrenome: “Ontem, fui à sinagoga do Fulano...”. Um absurdo desrespeito, nada justificável por meio do pretexto da proximidade e informalidade, que pode e deve existir desde que seja mantido sempre, em qualquer contexto o devido decoro e a adequada valorização da liderança rabínica que a pessoa representa. Simpatia, sim; intimidade desrespeitosa, não. Essa recomendação é inclusive a *halachá* explícita no Shulchan Aruch. Nas *yeshivot* e nos contextos que elas originam, os rabinos são sempre mencionados em terceira pessoa, mesmo que as pessoas se dirijam ao próprio rabino. Alunos novos costumam estranhar esse tratamento, quando testemunham um aluno ou rabino subordinado dirigindo-se ao seu superior da seguinte maneira: “O *rav* gostaria de um copo d’água?”. Mas isso faz parte do respeito que devemos aos nossos mentores.

A QUEM RECORRER?

Na *Parashat Shofetim*, aparece um curioso versículo que parece dizer o óbvio: orienta o judeu de qualquer geração a procurar, quando precisar resolver uma questão legal, **o juiz rabínico que houver em seus dias**. Ora, se não o sistema judiciário vigente nos dias dos solicitantes, a quem se deve recorrer? O comentário de Rashi, baseado no *Midrash* e no Talmud, porém, nos revela as reais intenções desta passagem da Torá: “Mesmo que ele não seja como os juízes que vieram antes dele, pois você não tem senão o juiz que atua em teus dias.” Ou seja, não se deve deslegitimar o juiz ou o tribunal vigente por serem considerados – de fato ou não – menos competentes ou elevados do que os seus antecessores. Com base no conceito judaico fundamental de que não existe acaso e de que tudo ocorre obviamente sob a irrestrita vontade e com a permissão divina, o correto é afirmar que o juiz, tribunal ou liderança vigente é sempre a necessária e a melhor possível para o contexto em questão para que seja cumprida a vontade divina. É normal que uma grande liderança rabínica seja mais valorizada após a sua morte, no entanto, isso não dá legitimidade para que se desvalorize ou se despreze a autoridade daqueles rabinos que temos em nossa geração.

A RESPONSABILIDADE RABÍNICA

Encerremos reiterando o essencial conceito de que o papel fundamental de um rabino é orientar sua congregação com o equilíbrio correto e saudável entre

o afago e o rigor, quando necessário. Neste ensejo, cabe citar um dos episódios mais famosos e dramáticos do Talmud. O Tratado de Guitin 55b e 56a nos conta sobre a festa promovida por um dos homens mais poderosos de Israel, que tinha um amigo chamado Camtsa e um inimigo chamado Bar Camtsa. Por engano o convite para a festa foi entregue a Bar Camtsa, que decide comparecer. Quando o dono da festa, cujo nome não é revelado, nota a presença de seu desafeto, exige que ele se retire. Mesmo depois que Bar Camtsa se dispõe a pagar por sua refeição, ou metade das despesas da festa, ou o custo da festa inteira – desde que ele não tivesse que passar por tamanha humilhação – o dono da festa o expulsa sumariamente.

Percebendo que nenhuma das pessoas que testemunhavam a cena ultrajante se manifestou, Bar Camtsa, mergulhado num ódio cego, decide ir ao governador romano denunciar os judeus, acusando-os de insubordinação e desrespeito a Roma. Em resumo, essa denúncia resultou, segundo o Talmud, na destruição do Segundo Templo. Entretanto, um detalhe muito significativo e grave relatado pela Guemará deve ser enfatizado: entre os que calaram e consentiram com a situação vexatória estavam as principais autoridades rabínicas convidadas e presentes na festa. Muito grave! O que a Guemará quer nos legar ao registrar tais informações é claro: eis as consequências graves quando um ou mais rabinos não repreendem as pessoas como deveriam e como elas necessitariam, cientes ou não desta necessidade – o aval divino para a destruição do Templo! Portanto, não devemos ficar em uma situação desconfortável quando os rabinos precisam atuar e mostrar à comunidade que às vezes as condutas tomadas devem ser redirecionadas e devemos dar respaldo a eles, pois o silêncio, a passividade e a resultante conivência causam danos irreparáveis a indivíduos, comunidades ou até mesmo à nação judaica.

Que tenhamos o mérito e o discernimento de escolher bons e legítimos rabinos e os apoiemos. Que esses líderes tenham o mérito e a capacidade de nos conduzir pelos autênticos caminhos de D'us e à redenção final, *amén!*

TER OU NÃO SER: EIS A QUESTÃO



“

Crianças felizes obtêm melhores resultados na escola, se comportam bem melhor em casa e são mais bem sucedidas em qualquer empreendimento futuro em suas vidas.

”

QUEM FOI O PRIMEIRO MONOTEÍSTA?

Entre os inúmeros personagens bíblicos e rabínicos que inspiraram todas as gerações judaicas, um, sem dúvida, por seu pioneirismo e incomparável liderança referencial, poderia receber o título de “locomotiva do povo judeu”. Trata-se de Avraham *Avinu*, o primeiro hebreu.

O outro codinome muito comumente associado a Avraham, “o primeiro monoteísta”, simplesmente não lhe é adequado, pelo simples fato de ser historicamente errôneo. Avraham é de fato um ícone dos primórdios da humanidade – ele nasceu no ano de 1948 no calendário judaico (o equivalente ao ano 1813 AEC do calendário gregoriano).

Mas, muito antes dele, Adam e Noach, para citar apenas dois exemplos bem famosos, foram atestadamente monoteístas. Aliás, no caso de Noach, ele e Avraham chegaram a ser contemporâneos por 58 anos. Havia antes e durante a vida de Avraham um movimento organizado de uma espécie de estudo da Torá, cuja sede era o *Beit Midrash* de Shem e Ever.

Qual foi então o pioneirismo de Avraham? Ele redifiniu o monoteísmo e os valores que seriam ordenados como preceitos pela Torá em uma época na qual quase toda a humanidade havia se esquecido de D’us e estava dominada pela corrupção, a promiscuidade e a idolatria.

LAR, DOCE (E ESTAGNANTE) LAR

A primeira comunicação de D’us com Avraham foi o famoso “*Lech Lechá*” (“Anda da tua terra, da tua pátria e da casa do teu pai e vai à terra que te mostrarei”). O que havia por trás desta difícil ordem? Por que D’us não lhe revelou de imediato que terra seria aquela? As respostas partem do seguinte conceito: não há crescimento espiritual sem sacrifício. Depois de chegar à plena convic-

ção da existência de D'us, e atestando verdadeira intenção de se aproximar e de servi-Lo com devoção, Avraham foi convocado pelo próprio Criador para ir muito além: a iniciar um processo de lapidação espiritual que seria parâmetro para as gerações futuras. O primeiro passo: era preciso sair de casa. Não apenas porque ela ficava em um contexto idólatra – contra o qual Avraham já militava firmemente há anos, chegando a converter dezenas de pessoas ao monoteísmo –, mas também porque a casa estabelecida representava a comodidade em sentido pejorativo, o conforto e os mimos que levam a certa acomodação. Para além da dimensão literal, o primeiro dos testes revelados apresentados por D'us ao patriarca do povo judeu possuiu, portanto, uma leitura interpretativa mística. A terra de Israel representava o mundo espiritual vindouro – o *Olam Habá* –, e só seria apresentada mediante o *Lech Lechá*, uma analogia para o desenvolvimento espiritual que só começa a se apresentar por meio de empreitadas que controlem a relação da pessoa com as benesses materiais.

Ao partir para um destino desconhecido, sob orientação do “Waze Divino”, Avraham iniciou seu processo de lapidação espiritual que lhe deu condições de vencer com sucesso o maior de todos os seus desafios: a *Akedat Itzchak*, o quase sacrifício de seu amado filho. Foi com base neste processo de testes vinculados ao desapego de alguns conceitos e valores materiais que, por exemplo, Avraham teve que se separar de Lot, um sobrinho que ele amava tanto. Lot representava o apego aos prazeres materiais como objetivo de vida. Era preciso se afastar dessa influência.

Uma das obras primas da filosofia judaica, o livro *Chovot Halevavot*, afirma que a relação entre espiritualidade e materialidade se assemelha à compatibilidade entre água e fogo. Ou, se quisermos acrescentar outra metáfora que aluda à dinâmica entre esses dois conceitos, seria uma relação comparável ao contraponto dos dois gomos de uma ampulheta, ou seja, enquanto um lado se enche, o outro necessariamente se esvazia. No âmbito do desenvolvimento humano é igual, a espiritualidade só pode avançar em detrimento da materialidade e vice-versa. A grande questão que emerge desta consideração é a seguinte: como deve proceder o ser humano, o ser mais híbrido de toda a criação, composto de corpo físico, cheio de necessidades materiais, além da alma, carente de espiritualidade? Seria uma proposta judaica “optar” por um dos dois de forma radical?

O PACTO INTRAUTERINO

Eliahu *Hanavi* instituiu um *Beit Midrash*, cujos valiosos estudos chegaram aos nossos dias com o nome de Tana Devê Eliahu. No capítulo 19, constam informações complementares importantes – algumas místicas – acerca da relação intrincada entre os irmãos gêmeos Yaacov e Essav, que vão nos ajudar a entender como deve ser o equilíbrio entre essas duas forças que compõem o ser humano. Por exemplo, um impressionante diálogo entre os fetos ainda no ventre materno sobre a disputa de domínios dos mundos físico e espiritual. De acordo com o texto, depois de uma discussão que a Torá chama de luta, os dois chegaram a um cessar-fogo, um consenso: um ficaria com o mundo material – Essav –, e o outro, Yaacov, com o mundo vindouro espiritual.

A leitura mística segue para um segundo episódio famoso: a venda da primogenitura. Tudo nos conformes do acordo intrauterino. Yaacov cedeu um prato de lentilhas, um valor material efêmero, e Essav cedeu a primogenitura, um valor abstrato, espiritual, eterno. O problema surge com os vinte dois anos de exílio de Yaacov, quando notícias chegavam aos ouvidos de um cada vez mais estarecido Essav. Nesse período, morando na casa de Lavan, Yaacov adquiriu não uma, mas quatro esposas, onze filhos, muito, muito dinheiro, escravos, rebanhos, etc. Essav ficou revoltado.

Onde fora parar o trato pré-natal? Yaacov estava tendo proveito incomensurável das benesses e dos prazeres dos domínios de Essav – o mundo material. Daí a preparação de uma comitiva especial de recepção a Yaacov, composta de 400 cavaleiros armados! Não era uma missão de boas vindas, era uma interpelação, digamos, “enérgica” de prestação de contas. Daí, portanto, também, o medo de Yaacov desse reencontro. Ele sabia que Essav não conhecia a resposta à questão da “ampulheta de água e fogo”. Era preciso explicar, mas Yaacov teria a oportunidade?

Yaacov teve a possibilidade e tempo para dar a mais importante lição a Essav e a nós. Essav lhe pergunta: “Como tens tantos bens materiais? Não havíamos combinado que os elementos do mundo material estariam sob o meu comando?”. A resposta de Yaacov (“os filhos que D’us, com Sua graça, deu a teu servo”) revela o segredo. “Eu cumpri nosso trato 100%, meu irmão! Mantive-me integralmente no terreno da espiritualidade todo esse tempo. Todo o meu envolvimento com a matéria foi por meio e em função do espiritual, pois,

aprenda a regra: todo elemento do mundo material que é usado como veículo para atingir o plano divino espiritual se torna espiritualidade.” Interagindo com os valores materiais de forma sagrada, isto é, dedicando toda ação ao objetivo superior de servir a D’us, é possível criar um equilíbrio entre os elementos a princípio incompatíveis. Retornando à metáfora, equivaleria a providenciar um elemento de mediação: uma chaleira, por meio da qual água e fogo interagem em harmonia.

MATERIALIDADE ESPIRITUALIZADA

Por que as pessoas compram revistas de decoração? Se os editores dependessem somente dos profissionais da área, iriam à falência. Eles sabem que muitas pessoas sentem enorme prazer e relaxam ao contemplar ambientes bem decorados, fachadas bem planejadas, prédios suntuosos, adornados com os materiais mais nobres e/ou sofisticados. Pois bem, como deveria aparentar o edifício que mais representa e contém espiritualidade? Talvez como uma choupana simples de sapê, desprovida de qualquer enfeite, muito menos luxo e sofisticação. Grande engano! O *Beit Hamikdash* foi o prédio mais deslumbrante de todos os tempos, colocando “no chinelo” qualquer palácio que figure nas tais revistas. Como é possível? É possível por dois motivos. Primeiro porque não seria razoável que a “Casa de D’us” fosse menos majestosa do que as casas dos mais nobres, que quase inevitavelmente são luxuosas (um conceito existente até hoje, com as sinagogas, que devem ter a suntuosidade maior na proporção das condições de seus frequentadores). Segundo porque cada pedra, cada prego, cada tábuia e cada arremate foi doado, produzido ou construído com sinceridade e integridade em nome da *Avodat Hashem* (culto a D’us). Qualquer elemento do mundo material, quando usado como meio em prol de objetivos elevados, espirituais, seguindo autenticamente o padrão exigido pelo Criador, se transforma em valor espiritual.

O Cohen *Gadol* (Sumo Sacerdote), por exemplo, precisava ter duas esposas, uma de fato, e a outra de prontidão, caso a primeira falecesse repentinamente. Como pode o homem que mais deveria representar a espiritualidade, praticamente personificando-a ao entrar sozinho no *Kodesh Hakodashim* todo Yom Kipur, ante a Presença Divina, ter que ser casado? A resposta é a mesma, e é por isso que o Judaísmo rejeita o celibato, adotado por religiões que, como Essav (e

descendendo dele), não entendem a possibilidade de espiritualizar verdadeiramente a matéria e o físico. O Cohen *Gadol* precisava permanecer no status de casado – uma das mais elevadas e sagradas pontes para a espiritualidade. Se o Cohen *Gadol* – e qualquer outro marido – enxerga e lida com o casamento e as relações conjugais como um meio de se elevar e servir a D’us, este é um procedimento espiritual e sagrado.

A pessoa pode, por outro lado, supor que age de forma espiritual estando na verdade mergulhada em materialidade. Se o clímax de prazer e êxtase semanal de uma pessoa é se esbanjar em seus churrascos dominicais – mesmo que com selo de Kashrut, claro – apesar de toda a preocupação com a autorização e a legitimidade técnica judaica do evento, este pode traduzir-se em uma experiência quase 100% física.

No final do *Bircat Hamazon* (bênção após as refeições com pão) proferimos um trecho que é uma compilação de versículos, a maioria oriunda dos Salmos. Em um deles, o Rei David faz uma declaração aparentemente questionável: “Jovem fui e também envelheci, e nunca vi um justo ser abandonado ou sua descendência pedir por pão.” Como pôde o Salmista afirmar algo que sabidamente não ocorreu em seus dias, já que há registros de homens justos e suas descendências em situação de pobreza em seu reinado? A explicação está no entendimento do termo central deste versículo: a palavra “pão”. Em uma leitura mais profunda e mística, pão não se refere a comida e sim representa a materialidade. Por esse prisma, o recado vai ao encontro da ideia central da nossa aula. O Rei David nunca viu de fato a descendência de homens verdadeiramente justos pedindo materialidade, ou seja, encarando o envolvimento com os valores materiais como um objetivo por si, ou pior, ávidos por prazeres mundanos de forma hedonista e individualista.

O SONO SAGRADO DA TARDE

Falemos de fatores cotidianos. Qual a relação das pessoas em geral com o trabalho? Grande parte das pessoas não gosta do seu trabalho. Dentro do grupo minoritário e privilegiado que gosta do que faz, há os que amam o que fazem e os felizardos que fazem o que amam. Para todos os casos, se a ocupação for encarada como o desempenho de um papel útil, produtivo e significativo –

inserido no amplo plano divino – para a construção de um mundo melhor, o sustento da família, tendo como meta o cumprimento da Torá, esse trabalho é considerado algo sagrado, ou seja, mesmo quando a pessoa está no seu escritório cuidando de seu sustento ela está fazendo algo tão sagrado quanto alguém que está fazendo qualquer outra Mitzvá.

As pessoas que não conhecem a Lei Judaica Ortodoxa acham estranho e curioso o código judaico incluir capítulos para as questões mais triviais. Não entendem que o Judaísmo abrange **todos** os âmbitos da vida humana. É permitido dormir à tarde, em meio ao trabalho ou ao estudo? Responde o Shulchan Aruch, no capítulo 231, que se for para servir melhor ao Criador, sim. Se melhorar a produtividade no trabalho ou a concentração nos estudos – não dormir no estudo em “*chavruta*”! –, passa a ser um sono “*kasher*”. Outro exemplo seria a *berachá* “*Asher Yatzar*” – um lindo reconhecimento e agradecimento a D’us pelo bom funcionamento fisiológico –, em que até uma ida corriqueira ao banheiro se transformará numa ação elevada. O mesmo ocorre com a comida, quando comer passa a ser uma forma de deixar o corpo energizado para cumprir mais Mitzvot, ou mais ainda, um meio para louvar a D’us através das belíssimas bênçãos anteriores e posteriores às refeições. E conclui o Shulchan Aruch com a ideia: a pessoa que trabalha, estuda, come, dorme e faz suas necessidades, fala, anda com esta orientação constante, eis que serve o Seu Criador **constantemente!**

Em todos esses casos, por outro lado, se a pessoa agir sempre visando somente seus interesses egoístas ou apenas os prazeres proporcionados pelas ações, enfraquecerá enormemente seu potencial de ascensão espiritual, embrenhando-se cada vez mais com os valores e as forças materiais. A pessoa pode até cumprir *mitzvot* constantemente sem, porém, um pingote de espiritualidade. Para dar apenas mais um exemplo, quantas pessoas procuram brechas para comer o máximo e abençoar o mínimo? (Quem sabe se um bom exemplo disso não seria a “invenção relativamente atual” do pão *Mezonot*...)

DINHEIRO: DOENÇA OU REMÉDIO?

Certa vez, uma pessoa precisou vir a São Paulo para um enterro. Alugou um carro no aeroporto e, como não conhecia o caminho até o Cemitério Israelita do Butantã, fez aquilo que a maioria das pessoas faz hoje em dia: pediu ajuda ao

melhor amigo dos motoristas perdidos, o Waze. Depois de digitar o nome do lugar, seguiu tranquilamente as orientações do aplicativo. Ao chegar ao cemitério, teve um *insight* impressionante assim que ouviu a última frase dita pela gravação: “Você chegou ao seu destino!” Naquele momento e naquele contexto – tendo chegado ao cemitério, lhe ocorreu que o aplicativo lhe passava uma das mais verdadeiras mensagens judaicas: o destino-mor de todos, mais cedo ou mais tarde, é o cemitério! E refletiu: se é assim, do que vale tanto esforço e investimento em valores materiais se não levaremos nenhum deles em nossa última viagem? Este é um questionamento primordial em um mundo cada vez mais materialista e consumista, em que há tanta sede desenfreada e viciante cegueira por causa do maior símbolo e veículo deste universo do possuir: o dinheiro. Como o Judaísmo encara essa relação?

Citemos mais uma vez o Rei David. Em outro versículo dos Salmos, ele afirma: “É melhor para mim a Torá da Tua boca do que milhares de ouros ou pratas.” Desta declaração podemos inferir que o grande monarca de Israel valorizava muito os ouros e as pratas, afinal comparou-os à Sagrada Torá, quando insinua “a Torá me é tão valiosa, que supera até a minha afeição pelos ouros e pratas”. Soa antiético ou imoral esse apego ao dinheiro, uma postura que não combina com o autor dos sagrados e elevadíssimos Salmos. Como explicar? O dinheiro é de fato um elemento importante, com o qual devemos lidar com responsabilidade. É possível cumprir mais e melhor inúmeras *Mitzvot* por meio dele. Portanto, desde que seja legítima e sinceramente *Leshem Shamaim* (“em Nome dos Céus”), a utilização dos ouros e das pratas é louvável, e pode até ser espiritual e sagrada. Muito embora a principal mensagem deste versículo seja a mesma da lição involuntária dada pelo Waze: o que de fato vale, no fim das contas, o que sobra para levarmos para além deste mundo são nossas boas ações, nossas “obras e posses” espirituais!

SÁBIO CONSELHO

Certa vez, uma viúva veio com seus filhos se consultar com o grande Rav Shlomo Zalman Auerbach z”l, em seu escritório, sobre em que projeto deveria investir uma soma razoável de dinheiro como doação pela elevação da alma de seu marido recém-falecido. Atenção para a resposta de unanimemente um dos líderes da geração passada. Rav Shlomo Zalman lhe deu três instruções: 1)

ela deveria ir imediatamente a uma loja de brinquedos e não economizar na compra de brinquedos para os filhos; 2) pediu-lhe que se acostumasse a levar mais seus filhos para brincar no parque; 3) por último, disse-lhe que ela devia procurar passar cada vez mais momentos agradáveis e alegres com os filhos.

Impressionante! Seria de esperar que o grande líder orientasse a viúva a comprar livros sagrados para alguma instituição, a sustentar estudantes de *yeshivot*, ou a *tzedaká* mais tradicional – a pessoas pobres. Todos os objetivos dos mais elevados e sagrados. Porém, por meio deste episódio, o Rav Shlomo Zalman nos ensinou duas lições. A primeira: o dinheiro sim é valioso e é possível usá-lo de forma sagrada; a segunda: a dedicação aos filhos é um objetivo espiritual e extremamente sagrado, devendo ser buscado com cuidado e capricho redobrados no carinho e relação que temos com os nossos filhos. O Sábio encerrou a consulta afirmando que crianças felizes obtêm melhores resultados na escola, se comportam bem melhor em casa e são mais bem sucedidas em qualquer empreendimento futuro em suas vidas. Para aquela mãe viúva, presentear suas filhas com bonecas e seus filhos com bolas e seus respectivos similares era a ação mais espiritual de todas para a elevação da alma do marido, mesmo sem poder registrar a doação “*Leilui Nishmat*” em qualquer lugar, como faria na capa, contracapa ou guarda de livros, ou em placas de diferentes tipos em diferentes contextos.

O QUE VOCÊ PREFERE?

No *Sefer Bamidbar*, em *Parashat Corach*, aparece uma *mitsvá* pouco conhecida. Trata-se da *mitsvá* de *Pidion Haben* (resgate do filho). Quando nasce um primogênito para um casal, cujos pais não são da tribo de Levi (*cohen* ou *levi*), sendo este filho o fruto da primeira gestação da mãe e tendo nascido de parto normal, é *mitsvá* fazer uma cerimônia festiva, na qual o pai deve entregar a um *cohen* cinco moedas de prata como resgate do filho, que deveria trabalhar no Templo. No momento crucial da cerimônia, o *cohen* pergunta ao pai da criança, em aramaico: “O que você prefere, o teu filho ou cinco moedas de prata?”. Venhamos e convenhamos que esta é uma pergunta no mínimo estranha. Seria possível algum pai preferir as moedas?

Nossos Sábios explicam que, para além do sentido literal, a pergunta ouvida por todos os presentes deve servir como uma espécie de mantra para suscitar

uma importante reflexão para vários momentos da vida. Expliquemos e exemplifiquemos. Em muitas fases da vida de nossos filhos devemos como pais nos perguntar: “O que você prefere, o teu filho ou cinco moedas de prata?”. Quando escolhermos a escola que eles vão frequentar, vamos escolher a que tem melhor ambiente ético e moral ou outros valores nos chamam a atenção? E no convívio social fora da escola, idem? E, principalmente, na hora de opinar ou torcer pela melhor escolha do cônjuge, o status econômico será o fator determinante? E na decisão de abrir mais um negócio ou de nos envolvermos mais ainda em nosso trabalho no escritório, ao custo de sacrificar o tempo que podemos e devemos passar com a nossa família?

Com sinceridade, qual será a preferência, por um marido ou esposa que segue os princípios de nossos antepassados e carrega o legado da Torá mesmo ou um cônjuge mais influente mesmo que distante dos valores judaicos? Nestas horas, deveria ecoar no íntimo mais profundo a pergunta litúrgica do *cohen* ao pai: “O que você prefere, o teu filho ou cinco moedas de prata?”. Ou seja, você prefere manter o filho ou filha que educou em casa ou “perdê-lo” em troca de um “bom negócio” matrimonial?

A IDOLATRIA DOS TEMPOS MODERNOS

Se falamos da valoração do maior patrimônio de qualquer pessoa – os filhos –, o que se tem a dizer da avaliação do valor monetário da própria vida? No livro *Igrot Moshe*, de perguntas e respostas, de autoria do Rav Moshe Feinstein z”l, consta a resposta para uma pergunta muito interessante no tocante a este tema: é permitido fazer seguro de vida pela Torá? Esmiuçando a pergunta: se a pessoa tem fé em D’us, não deveria temer por sua vida, ou seja, que ela seja abreviada, tampouco pela segurança e sustento de seus familiares.

Responde Rav Moshe Feinstein que é uma situação similar ao esforço diário pelo sustento. Mesmo com plena fé em D’us, a pessoa não pode se basear em milagres e esperar que receba sua manutenção de forma sobrenatural, já que D’us determinou para o ser humano que “com o suor do teu rosto comerás pão”. Não devemos viver baseando-nos na possibilidade de ocorrer milagres sobrenaturais. Analogamente, é plausível e razoável do ponto de vista judaico se precaver e tomar providências para eventualidades. Fazer seguro de vida,

acrescenta o Rav Moshe, possui até um mesmo aspecto de demonstração de bastante fé, uma vez que a pessoa pode guardar a convicção de que D'us vai lhe permitir conseguir pagar as prestações por longos anos! Muitas instituições religiosas ortodoxas de Israel estimulam a se fazer seguro de vida, pois essa é uma preocupação financeira judaicamente legítima e sagrada.

Eis uma história incrível sobre uma criança que supostamente já teria adquirido um apreço desproporcional pelo dinheiro.

Aconteceu na Yeshivat Etz Chaim, no início do século XX, em Jerusalém. O Rabino responsável pelos alunos mais novos utilizou uma metodologia de incentivo ao estudo muito comum ao Judaísmo: ofereceu prêmios variados aos alunos que nitidamente se esforçassem, cumprissem suas obrigações ou se destacassem em seus estudos – lembranças à escolha deles mesmos. Um escolheu um livro, outro um lápis, e assim por diante.

O rabino se surpreendeu, porém, com uma das crianças, Shlomo, que declarou com firmeza e naturalidade que gostaria de ganhar o seu prêmio em dinheiro vivo! Embora tenha estranhado, o *rav* atendeu o seu pedido, mas, no papel de educador envolvido, seguiu o menino até um centro comercial para tentar descobrir no que ele gastaria a pequena quantia. Ao se deparar com o garoto já saindo do local segurando um pacote, abordou-o e foi direto em seu questionamento: o que o menino acabara de comprar? O pequeno Shlomo não titubeou em abrir o pacote e revelar ao seu rabino o que havia comprado: um aparelho auditivo para sua mãe! O rabino se desculpou humildemente por ter julgado o menino desfavoravelmente e o abençoou por sua postura sagrada. O pequeno Shlomo cresceu e se tornou Shlomo Zalman Auerbach, transformando o seu ganho monetário num dos elementos mais espirituais, a Mitzvá de honrar os pais.

Vivemos em um mundo que idolatra o dinheiro. Numa época em que muitas pessoas medem e classificam as demais pelo que elas têm e não por quem elas verdadeiramente são. Que tenhamos o discernimento de utilizar o dinheiro, assim como todos os elementos e fatores do universo da matéria, sempre da forma mais sagrada possível, com metas verdadeiras e legitimamente elevadas, espiritualizando esses mesmos elementos, nosso comportamento, nosso ecossistema, enfim, nossas vidas em geral.

APRIMORANDO
NOSSO LAR

SENTADO AO LADO
DE WARREN
BUFFETT NO PARQUE...



“

Dar carinho para os
filhos está diretamente
relacionado com a
autoestima deles e é algo
insubstituível.

”

A HISTÓRIA DE ELISHA BEN AVUIA, OU ACHER

Vamos tratar de um tema que é o coração religioso e emocional da vida do ser humano. Se D'us quiser, vamos entender o que a Torá nos diz sobre ele.

Existe no Talmud um personagem chamado Elisha ben Avuia. Ele viveu 70 anos antes da era comum e, assim sendo, a nossa distância em relação a ele é de mais ou menos dois mil anos. Ele possuía dois nomes: Elisha ben Avuia, oficialmente, mas era mais conhecido como *Acher* – que quer dizer “o outro”, no sentido de “outra pessoa”. Vamos abordar a sua trajetória e entender a explicação dos seus nomes e, com isso, aprenderemos uma grande lição de vida.

Quatro sábios, conta o Tratado de Chaguigá, conseguiram entrar no *Pardes* – que em português quer dizer jardim, bosque, pomar. Os comentaristas dizem que este era o Paraíso.

Os quatro personagens, de acordo com o Talmud, foram: Ben Azai, Ben Zoma, Elisha ben Avuia – sobre o qual estudaremos – e o famoso Rabi Akiva. Eles entraram ainda vivos no Jardim do Éden, podendo visitá-lo e desfrutá-lo. Estas pessoas que conseguiram este feito eram muito mais que especiais. Eles visitaram o Mundo Vindouro em vida, e os comentaristas dizem que não foi uma ilusão!

Elisha ben Avuia foi professor de Rabi Meir, que figura nas Mishnaiot e em inúmeras páginas do Talmud. Isto nos mostra a sua grandeza: tanto por ter entrado no Paraíso, como por ter sido o professor do Rav Meir.

Como foi possível que eles tenham entrado no Jardim do Éden em vida? Rashi nos explica que eles sabiam o nome explícito de D'us, nome com o qual era possível se fazer milagres e fizeram isto com santidade, e não com impu-

reza. De acordo com o Talmud, o local visitado pelos quatro sábios foi onde fica o trono e a carruagem celestial, onde o Todo Poderoso habita nas alturas. Estamos falando então, de pessoas muito especiais, que entraram no Paraíso em vida, usando o nome de D'us.

O nome Elisha ben Avuia aparece pouco em todos os tratados do Talmud: uma vez neste episódio da entrada do Jardim do Éden, outra vez no tratado de Moed Katan, e mais uma última vez em Pirkê Avot. Estas são as únicas ocasiões em que aparece o nome desta forma: Elisha ben Avuia.

No entanto, o pseudônimo dele, *Acher*, figura inúmeras vezes no Talmud. *Acher*, como explicado anteriormente, em hebraico quer dizer “outro”, mas qual a razão dele ter recebido este nome? Como ele passou de Elisha ben Avuia para *Acher*?

A ORIGEM DO NOME *ACHER* E SUA *TESHUVÁ*

O Talmud conta que Elisha ben Avuia foi ao encontro de uma mulher de rua. Ao abordá-la, a mulher disse: “Você não é o famoso e nobre Elisha ben Avuia? Como quer ter relações comigo?”.

Segundo o Talmud, isso ocorreu no dia de Shabat, e ele arrancou um legume da terra (ato proibido no Shabat). Assim, a moça se convenceu que aquele não podia ser Elisha ben Avuia, pois ele, o nobre Elisha, não faria algo assim, um ato proibido pela Torá. Nesse momento, a moça disse: “*acher hu*”, é outra pessoa, não pode ser Elisha. Foi nessa ocasião que ele recebeu este nome para sempre.

Temos que nos lembrar que quem desliza pode de novo subir a ladeira. Mas mesmo assim, *Acher* não voltou a ser Elisha ben Avuia. A pergunta então é: se existe o conceito de *teshuvá*, por que ele não voltou? O Talmud explica o motivo: saiu uma voz celestial e disse “voltem para mim, filhos levados. Façam *teshuvá*, exceto *Acher*...” Esta foi a razão pela qual ele não fez *teshuvá*.

O Maharshá, Rabi Shmuel Eliezer Eideles, no entanto, faz um questionamento. Ele nos lembra que não há nada que se anteponha frente a *teshuvá*. Então, como é possível compreender que o Todo Poderoso perdoasse todas as pessoas, menos Elisha ben Avuia?

A resposta é a seguinte: *Acher* criou uma autoimagem na qual sabia que D'us não iria aceitar o seu arrependimento. Ele sabia até onde tinha chegado e o quanto tinha se degradado. Por conseguinte, acabou escutando o que queria – que todos podiam voltar, menos ele. As pessoas escutam o que estão predispostas a ouvir.

Elisha ben Avuia, que foi mentor de Rav Meir, certa vez estava andando a cavalo no Shabat, que sabemos ser algo proibido. E nos é contado que Rav Meir corria atrás dele. Elisha lhe disse para não vir atrás dele, e explicou ao Rav Meir que existe um perímetro que não se pode passar no Shabat mesmo a pé, e que por isso ele devia parar de segui-lo.

Rav Meir parou, mas disse para Elisha ben Avuia que se ele mesmo não podia continuar, então Elisha também não podia! Então Elisha ben Avuia respondeu dizendo que tinha escutado a voz celestial que falara que todos poderiam retornar, se arrepender, menos ele! Ou seja, ele estava ciente do que era correto e o que não era, mas não se achava mais digno de cumprir a Torá e que D'us não o queria mais.

A lição é a seguinte: quando nós criamos uma imagem de nós mesmos, esta pode ser tão forte que impede que um *Acher* se transforme em Elisha ben Avuia. Aprendemos daqui que a imagem que temos de nós mesmos é a mesma com que D'us nos vê. Na verdade, D'us nunca disse diretamente a Elisha ben Avuia que não queria o seu retorno e arrependimento, mas foi o que ele acreditou que o Criador pensava dele. Nós escutamos aquilo que imaginamos.

Se Elisha ben Avuia caiu, o que resta para nós?

A IMPORTÂNCIA DA AUTOIMAGEM POSITIVA

Vejamos esta história verídica, como introdução.

Reuven tinha treze anos e estudava na Yeshivá Chachmê Lublin. Esta era uma escola apenas para alunos muito dedicados. O jovem não tinha um lugar para dormir e se ajeitou em um banco da sinagoga da *yeshivá*.

O inverno na Europa era muito gelado, contava Reuven, e havia uma fresta na janela que não se fechava. Ao deitar, por causa do frio e da fresta, ele tentava com todos os esforços adormecer, mas não conseguia. De repente, no meio da noite, à sua frente, aparece Rav Meir Shapira, z"l – diretor da *yeshivá* e fundador

do conceito de *Daf Yomi* (estudo de uma página do Talmud por dia) –, e cobre Reuven, voltando depois para os seus afazeres, acreditando que o menino não tinha percebido seu gesto, pois estaria dormindo. Mas ele estava acordado!

Esta história comovente continua dois anos mais tarde, quando Reuven estava na fila de seleção do campo de concentração. Naquele momento, Reuven começa a entender que os velhos e as crianças eram direcionados todos para um lado que teria como fim a morte, enquanto as pessoas adultas e sadias com alguma habilidade de trabalho iam para outro, o lado da vida. Então, Reuven imediatamente entende que só iriam sobreviver aqueles que tivessem algum tipo de habilidade ou capacidade.

De repente, o guarda da seleção grita que precisavam de carpinteiros. A pessoa na frente dele na fila gritou que era carpinteiro. Reuven também teve vontade de dizer o mesmo, mas pensou: não entendo nada de carpintaria, se eu disser que sou carpinteiro e descobrirem que estou mentindo, será o meu fim. O guarda da SS então chega para Reuven e pergunta se ele sabia fazer alguma coisa de carpintaria. Ele pensa em responder que não, mas naquele momento surge à sua frente a imagem do Rav Meir Shapira cobrindo-o às duas horas da manhã naquela noite fria de inverno.

Naquele momento, Reuven pensou consigo mesmo que se o Rav Shapira, o grande *tzadik*, tinha saído da sua cama às duas horas da madrugada para cobri-lo, um fato fora do comum, isso significava que Reuven não deveria ser uma pessoa qualquer. O Rav não tinha cuidado dele para que ele morresse ali no campo de concentração. Então, Reuven teve um *insight*. Levantou a mão e disse que sabia ser carpinteiro.

Posteriormente, ele contou que em diversos momentos durante a estadia no campo, sentiu fortemente a proximidade da morte, sem comer, sem dormir, sem tratamento cordial. Mas sempre aparecia diante dos seus olhos a imagem do Rav o cobrindo. Então, Reuven pensava que por ele ter sido coberto pelo Rav, poderia significar que ele tinha uma missão para fazer na vida, e que ele não podia perecer ali, no campo.

Reuven contava isto ao lado dos seus netos, ensinando que tinha sido o cobertor do Rav Shapira que o fizera chegar até lá e desfrutar dos seus descendentes. Com isto, aprendemos que se uma pessoa tem uma boa imagem de si

mesma, ela é capaz de sobrepor-se às situações mais difíceis que alguém possa imaginar. Para a pessoa que tem uma péssima imagem de si mesma, D'us nos livre, qualquer situação, qualquer dificuldade parece algo intransponível.

O ENSINAMENTO DE IBN EZRA

Rav Avraham Ibn Ezra, em *Parashat Ki Tissá*, diz: “Àquele que não conhece o seu valor, o valor da sua alma, da sua essência, do que lhe vale toda a sabedoria que possa ter?”.

Não adianta ser formado em Sorbonne, Oxford ou qualquer excelente universidade, se a pessoa se sente sem valor. Palavras de Ibn Ezra! Se você não sabe o valor que tem, de que vale a sua sabedoria? Basta olhar para o mundo e ver que não são todas as pessoas bem versadas por aí que são as mais sábias. Grande parte delas são as que confiam e possuem uma boa imagem de si mesmas.

A MODA E A FRAGILIDADE MODERNA

Certo dia, ouvi a conversa de uma mãe que dizia que tinha que encontrar uma boa psicóloga para o seu filho. A psicologia tem muito a contribuir e ajudar, claro, mas existem parâmetros. Eu perguntei a essa mãe qual era o motivo de o filho necessitar de uma psicóloga, ao que ela me respondeu que todos os amigos dele vão à psicóloga, por isso ele também deve ir. Parece incrível, mas essa história é real!

A pergunta que fazemos é: por que realmente todos vão ao psicólogo? É, sem dúvida alguma, bastante importante e pode ajudar muito em algumas situações, mas é preciso colocar essa necessidade dentro de certos limites. As pessoas são muito mais frágeis hoje em dia do que eram antigamente, e quanto mais frágeis somos, menor é a nossa autoestima e menor a nossa visão de nossas potencialidades. Antigamente não se ouvia tanto falar de autoestima. Isso porque as pessoas eram obrigadas a ser fortes, não havia outra possibilidade, a vida era dura.

Pensem na situação de alguém que queria ir para Israel ou vir até o Brasil. Era necessário pegar um barco, que chacoalhava muito, que provocava vômitos, chegando às vezes a um local novo sem dinheiro, sem saber para onde ir,

sem conhecer a língua etc. A geração passada infelizmente teve que fugir de guerras e recomeçar a vida, quase sem ninguém para ajudá-la!

Já uma geração depois, o que vemos? Que se o professor fala com o aluno usando a voz de maneira um pouco mais elevada, o pai e a mãe vêm até a escola questionando como ele ousa falar assim com o filho deles. Hoje em dia nós somos mais frágeis, esta é a realidade.

Antigamente, se montava em um burro. Depois veio a geração que andava de ônibus e hoje em dia não se anda nem mais de táxi, porque há o motorista particular que busca e leva.

Somos mais frágeis hoje em dia e por isto se torna mais importante a questão da autoestima. É como se tivéssemos aquela etiqueta de “frágil” na bagagem: é necessário tomar cuidado com “o transporte”.

Todos que estudaram em escola judaica lembram que havia um exercício nas aulas de Torá, que se chamava “quem falou para quem?”. E havia também o chamado “Quem sou eu?”. A pergunta que devemos nos fazer é justamente esta: “Quem sou eu?”. A resposta é: depende da imagem que você tem de si próprio.

UM RELATO IMPRESSIONANTE

Compartilho com vocês uma das melhores histórias que já li. Depois de ter lido, entrei em contato com o autor, disse que tinha lido os seus livros e que queria saber se a história tinha acontecido realmente.

Veja a importância da imagem que a pessoa tem de si própria!

A história acontece com um empresário em Nova York sentado no parque em Manhattan. Ele é uma pessoa bem-sucedida nos negócios, mas está ca-bisbaixo, triste.

Um indivíduo se aproxima dele e lhe pergunta o que aconteceu. O empresário, então, lhe pergunta se ele realmente quer saber o que tinha acontecido, ao que o indivíduo responde que sim. E o empresário, apesar de não conhecer a pessoa, começa a contar o ocorrido.

“Estou assim porque eu era um megaempresário, com um grande negócio, e fiz uma negociação ruim, que levou a uma segunda negociação ruim e assim

por diante... E no momento estou devendo dinheiro. Estou sentado aqui no banco da praça pensando em como direi isto à minha família. Vou dizer que sou um fracasso? Vou pedir à minha mulher que gaste menos? Por isso vim ao parque espaiar um pouquinho para saber como me comportar. O meu problema, em resumo, é que agora estou em apuros”, explica o empresário.

O indivíduo, então, disse ao empresário que se considerasse um homem de sorte, pois quem estava ali a sua frente, conversando com ele, era Warren Buffett: “Já ouviu falar de mim?”. O empresário ficou muito surpreso e mal acreditava! Warren Buffet disse que era o seu dia de sorte e ele estava à procura de alguém para beneficiar e que talvez pudesse ajudar. Ele tira do bolso o talão de cheques e assina uma folha no valor de dois milhões de dólares!

Warren Buffett então diz: “Vou lhe dar este cheque, que não é uma miragem, porque você me parece uma boa pessoa, mas tenho uma condição. Estou acostumado a fazer o bem para os outros. Dentro de um ano exatamente, você irá voltar aqui neste mesmo parque e neste mesmo banco, e eu quero o meu cheque de volta. Trata-se de um empréstimo e não de uma doação, sem juros, por um ano.”

Ao chegar em casa todo contente, a esposa pergunta a razão de tal alegria, ao que o empresário responde que a vida estava perfeita e relata todo o ocorrido. O empresário então começa a fazer negócios, se organizar e pagar as dívidas. Seu crédito retorna, ele faz mais transações e operações, e o seus negócios começaram a florescer.

Onze meses depois ele já tinha quitado as dívidas, conseguido ter uma reserva financeira, e voltado a se estabelecer, a ser a pessoa que ele era antes da queda. Mas ele ainda precisava pagar os dois milhões de dólares emprestados. Ele ficou muito ansioso, apesar de ter o dinheiro para pagar, porque queria agradecer àquela pessoa iluminada que havia aparecido em sua vida.

No dia combinado o empresário chega dez minutos antes ao parque e, pontualmente, encontra o senhor que lhe cumprimenta, desejando um bom dia, e perguntando a ele como estavam as coisas. A mesma pergunta que fizera um ano antes. O empresário responde: “Hoje posso lhe dizer que não há pessoa mais feliz do que eu. Você mudou a minha vida, o seu cheque mudou a minha vida!”

O empresário então conta que, na verdade, nem tinha chegado a usar o cheque: “O seu cheque mudou tanto a minha vida”, disse o empresário a War-

ren, “que quando eu estava com ele no bolso, nem precisei usá-lo. Eu comecei a trabalhar, a crescer, e voltei a ser a mesma pessoa que eu era sabendo que em qualquer momento, se precisasse, poderia ir ao banco e usar o valor. Eu devo a você agradecimentos, porque sem o seu cheque, apesar de não o ter sacado, eu não chegaria a ser o que eu sou hoje”.

Enquanto ele terminava a frase, surgem dois sujeitos uniformizados no parque e gritam para o homem: “Ei, Henry, volte aqui!” O empresário não entende nada. Os sujeitos uniformizados se aproximam mais e lhe perguntam se o senhor que estava com ele, o “Warren”, tinha lhe atrapalhado ou se o estava incomodando. O homem disse que de modo nenhum, muito pelo contrário, aquele homem tinha dado a ele e sua família uma nova vida.

Os homens uniformizados então explicaram que ali perto havia um hospital psiquiátrico, e que aquele senhor se chamava Henry e costumava fugir de lá. Às vezes, ele ia ao parque e dizia para as pessoas que o nome dele era Warren Buffet, e saía distribuindo cheques por aí. Os homens disseram: “Esperamos que ele não tenha te dado nenhum prejuízo e nenhum cheque...”.

Podemos aprender com esta história que um “cheque no bolso”, mesmo que não seja usado, mesmo que não se necessite dele, dá à pessoa tanta possibilidade de fazer algo, que é possível que ela se torne outra pessoa. Só por conta disso, os fornecedores lhe tratarão de outra forma, sua vida será distinta e você será uma pessoa diferente. O importante não somente é o quanto você tem de instrução ou dinheiro, mas como você se sente.

A AUTOESTIMA E A EDUCAÇÃO

Existe uma pesquisa feita nos Estados Unidos que mostra que uma criança entra na escola com “dez unidades de autoestima” e sai de lá com apenas duas ou três. Quanto mais tempo uma pessoa passa na escola, menor autoestima ela tem. A razão disto, conclui a pesquisa, são as cobranças de notas e de lições. E como isso é visto em casa?

Na Ética dos Pais está escrito: “Não está sobre você a obrigação de terminar todo o trabalho.” Isso quer dizer que você não precisa saber de tudo. E nem seu filho. Ele não precisa saber mandarim, tae kwon do, tai chi chuan e virar médico.

Talvez ele não queira tudo isso. Porque se ele for tudo isso e se sentir uma pessoa frustrada, ele será um fracassado mesmo com todos os diplomas na parede.

O importante é a imagem que a criança tem de si mesma. Quem contribui bastante em relação a essa imagem somos nós, os pais. Há pais que dizem que gostariam que o filho fosse mais inteligente, que ele fosse mais versado, “porque o outro menino fala lindas prédicas na sinagoga, e o meu não...”

Reclamar e falar coisas assim para o filho é como dizer a ele: “Perante os meus olhos, você é um fracasso.” É possível enganar qualquer pessoa, menos os nossos filhos...

Podemos dizer para o nosso filho que ele é um *tzadik*, um justo, mas isso de nada adianta se ontem o insultamos, chamando-o de burro, e dissemos ou **insinuamos** que ele não serve para nada. O filho é muito sensível e sente o que pensamos dele.

“Como posso ser um *tzadik*, se minha mãe briga e me pergunta se não posso ser como os meus irmãos? Como eu posso me sentir valorizado se minha mãe sempre pergunta por que convidam o meu amigo para dormir fora e eu não?” Com certeza nossos filhos devem se questionar sobre essas coisas em lágrimas no travesseiro quando nós não estamos vendo.

Como voltam para casa os pais depois da reunião escolar? O que eles dizem para o filho? Se eles disserem a seu filho que ele é um incapaz, e ele se sentir assim, ele vai se comportar como um incapaz – como ocorreu com Elisha ben Avuia, que sabia que não queriam a *tshuvá* dele. Além disso, temos que lembrar que no século XXI somos frágeis, e os nossos filhos são mais frágeis ainda.

Certa vez, enviei um boletim de um aluno aos pais e escrevi os seguintes dizeres: “Queridos pais, gostaria que vocês soubessem que o seu filho deve ter se esforçado muito neste semestre, pois a melhora que ele teve foi surpreendente. Abraços, R. Karaguilla”.

Na outra semana perguntei ao aluno se estava tudo bem e ele me respondeu que mais ou menos. Perguntei se ele tinha visto o boletim e se os pais não tinham lhe dado um abraço. Ele respondeu que os seus pais eram mesmo difíceis: “Eles, ao verem o boletim, me perguntaram o porquê das faltas, não deram atenção para as minhas boas notas e nem ao seu comentário positivo.”

Aprendo que um professor hoje tem que tomar cuidado mesmo quando faz um elogio. Mais ainda deve cuidar de não ficar criticando o aluno na frente dos

pais... Se o pai não for muito culto, ele pode acabar com o filho, que pode voltar para a classe ainda pior!

Creio que devemos falar às vezes para os filhos que eles merecem 613 beijos. Tentem pegar os seus filhos e fazer isto. Será um prazer! Se eu tratar meu filho como um diamante, ele terá grandes chances de ser um diamante – ou pelo menos uma pedra preciosa. Dar carinho para os filhos está diretamente relacionado com a autoestima deles e é algo insubstituível. Todos os aparelhos de última geração, como *smartphones*, computadores etc. não substituem um abraço, o amor, e dizer ao seu filho que ele é um brilho nos seus olhos, um orgulho para você.

Há pais que dizem ou pensam: “Já dei tantas coisas materiais para o meu filho... Ainda preciso dar carinho?”. Acredito que é necessário dar o carinho físico e verbal antes das coisas materiais! Nada substitui a visão que os filhos podem ter de nós como pais. O mais importante para as crianças é qual a visão que nós pais temos deles. Se um pai ou uma mãe acham um filho um fracasso, mesmo que os outros digam que ele é bom, no primeiro momento, a primeira imagem que vai vir à mente dele é a dos pais.

Isso é igual ao menino Reuven ao se ver coberto pelo Rav Shapira mencionado na história acima, que usou essa imagem para entender sua importância e valor, e conseguiu ir adiante e sobrepor-se às dificuldades. Se o meu pai acha que eu sou um fracasso, então eu irei gaguejar e tremer no meio da leitura em público.

Vale muito ressaltar que dar limites não significa baixar a autoestima da criança. Muitos pais contam que não conseguem dizer “não” aos filhos, com o temor de perdê-los.

UMA HISTÓRIA SOBRE FALTA DE LIMITES

Certa vez, um grupo de pais de uma turma de crianças de dez anos ligou para o diretor da escola de seus filhos, reclamando de que um dos amigos da classe havia convidado as crianças para uma festa em Manhattan, que ocorreria em uma discoteca, o que, na opinião desse grupo, era um absurdo.

O diretor disse que iria averiguar o caso e assim o fez. Ele ligou para a mãe do menino que organizou a festa e perguntou por que ela tinha escolhido uma

discoteca, onde a frequência é de jovens acima de dezoito anos. A mãe respondeu que estava fazendo isso porque o filho tinha pedido... Aonde chegamos! Fazemos o que eles pedem ou que é melhor para eles?

Essas são histórias que aconteceram com pessoas intelectuais, nada ignorantes, gente de cultura. Mas, no entanto, podemos dizer que essas são pessoas despreparadas, pois acham que dando tudo o que o filho pede, estão demonstrando que gostam dele. Na verdade, não há mal pior para uma criança do que não lhe dar limites. Amar não é limitar e falar “não” para os filhos sempre, mas quem ama uma pessoa de verdade, dá limites. Se a pessoa não consegue dizer “não” aos seus filhos é porque falta trabalhar o amor da relação.

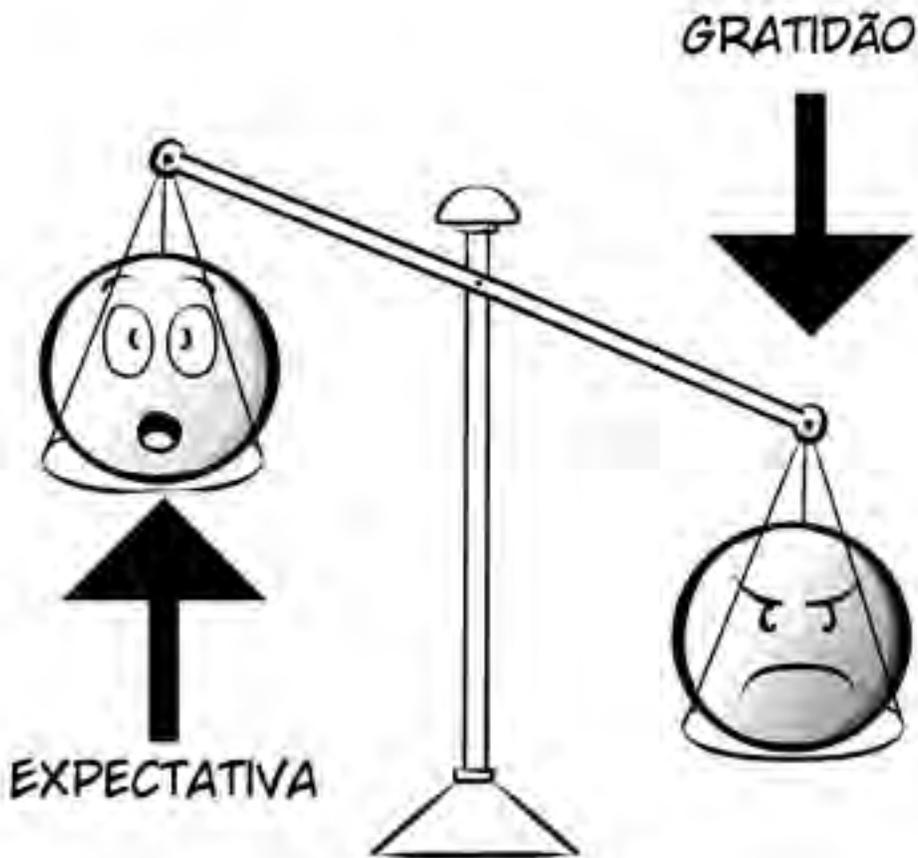
Às vezes os filhos se perguntam por que os pais dos amigos não deixam eles irem a tal lugar enquanto os seus deixam, ou por que os pais dos amigos perguntam aonde os filhos vão e os seus não perguntam, ou, ainda, por que eles nos deixam voltar no horário que bem quisermos...

Se você ama os seus filhos, você limita. Nas palavras do escritor americano Henry David Thoreau, o que um homem pensa de si é o que o determina, ou que pelo menos indica o seu destino. Isso é o que falamos todos os dias de manhã, ao acordar, na reza de *Mode ani*: “D’us, Te agradeço que Você me faz vivo, que devolveu a minha alma esta manhã com compaixão. Grande é a Tua fé.” Não a minha fé em D’us, mas grande é a fé que Você, D’us, tem em mim.

Quanto mais críticas fazemos, mais colocamos os filhos e esposas ou maridos para baixo, e infelizmente a força da gravidade faz a pessoa ficar cada vez menor e menor. O contrário também é verdadeiro, quanto mais estimulamos e elogiamos, mais eles crescerão.

Que, se D’us quiser, possamos fazer esta geração frágil crescer, dando força, através de um elogio sincero.

É CURIOSO: HÁ GENTE QUE NOS ODEIA
SEM QUE JAMAIS LHE TENHAMOS
FEITO ALGUM FAVOR



“

Quanto mais cobramos,
mais esquecemos o
quanto já possuímos.

”

MAS FOI SÓ UM FAVORZINHO...

Na *Parashat Shofetim* há um versículo muito importante, tanto em termos de sua mensagem literal quanto com relação às mensagens genéricas embutidas nele:

“Não distorcerás o juízo, não farás distinção de pessoas e não tomarás suborno (...)” (Devarim 16:19).

Estas são orientações aos juízes para que não sejam influenciados por qualquer fator que não tenha relação com o julgamento e que possa desvirtuar o mesmo. Favorecer um dos lados por qualquer motivo também é uma grave proibição. Por exemplo, que um dos envolvidos no processo receba um lugar para sentar enquanto seu adversário judicial fica de pé. Este último pode interpretar tal atitude como um sinal de favorecimento e isso pode influenciar seu depoimento. O terceiro ponto mencionado no Passuk relaciona-se a não aceitar qualquer tipo de suborno. Mas qual a definição de suborno? Suborno é somente dinheiro ou bens materiais também?

A Guemará, em Ketubot (105b), amplia a definição deste crime, também chamado de corrupção. Um simples elogio ao juiz antes do julgamento pode ser considerado suborno. Um simples comentário do tipo “que bonita gravata, Senhor Juiz” ou “a sua aparência está ótima hoje; o senhor cortou o cabelo?” proferido por uma das partes ao juiz do caso já o invalida para este processo. Até ações inocentes e não intencionais, como as que a Guemará cita, são consideradas “corrompedoras” em potencial.

ALGUNS EXEMPLOS

O grande sábio Shmuel estava tendo dificuldades em atravessar uma ponte estreita. Eis que chega um senhor, lhe dá a mão e o ajuda a atravessar. Ao agradecer, o sábio lhe pergunta de onde vinha e o que fazia ali. O homem diz que seguia para um julgamento, cujo juiz era justamente o sábio Shmuel, enfatizando o quanto nada era por acaso. Qual não foi sua surpresa quando Shmuel se desculpou se declarando não mais apto a julgar o seu caso, uma vez que a ajuda recebida, a “carona” para atravessar o rio, correspondia a suborno.

Outro exemplo: Ameimar, outro sábio da época da Guemará, estava em pleno julgamento entre duas pessoas, ouvindo as partes, quando de repente um pássaro voou e uma de suas penas se soltou e pousou sobre sua cabeça. Um dos adversários do julgamento não titubeou e fez a gentileza de retirar a pena da cabeça do sábio. Ameimar imediatamente interrompeu o juízo, pelos mesmos motivos citados por Shmuel, desclassificando-se como juiz daquela disputa pelo “suborno” recebido – a simples retirada da pena.

Um terceiro exemplo talmúdico: um fazendeiro entregava todas as sextas-feiras as frutas e verduras compradas pelo sábio Shmuel Bar Yossi. Em determinada semana, porém, veio mais cedo e entregou o “sacolão” na quinta-feira. Não lhe ofereceu desconto ou parcelamento do pagamento, apenas trouxe a mercadoria um dia antes, aproveitando que seria julgado pelo mesmo naquele mesmo dia (os julgamentos eram realizados às segundas e quintas-feiras, naquela época). O sábio perguntou qual foi a causa da antecipação da entrega e, ao saber, também este sábio se considerou inapto a julgar o fazendeiro. Somente pelo ínfimo favorecimento de ter adiantado a entrega dos vegetais por um dia. Motivo: mesmo que sem qualquer intenção, foi suborno!

Alguns talvez questionem: a tal ponto? Dinheiro ou qualquer presente, sim; mas invalidar processos judiciais por causa de ações tão triviais – algumas em benefício próprio como a do fazendeiro? Não há certo exagero? Não seriam estes motivos banais? Por outro lado, esses sábios-juizes eram tão frágeis e tão vulneráveis a serem tendenciosos, ou à corrupção? Qual a explicação? O Rav Pam, diretor da Yeshivá de Torá Vadaat, no Brooklyn, responde. Simples: além de ser da natureza humana a tendência de surgir alguma simpatia por esse que lhe fez um favor ou gentileza – o que pode influenciar sua conduta ao julgar –, há outro fator ético. O Judaísmo considera que qualquer benefício recebido,

por mais insignificante que pareça, deve gerar no receptor – por princípio – um significativo sentimento de gratidão. Essa é a intenção da Guemará ao listar os episódios que citamos: mostrar o quanto esses sábios tinham noção da obrigatoriedade e do tamanho da dívida de gratidão quando alguém lhe faz um favor, qualquer que seja. E, se é assim, não é possível manter um julgamento no qual um juiz julgará uma causa, ao mesmo tempo em que carrega em seu íntimo a obrigação judaica de sentir gratidão por um dos rivais processuais, mesmo por um suposto ínfimo favor. Esse, portanto, é o nosso tema: o valor da gratidão por qualquer benefício recebido em nossas vidas. Examinemos alguns casos relacionados a essa essencial virtude.

MESMO POR UM BENEFÍCIO REMOTO

A história seguinte aconteceu nos Estados Unidos. Chaim era um rapaz que tinha muita dificuldade para acordar na hora certa todas as manhãs. Não havia despertador que desse jeito em seu sono profundo e prolongado. Os rabinos tentaram de tudo; conversaram, orientaram, condicionaram. Como o problema se repetia incessantemente e parecia insolúvel, o conselho da *yeshivá* se reuniu e decidiu que não poderiam deixá-lo continuar naquela instituição, já que, apesar de compreender que talvez pudesse ser algum problema que requereria tratamento, sua permanência em nada ajudaria a situação; e ainda poderia prejudicá-lo ou influenciar outros alunos. O Rav Yaacov Kamenetsky Z"TL, diretor da Yeshivá de Torah Vadaat, chamou o menino a sua sala para comunicá-lo que ele estava sendo “convidado a se retirar” da *yeshivá*, dando-lhe ainda um ou dois dias para organizar sua partida. O menino já esperava por essa decisão e a recebeu resignado. Já ia deixando a sala do diretor, quando o rabino acrescentou: “E, Chaim, mais uma coisa: dos dormitórios você foi retirado, mas da *yeshivá*, não! Depois que estiver pronto, você vai passar a dormir na minha casa.” Ao saber desta declaração, os alunos e o conselho de rabinos da *yeshivá* questionaram o rabino-chefe quanto à proposta de abrigar o aluno. Afinal, argumentaram eles, isso seria visto como proteção e tratamento especial. Foi então que o Rav Kamenetsky esclareceu: “Eu estudei alguns anos em Kovno, em um *kolel* fundado pelo lendário Rav Israel Salanter. Ocorre que o avô deste rapaz Chaim era um dos pilares do *kolel* na época em que estudei lá. Ou seja, minha gratidão por tudo que recebi no *kolel* me impede de não acolher este

aluno. Minha posição como diretor é clara e firme, mas minha posição como pessoa exige que eu tome essa providência e o absorva em minha casa.” E assim foi: Chaim se hospedou na casa do *Rosh Yeshivá* por meses (e não há registro sobre ele passar a acordar na hora ou não...).

JÁ OUVIU FALAR EM JUROS VERBAIS?

Que a Torá proíbe a cobrança de juros todos sabem. O que poucos sabem é que essa proibição inclui juros de palavras. Por exemplo, emprestar algo – de uma caneta a um carro ou a casa – e receber de volta este algo acompanhado de um agradecimento e uma bênção da pessoa que pediu emprestado corresponde a “juros verbais”. Na verdade, as regras judaicas sobre juros são muito complexas e há divergência entre os rabinos legisladores sobre se um simples agradecimento representa juros ou não. Agora, vamos à história.

O Rav Shimon Schwab foi aluno da lendária Yeshivá de Mir, sob a supervisão do grande Reb Yerucham. Naquela época, como a maioria dos meninos morava longe da *yeshivá*, eles passavam meses longe de casa, retornando somente nas festas judaicas. No período, costumavam levar de casa uma pequena quantia em dinheiro para qualquer eventualidade ou gastos pessoais. Era com parte desta quantia que os alunos compravam as passagens de trem de volta. Se, no entanto, o dinheiro terminava, eles pediam emprestado ao Reb Yerucham e traziam obviamente o equivalente de volta após a festa. Foi o que aconteceu com Rav Shwab em um determinado Pessach. Ao retornar de casa, o então rapaz devolveu o dinheiro e agradeceu ao rabino. Com base nas leis sobre juros verbais, Reb Yerucham chamou a atenção do jovem Rav Shwab, explicando-lhe que não deveria ter agradecido, já que isso corresponde a pagar juros. O rapaz se desculpou e agradeceu – desta vez, de forma permitida – pelo ensinamento. No ano seguinte, a situação se repetiu e dessa vez, lembrando-se do que havia aprendido um ano antes, Rav Shwab devolveu o dinheiro emprestado e não agradeceu; simplesmente entregou a quantia, deu meia volta e foi saindo. Para a sua surpresa, o Rabino Supervisor chamou sua atenção mais uma vez. E explicou: “Querido, mesmo quando a Lei Judaica te impossibilita ou proíbe de agradecer, a obrigatoriedade de manifestar a gratidão exige que você ao menos demonstre com sua fisionomia que está agradecido.” Impressionante, portanto, o valor da gratidão, que exige seu espaço mesmo quando o assunto é a grave proibição dos juros.

“HOMEM EGÍPCIO”? ONDE ESTÁ ELE?

Eis mais um exemplo da grandeza da gratidão. Desta vez, em um contexto bem conhecido, mas não tanto por este tema. O *Sefer Shemot* nos conta logo na primeira *parashá* que Moshe fugiu para Midian. Quando chegou lá, encontrou uma cena típica para a época: um grupo de mulheres pastoras esperando com seus rebanhos ao redor de um poço fechado por sua pesadíssima tampa. Esperando pelo quê? Pelos demais pastores para que juntos conseguissem erguer a tampa para dar de beber ao rebanho. Ao presenciar aquele cenário, e sendo sobrenaturalmente forte, Moshe não hesitou e ergueu e moveu sozinho a tampa do poço, permitindo que as pastoras dessem de beber a seus animais e voltassem mais cedo para casa. O pai das moças, Itró, estranhou a chegada tão antecipada e perguntou o que havia ocorrido. A resposta delas foi: “Um homem egípcio nos salvou.”

Os principais comentaristas da Torá perguntam por que o texto bíblico escolheu esta descrição. É bem verdade que Moshe era egípcio de nascimento, trajava vestimentas egípcias, talvez tenha falado com elas em egípcio, mas por que a Torá faz questão de que saibamos que as moças o descreveram desta maneira? Haveria algum motivo mais profundo do que apenas a informação de uma dedução superficial, pela aparência? De acordo com o Rav Yaacov Kamenetzky, a intenção é ressaltar o comportamento característico e constante de Moshe no Egito. E que comportamento era esse? Sair todos os dias do palácio – de onde poderia jamais sair, permanecendo “deitado na rede e tomando limonada *on the rocks*” – para ver como viviam as pessoas, principalmente o seu povo. Estas andanças extrapalacianas renderam o relato da intromissão na briga entre os hebreus (Datan e Aviram) e a surra do hebreu pelo capataz egípcio. Em ambos, Moshe arranhou “sarna para se coçar” e se intrometeu tentando fazer o bem e a justiça. Era sua índole, era sua conduta natural e espontânea. As mulheres foram agradecer e Moshe recusou sua gratidão, pois era o “homem egípcio”, isto é, aquele que se comporta em qualquer contexto como costumava se comportar no Egito. E, mediante a sua recusa, as moças aceitaram seu argumento, não valorizaram sua atitude, deixaram-no e voltaram para casa.

Itró, porém, prossegue o Rav Kamenetzky, perguntou com certa aflição onde estava aquele homem e mandou-as irem atrás dele, para convidá-lo para vir a sua casa. Mais que isso, para se hospedar lá. E, diante da demonstrada insen-

sibilidade das filhas, o pai explicou que o tal homem egípcio merecia enorme gratidão. Não foi um gesto de fineza de Itró, foi uma prática judaica. Desta sensibilidade que a Torá exige de todos nós, surgiu o *shiduch* entre Moshe e Tsipora, uma das filhas de Itró, e sua descendência! Um dos casamentos mais exemplares e elevados de toda a História foi possível graças à gratidão. Em comparação, como tendemos a interpretar ou reagir a pequenos favores, benefícios ou gentilezas que as pessoas nos fazem? Infelizmente, tendemos a minimizá-las, ouvindo vozes internas que dizem “ele já vinha para esta direção mesmo, não lhe custava nada me dar a carona”, “é sua obrigação ser educado e me dar a vez”, “é a praxe me permitir sair da garagem” ou “ele também teve proveito em me ajudar”, etc.

CASAMENTO: RELAÇÃO DE GRATIDÃO CONSTANTE

O que Itró nos ensinou, com o “puxão de orelha” em suas filhas, é que, mesmo quando recebemos um benefício de alguém – que ao fazê-lo por nós ou para nós está cumprindo uma obrigação –, devemos a esta pessoa gratidão. Porque o princípio judaico geral é que, se houve benefício, deve haver gratidão. Outro contexto no qual a gratidão é essencial é o casamento. Alguns casais infelizmente não estudam as infinitas lições que o Judaísmo disponibiliza para se construir um casamento bem sucedido e, portanto, não têm noção de que deveriam enxergar a vida conjugal por esse prisma judaico; tampouco, claro, treinam a si mesmos para se condicionar a esta visão. A seguir, algumas poucas, rápidas, simples e valiosas dicas. Esposa e marido, seja como for a sua relação, deveriam saber que cada um deve ao outro enorme gratidão. E devem ser gratos pelo que o companheiro lhe faz por obrigação. A responsabilidade pelo sustento do casal e da família recai sobre o marido, de acordo com a Torá (e para quem já é casado e descobriu esse fato ao ler estas linhas, paciência! Talvez seja tarde demais... Ou não!). No entanto, nenhum homem gosta de ser encarado ou tratado como um caixa eletrônico, quando, por exemplo, a primeira coisa que ouve da esposa pela manhã não é “bom dia, querido” e sim “deixe um dinheiro aí, eu tenho que...”. Por outro lado, a esposa tem suas obrigações também, muitas delas relacionadas ao funcionamento da casa e da educação dos filhos no âmbito do lar. Nenhuma mulher, porém, está feliz em seu casamento se seu marido não reconhece verbalmente tudo que ela faz pela casa,

pelo lar, pela família. Em suma, apesar das obrigações, ambos devem considerar e valorizar o que o outro faz. E, principalmente, sentir e **manifestar** gratidão.

Ainda no contexto matrimonial, eis um exemplo da literatura rabínica. A Guemará nos conta, no tratado de Yevamot (63a), que a esposa de Rav Chia fazia questão de não atender aos pedidos de seu marido, preparando sempre algo completamente diferente do que ele queria e pedia para comer – e quando podia ser o oposto, fazia-o. Ele pedia carne, por exemplo, ela preparava leite. O sábio, portanto, passou a pedir o contrário do que queria e desta forma comia o que de fato queria. A Guemará questiona como o sábio aguentava esta situação. O grande amoraíta (sábio da época do Talmud) respondeu com tranquilidade: “Tenho que ser eternamente grato a minha esposa! Não é suficiente e maravilhoso que ela cuide dos meus filhos e me salve constantemente do impulso e tentações negativas?”. O Rav Wolbe, em sua obra *Alê Shur*, traz esta passagem talmúdica e pergunta que lição a Guemará quis transmitir. Mais uma vez: mesmo se houver percalços e mesmo que o favorecimento tenha sido uma obrigação, os maridos sempre devem gratidão total a suas esposas, e, obviamente as esposas aos maridos também!

EXPECTATIVA SOBE, GRATIDÃO DESCE

Uma das perguntas-chave é: por que o ser humano tem tanta dificuldade e resistência em agradecer? Um dos motivos pode ser resumido por meio da frase: a gratidão é inversamente proporcional à expectativa que se cria em receber benefícios. Em outras palavras, quando a expectativa é alta, a gratidão é quase nula. Exemplo: se uma pessoa empresta a outra 100 reais e o devedor volta depois de um mês com 50, o credor em muitos casos se vê no direito de receber a metade do empréstimo sem agradecer, com base no pensamento “se ele me deve, me trouxe a metade do que me deve e eu esperava o pagamento completo, para que preciso agradecer?”. Esse pensamento baseia-se na constante alta expectativa de receber, receber e receber. É preciso reiterar: essa maneira de pensar não é judaica.

O problema fica mais grave quando esta concepção é direcionada a D’us! Algumas pessoas guardam em seu interior a prepotente e audaciosa ideia de que D’us lhes deve ou tem obrigações com relação a elas. Nada mais falso! Que

fique claro: o Criador não nos deve nada! Talvez este seja um conteúdo difícil de compreender para alguns. Se a pessoa acha que D'us lhe deve alguma coisa, nada jamais lhe será suficiente. E isso é muito triste, porque mesmo a melhor e mais linda casa, a mais maravilhosa esposa, o mais invejado carro etc. não serão o bastante. Se entendermos que D'us não nos deve absolutamente nada, a nossa expectativa perante a vida saudavelmente diminuirá e, conseqüentemente, nossa valorização e gratidão por tudo ao nosso redor aumentarão. A postura judaica ideal, portanto, é simplesmente agradecer a D'us a todo instante por qualquer coisa – no trânsito engarrafado, na fila do supermercado, na sala de espera do médico, etc.

Uma pequena história infantil vai nos ajudar a entender melhor essa postura negativa que tantos de nós mantêm durante a vida. Um menino de seus 10 anos fez certa vez uma sincera autoavaliação de seu comportamento nas semanas anteriores e concluiu que havia sido quase exemplar. Como não havia sido recompensado com pelo menos algum presentinho, decidiu iniciar uma campanha inusitada. No dia seguinte pela manhã, deixou um bilhete para sua mãe, no qual constava: “Querida mamãe, ontem, arrumei minha cama: 5 reais. Arrumei também o meu quarto: 3 reais. Brinquei com meu irmãozinho: 2 reais. Total do dia: 10 reais”. No dia seguinte, a mãe escreveu outro bilhete em resposta: “Querido filho, carreguei você por nove meses em meu útero: 0 reais. Troquei suas fraldas incontáveis vezes: de graça. Cuidei de você sempre que esteve doente: gratuito. E a lista é longa...”. Quando o menino leu a mensagem de sua mãe, se deu conta do absurdo, se desculpando logo em seguida. Mais do que perceber o ridículo de cobrar pelo que devia fazer como sua obrigação, ele entendeu que, apesar de sua mãe ter feito tudo por ele achando-se também na obrigação, sua gratidão de filho devia ser eterna.

Analogamente, muitos pensam em seu íntimo: “D'us, eu coloquei Tefilin: me dê sustento. Eu cumpri Shabat: me dê saúde”; e assim por diante. Em resposta, D'us bem poderia escrever em Seu bilhete: “Eu te dei a vida: de graça. Te dei um corpo: gratuito. Te dei saúde, te dei família, te dei habilidades, te dei sustento: tudo grátis.” Quanto mais cobramos, mais esquecemos o quanto já possuímos. E valorizar o tanto que já temos, tudo que D'us já nos deu – somente porque Ele é piedoso e não porque deve alguma coisa a qualquer criatura – é não só a opção mais ética e mais judaica, mas também um dos caminhos para a felicidade.

POR FAVOR, DIGA OBRIGADO!

Na *Amidá* há uma bênção especial para todos os tipos de pedidos. É a *berachá “Shomêa Tefilá”*. Antes do fechamento desta, a pessoa pode fazer pedidos de qualquer espécie, mesmo diferentes dos específicos que foram feitos nas bênçãos anteriores: sabedoria, redenção, saúde, sustento, etc. Ou seja, esta pode ser considerada a bênção dos pedidos. Qual a bênção seguinte? A *berachá Modim* – a bênção de agradecimento. Por que será que os sábios escolheram esta ordem? Talvez seja para ressaltar o que dissemos no parágrafo anterior: peçamos tudo que quisermos, o quanto quisermos! D’us quer os nossos pedidos e quer muito atendê-los. Mas não nos esqueçamos de agradecer, logo em seguida, por tudo que já temos!

Em direção a essa relação ética entre as bênçãos da *Amidá* – a de pedido e a de agradecimento, eis uma história real como ilustração. Em uma das edições recentes de uma revista judaica americana há o depoimento dramático de uma mulher madura após receber o resultado de um exame de saúde. Os dados ali registrados revelavam um diagnóstico grave e devastador. Com sinceridade tocante, ela confessa que sua reação imediata foi se dirigir ao Todo-Poderoso com um questionamento audacioso por causa do desespero: por que eu? Por que eu tenho que viver essa situação terrível? Depois do impacto e recobrando aos poucos o poder de reflexão, ela conta que passou a questionar a si mesma: quando casei com um noivo maravilhoso – meu marido –, não perguntei por que eu? Quando consegui um bom emprego tampouco. Quando nasceram meus filhos e netos, tampouco. E, assim, aos poucos, soube encarar as novas circunstâncias por uma perspectiva mais ampla, mais judaicamente pragmática e crente. E aquela reflexão lhe trouxe verdadeiro conforto, graças à ênfase à obrigação de agradecer por tantas bondades já recebidas, ao invés da cobrança por outras tantas ainda não (ou que jamais serão) concedidas.

E por que é tão difícil ter e manter no coração, na mente e nas ações a tendência ao reconhecimento e ao agradecimento? Por que a aquisição desta noção exige ações. De que tipo? De retribuição. E retribuir é um tipo de ação complexa, uma tarefa árdua, que custa caro, custa tempo, demanda investimentos – inclusive emocionais. Como há outra tendência – sendo esta natural – à inércia e à acomodação (o que muitos chamam de permanência na zona de conforto), a pessoa acaba criando um mecanismo mental interno para evitar

esse esforço. Como? Racionalizando e criando interpretações que justifiquem a desobrigação, o não reconhecimento e a conseqüente não retribuição. Ou seja, o cérebro humano, essa máquina insuperável, entra em ação para minimizar os valores das bondades recebidas, produzindo pensamentos como os que citamos anteriormente: “Ele me convidou para sua casa por conveniência, porque ia passar aquele Shabat sozinho”; “ele me abriu a porta porque depois vai me pedir um favor”, etc.

Muito interessante é constatar que a nossa querida língua portuguesa possui neste campo uma vantagem sobre as demais. Ela traz na semântica da palavra clássica que exprime agradecimento o significado mais importante da gratidão: obrigação. Qual obrigação? A de retribuição. Enquanto outras línguas utilizam termos que carregam o significado de graça ou louvor – como o *merci* do francês e o *thank* do inglês – ou de reconhecimento – como o *todá* do hebraico, o “obrigado” explicita que a pessoa passou a estar obrigada à retribuição, ela passou a dever algo à pessoa que lhe fez o favor.

A aversão natural à obrigação de retribuição, que mencionamos acima, produz outro sintoma: tendemos a não querer pedir favor às pessoas. E, claro, não estamos falando de pedidos abusivos – pedir ao vizinho com o qual mal falamos que leve uma mala de 31 kg para a tia que tem dificuldade de se locomover e mora “onde o vento faz a curva”. Falamos de pequenos favores ou até de conselhos. Por que evitamos ao máximo solicitar uma ajuda, uma orientação, uma indicação? A resposta é incrível: porque há uma ideia forte na alma humana de que não se quer deixar este mundo devendo algo a alguém. Claro que é preciso buscar a independência e a autonomia ao máximo, mas radicalizar indo ao extremo oposto e jamais buscar auxílio quando necessário é uma das características de uma grave doença da alma: o orgulho.

Mas, como viemos a este mundo para acumular méritos por meio de autoconserto, autolapidação e, a partir daí, contribuir com o conserto do mundo, D’us aumentou o grau de dificuldade no combate ao orgulho e forjou o ser humano como uma criatura superdependente. Desta forma, as criaturas mais orgulhosas têm que vencer este entrave para pedir ajuda, para pedir conselho. E por mais que se tente, ninguém é autossuficiente. Por mais que a pessoa seja habilidosa ou elevada espiritualmente, se ela quer trilhar os caminhos considerados ideais pelo Judaísmo, mais cedo ou mais tarde terá que recorrer ao(s)

próximo(s) para consegui-lo. Mesmo Moshe *Rabenu* precisava de outros nove judeus para completar *minian*. Esse conceito, nos aponta o Chafetz Chaim, aparece de forma clara em uma das bênçãos mais frequentes do cotidiano. Ao terminarmos de beber um copo d'água, ou qualquer outro líquido (com exceção do vinho), ou depois de comer diversos tipos de alimentos, devemos recitar a bênção "*Borê Nefashot*" que diz: "Bendito és Tu, Eterno, nosso D'us, Rei do Universo, Criador de inúmeros seres vivos e suas **incompletudes**, por todas as coisas que criastes para sustentar a alma de cada ser vivo (...)". Ou seja, **agradecemos** pela criação de um sistema em que diversas criaturas alimentam os seres vivos mais incompletos e dependentes: os seres humanos, pois D'us nos fez dependentes de outros seres e agradecemos por isso para internalizarmos que isso não é algo vergonhoso.

UMA MARCA PROFUNDA

Baruch, um jovem residente em Israel, não conseguia encontrar a sua alma gêmea. Apesar de ser um rapaz excelente, temente a D'us e bondoso, um empecilho afastava todas as moças com quem Baruch saía: uma evidente cicatriz marcava o seu rosto. Uma a uma, todas as moças, em algum momento do encontro, arranjavam uma maneira de delicadamente declinar da possibilidade de uma segunda saída. Ele já estava quase perdendo as esperanças, quando decidiu pedir ajuda e orientação ao líder da geração, o Rav Chaim Kanievsky, em Bnei Brak.

O grande sábio o aconselhou a fazer algo aparentemente inusitado, que jamais passara pela cabeça do rapaz que lhe pareceu não só estranho, mas também contraproducente: explicar à próxima candidata porque ele tinha esta marca, isto é, relatar o que havia causado o incômodo ferimento. Apesar da estranheza, Baruch se viu obrigado a seguir o conselho do Mestre, como devem fazer todos que formulam perguntas de qualquer espécie, relacionada a qualquer âmbito judaico a um grande rabino.

E assim foi. Ao entrar no táxi com a mais nova pretendente, depois daquela introdução, Baruch respirou fundo e seguiu a orientação do Rav Chaim. Contou que poucos anos antes ele estava caminhando tranquilamente pelas ruas estreitas da Cidade Velha de Jerusalém, já tarde da noite, quando ouviu gritos

femininos vindos de uma ruela próxima. Correu para ver do que se tratava e se deparou com um grupo de meninas fugindo em desespero de um homem que parecia portar uma faca em um dos braços erguidos. Sem pensar duas vezes, e certo que dali a pouco ouviria o desagradável brado que antecede a maioria dos atentados terroristas em qualquer lugar do mundo – “*Alah hu akhbar!*” (“Alá é Grande”) –, Baruch deu, ele mesmo, um berro, assustando e chamando a atenção do homem, que parou e se virou em sua direção. O rapaz aproveitou o susto do agressor e o agarrou, tentando dominá-lo. Ao se atracarem, o homem acabou atingindo Baruch no rosto, causando-lhe o corte profundo que os cirurgiões plásticos não conseguiram esconder ou amenizar para que fosse menos perceptível.

A moça ouvia o relato calada e perplexa, e quanto mais os detalhes narrados se acumulavam, mais atônita ia ficando. Quando Baruch terminou, ela simples e calmamente disse: “Baruch, eu estava lá. Eu era uma das meninas que fugia desesperada. Você me salvou! E desde aquele dia, sempre quis agradecer e retribuir essa redenção, embora achasse que as chances de reencontrar o nosso salvador fossem pequenas. Mas, além disso, agora também entendo porque nenhum dos meus inúmeros encontros deu certo. D’us estava me guardando para este dia!”. Em suma, os dois se casaram e construíram mais um lar judaico sagrado.

Além de abordar e reafirmar o conceito de Providência Divina, de que não há acaso e tudo está previsto, essa maravilhosa história verídica nos serve como mais um exemplo, reafirmando a grandeza destes valores essenciais para o Judaísmo: o reconhecimento, a gratidão e a retribuição. Valores que devem ser cultivados e aplicados, sempre ancorados pelo raciocínio: “Se fui beneficiado, mesmo que de forma aparentemente ínfima, devo reconhecer, agradecer e, na medida do possível, retribuir!”

Que, com a ajuda de D’us, recebamos inspiração e tenhamos capacidade de transformá-los em postura constante perante a vida.

"GRANDES DECISÕES SÃO TOMADAS NA MESA
DA SALA DE JANTAR" (RONALD REAGAN)



“

O verdadeiro comando
e o nível espiritual da
casa estão nas mãos
da mulher.

”

SEGREDOS QUE D'US NOS REVELA QUANDO QUER

A *Parashat Vaierá*, no *Sefer Bereshit*, é uma das porções nas quais D'us se revela a Avraham e nos relata que ele tinha duas esposas: Sará e Hagar. Sará era a mãe de Itzchak, e Hagar, mãe de Ishmael. Na ocasião do desmame de Itzchak, D'us ordena que Avraham cumpra o desejo de Sará e expulse Hagar e Ishmael de sua casa. Tratando-se de uma ordem divina, Avraham não hesitou em cumpri-la; no entanto, apesar de estar num nível muito elevado espiritualmente, esse grande patriarca era também um ser humano, e a Torá atesta que Avraham estava um tanto angustiado, dividido entre a alegria de cumprir a vontade de D'us e um certo sentimento de aflição pela obrigação de ter que expulsar seu filho.

Assim, ao enviá-los pelos caminhos desérticos sem rumo, Avraham preparou suprimentos para a viagem. A Torá nos conta, porém, que as provisões terminaram no meio do percurso, muito antes do que se deveria esperar: “E terminou a água do jarro...” (Bereshit 21:15). Rashi questiona esse fato, isto é: como pode ser que Avraham não tenha se precavido e tenha fornecido pouca água para o caminho? Ao que responde: Ishmael ficou doente e os doentes costumam beber mais do que a quantidade normal; e, é claro, Avraham não previu que Ishmael ficaria doente.

Diante da falta de alternativas, sozinha com seu filho no meio do deserto, Hagar começa a chorar. Ishmael, por sua vez, põe-se a rezar. De repente, neste cenário de desespero, eis que “surge” uma fonte d'água. Ocorre que a Torá acrescenta que D'us abriu os olhos de Hagar para que visse o poço – informação da qual tiramos a seguinte conclusão: D'us não criou milagrosamente uma fonte d'água, ela já estava lá; Ele apenas ajudou Hagar a enxergar esse fato. Na verdade, D'us permitiu que a serva percebesse algo que sempre esteve ali.

Algo análogo ocorre no nosso estudo da Torá. Ela está repleta de mistérios e informações ocultas, que sempre estiveram lá, e D'us nos permite compreender quando bem entende. A seguir, falemos sobre um desses segredos que D'us permitiu que nos fosse revelado.

QUEM MANDA EM CASA?

No início da mesma *Parashat Vaierá*, Avraham recebe os três anjos, disfarçados de seres humanos, e estes lhe fazem a seguinte pergunta: “Onde está Sará, tua mulher?”. Tal pergunta é feita, porém, após a seguinte introdução: “E disseram-lhe” – em hebraico: “*vaiomeru elav*”. Seguindo a tradição milenar dos escribas, a expressão “*elav*” (“para ele”, composta por quatro letras também em hebraico) aparece no *Sefer Torá* assinalada no texto bíblico original com três pontos um em cima de cada uma das três letras a seguir: “*alef*”, “*yud*” e “*vav*”; a letra “*lamed*” não possui esse sinal sobre si. Rashi nos explica e revela um ensinamento relacionado a esta marcação especial:

O “onde está Sará” presente explicitamente no versículo escreve-se “*aiê Sará*”. Assim, temos “*aiô*” e “*aiê*”, indicando que os anjos perguntaram para Sará onde estava Avraham e para Avraham perguntaram onde estava Sará.

Daqui se aprende o seguinte costume: o hóspede deve perguntar para cada membro do casal de anfitriões sobre seu cônjuge.

O Rebe de Chernobil traz uma explicação diferente da de Rashi e muito significativa para nós, hoje em dia. Ele diz que a pergunta “*aiô*” (onde está ele?) foi feita também para Avraham e não para Sará. Os anjos, portanto, perguntaram na verdade para Avraham “onde está você?”. E qual foi a resposta? “Onde está Sará, tua esposa”. Em outras palavras, os anjos transmitiram a Avraham a seguinte mensagem: “Você sabe em que nível espiritual – religioso e comportamental – você está? Isto depende de onde está Sará, tua esposa”. Não de onde ela está fisicamente – em que local –, mas em que nível espiritual está.

Segundo o Rebe de Chernobil, os anjos ensinaram a todos nós, por meio de Avraham, que o verdadeiro comando e o nível espiritual da casa estão nas mãos da mulher. Os solteiros, ou até mesmo os maridos que acreditam e até têm a coragem de expressar a ideia de que são eles que mandam ou mandarão

em suas casas, mas simplesmente não compreenderam ainda – por inexperiência ou por ingenuidade – que essa alegação traduz-se em pura ilusão.

Tal comando feminino é, no entanto, muitas vezes sutil, subliminar. Quando eu era pequeno e viajava com minha família para Campos do Jordão, assistia várias vezes a concertos de inverno na praça do Capivari e achava estranho aquele camarada de pé na frente da orquestra balançando a batuta. Sempre reagia meio indignado ao me dizerem que ele era o mais importante de todos, que ele comandava todo o conjunto: “Como pode ser? Ele não faz nada, enquanto os demais tocam instrumentos super difíceis, esse aí fica só abanando aquela varetinha...”. Então, eu recebia a explicação: “Esse cidadão é o maestro, é graças a ele que a música sai com a qualidade desejada. Ele comanda o ritmo, a intensidade, a harmonia, até mesmo a empolgação e a inspiração dos músicos. Você não enxerga tudo isso porque não entende de música.” Analogamente, os maridos e talvez também os filhos e demais membros da casa são os instrumentistas que são regidos pela esposa-mãe-dona da casa.

Em duas passagens da Guemará, um grande sábio disse uma frase que corrobora as ideias que trouxemos até aqui: “Nunca chamei minha vaca de vaca, tampouco minha esposa de esposa. Sempre chamei minha vaca de campo e minha esposa de casa”, pois a vaca define o campo e, (sem comparação), é a esposa que define a casa.

A FORÇA DO BEIT YAACOV

O Rav de Ponovezh, Rav Kahaneman – sobrevivente do Holocausto –, além de um grande líder espiritual, fundador e diretor da Yeshivá de Ponovezh, em Bnei Berak, e de outras instituições judaicas de cunho educacional e/ou social, era também um grande arrecadador de doações para seus empreendimentos judaicos. Seu carisma e poder de persuasão eram dignos de admiração.

Certa vez, o Rav Kahaneman estava prestes a conseguir uma grande doação de um homem muito rico, que lhe impôs uma condição: o dinheiro só poderia ser aplicado em uma instituição de estudo de Torá de pessoas que não usam *kipá*. O experiente rabino confirmou e garantiu que o pedido do doador seria atendido, sob a insistência do benfeitor de que o rabino não o enganasse. O que fez o Rav Kahaneman? Investiu toda a quantia em um Beit Yaacov (*Beis Yakov* para os *ashkenazim*) – uma instituição de estudos religiosos para moças!

O Rav Halberstam, o Rebe da *chassidut* de Tszanz-Klausenburg, falecido em 1994, ficou famoso pelo suporte espiritual dado aos seus irmãos judeus durante o Holocausto. Certa vez, em um encontro com o Rav Kahaneman, o Rav Halberstam lhe confessou que sentia inveja de seu interlocutor, pelo conjunto da obra do grande líder, dizendo: “Eu ajudei muita gente, graças a D’us, mas o senhor fundou a Yeshivá de Ponovezh! Quando o senhor chegar aos céus, não precisará dizer nada, o próprio Todo-Poderoso dirá tudo em seu nome, pois o vosso mérito é incalculável – quanto estudo de Torá diário e ininterrupto passou a existir graças a sua *yeshivá!*”

O Rav Kahaneman respondeu categórico: “É verdade, mas a minha *yeshivá* vale pouco se comparada à outra instituição; todo esse mérito só foi possível graças ao *Beis Yakov!*”. Ou seja, o Rav Kahaneman estava dizendo que seus estudantes da *yeshivá* só alcançaram seu sucesso em seu estudo e cumprimento da Torá graças às moças com as quais casaram, todas preparadas nos *Batei Yaacov* ao redor do mundo. Do que adianta, defendia o Rav de Ponovezh, constituir um estudioso de Torá se ele não casar com uma esposa bem preparada para apoiá-lo? Seria o mesmo que ensinar as regras de comércio a uma pessoa e enviá-la para onde não há mercado. Foi com este espírito que o Chafetz Chaim e o Rebe de Gur apoiaram incondicionalmente o projeto pioneiro de Sara Shenirer que estabeleceu no início do século XX o conceito de escolas judaicas religiosas para moças, sob a alcunha de Beit Yaacov, acreditando que a perpetuação do judaísmo autêntico só foi garantida graças a tais instituições.

O “TOM” DA CADA CASA

Uma pergunta famosa no âmbito judaico é “qual o verdadeiro papel da mulher no lar judaico?”. As respostas mais clássicas falam em educação dos filhos, em *kashrut* – num sentido mais amplo – e em apoio ao marido. Todas estas respostas estão corretas, mas carecem de uma explicação mais profunda acerca do significado do essencial e complexo papel da mulher na construção do espírito autenticamente judaico dos lares de Israel. Uma observação do Chafetz Chaim sobre um *Midrash* relacionado às oferendas dos líderes das tribos nos ajudará a encontrar uma resposta mais abrangente e densa.

Na inauguração do Tabernáculo – o Templo desmontável e transportável construído no deserto por ordem divina, durante o êxodo do Egito –, os 12 líderes das tribos de Israel levaram oferendas especiais – uma oferenda composta por vários animais, utensílios de prata e especiarias por líder, a cada dia. Ocorre que, no Shabat, oferendas e sacrifícios particulares não eram levados ao Templo, pois só nos é permitido sacrificar animais e acender o fogo do altar, atitudes que normalmente no Shabat são proibidas, para fazer sacrifícios públicos e, como tal inauguração durou 12 dias ininterruptos, deduzimos que obrigatoriamente um dos líderes pôde levar sua oferenda ao Tabernáculo em um Shabat, mesmo sendo sacrifícios particulares.

Como foi possível? Por que houve essa permissão excepcional? A resposta do Chafetz Chaim: a restrição de levar uma oferenda particular no Shabat foi excepcionalmente abolida graças à beleza da decisão coletiva dos líderes em levar exatamente as mesmas quantidades de oferendas – inclusive a Torá registra cada uma delas em detalhes, ou seja, repete um texto quase idêntico (à exceção do nome da tribo e de seu líder) doze vezes!

Cada um deles decidiu que seria digno trazer o mesmo que os outros líderes, sem precisar inovar e ter de trazer algo de diferente para “aparecer” e ficar mais famoso que os outros líderes.

Em outras palavras, os líderes das tribos podiam ter transformado a inauguração do Tabernáculo em uma competição de ostentação, por meio de suas oferendas. Terem agido de forma totalmente distinta e distante desta ideia, doando 12 composições idênticas, traduziu-se em uma mensagem tão fundamental às futuras gerações, que o Shabat foi “empurrado” para permitir que uma dessas oferendas fosse levada ao Tabernáculo mesmo durante o sagrado Shabat.

Analogamente, essa postura que se distancia da competição de ostentação é o espírito que deve reinar em um lar legitimamente judaico – e esse espírito depende primordialmente da mulher! As esposas que pressionam seus maridos a gastar com reformas desnecessárias na casa fixa, de praia ou da montanha – muitas vezes apenas para manter o padrão das vizinhas – ou a investir em festas extravagantes, com decorações e lembranças inovadoras e caras, além de patrocinar o estresse do marido e/ou desrespeitar seu esforço profissional, vão em direção oposta ao legado dos líderes das tribos e da Torá. Por outro lado, aquelas que, mesmo tendo condições para gastar, graças a D’us,

adotam uma postura equilibrada, sensata e comedida nestes âmbitos, constroem um ambiente harmônico e judaico – isto é, entrosado com o espírito doméstico proposto pela Torá. Em suma, as mulheres dão o “tom” dos lares, isto é, os valores éticos e morais que devem permear o ambiente, os comportamentos, as regras e as prioridades dos lares estão sob a batuta da mulher.

A mulher tem o poder de reger e conduzir a casa, mas esse dom vem com uma enorme responsabilidade!

APOIO INCONDICIONAL AO CÔNJUGE

Familiares da Rabanit Kanievsky z”l contam em sua biografia que essa mulher piedosa e justa acordava todos os dias às 2h45 da madrugada para responder “*amen*” às bênçãos matutinas proferidas pelo seu marido – nada menos que o grande Rav Chaim Kanievsky, shelita. No retorno do marido de sua reza na sinagoga, a Rabanit o aguardava para que tomassem café da manhã juntos. Ressalte-se que estes foram hábitos mantidos não no primeiro ano apaixonado de casados, mas, sim, por mais de 60 anos contínuos de matrimônio.

Em outro relato biográfico, familiares testemunharam que a Rabanit Kanievsky costumava comparecer a praticamente todos os casamentos para os quais era convidada – e eram incontáveis – por ter a exata noção do quanto a sua presença alegrava os noivos e seus familiares. No entanto, depois de marcar presença, a Rabanit deixava notória e rapidamente a festa para retornar a sua casa. O motivo sempre declarado pela própria Rabanit, ao ser muitas vezes questionada com relação ao constante procedimento, era a qualidade do estudo de Torá do marido. Explique-se: a Rabanit Kanievsky sabia que seu marido estudava melhor quando ela estava em casa! Daí sua pressa em voltar ao lar.

Uma terceira passagem da biografia desta grande mulher conta a explicação dada por ela para um fenômeno digno de registro, que ocorria na residência dos Kanievsky: de acordo com o testemunho dos filhos, o Rav Chaim Kanievsky jamais abriu a geladeira de sua casa. Por quê? Porque a Rabanit sempre cuidou pessoalmente da alimentação do grande sábio para que ele não perdesse tempo de seu sagrado estudo. Quando questionada sobre um eventual desgaste por tamanho esmero e dedicação ao marido, a Rabanit respondia: “Se o presidente americano viesse se hospedar em sua casa, como você o acolheria? Sem

comparações, mas por acaso meu marido é menos importante?”. Nada mais nada menos do que impressionante!

De onde a Rabanit Kanievsky aprendeu tal postura? De sua mãe, a Rabanit Eliashiv. Familiares contam que a Rabanit Eliashiv acordava todos os dias às 3h30 da manhã para preparar pessoalmente um café para seu marido, que estudava Torá madrugadas a fio, voltando a dormir em seguida. Seus filhos chegaram a sugerir que ela aceitasse que eles lhes dessem uma cafeteira automática que facilitasse o preparo do café pelo próprio Rav Eliashiv, fazendo com que a Rabanit não precisasse mais acordar nas madrugadas. No entanto, a Rabanit recusou e ensinou: “Eu vou perder esse enorme mérito de preparar pessoalmente o café para o sagrado estudo de Torá do meu marido?”.

Na biografia de outro casal gigante, o Rav Ovadia Yossef z”tl e sua esposa, consta que a cada novo livro que o Rav Ovadia publicava, a Rabanit Yossef comprava, com o pouco dinheiro que lhes sobrava do orçamento restrito com que viviam, balas para uma comemoração simples, ao estilo judaico a cada *bar-mitzvá* ou casamento, atirando-as sobre os “convidados”, geralmente familiares e frequentadores costumeiros da casa. Ocorre que seu marido – um dos maiores gênios da história judaica – lançava inúmeros livros, com constância bastante acentuada.

Tais exemplos demonstram a atuação de esposas que entendem profundamente e desempenham exemplarmente seus papéis como companheiras e apoiadoras de seus maridos. Além de revelar o vínculo visceral que esses casais construíram, personificando o espírito pretendido pela Torá para os lares judaicos: a parceria do casal no trabalho a D’us.

O Judaísmo se envolve e propõe regras para tudo. Para as situações mais específicas de todos os âmbitos da vida humana encontramos orientações minuciosas no código judaico de leis. Há, por exemplo, regras para o comportamento diante da chegada e a presença perante um grande sábio da Torá para obviamente demonstrar o devido respeito e honra pelo seu conhecimento: levantar assim que o sábio adentra o recinto, não atropelar sua fala, etc. Pois bem, no contexto que estamos abordando, entre as leis de respeito aos sábios, o Shulchan Aruch dita literalmente que “a esposa de um grande sábio é igual ao grande sábio”, ou seja, deve ser respeitada exatamente como ele.

Sempre achei que esta regra baseava-se em uma postura de consideração e solidariedade à mulher. No entanto, em vista dos conceitos que trouxemos, deduzimos que se trata de puro mérito, já que, desde Avraham, os grandes sábios só conseguiram alcançar seus patamares intelectuais e espirituais graças às suas esposas, pela parceria entre ambos. Mais do que isso: as mulheres dos sábios os edificaram! Mulheres que compreendem a importância desta parceria e o seu papel de dar o “tom da casa” trilham o caminho da Torá.

A MULHER COMO INCENTIVADORA

É sabido que o antídoto apontado pelo Judaísmo para combater o *yetzer hará* (impulso negativo) que assombra o homem é o estudo da Torá. Pergunta o Rav Yonathan Eybeschütz qual o antídoto para os ataques constantes desses impulsos sobre as mulheres. O próprio rabino responde que é o mesmo que o do homem. Explicando melhor: o mérito do estudo da Torá do marido ajuda a proteger a si e a sua esposa das influências do *yetzer* que cada um deles sofre. Eis mais uma maneira de demonstrar e reforçar a ideia de que o crescimento espiritual do casal, embora tenha aspectos obviamente individuais, só pode atingir seu potencial máximo sob a forma de parceria.

Uma esposa deve incentivar seu marido a participar com seu dízimo e não que o marido precise doar de forma oculta para que sua esposa não descubra. A esposa deve ser uma incentivadora de boas ações e valores e não inibidora dos mesmos.

Há também maridos que abusam da boa vontade de suas esposas e “fogem” para a sinagoga em “horas do rush” da casa – ao dar banho, servir o jantar e colocar para dormir os filhos –, mesmo que haja alternativas de reza ou estudo de Torá em horários mais tranquilos da casa. Ambos são exemplos de casais que, declarando-se religiosos ou não, não compreendem as metas sagradas da Torá para os lares judaicos e se comportam de forma antagônica às orientações tanto das escrituras sagradas quanto dos sábios.

A ESPOSA E O BOM SENSO EM TEMPOS DIFÍCEIS

O presidente Ronald Reagan, que governou os Estados Unidos entre 1981 e 1989, expressou de forma brilhantemente sintética tais conceitos judaicos por meio de uma frase que declarou certa vez: “A grandes decisões são tomadas

na mesa do jantar.” Ou seja, não é no ambiente acadêmico ou político que as principais mudanças se originam, e sim no ambiente familiar, nas conversas e deliberações entre o marido e a esposa.

Nesta conjuntura, o papel das mulheres em termos judaicos, portanto, é orientar os maridos insensatos ou não pressionar e orientar mal os maridos que têm bom senso. Posturas que apoiam a manutenção de ostentações insustentáveis e aparências artificiais ou a preocupação com “o que os outros vão dizer” a custa de tensões familiares, pressões sobre o marido ou até o endividamento, são simplesmente “antijudaicas”.

O versículo que descreve a criação de Chavá – “*Ezer Kenegdo*”, isto é, “uma ajuda contra ele (Adam)” – utiliza dois termos que podem ser lidos e interpretados de forma a parecerem contraditórios, em termos do papel paradigmático da mulher em sua relação com seu marido: “uma ajuda” e “contra ele”. A explicação é simples e vai ao encontro de tudo que expusemos até aqui. A esposa deve – dependendo do contexto e da atuação de seu marido – agir como sua incentivadora ou como sua cerceadora, indo contra iniciativas irresponsáveis e/ou contra o espírito ou as determinações e valores da Torá. A mulher tem a força e é, portanto, aquela que deve colocar o marido no seu devido lugar, isto é, fazê-lo agir de acordo com o bom senso exigido pela Torá.

O MARIDO E AS NECESSIDADES DE SUA ESPOSA

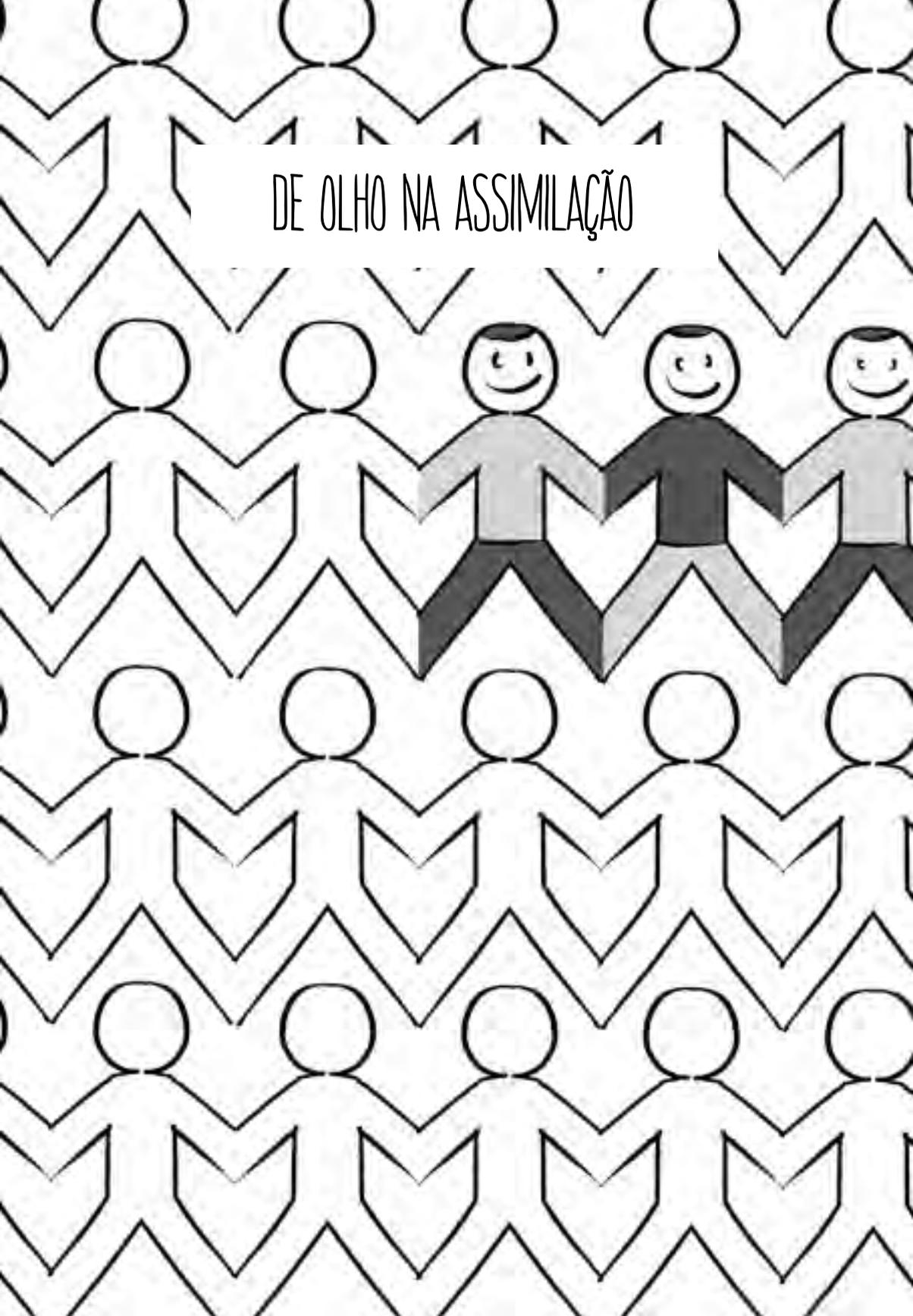
Um dos maiores sábios da geração anterior, o grande Steipler, Rav Yaacov Kanievsky, escreveu em uma de suas cartas uma resposta a uma das mais importantes perguntas sobre a natureza humana: qual o maior desejo de uma mulher? Eis as palavras de sua impressionante resposta: “É sabido que o principal desejo de uma mulher neste mundo é ter um marido que a ama. E quando a esposa não se sente amada, sua situação é semelhante a sofrer perigo de vida, por causa da dor e da frustração que sente. Tal mulher é considerada judaicamente como a viúva de um marido vivo.”

Ensina, portanto, o Steipler que para o Judaísmo o marido deve ter essa meta específica com sua prioridade máxima: fazer de tudo para que sua esposa se sinta amada, querida e admirada por ele. Pecar por excesso em elogiá-la, presenteá-la com o que lhe agrada, ouvi-la, apoiá-la emocionalmente. Tudo isso com carinho e interesse genuínos.

Conta um aluno da Yeshivá de Telz que logo após a oração de Minchá, poucas horas antes da entrada de Yom Kipur – momento em que as pessoas estão apressadas para fazer a refeição antes do jejum –, foi abordado pelo diretor da instituição, o Rav Mordechai Gifter, que lhe pediu um favor muito especial: uma carona. O aluno não só aceitou de imediato, como também sugeriu gentilmente ir fazer o que o Rabino estava indo fazer para liberá-lo em um momento tão importante de preparação. O Rav Gifter agradeceu, porém, esclareceu que precisava cumprir a tarefa pessoalmente. O aluno então o levou a uma floricultura, de onde o rabino saiu em poucos minutos com uma dúzia de rosas. O aluno não se conteve e questionou seu mestre quanto à cena que teve o mérito de testemunhar. O Rav lhe explicou que era o aniversário de sua esposa e que ele sabia o quanto ela adorava receber flores. E, contrariando o palpite errôneo de leigos em Judaísmo, demonstrou a prioridade que um grande líder judaico deve ter à entrada de Yom Kipur: manter o empenho contínuo de fazer a esposa se sentir amada, de forma concreta, por meio de ações que lhe tragam esta sensação.

Um *Midrash* famoso dita que foi pelo mérito das mulheres israelitas justas que Israel foi libertado do Egito. Sempre pensei sobre a seguinte questão: isso quer dizer que os homens não tiveram mérito algum durante os longos anos de escravidão no Egito para serem libertados? De forma alguma. Os homens se mantiveram firmes em seu judaísmo, cumprindo *mitzvót* na medida do possível. O que o *Midrash* está nos ensinado é que eles só cumpriram as *mitzvót* graças ao respaldo e o suporte recebido de suas esposas, e portanto foi pelo mérito das mulheres israelitas justas que Israel foi libertado do Egito!

Que possamos entender a importância do papel de cada cônjuge na construção judaica dos lares: o respeito e o carinho que o marido deve ter com relação à sua esposa e a noção da responsabilidade da esposa em regular e preservar o ambiente legitimamente judaico de sua família.



DE OLHO NA ASSIMILAÇÃO

“

O que vai segurar um jovem dentro do Judaísmo quando estiver na faculdade, mesmo que tenha estudado em escola judaica?

”

A LUTA DE YAACOV

Em *Parashat Vaishlach* ocorre a famosa luta entre Yaacov e o anjo de Essav.

Guardadas todas as diferenças possíveis e mal comparando, Yaacov também lutou com o anjo de Essav, como nos é descrito na *Parashat Vaishlach*. No entanto, enquanto as lutas e os lutadores das competições esportivas são efêmeros, Yaacov e Essav fazem parte da história da humanidade há mais de dois mil anos e, todos os anos, quando chega a citada *parashá*, o povo judeu lê na Torá sobre essa luta.

Façamos uma análise judaica sobre a luta entre Yaacov e o anjo de Essav e o que a Torá tem a nos dizer sobre isto: Yaacov foi atacado pelo anjo de Essav – qual é a importância de a Torá se referir a isto, sendo que ela é um livro eterno de sabedoria, ou seja, um texto, cujo objetivo não é narrar simplesmente fatos, mas sim, ensinar conceitos e valores?

No livro *Shemen Hatov*, o rabino Dov Weinberger nos ensina que o próprio versículo que narra a luta nos indica qual é sua importância e o que vem nos ensinar. Em *Parashat Vaishlach* (32;25) está escrito: “E Jacob ficou só, e lutou um homem com ele até o amanhecer.”

A pergunta que o Rav Weinberger faz é: por que a Torá nos conta que Yaacov estava sozinho e como isso nos ajuda a compreender o episódio? Segundo os Sábios, por outro lado, a pergunta real é: sabemos que o anjo de Essav veio para brigar, para matar – por que ficou tão bravo a ponto de lutar contra Yaacov? Afinal, algo deve ter causado a briga!

OS CONCEITOS: “DIFERENTE”, “SEPARADO” E “ISOLADO”

O que fez o anjo de Essav ficar tão bravo e o enfureceu foi o fato de Yaacov estar sozinho, diferente das demais pessoas. Era justamente isso que o anjo – a personificação da força do instinto negativo – não queria!

Yaacov era diferenciado como judeu e, por isso, foi escolhido para ser o progenitor das 12 tribos de Israel. Exatamente por ter encontrado Yaacov sozinho, o anjo achou que era a sua grande oportunidade de atingi-lo.

Yaacov sabia que era diferente. Nas palavras da Torá: “*Vaievater Yaacov Levadô*” (“E Yaakov ficou só”) – o termo “*levadô*” significa separado, embora seja uma palavra que tenha outra conotação (“se sentir especial”). O primeiro versículo de Meguilat Echá (Lamentações), que lemos em Tishá Beav, narra como Jerusalém estava “*badad*” (solitária, isolada, sozinha, abandonada). No fim da Torá, aparece mais uma vez a mesma palavra, quando Moshe diz: “*Vaishkon Israel betach badad*” (“Israel viverá confiante em D’us e separado”).

Devemos supor que o “*badad*” de Echá é diferente daquele com que Moshe *Rabenu* abençoou o povo e diz que o povo iria permanecer separado. Bilam, o maior profeta dos não judeus, tentou amaldiçoar o povo de Israel, mas, ao vê-lo, disse que era um povo diferente, que se assenta sozinho entre as nações, e, de novo, aparece a expressão “*levadad*”. Bilam termina sua profecia dizendo que Israel jamais iria se misturar. Se o povo sabia que era diferente dos demais povos, nunca iria se assimilar completamente. Ou seja, precisamos ser diferentes, mas no sentido de especiais, e não solitários ou isolados.

KIDUSH E HAVDALÁ

A principal razão da existência do povo judeu não é a terra, como no caso dos demais povos, pois na maior parte da história judaica – a grande diáspora de Roma – não possuíamos a terra de Israel. A maioria dos povos se mantém porque tem um dialeto, mas os judeus falavam várias línguas, dependendo do lugar em que moravam. O que nos faz diferentes como nação é o fato de sermos um povo que vive separadamente, e por isso não nos assimilaremos.

No Shabat há o *Kidush*, para abençoar e introduzir as refeições do Shabat, e a *Havdalá*, para diferenciar, ou ainda, separar o Shabat dos dias comuns. O Rav Chaim de Volozhyn, diretor da Yeshivá de Volozhyn –, menciona um trocadilho

relevante: se os judeus não fizerem *Kidush* (a santificação), D'us nos livre, os não judeus farão a *Havdalá* (diferenciação ou separação) com os judeus. Isso quer dizer que, se não assumirmos que somos especiais, santos, diferentes, os não judeus, D'us nos livre, farão essa diferenciação conosco. E infelizmente, sua previsão se tornou realidade anos depois.

UMA HISTÓRIA

O conceito descrito acima pode ser ilustrado com uma história que ocorreu depois da morte do Rav de Volozhyn. Um judeu polonês, na época da Segunda Guerra Mundial, por inúmeras razões, decidiu se converter ao cristianismo – apesar de sabermos que a conversão não faz com que um judeu deixe de ser judeu. Esse homem “convertido ao cristianismo” se transformou em prefeito de uma cidade da Polônia durante o Holocausto.

Quando os nazistas invadiram as cidades da Polônia, este prefeito tomou o lado dos nazistas que oprimiam os judeus. Durante a Segunda Guerra, os nazistas definiam quem era judeu através da verificação das três últimas gerações e quem tivesse qualquer ascendência judaica nesse período era deportado. Os nazistas então ficaram sabendo que o prefeito da cidade tinha uma linhagem judaica. Mas eles ficaram em dúvida! Como podia ser? Ele era prefeito e se comportava como um não judeu – deportando os próprios judeus para os campos de trabalho e extermínio e os fazendo sofrer. Como podia ser judeu? Os nazistas não queriam ser injustos e decidiram fazer um teste para saber se o prefeito era de fato judeu ou não.

Para este teste levaram-no a uma sinagoga, abriram o *Heichal Hakodesh*, onde ficam guardados os rolos da Torá e pegaram um deles de qualquer jeito, sem cuidado, e entregaram a ele. Disseram que ele pegasse o *Sefer Torá*, jogasse no chão e pisasse em cima dele, para que assim pudesse provar que não era judeu. Caso contrário, constatariam que ele era judeu e tomariam as devidas providências. O prefeito então pegou o rolo da Torá em suas mãos, mas não conseguiu jogá-lo no chão. Seus pés não conseguiam encostar no *Sefer Torá*, e muito menos pisar nele. Assim, os nazistas lhe disseram que ele comprovara que era judeu e, portanto, teria o mesmo fim que os outros.

Ao sair da sinagoga, o prefeito disse aos nazistas que sabia o que iriam lhe fazer, mas que deveria agradecer a eles por terem lhe devolvido a sua verdadeira identidade, que estava coberta e escondida. “Eu estava oprimindo os meus próprios irmãos”, disse o prefeito, “então, tenho que agradecer, pois se não fossem vocês eu nunca mais iria lembrar que sou judeu”.

O final dele foi o mesmo dos outros judeus.

Aqui vemos o lema “se você não fizer *kidush*, e tentar se comportar como os outros, mesmo em caso de vida ou morte, os não judeus o lembrarão que você é diferente e o separarão (a *havdalá*)”.

Isto foi uma previsão do Rav de Volozhyn, que somos diferentes e isso requer que nos comportemos de uma forma diferente. E Bilam também viu isso! Mas será que nós também nos vemos dessa forma, como um povo diferenciado?

O QUE TOCA OS JOVENS HOJE?

Eu contei essa mesma história a um grupo de jovens que estudam em escolas judaicas e, para envolvê-los, perguntei o que teriam feito numa situação destas. Todos os jovens disseram: “Você tem dúvidas? É claro que jogaríamos o *Sefer Torá* no chão!”

Os jovens fundamentaram as suas respostas dizendo que, segundo a Lei judaica há três transgressões que é preferível morrer a ter que cometê-las: idolatria, assassinato e manter relações sexuais ilícitas. Jogar um *Sefer Torá* no chão não se enquadra em nenhuma dessas três. E então questionaram: “Qual é sua pergunta, rabino? Você tem dúvidas de que eu pisaria no *Sefer Torá*?”.

Eu fiquei um minuto em silêncio e comecei a pensar sobre por que os jovens davam aquela resposta. O que diferencia aquele prefeito que agradeceu aos nazistas por terem lhe restituído o seu judaísmo e os jovens do século XXI, que disseram que obviamente jogariam o *Sefer Torá* no chão?

A questão é que há 50 anos um judeu se orgulhava de sua identidade, e hoje isso é mais difícil. O que funcionava naquela época não funciona mais. Então a pergunta é: o que pode fazer com que um judeu mantenha a sua identidade, para que ele continue a ser diferente dos outros povos?

A diferenciação – manter o isolamento de outras culturas – foi a caracterís-

tica que tanto Bilam quanto o anjo de Essav perceberam. No caso do anjo, isso o irritou e o fez lutar com Yaacov; pois sendo Yaacov sendo daquele jeito, nunca iria se assimilar. O que faz então, no século XXI, um judeu se sentir diferenciado e especial? Ser um mártir não chama mais a atenção de ninguém hoje. Não toca mais.

TRADITION!

O filme “Um Violinista no Telhado” mostra que uma das filhas do protagonista se assimilou, mesmo com “*tradition*”. Fica claro que o judeu que só guarda a tradição de forma superficial não está “*levadó*” (separado).

Hoje em dia ser um judeu que chamamos de *gourmet*, que come guefilte fish ou kibe e chalá no shabat, não garante que ele se mantenha dentro do judaísmo!

A tradição não serviu nem mesmo no filme e hoje também pouco ajuda diante de tantas tentações que o mundo atual nos apresenta. O conceito de sozinho e abandonado que vimos em *Echá* – que fala de Jerusalém, que estava abandonada, quase destruída – não serve para os dias de hoje, pois é triste, depressivo e está ultrapassado.

O que vai segurar um jovem dentro do Judaísmo quando estiver na faculdade, mesmo que tenha estudado em escola judaica? Na maioria das vezes, o jovem sai da escola judaica, se defronta com a vida, se encontra em um ambiente onde, no melhor dos casos, os judeus representem talvez uns 10 por cento do ambiente geral. Temos que lembrar que somos todos livres. Existem os momentos de barzinho, de viagens, de formatura etc. – é muito fácil se assimilar; por que não? O que segura um jovem em situações deste tipo?

“*Echá iashva badad*” não serve mais para os dias de hoje, pois é lamentação. Antigamente um judeu não conseguia jogar o *Sefer Torá* no chão, mas hoje tudo mudou.

Antes existia um líder como Gandhi, um mártir. O que houve com ele? Foi morto! O mesmo ocorreu com Martin Luther King, que morreu defendendo um ideal. E no dia 6 de outubro de 1981, Anwar el Sadat, presidente do Egito, que assinou heroicamente a paz com Israel, foi assassinado.

Todos esses líderes se tornaram parte da história como mártires. E o jovem? Simplesmente não se importa! Hoje, para uma criança e um jovem, isso

é apenas uma parte da história em uma enciclopédia (é claro, digital...). Um mártir hoje não tem espaço. Não há mais lutas por movimentos ou ideais. Não existe briga por uma ideologia! Quase não existe mais o conceito de matar por uma causa.

O que funciona foi o que Bilam viu no acampamento do povo de Israel: um povo diferenciado e especial, mas não sozinho no sentido de sofrido. E é isto que precisamos reforçar dentro de nós mesmos e de nossos filhos.

Independente do grau de religiosidade, todos nós estamos ameaçados por um conceito chamado assimilação. Pode ser nos Estados Unidos e até mesmo em Israel. Basta abrir uma revista e procurar a palavra *noshrim* em hebraico, ou *drop out* em inglês – aqueles que saíram do caminho da Torá. Isso é visto nas ruas. A assimilação pode acontecer todos os dias, mesmo em uma casa religiosa.

Se não passarmos o conceito de que somos diferenciados, não no sentido de sozinhos, mas como distintos, especiais, estamos em perigo. Ninguém quer ser diferente, mas qualquer criança gostaria de ser especial. Se uma casa não tem este conceito, está em perigo, pois vivemos num mundo globalizado, onde tudo acontece muito rápido. Hoje não tem mais o gueto, o *shtetl*, não existe mais a proteção de estarmos entre nós mesmos.

OS MANDAMENTOS DE SHLOMO NOS DIAS ATUAIS

O rei Salomão instituiu dois preceitos: *eruv* e o conceito de *netilat yadaim*, o ato de lavar as mãos antes de comer o pão. O Rebe de Kotzk nos explica de uma forma alegórica que mesmo nos dias de hoje temos o conceito de *eruv*, de estar misturado. Esse é o significado da palavra. Estamos misturados, mas se quisermos perdurar como povo, temos que saber preservar a *netilat yadaim*, a pureza e o que nos faz especiais. Diante do *eruv* - do fato de estarmos vivendo entre outras nações – tem que haver *netilat yadaim*, nos lembrarmos de que somos diferentes, especiais.

TORÁ: ALGO ATUAL OU ULTRAPASSADO?

Por que a Torá usa a palavra “*vaieavec*” para definir a luta iniciada pelo anjo de Essav contra Yaacov, quando a palavra lutar em hebraico é “*lariv*”?

A palavra *avac* em hebraico significa “pó”, o que nos indica que a luta entre Yaacov e o anjo de Essav levantou poeira do chão! O Talmud nos conta que esta poeira chegou até o trono de D’us.

Qual a relevância dessa informação? Por que nos contar esse detalhe? Esse detalhe é importante para a Torá! Imagine que você pega um copo de cristal e joga poeira nele. O que acontece? Ele perde o brilho. Foi isto que pensou o anjo de Essav e o que ele queria fazer: “Já que não consigo ganhar de você, vou tentar com o pó tirar o seu brilho.” Assim, a Torá nos mostra que precisamos ser nobres, mas que existe o perigo do outro lado, que é deixar a Torá como algo velho, empoeirado, ultrapassado.

Se a Torá for vista como algo antigo e empoeirado, não manterá o jovem na religião diante desse mundo tão aberto que temos. Hoje, todo mundo quer ser especial – quer deixar alguma marca no mundo, como dizem os jovens. Sábio é o pai e sábia é a mãe que entendem que a Torá e suas *mitzvót* têm a capacidade de fazer os jovens se sentirem especiais.

É importante respeitar os outros, mas ao mesmo tempo temos que ser orgulhosos do que somos. Temos que fazer com que as crianças se sintam orgulhosas de serem judias. Que elas vejam, ao acompanhar os pais na sinagoga, que eles voltam felizes, talvez até cantando! Assim a criança vê que a Torá não é uma “coisa empoeirada”.

UM RELATO

Em uma viagem a Israel, eu e minha família fizemos um passeio no fim de tarde, num dia de calor, em Ir David, em Jerusalém, onde há um túnel com água. Junto com a família, feliz, começamos a cantar por sermos judeus. Pensemos: quando foi a última vez que vibramos por sermos judeus ou por algo da Torá?

É bonita a história dos Sábios, dos mártires, mas isto não prende o jovem de hoje! Quando foi a última vez que você fez uma mitzvá com alegria e que o seu filho presenciou isto? Quando ele viu você empolgado por algo que leu da Torá?

O que segura o jovem é a empolgação que ele vê nos seus pais, o orgulho de ser judeu. A escola, mesmo sendo judaica, vai ensinar a matéria, o conteúdo, mas a empolgação e o orgulho vêm (ou não) de casa.

O ORGULHO DE SER JUDEU

Em qualquer lugar e a todo instante temos *mitzvót* a cumprir. Em um voo, por exemplo, talvez tenhamos que fazer *bircat hamazon* ou a reza de *shacharit*. Como nos sentimos? Nos escondemos? Ao rezarmos no aeroporto pegamos um celular e fingimos estarmos falando com alguém para que ninguém perceba que estamos rezando?

Leon Tolstói, descendente de uma família cristã da nobreza russa e um dos maiores escritores e romancistas do mundo, escreveu: “O judeu é o emblema da eternidade. Aquele que nem o assassinato nem a tortura, ao longo de milhares de anos, puderam destruir, aquele que nem o fogo nem a espada nem a inquisição foram capazes de eliminar da face da terra, aquele que foi o primeiro a produzir os oráculos de D’us, aquele que há anos é o guardião da profecia, e que a transmitiu ao resto do mundo. Uma nação destas não pode ser destruída. O judeu é perene, tão perene quanto a própria eternidade.” Tolstói entendeu isto, mas é necessário que nós e os nossos filhos também entendam! Se, ao pedirmos para alguém definir o que é um judeu, a pessoa não conseguir responder de alguma forma que transmita ânimo ou orgulho, isso significa que o judaísmo dessa pessoa está em perigo.

O que faz uma pessoa perder o seu judaísmo é a ignorância. A maioria dos judeus não sabe o que é ou o que se faz em uma *yeshivá*. A maioria das pessoas diz que *yeshivá* é um lugar para rezar o dia todo. Se perguntarmos o que é o Talmud, muitos não saberão responder. Há muitos judeus que até cumprem o Shabat, mas quantos de verdade viram um Shabat real, gostoso e agradável com jovens vibrando, conversando, estudando e cantando, sem ficarem impacientes para saber quando ele vai acabar?

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos (Pew Reseach Center) em 2013 mostram que, dos 5,5 milhões de judeus que vivem nos Estados Unidos, 1,4 milhões se dizem membros de outras religiões! Em muitas das escolas, inclusive judaicas, se falarmos aos alunos que um judeu deve se sentir especial, eles responderão que isso é racismo. O trabalho de um pai e de uma mãe, junto com o estudo em escola judaica, ir à sinagoga e cumprir as *mitzvót*, é ensinar que é necessário termos orgulho de sermos judeus, e não podemos esquecer isto.

UMA HISTÓRIA

Um aluno que estudou por anos na Yeshivá de Lakewood descobriu que era adotado, e que os seus pais biológicos não eram judeus. Então, mesmo sendo um sábio, ele não era judeu. Dirigiram-se ao *Rosh Yeshivá* – o diretor, e lhe perguntaram o que precisava ser feito. O *Rosh Yeshivá* respondeu que ele fizesse o que bem entendesse, pois não sendo judeu, ele não precisava continuar fazendo as *mitzvót*; ele poderia se converter e continuar com seus estudos ou encerrar a sua “carreira judaica”. Mas aí disseram: “*Rav*, ele estudou por vários anos. Sabe tratados do Talmud de cor!” O *Rosh Yeshivá* disse que apesar de ser um sábio e saber o Talmud, ele tinha que querer ser judeu.

Se nossos filhos estivessem nessa posição, o que eles escolheriam? Agradeceriam por estarem livres ou abraçariam o judaísmo?

Nós temos que mostrar aos nossos filhos como é gostoso ser judeu, e não acentuar aspectos negativos, dizendo que por causa do Shabat não se pode viajar, por exemplo. Não mostrar que ser judeu é ser um mártir. Ninguém nos dias de hoje quer ser um mártir, quer se sacrificar. Todos querem ter prazeres, e o nosso papel então é mostrar que ser judeu pode ser prazeroso.

A MARCHA DA VIDA: PARA QUE ELA REALMENTE SERVE?

A Marcha da Vida é um evento único. Uma vez por ano, no Dia do Holocausto (pelo calendário oficial de Israel), cerca de 8 a 12 mil pessoas, a maioria jovens judeus de várias partes do mundo, caminham por três quilômetros, indo de Auschwitz a Birkenau – o maior complexo de extermínio humano da História, concebido e construído pelos nazistas – empunhando bandeiras, cantando, se confraternizando e se emocionando. A Marcha, por exemplo, é um evento necessário e de extrema importância.

Se você perguntar aos jovens por que acham importante ir para a Marcha, eles dirão que é para que não aconteça de novo a tragédia que foi o Holocausto. “*Never again*”. Será que este é o objetivo?

Quando D’us quer que uma coisa aconteça, não somos nós que decidimos, pois é Ele que manda no mundo. A viagem não é para que não aconteça de novo. Não somos nós que definimos isso. Um dos pontos importantes da Marcha para a Polônia é saber que aqueles que foram levados para a morte eram

orgulhosos de serem judeus, apesar de estarem naquela situação. Há relatos de danças até mesmo dentro da câmara de gás, por terem orgulho de morrer como judeus, que é um mérito muito grande. O esforço dos nossos avós e bisavós para poder cumprir a *mitzvá* de Tefilin, Chanuká, Meguilá, entre outras!

O importante é saber o quanto eles fizeram para continuarem sendo judeus. O importante é agradecer pelo milagre de estarmos vivos, de fazermos parte de um povo. Apesar de termos sido perseguidos em diversas épocas e por diversas nações, temos uma história em quase cada canto do mundo. Temos de nos perguntar por que perseguiram os judeus e não outras nações mais numerosas do que nós. O que eles viam de especial no nosso povo que os incomodava? Somos o símbolo da consciência, como disse Hitler? Somos judeus e é importante transmitirmos aos nossos filhos, com entusiasmo, esse orgulho.

Caso contrário, ficamos sozinhos, como Yaacov, e então vem um anjo, luta conosco e joga a poeira. Ele quer deixar as coisas velhas, antigas, mofadas. O que precisamos é procurar vida, orgulho de sermos judeus.

Que possamos, se D'us quiser, fazer *kidush* e santificar nossas vidas, nos orgulhando de nosso judaísmo.

Conheça os outros livros já publicados



Conheça nosso site
www.karaguilla.com.br

Baixe já nosso app!
Transferências,
notificações de novos
shiurim, e muito mais!

Busque por
Karaguilla

